



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**MARCUS VINICIUS SANTANA LIMA ALMEIDA**

**COMO UM TROPEL POR DENTRO:  
CONCEPÇÕES DE VIDA, SENTIMENTOS E REAÇÕES NA OBRA DE JORGE AMADO**

**RECIFE**

**2022**

**MARCUS VINICIUS SANTANA LIMA ALMEIDA**

**COMO UM TROPEL POR DENTRO:**

**CONCEPÇÕES DE VIDA, SENTIMENTOS E REAÇÕES NA OBRA DE JORGE AMADO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em História. **Área de concentração:** Sociedades, Culturas e Poderes.

**Orientador:** Profº. Drº. Antonio Paulo de Moraes Rezende

**RECIFE**

**2022**

Catalogação na fonte  
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

A447c Almeida, Marcus Vinicius Santana Lima.

Como um tropel por dentro : concepções de vida, sentimentos e reações na obra de Jorge Amado / Marcus Vinicius Santana Lima Almeida. – 2022.  
243 f. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Paulo de Moraes Rezende.  
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.  
Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2022.  
Inclui referências e apêndice.

1. Bahia - História. 2. Literatura e História. 3. Amado, Jorge, 1912-2001.  
4. Bahia - Usos e costumes - Anos 1920. I. Rezende, Antonio Paulo de Moraes (Orientador). II. Título.

981.42 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2023-050)

**MARCUS VINICIUS SANTANA LIMA ALMEIDA**

**COMO UM TROPEL POR DENTRO:  
concepções de vida, sentimentos e reações na obra de Jorge Amado**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em História. Área de concentração: Sociedades, Culturas e Poderes.

Aprovado em: 06/05/2022.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Antonio Paulo de Moraes Rezende (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

---

Prof. Dr. Flávio Weinstein Teixeira (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Alcileide Cabral do Nascimento (Examinador Externo)  
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

---

Prof. Dr. Francisco Denis Melo (Examinador Externo)  
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

---

Profº. Dr<sup>a</sup>. Joana D'Arc de Sousa Lima (Examinador Externo)  
Universidade da Integração Internacional Lusófona Afro-Brasileira – UNILAB

## AGRADECIMENTOS

Os últimos quatro anos foram de muitos desafios, mas também de profunda generosidade. Para que esta pesquisa pudesse seguir adiante, desde o momento em que era apenas um esboço de projeto, uma ideia um tanto indefinida, algumas pessoas foram substanciais para que o texto ganhasse corpo e se realizasse.

Os riscos de ser injusto no momento de demonstrar a gratidão necessária aos que embarcaram comigo nesta aventura são altíssimos. Muita gente passa por nós e deixa um filamento, uma palavra, uma indicação, sugere um livro ou um autor e, quando terminamos a tarefa, é quase impossível recordar de todos.

Entretanto, há os que se salvam do nosso esquecimento pela força com que atuaram nesse processo, às vezes, tão solitário. Para essas pessoas, dedico meu profundo agradecimento em função da grande contribuição que tiveram desde a preparação até o fim da escrita.

Faço um agradecimento muito especial a Antonio Paulo Rezende, meu orientador, pelo acolhimento e encorajamento que me destinou desde nosso primeiro contato até o ponto de chegada. Sua sensibilidade e incentivo para que eu conduzisse a pesquisa com o máximo de autonomia, deixando evidente seu pensamento sobre a produção do saber acadêmico, nutrido pela inventividade e responsabilidade, parecem-me não somente um gesto democrático e respeitador, mas, sobretudo, um gesto humano de confiança no próximo. Com Antonio, assistindo às suas aulas e conversando nos bastidores, aprendi que o conhecimento é fruto de uma troca respeitosa, alegre, desafiadora e longe de maniqueísmos. Por todas as vezes em que precisei de um conselho, sou imensamente grato por esse encontro.

A Leandro Surya, meu profundo respeito e alegria pelos diálogos que travamos e ajudaram no amadurecimento do projeto de pesquisa, clareando opções, contornando possíveis obstáculos, ajudando na preparação de documentos. Sua amizade me comove.

Aos meus colegas do colegiado de Arqueologia e Preservação Patrimonial, da Universidade Federal do Vale do São Francisco, por endossarem e colaborarem diretamente no meu afastamento integral para todos os anos do doutorado, mantendo-se meus vencimentos, diminuindo entraves, responsabilizando-se por disciplinas que estavam sob minha orientação no curso de graduação. Esse gesto coletivo e solidário me permitiu aproveitar ao máximo o período de doutoramento.

A Moises Almeida, estimado colega de profissão, de turma e de cidade de origem. Entramos na mesma safra, dividimos passagens aéreas, corridas de automóveis pelo trânsito

frenético e paralisante do Recife. Sua companhia, desde a preparação para as provas, foi central na diminuição dos receios e na construção do caminho que seguiríamos.

^      Aos funcionários da Fundação Casa de Jorge Amado, pela competência e carinho com que me receberam nos dias de pesquisa. A gentileza de vocês mudou minha percepção sobre os arquivos.

À secretaria do Programa de Pós-Graduação em História da UFPE, na pessoa de Sandra, que solucionou necessidades burocráticas e outras queixas, mesmo assolada por inúmeras demandas.

Aos meus amigos Tamira Malvezzi e João Marcelo, cujo apartamento tantas vezes me abrigou com o máximo de carinho, afeto e preocupação. As diversas noites de conversas, dirimindo dilemas e a maneira como vocês me abraçaram em momentos críticos, não medindo quaisquer esforços para me manter de pé, são, desde já, uma memória de amor.

Aos meus familiares e amigos que estimavam a conclusão da pesquisa e me possibilitaram cenas de alegria e pertencimento, evidências de que qualquer estrada tem seu brilho.

A Railde e Lindomar, pelas muitas horas de conversa, entusiasmo e desejo de perseverança. Sua companhia e devoção ao longo dos últimos anos foram cruciais para que eu não esmorecesse.

A Ivanildo, meu pai, meu amigo predileto, pelo amor incondicional, lições, segredos da vida, por se apaixonar pela mesma matéria de que se alimenta esta pesquisa, um gesto inesquecível, por demonstrar zelo e ser, em diversas circunstâncias, provedor dos meus anseios.

A Francineide, minha mãe, pela companhia diária, pelo amor infinito, por ajustar sua rotina de modo que este texto enfim chegasse às últimas linhas, cuidando de urgências, aliviando dores, ouvindo. Sua proteção é inesquecível.

A Hortência, minha esposa, minha amiga e meu amor. Você escreveu comigo. Sofremos e comemoramos juntos. Sua presença é testemunha, mas é também a causa para eu chegar até aqui. Sem você por perto, provavelmente, não haveria desfecho. Minha profunda e máxima gratidão à sua lealdade, ao seu empenho em me fazer feliz, por tornar mais leve o fardo que carrego. Se há vida para conceber, que seja com você.

A Cora, minha filha. Tudo que respira em mim é para sua felicidade. Que este trabalho chegue em suas pequenas mãos como uma prova de amor. Você me fez nascer!

## RESUMO

As primeiras décadas do século vinte, na Bahia, são marcadas por mudanças e permanências históricas. Sua capital era um lugar que, apesar dos discursos de progresso e civilidade, protagonizava dramas sociais, perceptíveis em moradias improvisadas, epidemias que se prolongavam, exploração sexual de adolescentes e tipos de trabalho realizados em condições precárias. Ambientada nesse contexto, a obra literária de Jorge Amado, romancista baiano, tornou-se uma importante fonte histórica para se analisar as formas de viver, de sentir e reagir elaboradas por pessoas cujas vidas estavam atravessadas por essa desigualdade social e dilemas existenciais. Se havia gente pobre tentando encontrar respostas para as adversidades que caracterizavam suas experiências de vida, associando-as à questão de como deveriam interpretar o próprio destino, havia, de outro modo, homens com alguma posse econômica ou inserção social mais privilegiada, reivindicando a necessidade de debater o significado da felicidade e da infelicidade, da tragédia de não encontrarem a satisfação para viver. Os romances *Jubiabá* e *O País do Carnaval*, publicados por Jorge Amado, respectivamente, em 1935 e 1931, apresentam-se como documentos históricos para compreendermos como tais sujeitos, representando diferentes cenas daquela Bahia, elaboraram concepções de vida. Ou seja, como expressavam sentimentos humanos a partir das relações que estabeleciam e, por fim, como reagiam, com atitudes e pensamentos, diante dos acontecimentos diários, fossem eles previstos ou resultado do acaso. O objetivo desta pesquisa é perceber como esses romances possibilitam à historiografia notar as sensibilidades de uma época, a subjetividade humana de um dado contexto histórico, bem como as aspirações de homens e mulheres tecidas em meio ao turbilhão da modernidade.

**Palavras-chave:** Jorge Amado. História e Literatura. História e Sensibilidade. História da Bahia. Concepções de vida.

## ABSTRACT

Early 20<sup>th</sup> century Bahia is marked by historical change and permanence. In spite of progress and civility discourses, the capital was a place of social struggle, as witnessed by makeshift housing, continued epidemics, underaged prostitution and precarious work. In this context, the literary work of Bahian novelist Jorge Amado has become an important historical source for analysing the modes of living, feeling and reacting elaborated by people who have been affected by social inequality and existential dilemmas. On the one hand, there were poor people trying to find answers for adversities that characterized their life experiences, relating it to the question of how to interpret their own destiny; on the other hand, there were men of a somewhat better social condition pointing the necessity of debating the meaning of happiness and unhappiness, of the tragedy of not finding satisfaction in life. Amado's novels *Juiabá* (1935) and *O País do Carnaval* (1931) portrait different scenes of early 20th century Bahia and therefore appear as important historical documents for understanding these subjects and how they elaborate life conceptions; that is, how they expressed human feelings and how they reacted, with thoughts and actions, to both planned and random daily events. The objective of this research is to understand how these novels make it possible for historiography to register the sensibility of a time, to register human subjectivity in a given historical context and the aspirations of men and women among the hustle and bustle of modernity.

**Keywords:** Jorge Amado. History and Literature. History and Sensibility. History of Bahia. Conceptions of life.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO – O QUE É A VIDA?.....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>SENTIR, LEMBRAR, VIVER. .....</b>	<b>21</b>
<b>2.1</b>	<b>Sentimentos do mundo .....</b>	<b>21</b>
<b>2.2</b>	<b>Como um tropel por dentro dele.....</b>	<b>35</b>
<b>3</b>	<b>DRAMAS DA CIDADE .....</b>	<b>50</b>
<b>3.1</b>	<b>O olho da piedade.....</b>	<b>50</b>
<b>3.2</b>	<b>Cidade de contrastes .....</b>	<b>72</b>
<b>3.3</b>	<b>A vida da gente não presta pra nada .....</b>	<b>92</b>
<b>4</b>	<b>SONHAR DESTINOS.....</b>	<b>108</b>
<b>4.1</b>	<b>Os sonhos, a terra do fumo e a compaixão .....</b>	<b>108</b>
<b>4.2</b>	<b>Os seios de Arminda.....</b>	<b>125</b>
<b>4.3</b>	<b>As luzes da Bahia faíscam como uma salvação .....</b>	<b>138</b>
<b>4.4</b>	<b>Periquito da sorte .....</b>	<b>154</b>
<b>5</b>	<b>O SENTIDO DA VIDA .....</b>	<b>173</b>
<b>5.1</b>	<b>Verde por excelência .....</b>	<b>173</b>
<b>5.2</b>	<b>A felicidade .....</b>	<b>188</b>
<b>5.3</b>	<b>O amor não tira a insatisfação .....</b>	<b>209</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>229</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>237</b>
	<b>APÊNDICE A – LISTA DE FONTES.....</b>	<b>243</b>

## 1 INTRODUÇÃO – O QUE É A VIDA?

O leitor deste trabalho encontrará nas páginas seguintes um estudo sobre como sujeitos, nas primeiras décadas do século vinte, situados na Bahia, representados a partir da obra literária de Jorge Amado, esforçaram-se para adjetivar as suas vidas, elencando e perseguindo interesses que, se concretizados, proporcionariam a realização de desejos e vontades pessoais. Ou, caso não se concretizassem, abririam caminho para o surgimento de incertezas e angústias.

A pesquisa foi estruturada evitando divisões rígidas quanto à escolha da abordagem historiográfica e do referencial teórico. Partimos, entretanto, das relações entre História e Literatura, cujos conceitos e noções utilizados podem se associar a outras abordagens, como, por exemplo, a História e Subjetividade, a História Cultural e uma História das Emoções e dos Afetos. Essa trilha teórico-metodológica esteve aberta ao que diziam as fontes quando interrogadas, sem reduzi-las a um único olhar ou conjunto conceitual. Permitiu-se usar autores normalmente localizados em lugares distintos do saber acadêmico e do saber humano, mas que na análise proposta convergiam para o discernimento dos temas sublinhados.

Este estudo avalia como os personagens de Jorge Amado expressam *concepções de vida* através de *sentimentos* – felicidade, amor, angústia, impotência, alegria, desejo – e *reações humanas* – isto é, a forma com que os indivíduos manifestam atitudes e põem em prática certas ações, de maneira calculada ou improvisada, diante dos acontecimentos que ditam o cotidiano.

Ao longo da análise, será possível compreender que as *concepções de vida* elaboradas em uma época, e no interior de uma sociedade, organizam-se de diversas formas. Às vezes, tais concepções tendem a responder perguntas sobre as condições de existência dos sujeitos, as dificuldades que encontram para realizarem seus desejos e interesses pessoais, as lições que apreendem a partir da vivência em comunidade, o que pensam sobre seus próprios destinos ou quais sentidos conseguem extrair do ato de viver.

Outras vezes, essas concepções tendem a combinar várias dimensões do ser humano, estruturando-se ideias, valores, comportamentos, códigos de convivência e atitudes em meio às ocorrências do dia a dia. Tais dimensões se expressam, por exemplo, nos usos da memória, na rotina de trabalho, entre laços de amizade, em deslocamentos geográficos ou em partilhas sentimentais. Indicam, também, maneiras de *sentir* o curso da vida e organizam *reações* previamente pensadas ou tempestivamente arranjadas de última hora. Combinadas, essas atividades e inserções contribuem para moldar o que os sujeitos pensam de sua vitalidade e do propósito de se estar vivo.

Nesse caso, trata-se de compreender por que indivíduos optam por determinadas escolhas em oposição a outras, o que depreendem do mundo no qual estão inseridos e como esperam atuar nele. Essas questões podem aparecer nos seguintes termos: por que os indivíduos permanecem em trabalhos precários ou por que decidem abandoná-los? Como as lições apreendidas a partir de uma memória coletiva atuam no presente das ações individuais? O que amam ou esperam amar, quais os desejos que alimentam e se arriscam a buscar? Quais as forças ou as razões que advogam para que permaneçam, mesmo em situações adversas, especulando sobre o sentido de suas vidas?

A partir disso, considera-se que o objetivo do estudo é discernir, na obra de Jorge Amado, o que personagens literários falam sobre a experiência de viver, como enunciam e articulam as diversas atividades em que se lançam, retirando desses afazeres significados e reflexões, aprendizados necessários para que suas jornadas sigam adiante, arquitetando escolhas ou agindo conforme a música do acaso. Esses testemunhos sobre a vida, perceberemos, podem ser fabricados nos espaços comunitários, onde o uso da recordação e da oralidade se acentua e chega a ditar maneiras de apreender o mundo. Também nos lugares de trabalho, na medida em que a precariedade da atividade desempenhada gera incômodos e relações sociais conflituosas, fazendo aparecer depoimentos inconformados sobre a repetição maçante das condições de sobrevivência. E ainda nas esferas do prazer e das celebrações, onde as comemorações e desejos reivindicados tendem a potencializar a sensação de alegria e liberdade, amenizando as experiências de dor.

Em um trabalho singular sobre o belo e as formas de imaginar a incompletude da vida, Tzvetan Todorov afirmou o seguinte da fundamental possibilidade de nos aventurarmos em análises que tomem o ato de viver – e sua reflexão – como uma questão histórica:

Na vida, nem sempre temos de escolher livremente nossa via. Primeiro nos submetemos às decisões dos adultos que nos cercam, depois sofremos as pressões exercidas por nossos amigos, em seguida nos conformamos com modelos de comportamento ofertados pela sociedade, nos curvando às exigências do mundo do trabalho. Porém, sem nem sempre ter consciência disso, sem também formulá-lo para si com tantas palavras, **cada um de nós é animado por um projeto de vida, possuindo em nosso interior uma configuração ideal que nos guia a partir da qual julgamos nossa existência em dado momento.**<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> TODOROV, Tzvetan. **A beleza salvará o mundo:** Wilde, Rilke e Tsvetaeva: as aventuras do absoluto. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2011, p. 16. Grifo meu.

O destaque feito pelo historiador húngaro reporta sobre como os indivíduos, independentemente da época em que vivem, elaboram projetos de vida e entendimentos acerca de seu papel no mundo, equacionando os estágios do viver segundo modelos comportamentais e certas expectativas. Aliás, não se pode esquecer a ideia de que as sociedades humanas elaboram, reiteradamente, formas de perceber e usufruir o mundo, refazendo estruturas sociais segundo modelos de pensamento e práticas gerais constantes. O tempo histórico é marcado por feições e movimentações, permanências e rupturas, que testemunham o caráter inventivo do ser humano e sua necessidade de investigar os próprios feitos e apontar redefinições.

A literatura é, talvez, um dos expoentes dessa inventividade. Seu aparecimento na humanidade e as várias formas que tomou ao longo do tempo indicam que, entre nós, sempre foi importante fazer perguntas e especular possíveis respostas. Perguntas ao mesmo tempo iguais e diferentes. Iguais por tratarem das dimensões do vivido; diferentes por se colocarem em épocas e lugares distintos, sob códigos e normas que se alteram de período em período.

Vem daí a premissa que direciona a presente tese: perceber como Jorge Amado, um escritor que atravessou quase a totalidade do século vinte, interessando-se pelo convívio social dos baianos e suas manifestações populares, pôde construir cenas ficcionais e relatos de memória sobre as emoções humanas, os comportamentos sociais, as adivinhações e saberes que sustentam a oralidade, os dilemas existenciais e a sensação de incompletude experimentada por sujeitos que eram contemporâneos de sua obra. De forma paralela, a tese quer identificar com quais aspectos Jorge Amado construiu um panorama plural e colorido da Bahia nas primeiras décadas do século passado.

Perguntado sobre os temas de seus livros, a coleta de informações para seus personagens ou qual o interesse que o movia no trabalho literário, Jorge Amado fazia questão de destacar que sua obra era inspirada nas pessoas que faziam parte do universo baiano:

‘Além de escritor brasileiro, sou escritor baiano’, ‘me considero baiano e cada vez mais baiano’, ‘só escrevo bem sobre a gente baiana; é a gente que sinto’, ‘jamais escreverei um romance carioca – não sou um romancista carioca’, ‘sou rebento de Antônio [de Castro Alves] e Gregório [Matos]’.<sup>2</sup>

Exímio contador de histórias, o escritor frequentava os espaços da cidade e se envolvia em pautas sociais, acreditava que tinha certa responsabilidade enquanto escritor dedicado a retratar a vida do povo baiano. Essa aproximação com as cenas da cidade, seu cotidiano e sua gente, é documentada na entrevista dada a Alice Raillard:

---

<sup>2</sup> AGUIAR, Joselia. **Jorge Amado**: Uma biografia. São Paulo: Todavia, 2018, p. 431.

É assim aqui na Bahia. Quero dizer que não sou apenas um escritor, mas, enquanto tal, sou muito ligado à vida do povo baiano há muitos anos, desde a minha adolescência – devido a um conhecimento muito íntimo, um contato muito próximo –, sou alguém que tem certa responsabilidade na vida da cidade [...] Não ocupo cargo algum, não tenho nenhuma função, não sou deputado, nem banqueiro, não sou rico, não sou nenhuma destas coisas, mas as pessoas vêm me procurar e eu me sinto responsável por tudo o que está ligado aos problemas da cidade, sejam eles sociais ou culturais.<sup>3</sup>

A importância que conferia às demandas populares contaminava a produção literária. Desde que surgira com o primeiro romance, *O país do carnaval* (1931), era possível notar temas e construções no conjunto da obra que apontavam para um interesse em diagnosticar as dificuldades do Brasil em se organizar politicamente e devolver ao povo brasileiro condições de vida capazes de superar o passado escravista, uma vez que permanecia um país expressivamente desigual e com um futuro incerto.

Quando deu a entrevista para Alice Raillard, Jorge Amado já alcançava seus setenta anos de idade. Vivera até ali uma jornada de muita efervescência e mudanças de postura diante do mundo e das relações sociais. Notadamente, passara uma quantidade considerável de anos se dedicando à militância do Partido Comunista Brasileiro, sendo seu porta voz em muitas ocasiões, chegando a se eleger deputado em 1946.<sup>4</sup>

Porém, antes mesmo de se tornar uma referência do PCB, o escritor se identificara com um grupo de escritores nordestinos interessados em produzir uma literatura que representasse os dilemas sociais da nação a partir de um recorte regional; que tratasse das consequências da pobreza em cidades da região Nordeste; que tomasse como protagonistas de suas respectivas obras indivíduos pertencentes às classes populares, não para que os transformassem em heróis incorruptíveis, mas para dar voz a sujeitos cujas vidas se estruturavam em condições precárias, reconhecendo sua humanidade e existência subjetiva. Era uma oportunidade de escrever sobre uma gente que quando aparecia em produções literárias anteriores não costumava ser tratada com o protagonismo que esses escritores agora lhes devotavam.

Essa geração de escritores, denominada pela crítica literária de “romance de trinta”, na visão de Durval Muniz de Albuquerque Júnior, assemelha-se a uma “maquinaria literária que parece fundada na representação de um referente tido como fixo: a realidade da região

<sup>3</sup> RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado**. Tradução de Annie Dymetman. Rio de Janeiro: Record, 1990, p. 24.

<sup>4</sup> Embora tenha assumido a vaga de deputado a contragosto, mais por insistência de Carlos Prestes, preferindo se dedicar a carreira como escritor, articulando boa parte de seus escritos com os anseios ideológicos do Partido Comunista, Jorge Amado teve um papel importante no curto tempo de legislatura em que atuou, sendo autor da lei que garantia liberdade religiosa no país. Ver: AGUIAR, op. cit., p. 230.

Nordeste”.<sup>5</sup> Associada a outras manifestações artísticas e intelectuais que se orientavam para a invenção de uma identidade regional, nordestina, esse grupo de romancistas, composto por nomes como Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego e Jorge Amado, para citar alguns, interessava-se “em conhecer e definir os vários tipos humanos e as características sociais que compunham a nação”.<sup>6</sup>

Evidentemente, os traços que marcavam uma aproximação estética, os cenários descritos e a linguagem utilizada, por exemplo, não homogeneizavam as diferentes e singulares produções de cada um desses escritores, guardando-se a individualidade e originalidade de cada autor. Se os temas sociais e psicológicos os punham em contato, zonas artísticas de interesse mútuo, o caminho percorrido por cada um os fazia construir um universo literário próprio. Para Durval Muniz, a obra de Jorge Amado

surge ligada à problemática que emergiu com a Primeira Guerra, que foi discutida pelos modernistas e que desaguou no movimento de 1930. Ou seja, ela surge ligada à questão da identidade nacional e cultural do país, à questão de nossa raça, da formação de nosso povo, da relação entre a nação e o capital estrangeiro, enfim, ao tema da revolução, da necessidade de fazer uma reconstrução total do país, rompendo radicalmente com seu passado. O seu primeiro livro, singular em sua obra, *O País do Carnaval*, busca discutir exatamente a questão da identidade brasileira, a sua face carnavalizada.<sup>7</sup>

Se as questões políticas e culturais em torno da identidade nacional podem ser apontadas como elementos centrais na obra literária de Jorge Amado, não é menos verdadeiro que, obedecendo às próprias regras do romance, seus livros expressem dilemas existenciais e psicológicos do indivíduo, mesclando-os com as transformações históricas e sociais em curso naquela Bahia do início do século vinte. Temas como sofrimento, angústia, desejo, aspiração, felicidade, infelicidade, amizade, amor e sexualidade, aparecem em proporção equivalente às análises sociais pretendidas pelo chamado “romance de trinta”. Essas subjetividades se unem a uma abordagem crítica do passado, do presente e do futuro nacional, configurando uma narrativa preocupada, igualmente, com o atraso e o destino do país, as desolações e expectativas dos sujeitos.

Assim, a obra de Jorge Amado é fundamental para se pensar como o país se apresentava nas décadas de 1910, 1920 e 1930, momento em que um conjunto transformador estimulava mudanças irreversíveis na vida dos brasileiros. O processo de modernização do Brasil, com

<sup>5</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do nordeste e outras artes.** 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011, p.123.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 126.

<sup>7</sup> Ibidem, p. 238-239.

suas particularidades em relação ao mundo e configurações distintas entre os principais centros urbanos do país, dinamizou as relações sociais, na medida em que gestava novos modos de sociabilidade. Apareceram, em ritmos diferentes, novidades de todos os tipos, acompanhadas por novas exigências e interesses. O substantivo *novo* parece ter sobrepujado qualquer outro na pronúncia de um tempo que, se por um lado, prometia mudanças profundas e desejo de experiências inéditas, por outro, não promovia transformações radicais, dando continuidade à disparidade econômica e às condições precárias herdadas do passado:

Ideias de modernização podem ser reconhecidas no Brasil desde o século XIX. Suas primeiras manifestações ocorreram no Império, com os investimentos nas construções de ferrovias, no aparelhamento portuário, em uma rede telegráfica, com o aparecimento incipiente de indústrias e com a lenta urbanização de algumas cidades, que receberam melhorias em termos de transportes, iluminação, abastecimento de água, etc.

Entretanto, o contexto mais propício ao empreendimento das reformas modernizadoras das cidades foi aquele que se teve logo após a instalação da República, dado que o novo regime permitiu a articulação direta das elites dirigentes regionais com as instituições de crédito e financiamento estrangeiras. Desta forma, nas décadas iniciais do século XX, a urbanização e os melhoramentos materiais, enquanto aspirações modernizadoras, alastraram-se por diversas capitais do país, entre elas, Recife, Belém, Porto Alegre, Fortaleza, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo. Acrescente-se, ainda, a construção de Belo Horizonte em fins do século anterior.<sup>8</sup>

O processo de modernização, tomado em conjunto, é definidor de novas relações sociais nos países e regiões que o recebem. Diferenciando-a dos conceitos de modernismo e modernização, Marshall Berman destaca o caráter inventivo e avassalador da modernidade, identificando suas diferenças em algumas metrópoles pioneiras na assimilação de tais mudanças. Berman parte de uma análise de escritores como Goethe, Marx, Baudelaire e Dostoiévski, para tentar decifrar em que medida a cultura moderna se enraíza na intelectualidade dessas metrópoles e nos respectivos projetos políticos, arquitetônicos e de engenharia empreendidos no corpo das cidades. De sua análise, é fundamental lembrar do ritmo acelerado que o ideal da modernidade emprega, bem como das expectativas e sentimentos que são mobilizados para que esse ideal seja alimentado e convertido numa prática diária. Ao analisar a obra *Fausto*, de Goethe, ele afirma:

O que esse Fausto deseja para si mesmo é um processo dinâmico que incluiria toda sorte de experiências humanas, alegria e desgraça juntas, assimilando-as

---

<sup>8</sup> LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. **E a Bahia civiliza-se...**: ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana – Salvador, 1912-1916. Dissertação de mestrado em História. FFCH/ UFBA, 1996, p. 8.

todas ao seu interminável crescimento interior; até mesmo a destruição do próprio eu seria parte integrante do seu desenvolvimento.<sup>9</sup>

Em sua obra, Berman estuda como homens e mulheres, desde meados do século dezenove e todo o século vinte, se movimentam no conjunto transformador das sociedades, inebriando-se de conquistas arquitetônicas, invenções tecnológicas, criações artísticas e formas de comportamento inteiramente novas. Nesse sentido, as experiências sociais ganham contornos inusitados e abrem possibilidade para se repensar os sentidos da existência, as expressões sentimentais e as maneiras de agir diante dos acontecimentos. Uma espécie de impulso entre as pessoas que as joga para diferentes sensações e assimilações:

O dinamismo da economia moderna e da cultura que nasce dessa economia aniquila tudo aquilo que cria – ambientes físicos, instituições sociais, ideias metafísicas, visões artísticas, valores morais – a fim de criar mais, de continuar infindavelmente criando o mundo de outra forma. **Esse impulso atrai para sua órbita todos os homens e mulheres modernos e nos força a enfrentar a questão do que é essencial, significativo, real no torvelinho dentro qual vivemos e nos movimentamos.**<sup>10</sup>

Considerando o próprio dinamismo dos estudos sobre as concepções de vida e sobre os aspectos da modernidade, bem como o amplo debate sobre a literatura – debate travado, aliás, entre os próprios escritores de ficção, não apenas por teóricos e críticos literários –, tentei seguir uma bibliografia variada. Ao optar pela análise de obras literárias, adotei como referências interpretativas, em grande parte do texto, autores ficcionais, ainda que tenha recorrido também à crítica e teoria literárias quando oportuno, sem deixar de agregar ao estudo contribuições de historiadores e filósofos contemporâneos que possuem textos e desenvolvem pesquisas sobre o sentido da vida e as formas afetivas.

Quando se escreve uma tese em história, considerando certo fazer histórico, espera-se, normalmente, que o texto esteja condicionado a linhas de pesquisa – e seus respectivos conceitos e autorias – ambientadas no cerne do debate historiográfico. Todavia, preferi elencar como referências teóricas não o que se constitui, antecipadamente, conceito-chave de um campo de abordagem específico, mas o que as fontes da pesquisa me levavam a procurar, de maneira mais profícua, em diversas áreas das ciências humanas.

É essa a razão de ter conduzido um trabalho em que se aproveita as contribuições de autores caracterizados por estudos interdisciplinares ou que, reunidos, partem de lugares

<sup>9</sup> BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar:** a aventura da modernidade. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 53.

<sup>10</sup> Ibidem, p. 337. Grifo meu.

distintos do pensamento humano. Por exemplo, se utilizei abordagens e noções de Walter Benjamin, Michel de Certeau, Marshall Berman, Tzvetan Todorov ou Reinhart Koselleck, autores com presença marcante na historiografia contemporânea, pareceu-me igualmente importante adicionar à análise noções elaboradas por romancistas, tais como Milan Kundera, Orhan Pamuk, Mia Couto e o próprio Jorge Amado, além de filósofos como Pascal Bruckner, Judith Butler e André Comte-Sponville.

Mais do que escolher alguns entre eles e condicionar a análise das fontes aos seus sistemas interpretativos individuais, optei pelo diálogo múltiplo, largo, que esses escritores e estudiosos proporcionam quando convidados para essa finalidade. Portanto, o mergulho é mais no conjunto das fontes e menos nas obras cotadas como referências teóricas. Elas aparecem como norteadoras e cúmplices das argumentações lançadas sobre a documentação utilizada.

O que se ganha com essa escolha, com o curso desse caminho? A percepção de que certas noções – o sujeito, o tempo, a sociedade, a vida, os sentimentos – constantemente analisadas no interior dos escritos de história são, também, matéria reincidente em outras esferas do conhecimento. Imbricar essas autorias, ao invés de bifurcá-las, mostrou-se mais pertinente e enriquecedor para a compreensão dos problemas que desejei enfrentar, principalmente porque cada uma delas não parece reivindicar uma posição de exclusividade quanto à compreensão dos temas sobre os quais dissertam. Ao contrário, a combinação de definições conceituais permitiu que os temas da pesquisa se desdobrassem, apontando para a multiplicidade que caracteriza a observação do fazer humano.

Os problemas que analisei derivam da compreensão de que a literatura é um espaço de comunicação sobre os dilemas humanos, caracterizado pela historicidade que marca a época na qual a obra literária se insere. As manifestações individuais e coletivas que se exprimem em uma sociedade são captadas pelo escritor de ficção, cujo conteúdo tem a ver com as ações desempenhadas por homens e mulheres ao confrontarem a realidade na qual vivem.

Assim, interessei-me sobre como Jorge Amado elaborou imagens, cenas e narrativas do cotidiano nas primeiras décadas do século passado por meio de histórias ficcionais ambientadas no estado da Bahia, ora em sua capital, Salvador, ora em regiões interioranas como o Recôncavo Baiano e a zona cacaueira, espaços geográficos privilegiados nos livros do escritor. De forma mais específica, procurei entender como as pessoas daquele período eram levadas a cogitar o sentido de suas vidas, concebendo-as mediante saberes comunitários e debates intelectuais, expressões sentimentais e reações às adversidades que se impunham no dia a dia.

Para tanto, escolhi analisar dois romances publicados na década de 1930, que parecem servir ao historiador interessado em mapear, no universo do texto literário, modos de comportamento, dinâmicas das relações sociais, discursos sobre a finitude humana, ideias acerca das condições de trabalho e maneiras de exprimir a relação das pessoas com o mundo no qual viviam. Trata-se, portanto, de compreender como um literato cria personagens e histórias para elaborar um entendimento sobre o que é a vida, os seus infortúnios, as suas glórias, os sentimentos compartilhados entre pessoas que se relacionam a partir de alguma situação comum e como essas pessoas reagem às demandas de seu tempo.

Os significados encontrados no discurso literário dizem sobre como uma dada sociedade agencia suas convenções ou sofrem as transgressões ciosas por mudanças. Para Antoine Compagnon, ao esclarecer as possíveis funções da literatura, é importante notar determinada instabilidade inerente ao texto literário: “Do ponto de vista da função, chega-se também a uma aporia: a literatura pode estar de acordo com a sociedade, mas também em desacordo; pode acompanhar o movimento, mas também precedê-lo”.<sup>11</sup>

Adotando-se essa posição, é comum buscar na literatura, enquanto tema de pesquisa, as tensões de uma época e de um lugar, as trajetórias individuais – acompanhando-se a vida de um personagem – e as maneiras de convivência, isto é, o quanto a trama estimula a relação entre personagens diferentes ou destaca a relação do protagonista com o mundo que lhe cerca.

De outro modo, há uma historicidade dessas funções literárias, um contexto sobre o qual se levantam significados quanto à tarefa da literatura, seus fundamentos e especificidades. É o próprio Compagnon quem observa as alternâncias e pluralidade da teoria e da crítica literária. Para ele, a despeito da variedade que marca a produção teórica e crítica da literatura, existe uma função tradicional para o texto literário, usual desde a Antiguidade Clássica, em que se identifica a arte de contar histórias com uma forma de conhecimento humano, uma maneira de “compreender e regular o comportamento humano e a vida social”.<sup>12</sup>

Para Compagnon, nesse modelo humanista, “há um conhecimento do mundo e dos homens propiciado pela experiência literária (talvez não apenas por ela, mas principalmente por ela), um conhecimento que só (ou quase só) a experiência literária nos proporciona”.<sup>13</sup> Partindo da concepção de literatura como um lugar de aprendizagem e conhecimento, como um espaço narrativo em que se pode inquirir, por exemplo, o que é amor, amizade, desejo, solidão, entre

<sup>11</sup> COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 37.

<sup>12</sup> Ibidem, p. 35.

<sup>13</sup> Idem.

outros sentimentos humanos, Compagnon sugere que o texto literário é um lugar onde os escritores analisam as subjetividades, ou seja, o conjunto sensitivo que compõe as maneiras de manifestar afetos e consternações. De forma mais ousada, Milan Kundera, romancista tcheco, afirma que a arte do romance pode se equiparar ao trabalho desempenhado pela filosofia:

Com efeito, todos os grandes temas existenciais que Heidegger analisa em *Ser e tempo*, julgando-os abandonados por toda a filosofia europeia anterior, foram desvendados, mostrados, esclarecidos por quatro séculos de romance. Um por um, o romance descobriu, a sua própria maneira, por sua própria lógica, os diferentes aspectos da existência: Com Cervantes, ele se pergunta o que é a aventura; com Samuel Richards, começa a examinar “o que se passa no interior”, a desvendar a vida secreta dos sentimentos; com Balzac, descobre o enraizamento do homem na História; com Flaubert, explora a terra até então incógnita do cotidiano; com Tolstói, inclina-se sobre a intervenção do irracional nas decisões e no comportamento humanos. Ele sonda o tempo: o inapreensível momento passado com Marcel Proust; o inapreensível momento presente com James Joyce.<sup>14</sup>

Seguindo essas indicações, observei como a literatura de Jorge Amado possibilita compreendermos as formas com que as pessoas apreendem a vida que vivem, como constroem relações de amizade e de amor, como equilibram suas insatisfações e desejos. Busquei centrar a análise em como a obra do escritor baiano pode ser considerada um repositório de testemunhos históricos sobre os sentidos da vida e as maneiras de percepção da realidade. Com isso, evitei a distinção que ora se fazia – e talvez ainda se faça – entre realidade e ficção, muitas vezes derivada da oposição entre verdade e falsidade. De outro modo, tratei a literatura – sua feitura e o conteúdo de sua narrativa – como dimensões do fazer humano, como atividade social, lugar em que homens e mulheres escrevem e leem para exercitar a imaginação e o pensamento, uma possibilidade de encontrar respostas para o que nos atormenta e agita. Um lugar em que nossas vidas são encenadas a partir do que sofremos e do que gozamos.

A fonte literária pode ser considerada um documento histórico sobre as formas de representação e narratividade da vivência humana, um tipo de discurso imaginado sobre os dilemas que são partilhados numa época e numa sociedade. Entendo que a obra literária de Jorge Amado permite interpretarmos como pessoas organizavam suas ideias sobre o mundo do qual participavam, agenciando interesses, desejos e sonhos, ou como expressavam as insatisfações e agruras quando suas vidas eram obliteradas pelas condições sociais existentes.

---

<sup>14</sup> KUNDERA, Milan. **A arte do romance**. Tradução de Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 13.

Ao perceber que os romances do escritor baiano permitiam um olhar sobre o cotidiano da Primeira República na Bahia, decidi por interpretar o modo como os personagens lidavam com a concepção de tempo, uma vez que não se sujeitavam apenas às agruras do presente ou às rememorações do passado, como também imaginavam suas vidas no porvir. É constante, na leitura de livros como *Jubiabá* e *O país do carnaval*, o esforço do escritor em construir cenas em que se pode avaliar o que os indivíduos entendem por felicidade, alegria, satisfação e realização, e o que definem como infelicidade, angústia, frustração e impotência. A análise desses sentimentos, no interior dos enredos, intercalada com as concepções de vida formadas e moldadas pelo ambiente em que os personagens vivem e os espaços onde negociam falas e escutas, onde se operam trocas culturais, indica vestígios de como sujeitos caracterizam as experiências de vida e mensuram destinos que contenham aspectos de seus sonhos.

No primeiro capítulo, levantei alguns aspectos dos temas que foram tratados ao longo do trabalho, intercalando-os com informações biográficas de Jorge Amado. Em seguida, comecei a análise do romance *Jubiabá*, publicado em 1935. Nesse momento, observei os sentidos e usos da memória no cotidiano de uma comunidade periférica a partir da visão de uma criança, protagonista do romance. Além disso, analisei a maneira como essa mesma criança apreende o mundo ao observar a agitação da cidade e os espaços que ela passa a ocupar na medida em que amadurece, tornando-se adolescente. Optei por entrecruzar o testemunho literário com artigos, notas e editoriais publicados em jornais da década de 1920, com o intuito de ampliar as informações sobre a capital da Bahia e as transformações em curso na cidade.

No segundo capítulo, ao continuar relacionando imprensa e literatura, foi possível perceber como se encontram, nessas narrativas, interesses similares sobre as concepções de vida e de mundo, como informam sobre a precariedade da vida encontrada na capital baiana à época de suas publicações, relatando dificuldades de moradia, entreveros em locais de trabalho e falta de assistência social por parte do Estado. Nessa parte do trabalho, foi possível delinear com mais profundidade a atmosfera da cidade de Salvador e acompanhar, através do protagonista do livro, aquilo que a cidade evoca e transforma em cotidiano, suas imagens e seus sons. Tentei compreender os dilemas que pesam sobre a existência, mas também os desejos e quereres que aliviam esse peso, atribuindo momentos de leveza na experiência de viver.

No terceiro capítulo, continuei a analisar as cenas e cenários descritos em *Jubiabá*, percorrendo, porém, uma geografia diferente da capital baiana. Trata-se dos capítulos da obra em que o protagonista viaja para o Recôncavo Baiano e lá passa a experimentar e conhecer uma realidade diferente da que se acostumara em Salvador. Nessa parte do romance, é possível

compreender o papel dos sonhos na vida dos desafortunados, como esses sujeitos, muitas vezes, viam-se elaborando saídas para suas dores e calculando destinos, encenando deslocamentos. As cenas ficcionais que se passam nas cidades de Cachoeira e Santo Amaro revelam condições de trabalho ainda mais precárias; todavia, levantam hipóteses sobre como as pessoas envolvidas pela pobreza e miséria ainda encontravam forças para celebrar e suportar o dia a dia penoso.

Interpretei como os sujeitos reagem às dificuldades que lhe são impostas, driblando adversidades e experimentando impulsos de coragem para dar continuidade à experiência de viver. Observei como se sentem quando imaginam suas vidas incompletas, quando buscam no sonho ou no desejo a realização de suas vontades mais profundas. Essas reações, maneiras de encarar o *sucedido* – como nos diz Guimarães Rosa –, são canalizadas para novas tentativas de buscar a felicidade, seja através de um amor romântico, seja pelo retorno a um território de afetos ou mesmo pelo vislumbre de novas aventuras, aprendizados e lutas.

Por fim, no quarto e último capítulo, decidi analisar o romance *O país do carnaval*, tentando entender como a felicidade e o destino dos indivíduos, mas também de um país, eram pensados a partir de um grupo de personagens que pode ser classificado como intelectuais. A escolha por esse livro obedeceu também a uma vontade de contrastar as concepções de vida geradas por homens que pertenciam a uma classe social diferente da que se inseria o protagonista de *Jubiabá*, demonstrando como os sentimentos humanos são expressados diferentemente numa mesma sociedade. Foi uma maneira de compreender como certa intelectualidade observava as mudanças no Brasil e, principalmente, como determinava formas de ser feliz para se livrar da angústia que a perseguia.

Os romances de Jorge Amado escolhidos para a análise, a meu ver, dizem mais sobre o que as pessoas entendem ser a vida, e o que esperam dela, do que propriamente apresentam uma visão de mundo baseada em ideologias políticas e noções de identidade. É certo que esses elementos estão presentes e fiz alusão a eles no decorrer dos capítulos; contudo, pareceu-me muito mais interessante perceber em Jorge Amado aquilo que o fez não apenas um escritor baiano, como queria ser visto, mas igualmente um escritor do mundo, cuja obra reúne dilemas e desejos universais, compreensíveis em qualquer língua e cultura. Ao escolher destacar as concepções de vida que emanam de seus personagens e tramas, encontrei um testemunho histórico sobre como uma época era sentida e assimilada, sobre como, em meio a tantas mudanças em curso, os indivíduos se perguntavam a questão fundamental: o que é a vida?

## 2 SENTIR, LEMBRAR, VIVER...

### 2.1 Sentimentos do mundo

No dia 31 de março de 2019, comemorava meu aniversário em um apartamento no bairro Engenho do Meio, situado na região oeste da cidade de Recife. Junto com minha esposa e meu pai, que viajara para nos visitar, mas distante de muitos outros familiares e amigos, das pessoas com quem partilho os afetos mais intensos, sentia-me saudoso de Juazeiro, minha cidade natal, cujos traços arquitetônicos e seus aspectos rotineiros, bem como a movimentação das ruas e a dinâmica das relações sociais, conheço bem.

Vivia, naquela ocasião, os mais variados sentimentos que alguém pode manifestar quando se encontra fora de seus domínios e dos seus hábitos. Experimentava a saudade do lar, a ausência dos entes queridos, o receio de estar numa capital marcada por avenidas largas e trânsito caótico, ao mesmo tempo que me entusiasmava com todas as possibilidades novas de morar num lugar reconhecidamente lembrado pelos belos carnavais, a rica produção cinematográfica e diversos festivais de música. Portanto, havia naquela data motivo para lamentos e celebrações. Lamentava não estar rodeado de todas as afetividades possíveis que costumamos reunir em festas de aniversário. Entretanto, alegrava-me com um cenário que prometia a realização de fantasias artísticas e profissionais, com o fato de ter à disposição uma programação cultural intensa e sortida.

A solidão era aplacada com a companhia de minha esposa, também ela em busca de outras aventuras e desafios. De forma ambígua, sabia que aquele tempo vivido em Recife prometia bonança e mistérios, mas não eliminaria o medo do novo e o desejo de regressar ao interior da Bahia. Estava ali para um propósito, escrever uma tese sobre a obra de Jorge Amado, seus personagens e cenários. Um estudo sobre a concepção e o sentimento da vida nos romances do escritor baiano, ele próprio um personagem do século vinte.

Se havia leituras e aulas, caminhos entrecruzados com colegas e professores, havia também o mergulho solitário que caracteriza o andamento da pesquisa, os dilemas sobre como discernir os temas e percursos do estudo. Muitas vezes não conseguia perceber todos esses elementos de uma única vez, sentindo-me ansioso e fragilizado ante a possibilidade de “não dar conta do recado”.

Mas, ainda que sentisse os sinais de ansiedade, outras coisas pareciam mais importantes naquele fim de março. Um novo governo havia ganhado as eleições do ano anterior, marcadas

por denúncias de interesses mútuos entre figuras do sistema jurídico, grupos políticos conservadores e conglomerados da mídia, em torno de uma operação coordenada pelo Ministério Público Federal que investigava crimes de corrupção cometidos por empresários e políticos brasileiros.<sup>15</sup> A chapa vencedora manifestara ao longo do processo eleitoral, mediante uma nova estratégia de comunicação baseada na interlocução das redes sociais e na disseminação de *fake news*, discursos de violências verbais e promessas de ataque a quem defendia projetos nacionais diferentes, sobretudo àqueles que se alinhavam à esquerda do espectro político.

Com a eleição da chapa encabeçada por Jair Bolsonaro, um capitão da reserva que fizera carreira na Câmara dos Deputados, era possível notar em conversas de corredores universitários, nas salas de aula, em encontros informais com amigos e, principalmente, nos sites de relacionamentos sociais, um medo generalizado das propostas de lei e políticas públicas que começavam a ser encaminhadas para o Congresso Nacional, ou que entrariam em vigor mediante decretos presidenciais. Havia um sentimento de temor e vacilo sobre a expectativa do que aconteceria.

Coincidemente, enquanto organizava a comemoração de meu aniversário, na manhã daquele 31 de março, o portal eletrônico do jornal *El País* publicava, às 10h37min, horário de Brasília, uma entrevista com o filósofo francês Bruno Latour, considerado um dos principais pensadores do tempo presente. O título da entrevista apontava um drama da contemporaneidade: “Bruno Latour: O sentimento de perder o mundo, agora, é coletivo”. Por ocasião do lançamento de seu novo livro, em que “faz um diagnóstico sobre um mundo onde tudo é perturbado pela mudança climática e permite compreender fenômenos que vão das

---

<sup>15</sup> Em entrevista ao jornal BBC News Brasil, publicada em 16 de fevereiro de 2021, sete anos após o início da Operação Lava Jato, o Ministro do Supremo Tribunal Federal, Gilmar Mendes, um dos responsáveis por julgar processos relacionados à operação desencadeada pelo Ministério Público Federal, incluindo o processo mais comentado pela mídia brasileira, o que tinha como réu o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, foi perguntado sobre uma possível relação entre “lavajatismo” – entendido aqui como os métodos e concepções de funcionamento da operação do MPF – e o “bolsonarismo” – compreendido como uma corrente de opiniões de defensores do então candidato eleito, em 2018, Jair Messias Bolsonaro. Em perspectiva, Gilmar Mendes foi categórico: “Se nós olharmos, a Lava Jato tinha candidato e tinha programa no processo eleitoral. E atuou, inclusive, para perturbar o Brasil em termos institucionais. Veja, por exemplo, no caso da Presidência do presidente Temer, aquela operação ligada à JBS e ao procurador Janot. Ali notoriamente se tratava de uma iniciativa para derrubar o governo. Era uma ação política em que se dizia que o presidente da República estava tolerando corrupção do ex-presidente da Câmara Eduardo Cunha. Ali se via que não só uma ação policial, mas uma ação política. Depois a Lava Jato atua na prisão de Lula. Depois, prestes à eleição, divulga o chamado depoimento ou delação do Palocci, tentando influenciar o processo eleitoral. Depois o Moro vai para o governo Bolsonaro... Portanto eles não só apoiaram como depois passam a integrar o governo Bolsonaro. Tudo isso indica uma identidade programática entre o movimento e o bolsonarismo”. In: PASSARINHO, Nathalia. Lava Jato prendeu Lula, apoiou eleição de Bolsonaro, e integrou governo, diz Gilmar Mendes. BBC News Brasil. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56077269>. Acesso em: 24 de fev. de 2021.

desigualdades até a globalização, passando pela ascensão do populismo”, o repórter Marc Bassets perguntava ao filósofo francês que tipo de angústia ou vertigem seu mais recente trabalho denunciava naquele momento.

Como resposta, Latour mensurava, em poucas palavras, a historicidade de sentimentos desorientadores: “Antes, a angústia que a natureza nos causava vinha do fato de que éramos pequenos demais, e a natureza era imensa. Agora temos o mesmo tamanho, influímos em como a Terra se comporta”. Confrontado se a angústia do presente não seria mais econômica que ambiental, conforme sugeria sua resposta, o entrevistado esclarecia que “é como se o solo do país onde estou já não me fosse favorável” e que essa angústia “[n]ão é ecológica no sentido de natureza, mas é do território. O problema é este **sentimento de perder o mundo**. Já existia antes, mas eram os artistas, os poetas, que o sentiam. Agora é um sentimento coletivo”.<sup>16</sup>

Em respostas rápidas, o filósofo e ensaísta francês apontava sua preocupação com a condição humana num tempo em que aprendemos a desafiar os limites da natureza, a reconfigurar a relação com o território e a sentir, de maneira angustiante, os riscos de uma corrida em favor do consumo desmedido e contra as precauções necessárias ante a exploração excessiva dos recursos naturais. O que estaria em jogo, além da finitude da natureza, era a própria ideia de finitude humana, a sensação de deslocamento e insegurança no momento em que as previsões para um esgotamento das condições de vida se tornam cada vez mais reais e visíveis. Esse sentimento de perda do mundo, como destaca o título da entrevista concedida, é argumentado por Bruno Latour como uma dimensão da convivência humana, tendo em vista que, agora, “é um sentimento coletivo”.

Chama a atenção, porém, a percepção do entrevistado para uma existência anterior, histórica, dessa sensação de incompletude experimentada, principalmente, por artistas e poetas. O que nos faz perguntar em que medida o trabalho artístico arquiteta e exprime os desassossegos e impressões do mundo no qual vivemos.

O próprio filósofo aponta, em respostas concedidas na entrevista, indícios para a compreensão do que leva escritores e artistas a mensurarem os limites da vida que partilham, o conteúdo das sensibilidades que escolhem transfigurar por meio da arte, ou mesmo como interpretam, pela ficção e imaginação artística, as diversas reações humanas aos acontecimentos do cotidiano e aos sonhos projetados por uma coletividade. Vejamos.

---

<sup>16</sup> BASSETS, Marc. Bruno Latour: “o sentimento de perder o mundo, agora, é coletivo”. **El País**, 2019. Disponível em <[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/29/internacional/1553888812\\_652680.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/29/internacional/1553888812_652680.html)>. Acesso em: 05 de jun. de 2019. Grifo meu.

Para além das demandas que formam o regime climático atual, Latour observa as reações ao perigo da extinção humana num mundo que assiste ao recrudescimento de movimentos populares de extrema direita em países que haviam cultivado, nas últimas décadas, principalmente após o término da Segunda Guerra Mundial e a queda do muro de Berlim, políticas e modos de vivência baseados numa democracia liberal. Mesmo que, em várias regiões onde se fortaleceu tal sistema político, esse sistema seja sublinhado de desigualdades e injustiças sociais.

Assim, segundo Latour, observa-se, de um lado, uma tentativa de “abandono das obrigações” por parte de políticos e movimentos que pouco fazem pela preservação de recursos naturais e pela mediação de responsabilidades na organização dos desafios existentes, apostando todas as suas fichas em discursos de autoridade e ceticismo. De outro, há aqueles “que se sentem abandonados”, “infelizes”, que pensam em “reconciliar a economia, o direito, a identidade com o mundo real do qual dependemos”.

Essas diferenças de posicionamento na concepção das condições de humanidade indicam as oposições com que os indivíduos se colocam no espaço público e experimentam a realização da vida, flertando com o perigo e a cautela, com discursos de ameaça ou conciliação. Se há quem adote posições inconsequentes e despreocupadas com a continuidade de gerações futuras, numa demonstração de egoísmo e individualismo diante da possibilidade de exercício da vida, há também quem sinta o peso das obrigações e o dever de preparar o terreno para o amanhã, apostando numa concepção da existência baseada na valorização do outro e do porvir.<sup>17</sup>

Esses impasses e ambiguidades podem ser encarados como referências da condição humana, continuamente marcada pela disputa das representações que elabora para conceber o mundo no qual se realiza. Nada escapa dessa premissa. E não apenas se reconfiguram essas representações no decorrer do tempo e nas formas de organização social, como também se reconfigura tudo aquilo que é afetado pelo poder das imagens projetadas para si e para os outros.<sup>18</sup>

<sup>17</sup> Para uma leitura de como temos vivenciado o mundo de maneira predatória e egoísta, desprezando-se compreensões de mundo em que o primordial é a vida compartilhada entre pessoas e sistemas naturais, propondo uma ressignificação das práticas de existência e diferentes posturas diante do porvir, ver o breve ensaio de Ailton Krenak, escrito a partir das consequências causadas pela pandemia da covid-19, no primeiro semestre de 2020: KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

<sup>18</sup> Essa configuração é central no trabalho do historiador, especialmente quando da organização da narrativa histórica. Para Jacques Rancière, a “história não é um ordenamento de ações pelo qual houve simplesmente isto e depois aquilo, mas uma configuração que mantém os fatos juntos e permite apresentá-los como um todo: o que Aristóteles chama de *môthos* – uma trama, um argumento, no sentido que se fala do argumento de uma peça”. RANCIÉRE, Jacques. **Figuras da história**. Tradução de Fernando Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2018, p. 16.

Modificam-se os costumes, as compreensões do real, o traçado das ruas, os comportamentos na vida pública e privada, os meios de transporte, as vias de comunicação, a maneira de tecer afetos, de fortalecer amizades, de sentir a fragilidade e a duração da vida. Essa dimensão subjetiva do humano, ou seja, as formas que encontramos para discernir as sensações que nutrimos pelo mundo e pela experiência de viver, é tema central na produção artística e intelectual, como apontou Bruno Latour na entrevista para *El País*.

Observar os dilemas sociais e as imagens culturais que em determinadas épocas florescem e se estabelecem como demandas incontornáveis do vivido possibilita entendermos como sujeitos expressam seus sentimentos acerca do tempo,<sup>19</sup> de como ajustam seus destinos e acumulam insatisfações. De como aprendem a amar e a provar momentos de felicidade.

Não menos importante é entender também como as pessoas encaram a fatalidade e a finitude da vida, o que pensam de suas existências e como reagem ao inesperado e ao acaso, revelando diversos sentidos para o que se repete no cotidiano ou para o que ocorre de maneira acidental. Divididas entre permanências e descontinuidades, tanto a história como a vida são capazes de fundar a experiência social humana com devaneios e mistérios, prazeres e dores. E sobre essa experiência paira, inevitavelmente, a morte, a ruptura definitiva.

Em uma matéria especial feita pelo *Jornal do Comércio*, em 05 de agosto de 2012, sobre Jorge Amado e sua relação com Recife, provavelmente em razão do aniversário de seu falecimento,<sup>20</sup> a pintora e poeta Tânia Carneiro Leão, viúva do jovem poeta Carlos Pena Filho, falecido em 1960, descreveu seu afeto pelo escritor baiano e sua esposa, a também escritora Zélia Gattai, a partir da amizade construída entre os casais nos finais da década de 1950. Para Tânia, “Jorge sempre foi um baiano por definição: é quem melhor encarnou aquela Bahia que ele mesmo tratou de inventar e retratar. Apesar disso, era também um homem do mundo; parte pelos exílios impostos, parte pelo seu sucesso”.

Tânia não mentia em seu depoimento. De fato, desde muito novo, Jorge Amado aprendera o gosto pelos deslocamentos, pelas viagens e, em alguns casos, foi necessário fugir em busca de seus anseios ou para que preservasse a vida, como na ocasião de sua partida para a Europa. Filho de João, comerciante de tamancos e fazendeiro, e Eulália, reconhecida contadora de histórias, Jorge Amado rodava por roças e cidades não apenas com seu pai, mas

<sup>19</sup> Para o físico e filósofo Étienne Klein, o tempo é “essa máquina de produzir novos instantes o tempo todo”, algo como um “motor íntimo, esse sopro escondido no centro do mundo pelo qual o futuro se torna primeiro presente, depois passado. Ele é essa força secreta pela qual o amanhã ‘desliza’ até se tornar hoje, fixando com precisão os prazos atribuídos para essa operação que se repete cotidianamente”. KLEIN, Étienne. **O tempo que passa** (?). Tradução de Cecília Ciscato. São Paulo: Editora 34, 2019, p. 19.

<sup>20</sup> Jorge Amado nasceu em 10 de agosto de 1912 e faleceu em 6 de agosto de 2001.

também “com os jagunços de maior confiança dele, Argemiro, Honório e Dioclécio”. No itinerário, constavam as “casas de putas”, onde “aguardava-os na sala, e as moradoras o entretinham com o que se lembrava como ‘atenção maternal’”.<sup>21</sup>

Os deslocamentos se tornariam mais arriscados na medida em que amadurecia e passava a desejar cenários mais distantes. Quando adolescente, aos doze anos, “Jorge se engajou na sua ação mais radical até ali. Na volta das férias de 1926, fugiu rumo a Itaporanga, cidade vizinha a Estância, onde vivia o avô paterno”.<sup>22</sup> Motivado, talvez, pelas leituras que fazia de livros sobre aventuras, como *As viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, ou as obras de Charles Dickens, emprestadas por seu professor no Colégio Antônio Vieira, o padre Cabral, Jorge experimentava as sensações de percorrer o mundo, ainda que reduzido à geografia de estados vizinhos, Bahia e Sergipe, provando, quem sabe, o sabor do inesperado e da primeira independência.<sup>23</sup>

Entretanto, as viagens mais emblemáticas e que, certamente, dariam ao escritor baiano a alcunha de homem do mundo, como profere Tânia Carneiro, foram aquelas que empreendeu pelo continente americano e pelo continente europeu, em épocas distintas. Seu giro pelas Américas, ainda em meados da década de 1930,

muito longe de significar descanso, tinha um sentido profissional. Encontraria escritores e editores no esforço para fazer sua obra circular. Não faltariam os contatos com gente que, não sendo da área de livros, pertencia à esquerda latino-americana, cujo epicentro era justamente o Cone Sul.<sup>24</sup>

À época da viagem, com vinte e cinco anos, integrando desde 1932 a Juventude Comunista, organização do Partido Comunista do Brasil (PCB), por intermédio de Rachel de Queiroz, Jorge Amado já estava imerso no debate político, sendo quase natural que aproveitasse as viagens para articular novos contatos e conhecer as condições sociais de outros países. Via nas transformações sociais, na superação das injustiças econômicas, o caminho para uma sociedade baseada nos valores do comunismo. Frequentava atos e se envolvia com a militância estudantil na faculdade de direito, no Rio de Janeiro, onde estudava. Participava de congressos juvenis e, assim, passava a conhecer outros jovens intelectuais ligados ao mesmo ambiente:

A entrada na Juventude Comunista levou Jorge a ficar mais próximo de certa turma na faculdade – e a se afastar de outra na mesma intensidade. Afinou-se com Carlos Lacerda, o mais ativo na militância de esquerda no curso de direito. Desligou-se de Otávio de Faria, assim como de todos que pertenciam

---

<sup>21</sup> AGUIAR, op. cit., p. 19.

<sup>22</sup> Ibidem, p. 24.

<sup>23</sup> Ibidem, p. 23.

<sup>24</sup> Ibidem, p. 116.

ao Caju, como Vinicius de Moraes [...] No Congresso Juvenil Estudantil Proletário e Popular, no Teatro João Caetano, no Rio, conheceu o jornalista e poeta pernambucano Odorico Tavares, que, em coautoria com Aderbal Jurema, publicara por aqueles dias uma coletânea de 26 poemas de temática social e afirmação política.<sup>25</sup>

Além da militância, o romancista baiano, depois de publicados seus primeiros três livros, mergulhava cada vez mais no mercado literário e não apenas na condição de escritor, chegando a trabalhar em editoras como a José Olympio, a princípio na condição de responsável pela publicidade, redigindo textos de divulgação para a livraria-editora. Todavia,

Jorge não se conteve em ser apenas um funcionário da divulgação. Com o tempo passou a dar palpites editoriais, indicar títulos e estimar tiragem, relacionar-se com intelectuais como representante da casa. Autores novos, Lúcio Cardoso e Rubem Braga entraram para a editora por seu intermédio. Por quase dois anos, tempo que ficou na função, pesquisaria tipos de edições e livrarias pelos lugares por onde andava, até fora do país, e escreveria artigos sobre o problema do livro no Brasil. Interessava-se em compreender o negócio: o sucesso comercial, em sua perspectiva, era saudável para a literatura.<sup>26</sup>

Simultaneamente, levava adiante o ofício de jornalista, seu mais antigo emprego – tendo em vista que começara a frequentar redações ainda na Bahia como repórter criminal, mesmo que só contasse os anos da adolescência –, atuando em periódicos como *A Manhã*, ligado à Aliança Nacional Libertadora. Foi a condição de repórter desse jornal, aliás, que o fez acompanhar a única visita de Getúlio Vargas aos países da América do Sul, em 1935, compondo junto a outros jornalistas a comitiva presidencial.

Portanto, quando rumava pela segunda vez ao países latino-americanos, pouco tempo após sua primeira ida acompanhando os compromissos internacionais de Getúlio Vargas, percorrendo o Uruguai, Argentina, Chile, Paraguai, Peru, Equador, Colômbia e México, esticando até os Estados Unidos, Jorge Amado já havia alcançado uma maturidade intelectual, ligando-se a inúmeras atividades nos campos literário e político, incorporando à sua obra romanesca as ideias e o momento tenso sob o qual era conduzido o país, tendo em vista o regime autoritário do Estado Novo.<sup>27</sup> Posicionara-se à esquerda do espectro político, como militante comunista e defensor do campo progressista.

<sup>25</sup> Ibidem, p. 62.

<sup>26</sup> Ibidem, p. 84.

<sup>27</sup> Jorge foi por três vezes prisioneiro político do regime varguista, sendo as duas primeiras as mais importantes. Na primeira ocasião, ainda que não houvesse participado diretamente, foi preso com outros militantes comunistas como represália à Intentona Comunista de 1935, liderada por Luís Carlos Prestes. Na segunda prisão, houve apreensão de seus livros, entre eles *Capitães de Areia*, que havia acabado de sair e só circulara por um mês, pois:

No momento de seu giro pelas Américas, em 1937, publicara romances com teor social e compostos por personagens que nasciam e se criavam em ambientes de extrema desigualdade social, oferecendo uma denúncia sobre as injustiças e dilemas que se encontravam no cerne da realidade brasileira. Em suas anotações de viagem, buscando as idiossincrasias de cada lugar,

Jorge observava o campo e as pequenas vilas, que, resistentes, preservavam feições e hábitos à revelia do progresso, e também as grandes cidades e seus sinal de modernidade, o tamanho das livrarias e a beleza das mulheres [...] O destino onde se demorou mais, três meses ao todo, foi o México, que passara por uma revolução na primeira década do século XX e, à altura de sua viagem, era governado por Lázaro Cárdenas. Dada a euforia com as mudanças, inclusive reforma agrária ampla, o país se tornou abrigo para revolucionários de todos os matizes.

O depoimento de Tânia Carneiro levava em consideração toda essa efervescência biográfica que marcou a vida de Jorge Amado desde muito cedo, incluindo a longa temporada na Europa que se iniciou em finais da década de 1940, certamente a experiência estrangeira de maior influência sobre o destino que tomaria a vida do escritor baiano. Porém, é outro aspecto que, agora, passo a destacar nas palavras da pintora e poeta pernambucana: o aspecto da invenção literária a que ela faz referência. Para ela, um dos méritos de Jorge Amado, se não o principal deles, foi o de “encarnar” uma imagem da Bahia. Talvez, como demonstrarei ao longo do trabalho, uma imagem sobre sua gente e sua geografia, sobre a experiência de viver em terras baianas. Esse caráter inventivo e retratista no ofício dos escritores é imprescindível para a compreensão de como a literatura narra as atividades humanas e ecoa, refazendo-as, as condições de vida assimiladas num período e região.

Esse elemento retratista da escrita literária a que se refere Tânia Carneiro foi bem exposto pelo romancista Orhan Pamuk, para quem a literatura romanesca exala uma atmosfera desenhada por um escritor. Dessa maneira, os romances são como paisagens recriadas.

O leitor tem a impressão de estar não entre as palavras de um romance, mas de pé diante de uma paisagem pintada. Aqui, são decisivas a atenção do escritor para com o detalhe visual e a capacidade do leitor de, através da visualização, transformar as palavras numa grande paisagem pintada.<sup>28</sup>

---

“a polícia política baixou na sede da José Olympo para recolher esse e os títulos anteriores. Uma fogueira foi acendida numa praça da Cidade da Bahia, em frente à Escola de Aprendizes-Marinheiros, a poucos metros do Elevador Lacerda, para queimar títulos seus, de Zé Lins e de Graciliano. Dos 1800 incinerados no espetáculo da censura, mais de 90% eram de autoria de Jorge Amado, metade do lote o seu *Capitães de Areia*”. Ibidem, p. 125.

<sup>28</sup> PAMUK, Orhan. **O romancista ingênuo e o sentimental.** Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 12-13.

Se o romancista deve saber pintar uma paisagem externa ou interna, dos espaços ou da vida interior dos personagens, se ele deve ser capaz de esculpir certas fisionomias humanas e formas arquitetônicas através das palavras, teria Jorge Amado então, como diz Tânia Carneiro, conseguido, ao longo de sua obra, criar uma grande paisagem da Bahia, tão real quanto inventiva, tão fictícia quanto encarnada. Uma atmosfera composta de experiências sociais distintas, múltiplos personagens, entidades religiosas, trabalhadores de todos os tipos, uma infinidade de caminhos e vivências inaugurados ao longo do século vinte. Tempo em que o Brasil se modernizava com mais intensidade e fervor, numa época em que, na Bahia de Todos-os-Santos, as cidades Alta e Baixa serviam de cenários para contemplar as transformações sociais e os gritos de esperança, mas também observar a permanência das desigualdades econômicas e do sofrimento humano.

Como pintar um quadro que guarde essa vastidão? É provável que uma das maneiras possíveis para tal empreitada fosse ter olhos e ouvidos bem abertos, caminhar pela cidade multifacetada, ouvir as histórias do povo nos mercados e feiras, visitar os terreiros de candomblé e escutar os sons massivos dos tambores, provar a culinária típica do lugar, admirar o curso dos saveiros cujo itinerário ligava o porto da capital baiana e o cais das cidades do Recôncavo. Para notar a efervescência da vida e os pensamentos relativos à finitude humana, coube a Jorge Amado conhecer o “Brasil como poucos”, ser “um homem do mundo”. Teria que ser “um apaixonado pelos causos”, e ouvir pessoas como “Carlos Pena Filho contar a história que daria origem ao protagonista de *A morte e a morte de Quincas Berro D’água*”.

Ainda que tivesse de provar o amargor de perder um amigo, alguém que o inspirou, o escritor baiano seguiu criando, durante décadas de trabalho e dezenas de livros, histórias inspiradas na oralidade do povo, nos ritmos da cidade, nos costumes da gente. E, tanto quanto as comunidades que narrou, e na mesma medida em que sofriam seus personagens, também ele sofreu ao ver amigos como Pena Filho partirem da vida e de seu convívio. Diogo Guedes, articulista do *Jornal do Comércio*, sintetizou essa experiência dolorosa de Jorge Amado ao se reportar a uma carta enviada pelo baiano ao falecido poeta:

Quando o livro saiu, Jorge lembrou o amigo, morto no ano anterior em um acidente de carro. Chamava-o ali de Berrito Dágua, “mestre da poesia e da vida”. A perda o tocou profundamente. O escritor não pôde vir ao Recife e, em uma emocionada carta, explicou o porquê. **“Como ver tua cidade que aprendi a amar em tua companhia, desolada e em luto?** Não, Carlinhos,

não irei, e tu compreenderás”, escreveu. Depois disso, Jorge passou quase dez anos sem vir para a capital pernambucana, ainda no seu luto distante.<sup>29</sup>

Nesse pequeno trecho da carta a que temos acesso pelo *Jornal do Comércio*, destaca-se a reação emocional de Jorge Amado à morte do amigo poeta, atribuindo, à sua maneira, uma fisionomia para a cidade de Recife. A cidade que ele “aprendeu a amar” se tornara “desolada” e em “luto”. Algo como uma interdição sentimental se colocou ao escritor baiano após a perda trágica de alguém que gostava.

Outro detalhe não pode nos escapar. Se Jorge se sentia agora impossibilitado de voltar a Recife, de percorrer suas ruas e traçados, de rever amigos como Tânia Carneiro, em razão das dores e sofrimentos provocados pela finitude humana, não é menos importante a informação de que o “inventor” da Bahia aprendeu a “amar” a cidade pernambucana em companhia de um amigo, através dos laços que tecem uma amizade. Exprime-se, nesse ponto, uma entre tantas maneiras de narrar e sentir a cidade ao longo do século vinte, uma forma de usufruir os espaços citadinos mediante a partilha de experiências com o outro. O amor pela cidade, proporcionado também pela presença do amigo, revela que o que se ama no espaço da urbe não é apenas sua estrutura arquitetônica e seus lugares de sociabilidade.<sup>30</sup> Mas como ela permite que esses lugares sejam experimentados coletiva e distintamente, entre parcerias afetivas e a subsistência de modos de inteligibilidade diferentes.<sup>31</sup>

Acrescente-se a esse sentimento da cidade as representações construídas através da memória. Certamente, era esse recurso, o da capacidade de elencar lembranças, e silenciar outras, que Jorge Amado se valia para ponderar sobre a impossibilidade de voltar a Recife e tentar manter uma relação afetuosa com a capital pernambucana. Talvez, sua ida após o falecimento de Pena Filho tornasse mais aguda sua tristeza com a partida do amigo. E,

<sup>29</sup> GUEDES, Diogo. Jorge Amado e a paixão pelo Recife dos amigos. *Jornal do Comércio*, Recife, 05 de ago. de 2012. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/literatura/noticia/2012/08/05/jorge-amado-e-a-paixao-pelo-recife-dos-amigos-51536.php>>. Acesso em: 16 de ago. de 2020. Grifo meu.

<sup>30</sup> “Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável do tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais”. CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 184.

<sup>31</sup> Sobre como as emoções, os dizeres, os gestos e as relações sociais elaboram formas de sociabilidade, maneiras de pensar, maneiras de imaginar distintas, revelando códigos normativos ou transgressivos e poderes microscópicos, ver FARQE, Arlette. **Lugares para a história**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

associando a cidade a uma amizade, preferia se agarrar às recordações afetivas ao invés de presenciar uma outra cidade, dessa vez desfalcada de uma pessoa querida.<sup>32</sup>

Por ocasião do lançamento de seu livro *Tocaia Grande*, em 1984, Jorge Amado deu uma entrevista para o programa televisivo *Vox Populi*, apresentado pela jornalista Silvia Poppovic. Provocado pela apresentadora sobre o que pensava da morte, Jorge Amado foi taxativo:

Os lugares se tornam **proibidos** pra mim. Eu levei mais de dez anos sem ir a Pernambuco depois da morte de Carlos Pena Filho. Eu agora fui ao Ceará, **violentado** depois da morte de Milton Dias, de amigos meus. Eu sou “reconvidado” para ir a Moscou, mas quando eu penso que não vou mais encontrar Ilya Ehrenburg, que eu não vou mais encontrar meus amigos, né? [...] que eu não vou encontrar mais aquele pessoal com quem eu convivi tantos e tantos anos, com quem nós fizemos tantas coisas juntas, não me dá vontade de ir. Ir para quê? Para encontrar **fisionomias novas** e tal? Não, **eu não tenho desejo de ir**, comprehende?<sup>33</sup>

O desejo de não ir, a proibição que a morte impõe sobre os lugares afetivos, a violência de não poder repetir experiências de carinho e afeto com aqueles que já não estão em vida, a preferência por fisionomias velhas e conhecidas, parecem traduzir uma inquietação e um sofrimento de Jorge Amado em relação às situações que não poderia mais compartilhar com pessoas de sua preferência. Seu depoimento demonstra, também, suas formas de encarar a morte e lidar com perdas. Não era somente Recife, a “cidade desolada”, que estava em luto por Pena Filho. Ele mesmo, fragilizado diante da dor de perder entes queridos, revelava, naquela carta e na entrevista para o programa televisivo, suas reações diante da ruptura radical na vida do poeta.

A experiência de ser violentado pela morte de alguém tão próximo já havia vitimado Jorge Amado muito antes. Em 1950, quando vivia na Europa com Zélia e seu filho João Jorge, o escritor recebeu a notícia de morte de sua primeira filha, Lila, que há alguns anos resistia contra uma doença autoimune, cujos sintomas se manifestavam na pele. Em uma das cartas trocadas com a filha, que morreria aos 15 anos, recebia dela um relato comovente do sofrimento e cansaço ante a luta travada:

**Estou tão cansada. Tenho desejo de dar um mergulho numa água fria e limpar-me desta pele, nadar até não poder mais. Não é cansaço propriamente físico, e sim mais espiritual.** Cansada de estar correndo de um

<sup>32</sup> Para uma compreensão das relações entre memória, afeto e sofrimento, ver o ensaio filosófico e fotográfico de Georges Didi-Huberman, em que narra sua visita ao museu de Auschwitz-Birkenau. O autor analisa a memória do Holocausto entrelaçada com a memória de sua família e suas reflexões sobre o tempo presente, indicando uma percepção sobre as dores e sofrimentos que compõem a fabricação pessoal e institucional da memória. DIDI-HUBERMAN, Georges. **Cascas**. Tradução de André Telles. São Paulo: Editora 34, 2017.

<sup>33</sup> JORGE AMADO. **Vox Populi**, São Paulo. TV Cultura, 1984. Programa de TV. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JYDMnwN4vBI&t=3200s>>. Acesso em: 15 de jul. de 2020. Grifo meu.

médico para outro, de subir aquela ladeira, ficar na fila, de ficar sujeita ao sol, vir em pé no ônibus, e **bem poucas esperanças**. Cansada de ver os outros olharem para mim com dissimulada curiosidade. **Cansada de responder perguntas às quais não sei responder** [...] cansada ainda dos sustos e do **medo** de recaída de mamãe. Digo sempre em minhas orações que, se for preciso que eu fique assim a vida toda, para assegurar a saúde dela, eu ficaria de bom grado. Já pensei até em ir agora todas as terças-feiras, fazer uma novena, mas vovó me disse que é melhor pedir a Nossa Senhora das Graças, que nada recusa. **Tenho medo que não me ouçam devido a minha falta de fé.**<sup>34</sup>

O cansaço espiritual levava Lila a perder, aos poucos, a batalha contra a doença autoimune. Mais do que isso, demonstrando a sensação de um fim iminente, revelava uma profunda angústia pela maneira como sua vida se tornava insustentável naqueles dias. O peso de tentar achar respostas para questões que não sabia, a corrida entre consultórios com o objetivo de encontrar uma cura para sua doença e as preocupações com o comportamento suspeito da mãe a sufocavam. Todos esses infortúnios diários lhe interrompiam o prazer de viver e passava a imaginar cenas onde, quem sabe, poderia ter um momento de paz e conforto. Enquanto suas esperanças rareavam e era constantemente assediada por olhos anônimos, em função das manchas que carregava na pele, restava-lhe o desejo de mergulhar numa água fria, uma água que limpasse, milagrosamente, seu sofrimento. Uma água que a libertasse.

Quem sabe, uma outra maneira de resistir àquela angústia, de esticar sempre para mais adiante sua própria vida, fosse justamente o hábito de escrever para o pai que, nessa época, já havia formado uma nova família com Zélia Gattai. Membro do PCB, envolvido em diversas funções de ordem intelectual no continente europeu, fechando acordos para a tradução de sua obra nas mais diversas línguas, Jorge Amado se dividia entre a escrita literária, a atuação política e a saudade dos amigos e familiares que permaneceram no Brasil quando de seu exílio para a Europa.

Ainda que o Estado Novo tenha perdurado até 1945, sob a ditadura de Getúlio Vargas, permanecia um clima político de muita tensão no ano seguinte, acompanhado de heranças legadas pelo autoritarismo do período anterior. Um dos exemplos que ilustram esse ambiente foi a continuidade de uma polícia política e a perseguição contínua a representantes do campo progressista:

Com o fim da guerra, a reabertura política se dava em ritmo veloz. Ou, como dizia o Barão de Itararé, “os acontecimentos se processam com tanta rapidez que os acontecimentos acontecem antes de terem acontecido”. Os temos eram outros, mas ainda havia arbitrariedades. A polícia política baixou no comitê

<sup>34</sup> AGUIAR, op. cit., p. 324. Grifo meu.

da praça da República em 26 de maio. Jorge, ao chegar, era aguardado por Luiz Apolônio, ele mesmo, o ex-vizinho de Ernesto Gattai, que se tornara um dos mais temidos agentes da repressão. Em sua quarta prisão, o escritor não seguiu sozinho. Quem o acompanhou até o xilindró foi Caio Prado Jr. Na Casa de Detenção, ocuparam a mesma cela onde ficou Monteiro Lobato depois de uma briga com Getúlio por causa do petróleo [...] Não foram poucos os presos nas diligências daqueles dias. O número alcançou o dos anistiados: cerca de quinhentos, entre ativistas, intelectuais, sindicalistas. Às duas da manhã, todos estavam soltos. Com o DIP enfim extinto, lançaram dois dias depois um protesto na imprensa paulista contra a escalada da repressão.<sup>35</sup>

A passagem acima, documentada na biografia de Joselia Aguiar, faz parte do período em que Jorge Amado se mudara para São Paulo, assumindo de forma definitiva um papel central na estrutura do PCB, tornando-se um escritor dedicado às questões pautadas no interior do partido. Nessa função, publicou a edição brasileira de uma biografia sobre Luís Carlos Prestes que saíra primeiro na Argentina alguns anos antes. Assumira cargo “no setor de divulgação do Movimento Unitário Democrático, uma frente pela redemocratização organizada pelo Partido Comunista, ainda na clandestinidade”.<sup>36</sup>

A viagem para São Paulo tinha como premissa o *I Congresso Brasileiro de Escritores*, em janeiro de 1946, chefiando a delegação dos escritores baianos. Porém, permanecera ali, na capital paulista, não somente em razão dos compromissos políticos que o levariam a se candidatar como deputado na Constituinte inaugurada no mesmo ano, representando o estado no qual passara a viver, mas também, quem sabe até seja este o maior dos motivos, porque se apaixonara por Zélia Gattai, sua futura esposa e último amor.

Conhecera a filha de imigrantes italianos no mesmo comitê onde seria preso pela quarta vez, junto com Caio Prado Jr. Localizado na praça da República, o lugar servia para reuniões, circulação de informações, elaboração de materiais para divulgação. O escritor se dividia entre o expediente no comitê e a escrita de artigos para o jornal *Folha da Manhã*, para o qual publicaria três vezes por semana.<sup>37</sup> A nova rotina levaria Jorge a dividir cada vez mais tempo com Zélia, cuja família era conhecida pela luta em favor do anarquismo. A afinidade política se tornaria uma grande história de amor cujo destino envolvia uma mudança para o Rio de Janeiro, depois um exílio na Europa e, enfim, um retorno de Jorge para a Bahia de Todos-os-Santos.

A morte de Lila, em maio de 1950, deve ter sido um golpe duro e silencioso, considerando as poucas informações que temos sobre o episódio, ainda que o escritor tivesse

---

<sup>35</sup> Ibidem, p. 215.

<sup>36</sup> Ibidem, p. 198.

<sup>37</sup> Ibidem, p. 204.

uma vida intensamente pública e tratasse, ao menos em muitas de suas correspondências, de outros temas íntimos. Todavia, uma recordação de Zélia sobre o assunto nos permite ver, minimamente, a consternação que se abateu sobre Jorge.

Zélia se recordava de voltar do passeio matinal com o filho depois de ganharem uma rosa do responsável pelo jardim de inverno. João Jorge disse que a daria ao pai. A porta entreaberta, avistou Jorge andando de um lado para outro com um papel amarfanhado na mão, “de olhos vermelhos, injetados, o rosto desfeito”, de um modo que nunca vira antes. Quando lhe perguntou o que acontecera, apenas estendeu o telegrama para que ela lesse, depois chorou.<sup>38</sup>

Profícuo escritor de cartas, correspondente de muitos amigos e familiares, Jorge recebia a notícia da morte de sua primogênita por bilhete de telegrama. O desassossego, “andando de um lado para o outro”, deve ter penetrado seu semblante, “de olhos vermelhos, injetados, rosto desfeito”, e sem condições de pronunciar qualquer palavra, “apenas estendeu o telegrama”, restou-lhe chorar a partida de Lila.

As consternações e reações sentimentais informam sobre como as pessoas experimentam o tempo vivido e o tempo imaginado, revelando uma dimensão do ser humano compatível com as condições de existência. Tanto quanto as modalidades de trabalho, as práticas religiosas, os embates políticos e os tipos de organização coletiva, as reações sentimentais e as concepções de vida dão visibilidade ao modo como pessoas elaboram e recriam seus comportamentos e suas aptidões para viver. Demonstram, essas reações e concepções, o percurso dos acontecimentos diários nas variadas formas de absorção do real enquanto zona de intersecção entre os traços materiais e as forças imaginárias.

As narrativas sobre a vida, entre elas a literatura e os relatos de memória, constituem arquivos históricos a respeito de como os sujeitos apreendem o mundo em que vivem, revelam as dificuldades em potencializar a vida, as frustrações por não realizarem desejos, os silêncios difíceis de falar, bem como admitem que a condição humana é feita também de sonhos cultivados, idealizações compartilhadas, vontades de amar e de ser feliz. São essas narrativas que procurarei analisar, interpretando-as como pinturas de vidas particulares e conectadas, universos afetivos e históricos.<sup>39</sup>

---

<sup>38</sup> Ibidem, p. 325.

<sup>39</sup> Nos casos em que a vida se torna banal e os silêncios profundamente doloridos, como é a história dos judeus aniquilados pela máquina nazista, e toda memória traumática sobrevivente ao episódio de terror, a arte se torna imprescindível para sua compreensão “porque ela é sempre o presente de uma ausência, porque é sua missão mostrar o invisível, por meio da força organizadora das palavras e das imagens, juntas ou separadas, porque ela é a única a tornar sensível o inumano”. RANCIÉRE, op. cit., p. 46.

Os romances de Jorge Amado, depoimentos em entrevista e algumas de suas memórias publicadas em livro compõem as fontes principais deste estudo.<sup>40</sup> Tentarei argumentar que essas narrativas, fictícias ou não, situadas ao longo do século vinte, abrem uma possibilidade de compreender como, no Brasil, os indivíduos se defrontaram com as questões de seu tempo histórico, como imaginaram saídas para essas questões e, especialmente, como sentiram as travessias do mundo no qual viveram.

Em um poema cujo título é indispensável à minha argumentação, o poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade escreveu alguns versos luminosos sobre nossa condição de homens e mulheres, num livro publicado originalmente em 1940. Desse poema, extraio uma passagem que permite o vislumbre daquilo que os historiadores desejam encontrar:

Quando os corpos passarem,  
eu ficarei sozinho  
desfiando a recordação  
do sineiro, da viúva e do microscopista  
que habitavam a barraca  
e não foram encontrados ao amanhecer.<sup>41</sup>

A história não será feita também do movimento dos corpos durante a passagem do tempo e da profundidade das solidões? Não será ela a observadora do fiar e desfiar da memória? Não lhe seduz a vida de viúvas e microscopistas, respectivamente, vivendo sob a sombra da morte e detalhando o ínfimo? Não terão os historiadores de verificarem o desaparecimento dos que não são encontrados, dos que se perdem e agonizam? Pois sim, à história está facultado o que ocorre nas vidas humanas, seus dilemas e paixões, seus segredos e silêncios, a tentativa sempre esguia de propor sentidos para a vida e, sobretudo, para a perplexidade diante das surpresas que nascem ao amanhecer.

## 2.2 Como um tropel por dentro dele

Aos oito anos de idade, Antônio Balduíno, apelidado de Baldo, vive em um morro na periferia da capital baiana que, naquela época, por volta dos anos 1920, recebia o título de Bahia de Todos-os-Santos. Ou, como se dizia entre seus moradores, cidade da Bahia. O nome da capital confundia-se com o nome do estado federado. Ali, no fictício morro do Capa-Negro, o

---

<sup>40</sup> Outras fontes históricas fazem parte desta pesquisa e são fundamentais para o entrecruzamento de informações e construção argumentativa, tais como notas e artigos de jornais impressos, especialmente, as edições dos periódicos *A Manhã* e *A Capital*.

<sup>41</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. **Sentimento do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

“menino impossível”, como o chamava sua tia Luísa, e a quem devia sua inteira criação, Baldo gostava de sentar-se no alto para ver a “fila de luzes que era a cidade embaixo”. Além das luzes, com que maravilhava os olhos acostumados às escuridões do morro, o menino impossível também ouvia “sons de violão” que “se arrastavam pelo morro mal a lua aparecia. Cantigas dolentes eram cantadas. A venda de seu Lourenço Espanhol se enchia de homens que iam conversar e ler o jornal que o vendeiro comprava pra seus fregueses da pinga”.<sup>42</sup>

Nesses momentos de solidão, o garoto Baldo gostava de contemplar as imagens e sonoridades que o invadiam enquanto aguardava ansiosamente as mágicas luzes elétricas tomarem a cabeça das casas que avistava de longe. Como possibilidade de fantasiar sua infância, o espetáculo da eletricidade inundava o horizonte e projetava sobre o menino sensações de maravilha e desejo, pois “apesar dos seus oito anos [...] não havia brinquedo que o arrancasse da contemplação das luzes que se acendiam na cidade tão próxima e tão longínqua”.<sup>43</sup>

Nas primeiras páginas do romance *Jubiabá*, que trata da vida de um garoto nascido na periferia da Bahia, Jorge Amado apresenta uma imagem da cidade marcada por desigualdades e oposições, uma cidade dividida entre a eletricidade para uns e a escuridão para outros. Situando-se nesse contraste, Baldo percebia a passagem do dia através da iluminação artificial que se produzia ao anoitecer na região central da cidade e por meio dos ruídos gerados pelos moradores do morro, cuja sonoridade era composta de violão, cantigas e conversas de bar.

Essas luzes e sons, as capacidades de visualizar e ouvir, parecem formar alguns dos sentidos para a percepção da cidade e para a internalização de gestos cotidianos. Aquilo que é descrito pelo narrador onipresente do romance, de maneira a construir uma realidade cotidiana para o personagem Baldo, insinua uma forma comum de sentir a passagem do tempo, marcar as alternâncias do dia e, assim, projetar sobre o rapaz sensibilidades com as quais significa a sua própria vida e a da cidade onde mora. Por isso:

seu coração batia com mais força enquanto a escuridão da noite invadia o casario [...] e fazia subir da cidade um rumor estranho de gente que se recolhe no lar, de homens que comentam os negócios do dia e o crime da noite passada.<sup>44</sup>

No princípio da noite era que Baldo se dava conta dos mistérios que envolvem aquela cidade que admirava de longe, da escuridão de seu casario. Sentia dissipar no ar, o mesmo ar

<sup>42</sup> AMADO, Jorge. **Jubiabá**. 48. ed. Rio de Janeiro: Record. 1987, p. 19.

<sup>43</sup> Ibidem.

<sup>44</sup> Ibidem, p. 20

que respirava, os rumores dos que cumpriram suas tarefas diárias e descansarão do trabalho comentando as atividades econômicas e as práticas de violência, “os negócios do dia e o crime da noite passada”.

Enigmática, com seus rumores e crimes, o espaço da cidade lançava sobre Antônio Balduíno uma fascinação, um desejo de urdi-la ao seu modo, de imaginá-la como um território seu, um lugar onde se faria homem e lutador, disputando as cenas rotineiras que, de tão potentes, espalhavam seus ruídos até para o morro envolto na escuridão. Repleta de acontecimentos e sensações, a cidade da Bahia revolvia por dentro os desejos e vontades do menino, aguçava seus sentidos com uma leva de sonoridades. E mesmo que só tenha descido à cidade poucas vezes, quando arrastado pela tia,

**Sentia àquela hora toda a vida da cidade.** Vinha um rumor lá de baixo. Ele ficava ouvindo os sons confusos, aquela **onda de ruídos** que subia pelas ladeiras escorregadias do morro. **Sentia nos nervos a vibração de todos aqueles ruídos**, aqueles **sons de vida e de luta**. Ficava se imaginando homem feito, vivendo **na vida apressada** dos homens, **lutando a luta de cada dia**. Seus olhinhos miúdos brilhavam e por mais de uma vez **sentiu vontade de se largar** pelas ladeiras e ir ver de perto o **espetáculo da cidade** àquelas horas cinzentas. Bem sabia que perderia o jantar e que a surra o aguardaria na volta... Mas não era isso o que o impedia de ir ver de perto o barulho da cidade que se recolhia do trabalho. **O que ele não queria perder era o acender das luzes**, revelação que era para ele sempre **nova e bela**.<sup>45</sup>

Nessa descrição do romance, a cidade da Bahia é assimilada com intensidade e volúpia, como desejo de ser possuída, “encarnada”, para lembrar o depoimento de Tânia Carneiro sobre a escrita *amadiana*. Sobre o corpo de Baldo, a cidade deposita a vontade penetrante de ser vivida em todos os seus detalhes porque é nela que a “onda de ruídos” sobe “pelas ladeiras” e se distribui pelas ruas. É para a cidade, caracterizada à época pela velocidade dos homens apressados, “lutando a luta de cada dia”, que os olhos do moleque Baldo brilham e expressam o desejo pela vida.

É já nessa passagem, entre as primeiras páginas do romance publicado em 1935, que Jorge Amado constrói uma concepção da vida a partir da relação entre seu personagem e a cidade que fantasiava desde a infância. Essa concepção parece se assentar sobre a ideia de que a existência nos impele a sentir desejos e a imaginar realizações desde o período em que somos crianças. A contemplação sobre a rotina “apressada dos homens”, sua condição de luta travada dia após dia, produz sobre o espectador atento da vida na urbe a experiência de sentir “nos nervos a vibração de todos os seus ruídos”, tornando a condição humana marcada por

---

<sup>45</sup> Ibidem. Grifo meu.

movimentos, sonoridades e disputas. Mesmo nas “horas cinzentas”, na melancolia de desejar o que não se tem ou o que não se é, são os sonhos e a vontade de querer algo que confere um sentido à experiência de viver.

Embora o romance tenha sido publicado em meados da década de 1930, momento de muitas transformações no cenário cultural brasileiro, o tempo da narrativa pode ser recuado às décadas de 1910 e 1920, considerando algumas pistas deixadas pelo narrador. Com os dois livros que lançara antes de *Jubiabá*, Jorge Amado passava a ser associado a uma vertente do Romance de 30, a do romance proletário, uma vez que construía em *Cacau* e *Suor*, publicados respectivamente em 1933 e 1934, histórias baseadas na vida de trabalhadores do campo e da cidade, demonstrando as condições de trabalho e moradia precárias, os vínculos sociais baseados na exploração do corpo e do tempo. Assim, indicava a construção de uma consciência coletiva acerca dos problemas fundamentais que identificavam as relações sociais no Brasil do início do século vinte. Para Luís Bueno:

não é tão absurdo ver como algo explode nos meses de julho e agosto de 1933, com a publicação praticamente simultânea de *Cacau*, de Jorge Amado, *Serafim Ponte Grande*, de Oswald de Andrade, pela Ariel, e daquele que seria considerado o grande romance do ano, *Os Corumbas*, de Amando Fontes, pela Schmidt. Esses três livros provocariam um grande debate em torno do romance proletário. Se essa expressão já fora usada aqui e ali anteriormente, como já vimos, neste momento ela passou a ser obrigatória.<sup>46</sup>

Portanto, quando escreve *Jubiabá*, romance no qual desenvolverá argumentos sobre a condição do negro na sociedade brasileira, a curta carreira do romancista baiano estaria naquele momento envolvida numa expectativa de que seus trabalhos ficcionais dialogassem com as lutas da esquerda política, sob influência das diretrizes e ideias advindas do Partido Comunista. De modo geral, com o intuito de criar uma ficção sobre as injustiças sociais e a precariedade da vida humana nas periferias da capital baiana ou nas comunidades rurais espalhadas em outras regiões do mesmo estado. Era uma proposta certamente atenta ao debate intelectual em vigor no país, marcado por publicações como *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, e por eventos como o *Congresso Afro-Brasileiro*, do qual Jorge Amado constava como organizador em sua segunda edição, em 1937, na cidade de Salvador,

Não é à toa que o livro seguinte do autor, *Jubiabá* [...] seja tão mais consistente que os anteriores, na verdade aquele que diferentes críticos consideram seu primeiro romance de valor. Se em *Suor* o caráter lírico nascido da idealização

<sup>46</sup> BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30.** São Paulo: Editora da Universidade São Paulo/ Campinas: Editora da Unicamp, 2015, p. 159-160.

da figura do proletário não fazia parte do projeto estético de seu autor, nascido muito mais da necessidade de denunciar as revoltantes mazelas do presente, em *Jubiabá* ele integrará uma nova concepção de romance – e ainda romance proletário – em que essa denúncia está fundida com aquela idealização. É possível, portanto, dizer que *Jubiabá* é uma espécie de ponto de chegada em relação aos livros anteriores de Jorge Amado.<sup>47</sup>

Recebido com apreço da crítica, elogiado dentro e fora do Brasil, o quarto romance de Jorge Amado elevaria o reconhecimento do autor ao unir uma longa descrição das condições sociais nas quais viviam os trabalhadores na Bahia à elaboração de personagens literários com profundidade, isto é, a construção de uma ficção cujas ações e protagonismos eram marcados pelas complexidades intrínsecas ao ato de viver. Em romances anteriores, chamados pelo próprio escritor de “cadernos de aprendiz de romancista”, havia uma preocupação de compactuar personagens com ideias políticas em circulação no país, às vezes achatando o desenrolar das tramas em função de atender ao conteúdo de tais ideias. Em *Jubiabá*, ao contrário, Jorge Amado investiu na contradição dos comportamentos humanos, na complexidade dos dilemas vividos, na moldura de personalidades e na pluralidade dos sujeitos que participam da história, revelando diferenças e peculiaridades dentro das comunidades descritas no livro.

Ainda que a obra estabeleça um diálogo com as lutas dos trabalhadores, narrando em suas últimas páginas alguns dias de uma greve trabalhista, apontando para como ocorriam as reuniões dos sindicatos, as negociações entre patrões e empregados, o cerne da narrativa estava no amadurecimento de Antônio Balduíno, nas formas de sociabilidade encontradas em alguns espaços na cidade da Bahia. É partir desse ponto que se pode empreender uma leitura do romance baseada nas descobertas que um garoto faz do mundo, de suas contradições e emoções, das suas ofertas e recompensas, das dificuldades e prazeres que um rapaz – tornando-se, em seguida, adulto – pode experimentar.

O “espetáculo da cidade” ao “acender das luzes” forçava sobre a imaginação de Baldo o desejo imponente de participar da vida citadina, de ouvir de perto seus barulhos e confusões, ainda que corresse o risco de ser castigado pela tia, que tivesse de marcar seu corpo com surras e violentas disciplinas, pois desde cedo vivendo no morro do Capa-Negro aprendera a contemplar a cidade e a idealizá-la, sentindo-a “sempre nova e bela”. Essa compreensão da beleza como algo que anuvia a sensação de incompletude,<sup>48</sup> ao menos parcialmente, instigava

<sup>47</sup> Ibidem, p. 254-255.

<sup>48</sup> Uso aqui a noção de *incompletude* desenvolvida por Tzvetan Todorov, em seu estudo sobre as trajetórias de Oscar Wilde, Rainer Maria Rilke e Marina Tsvetaeva. No capítulo três, detalharei essa noção, que se relaciona com a de *beleza*, também manejada pelo historiador búlgaro. TODOROV, op. cit.

o garoto Baldo a experimentar os primeiros sinais de sensualidade. Os sons que advinham com o “vento frio” e a “escuridão” o penetravam voluptuosamente, a tal ponto que, inesperadamente, “um dia teve uma emoção enorme que o arrepiou todo. Chegou a ficar em pé, tremendo de prazer. É que distinguiu choro, choro de mulher e vozes que consolavam. Aquilo subiu como um tropel por dentro dele”,<sup>49</sup> como se o arrastasse “numa vertigem de gozo”.<sup>50</sup>

Sensual e vertiginosa, tanto a cidade como a vida em seu entorno eram também sentidas com prazer e delírio. As vozes misteriosas, o desconhecido e a sensação de ventura exerciam sobre Baldo um fascínio difícil de controlar. Inevitavelmente, teria de extravasar seu instinto e viver conforme suas vontades. Em algum momento, por escolha ou por imposição das circunstâncias, haveria de mergulhar na cidade da Bahia, de fazer amor junto ao mar, de bulir as mulatas no areal do cais. Quem sabe, já crescido, ele mesmo é que faria os barulhos, tocaria no violão, cantaria os ruídos da própria vida.

O fascínio pela iluminação pública não era exclusividade de Antônio Balduíno. Em alguns casos, esse fascínio se transformava em queixa por conta da irregularidade de seu funcionamento, como é possível perceber em um jornal baiano da época. O periódico *A Manhã*, pertencente ao mesmo grupo proprietário do *Diário de Notícias*, estampava na primeira página, em sua edição de número 9, um editorial que não media palavras para denunciar a “cynica e calculada incuria do sr. Souza Carneiro” à frente da “Secção de Gaz e Electricidade”, indicado pelo então governador José Joaquim Seabra:

**A cidade inteira é uma escuridão.**

A perversidade inadjectivable do sr. Seabra faz com que continue á frente do serviço de illuminação a incompetencia e desmoralisaçao do sr. Carneiro.

Quer nas casas particulares, quer nas ruas **não se encontra accesa uma só lampada.**

O serviço de bonde está completamente **anarchisado**.

A desorganisação e a deshonestidade do director da ex-Light, fizeram com que os bondes levem, como hontem levaram, CINCO HORAS de Itagapipe á cidade.

As emprezas particulares, graças á **cynica e calculada** incuria do sr. Souza Carneiro, são roubadas pela direcção da Secção de Gaz e Electricidade, porque têm grande prejuizos pelo não fornecimento de energia.

Mas o principal culpado disso tudo, não é o sr. Souza Carneiro, que quando foi para a ex-Light foi com proposito deliberado de **distrahir toda a renda**

---

<sup>49</sup> AMADO, op. cit., p.20.

<sup>50</sup> Ibidem.

**do serviço de viação e illuminação para si**, para os seus apaniguados e para as firmas duvidosas.<sup>51</sup>

Além da denúncia de corrupção, aparentemente sem provas, que os editores do jornal lançavam naquela sexta-feira de abril sobre o diretor da empresa de eletricidade, acusando-o de desvio de recursos para si e seus beneficiados, é interessante notar a correlação produzida pelos autores do editorial entre a escuridão da cidade e a sensação de anarquia na oferta do serviço público. O tom elevado do protesto, pontuado por palavras que insinuavam uma postura de cinismo e desonestidade, contradizia o próprio editorial que, nas suas primeiras linhas, constatava a falta de adjetivos suficientes para classificar a “perversidade inadjectivavel” do governador da Bahia. Todavia, o forte editorial trazia em suas entrelinhas algo mais fundamental sobre a época em que se inseria. Pois, mesmo que endereçando aos seus leitores uma indignação que parecia justa quanto à falta constante de iluminação pública e as consequências econômicas desse fato, a denúncia demonstrava o valor precioso das luzes artificiais num momento em que a cidade da Bahia, tal como em algumas outras capitais brasileiras, aprendera a cultivar preceitos de civilidade e modernização dos costumes, manifestando-os em concepções ideais dos espaços que repartiam a cidade.<sup>52</sup>

Marcava-se, dessa forma, um desejo de imagem da urbe centrado na importância da iluminação, no bom funcionamento dos serviços que dependiam de eletricidade, como os bondes, e no combate ao que poderia se tornar “anarchisado”. Inteiramente tomada pela escuridão, mal se encontrando uma lâmpada acesa nas casas ou nas ruas, os editores d’*A Manhã* expressavam, nas linhas do periódico, certa maneira de sentir o mundo. Envolvida num ideal de ordem e honestidade, competência e saúde fiscal, esse sentimento do mundo emitido pelos editores recorria à imagem da escuridão para dramatizar as condutas de anti-civilidade perpetradas pelo governo.<sup>53</sup>

<sup>51</sup> *A Manhã*, 16/04/1920, p. 1. Grifo meu.

<sup>52</sup> O melhor trabalho que encontrei sobre o processo de modernização e civilização da cidade de Salvador pertence a Rinaldo Leite, cuja dissertação de mestrado analisa a elaboração dos sentidos de civilidade e anti-civilidade entre os anos 1912-1916, sob o primeiro governo de José Joaquim Seabra, que voltaria ao cargo em 1920. Ver: LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. **E a Bahia civiliza-se...**: ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana – Salvador, 1912-1916. Dissertação de mestrado em História. FFCH/ UFBA, 1996. Para uma leitura sobre a modernização de Recife, citando um exemplo de cidade relativamente próxima de Salvador, ver, especialmente, o estudo de Antonio Paulo Rezende sobre os encantos e desencantos do moderno na década de vinte do século passado. Esse estudo é referencial quanto a percepção de como se arquitetaram as pretensões modernizadoras e suas tramas sociais, as polêmicas em torno do modernismo, as seduções da publicidade e as expressões do desejo humano nos variados espaços do cotidiano. Ver: REZENDE, Antonio Paulo. **(Des)encantos modernos**: histórias da cidade do Recife na década de vinte. 2º edição. Recife: Ed. UFPE, 2016.

<sup>53</sup> Uso a noção de anti-civilidade como desenvolvida por Rinaldo Leite acerca das diversas práticas e condutas, entre gestores e populares, que desaceleravam os processos de modernização e civilização na cidade de Salvador. As chamadas “cenas de anti-civilidade” eram observadas por jornalistas da época em ações que minavam os ideais

Esse tipo de problema não era novo, mas “contínuo e grave. A cidade era servida por dois tipos de iluminação: a gás e elétrica. A primeira tinha na escassez da sua produção e oferta no mercado a razão para ser considerada péssima”.<sup>54</sup> Já a iluminação elétrica operava com falha e intermitência, constituindo em drama as noites de escuridão porque “expunha as pessoas a inúmeros riscos, criando um clima de insegurança”.<sup>55</sup>

Portanto, a ausência de luz elétrica e o domínio da escuridão poderiam ser sentidos como um risco, uma anarquia ou um drama. O funcionamento regular da iluminação pública, por outro lado, conferia à cidade da Bahia a segurança da ordem e o fascínio experimentado por pessoas como o moleque Balduíno. Para ele,

as luzes que se acendiam **purificavam** tudo. Antônio Balduíno se envolvia na **contemplação** das fileiras de lâmpadas, mergulhava os olhos vivos na claridade e **sentia vontade de agradar** os outros negrinhos do Morro do Capa-Negro. Se alguém se aproximasse dele naquele instante ele o **acariciaria** sem dúvida, não o receberia com beliscões costumeiros, não diria palavrões que cedo aprendera. Passaria sem dúvida a mão sobre a carapinha do companheiro de brinquedos, recostaria ao peito do amigo. E talvez sorrisse. Mas os garotos estavam correndo pelo morro e não se lembravam de Antônio Balduíno. Ele ficava vendo as luzes. Distinguia **vultos** que passavam. Mulheres e homens que passeavam talvez. Por detrás, no morro, **violas repinicavam, negros conversavam**. A velha Luzia gritava:

– Baldo, vem jantar... Menino impossível...<sup>56</sup>

Essa pacificação que tomava o corpo de Baldo, uma espécie de sensibilidade despertada pela mágica claridade que tudo purificava, envolvia-o num estado de contemplação daquilo que se colocava diante dele. Afetava-o intensamente o horizonte iluminado, tornando-o brando e carinhoso com os amigos. Se eles aparecessem, Baldo estaria ali para correr a mão sobre seus cabelos e inclinar sua própria cabeça num peito amigo. A vontade de partilhar aquele momento de ternura e afetividade e o desejo de “agradar os outros negrinhos do morro do Capa-Negro” rompia de sua imaginação, mergulhada “nas fileiras de lâmpadas”. Por um momento podia experimentar outras sensações, mesmo que sua atenção fosse distraída por “vultos” que atravessam a escuridão do morro, pelos ruídos constantes das “violas” que animavam as noites

---

de salubridade, fluidez e estética da urbe, tais como o atraso na circulação dos bondes, a falta constante de luz e os problemas de asseio público. Um dos jornais mais utilizados por Rinaldo Leite em suas análises foi o *Diário de Notícias*, pertencente ao mesmo grupo de proprietários anônimos ao qual se vinculava o periódico *A Manhã*. LEITE, op. cit., p. 87-88.

<sup>54</sup> Ibidem, p. 93.

<sup>55</sup> Ibidem, p. 93-94.

<sup>56</sup> AMADO, op. cit., p. 21. Grifo meu.

e pelas conversações e o contar de histórias que alimentavam a imaginação e a memória dos vizinhos de Antônio Balduíno.

Afinal, as luzes, como um tropel por dentro dele, podiam seduzi-lo,<sup>57</sup> mas a vivência de Baldo, a terra lamacenta sobre a qual fincava os pés, estava atrelada a outras experiências e vicissitudes. Uma experiência marcada pela ausência da iluminação pública, todavia constituída de narrativas e outros deslumbres. De forma semelhante aos vultos que tentava decifrar no breu noturno do morro, as histórias contadas entre seus vizinhos se apresentavam como sombras que o moleque Baldo se esforçava para colorir, dar-lhes vida. Aprenderia na dinâmica social da periferia baiana a construir uma leitura particular do mundo, uma maneira de apreender a realidade que se projetava e, talvez mais importante, a idealizar sentidos para sua existência.

Numa sociedade marcada por desigualdades econômicas e diferenças sociais, o morro do Capa-Negro tinha uma paisagem bem diferente dos bairros que compunham a região central da cidade da Bahia. Enquanto o centro da cidade era palco de reformas urbanas e discursos que aspiravam a civilidade,<sup>58</sup> o lugar em que Baldo cresceu se mantinha em situação de precariedade e pobreza. Ali se concentravam pessoas de diversos ofícios e destinos comuns. A vida do Morro do Capa-Negro

era difícil e dura. Aqueles homens todos trabalhavam muito, alguns no cais, carregando e descarregando navios, ou conduzindo malas de viajantes, outros em fábricas distantes e em ofícios pobres: sapateiro, alfaiate, barbeiro. Negras vendendo arroz-doce, munguzá, sarapatel, acarajé, nas ruas tortuosas da cidade, negras lavavam roupa, negras eram cozinheiras em casas ricas dos bairros chiques. Muitos dos garotos trabalhavam também. Eram engraxates, levavam recados, vendiam jornais. Alguns iam para casas bonitas e eram crias de famílias de dinheiro. Os mais se estendiam pelas ladeiras do morro em brigas, correrias, brincadeiras. Esses eram os mais novinhos. **Já sabiam seu destino desde cedo:** cresceriam e iriam para o cais onde ficavam **curvos sob o peso dos sacos cheios de cacau**, ou **ganhariam a vida** nas fábricas enormes. E não se revoltavam porque **desde há muitos anos vinha sendo assim:** os meninos das ruas bonitas e arborizadas iam ser médicos, advogados, engenheiros, comerciantes, homens ricos. E eles ia ser criados destes homens. **Para isto é que existia** o morro e os moradores do morro.<sup>59</sup>

<sup>57</sup> A modernização das grandes cidades brasileiras produziu profundas mudanças em sua geografia, bem como na maneira de idealizá-la. “A modernidade, com as suas invenções, causa realmente espanto e deslumbramento, medos e desejos, e a cidade é o espaço onde ganha maior dimensão. Nessa perspectiva, ela assume aspectos universais. Basta acompanhar as modernizações das tantas cidades europeias e latino-americanas, não importando a sua localização, para se verificarem os assombros, as polêmicas, as seduções que elas provocam”. REZENDE, op. cit., p. 39-40.

<sup>58</sup> LEITE, op. cit., p.52-53.

<sup>59</sup> AMADO, op. cit., p. 39. Grifo meu.

A proclamação da República não eliminara as desigualdades estruturais que haviam fundado o Brasil desde seus tempos de colônia. Persistia, nas primeiras décadas do século passado, um quadro de profundas diferenças e infortúnios para a maioria de sua população. Em que pese a promoção do “processo acelerado de institucionalização” da vida social e a substituição da mão de obra escrava, que marcara os períodos da colônia e império, “largas faixas da população viram-se, ainda que com acesso à liberdade e à igualdade jurídica, excluídas do jogo social que então se montava”.<sup>60</sup>

Na cidade da Bahia, essa atmosfera era retratada por Jorge Amado. Ele e outros escritores nordestinos que a partir de 1930 começaram a publicar suas obras literárias, como Rachel de Queiróz e Graciliano Ramos, haviam compreendido que seus respectivos romances deveriam se inspirar em uma abordagem da realidade ancorada nos dilemas sociais e existenciais das camadas populares. Romances como *Vidas Secas* e *O quinze*, por exemplo, criavam uma narrativa sobre as dificuldades da existência em cenários de degradação e abandono. Como apontado acima, Jorge Amado publicara *Cacau* em 1932, romance que detalha as condições de existência dos trabalhadores nas fazendas de cacau na região de Ilhéus, caracterizadas pela exploração excessiva da mão de obra e as táticas de resistência em meio à luta diária pela sobrevivência. No ano seguinte, 1933, veio a público seu terceiro livro, *Suor*, um breve e melancólico retrato das vidas que se amontoavam em um sujo cortiço no Pelourinho, bairro antigo de Salvador.

Portanto, quando publicou *Jubiabá*, em 1935, o escritor baiano já havia amadurecido seus temas literários e mantinha-se num campo de interesses que dizia respeito às condições de vida dos desafortunados. Os trabalhadores braçais, “aqueles homens” que “trabalhavam muito”, “carregando e descarregando navios”, os moleques que “levavam recados”, os que rumavam para “fábricas distantes”, as negras que vendiam “arroz-doce, munguzá, acarajé” pelas ruas da cidade, ou seja, aqueles que exerciam “ofícios pobres” eram registrados como personagens principais de seus livros. Ao refletir sobre sua geração, Jorge Amado acreditava que

o que aconteceu foi que, em dado momento, o drama do Nordeste era mais visível, mais evidente, o que mais saltava aos olhos. E a literatura nordestina dos anos 30, recriando este drama numa ficção muito rica, contribui em grande parte para torná-lo acentuado.<sup>61</sup>

<sup>60</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. População e sociedade. In: Idem (coord.). **História do Brasil nação (1808-2010)**, vol. 3: A abertura para o mundo (1889-1930). Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 35.

<sup>61</sup> RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado**. Tradução de Annie Dymetman. Rio de Janeiro: Record, 1990, p. 67.

Compreender o universo dessas comunidades humanas,<sup>62</sup> suas rotinas de elaboração de sentidos e organização de significados, bem como o papel da memória na construção de visões de mundo e interpretação da realidade, era a matéria-prima do trabalho literário de Jorge Amado, encontrando, além disso, correspondência nas atividades que desempenhava como intelectual e membro do Partido Comunista Brasileiro.<sup>63</sup>

Ao viver a adolescência na capital baiana e voltando à cidade durante o tempo em que escrevia seus romances,<sup>64</sup> Jorge percebia a vida “difícil e dura” que levava a gente comum dentro de um espaço geográfico que, por um lado, modernizava-se mediante remodelamentos urbanos e, por outro, atribuía continuidade a um passado que insistia em se *presentificar*.<sup>65</sup> Notava que muitos “já sabiam seu destino desde cedo”, possuíam uma leitura de como as próprias vidas se encaminhavam, quais funções desempenhavam no cais. E sabiam da precariedade na qual se encontravam quando divisavam o mundo em que viviam com aqueles dos “médicos, advogados, engenheiros, comerciantes”, enfim, os “homens ricos”. A consciência de pertencer a uma comunidade específica, de saber sua trajetória nas “ruas tortuosas da cidade”, produzia entre essas pessoas a sensação de que a vida era concebida por um destino comum, de que haviam nascido para serem criados daqueles homens moradores de ruas “bonitas e arborizadas”, pois “desde há muitos anos vinha sendo assim”.

---

<sup>62</sup> Uso o termo *comunidades humanas* como compreendido por Jorge Amado ao explicar quem são os personagens dos seus romances ambientados no início do século passado. Para o escritor, a gente que vivia na região cacaueira, por exemplo, descrita em várias de suas obras, faria parte da “face obscura”, enquanto a “face luminosa era contada pela História oficial, aquela História com h grande”. Para o escritor baiano, essas comunidades humanas são “os verdadeiros pioneiros, aqueles que constroem a vida, são pessoas simples do povo, gente que vem muito do que se chama de baixo”. Esse depoimento pode ser visto em entrevista para o programa televisivo *Vox Populi*, citada páginas atrás.

<sup>63</sup> Como afirmamos, Jorge Amado exerceu diversas atividades na condição de intelectual ligado ao PCB, ocupando funções de editor e escritor em publicações voltadas para o interesse do partido, atuando como deputado federal na legenda de 1946 até que o registro da sigla fosse cassado em 1947. Na condição de exilado na Europa, se manteve bastante atarefado com reuniões de partidos comunistas europeus, elaboração de manifestos em defesa de intelectuais e na organização de eventos pela paz, como o *Congresso Mundial da Paz*. Essas informações são largamente descritas em *Jorge Amado: uma biografia*, de Josélia Aguiar, especialmente nos capítulos 18 a 24.

<sup>64</sup> Jorge Amado se mudou para Salvador por volta dos onze anos de idade e lá residiu até ingressar no curso de Direito na cidade do Rio de Janeiro. Entretanto, mesmo quando possuía residência fixa na capital do país, gostava de voltar à Bahia durante os períodos de escrita dos romances. Ao se preparar para escrever *Jubiabá*, “retornou à Bahia à procura de Martiniano Eliseu Bonfim, visto na época como um dos grandes, se não o maior, sábios da língua ioruba instalado na cidade. Um filho de escravizados nigerianos que batalharam pela alforria, passara temporada de formação em Lagos, na Nigéria, e contava quase oitenta anos quando abriu a porta para o jovem escritor”. AGUIAR, op. cit., p. 89.

<sup>65</sup> Em seu ensaio sobre a passagem do tempo, Étienne Klein distingue as noções de evento e tempo. Para ele, “é absolutamente impossível voltar ao passado e avançar no futuro. Por exemplo, nunca mais poderemos reviver os instantes que vivemos ontem. É claro que poderemos reviver as mesmas coisas que ontem – por exemplo, comer o mesmo bolo de chocolate delicioso que devoramos ontem –, mas jamais os mesmos *instantes*. Em outras palavras, quando os eventos se repetem, o tempo não se repete. É também nesse sentido que digo que ele é uma gaiola, uma prisão: estamos condenados a segui-lo, a acompanhar seu curso, sem nada poder mudar nem no ritmo que ele nos impõe, nem no lugar que ele nos designa”. KLEIN, op. cit., p. 30.

Criados, subalternos, encenando o bruto movimento de carregar e descarregar navios, “para isto é que existia o morro e os moradores do morro”, gastando a finitude de suas vidas em ofícios predestinados. Era como se o peso do passado, o fardo do tempo vivido, se transformasse diariamente nos “sacos cheios de cacau” e encurvassem os corpos trabalhadores como sinal de sua origem, como memória de sua existência.

A ideia de fardo enquanto ofício e tempo histórico, ou seja, enquanto mercadoria transportada do cais para os armazéns na região portuária de Salvador e, também, enquanto peso de uma experiência social que parece se repetir indefinidamente, pode ser observada no trabalho da historiadora Wlamyra Albuquerque sobre o debate travado no campo das ideias republicanas e monarquistas, chegando a ataques físicos, em torno da abolição da escravatura e da construção de uma cidadania negra no Brasil em fins do século dezenove. Ao analisar poemas e publicações de articulistas abolicionistas ligados ao pensamento monarquista, na Bahia, Wlamyra destaca a longa duração desse tipo de trabalho associado aos corpos negros:

Também não era por acaso que essa série de poemas se referia à zona portuária e adjacências. Era lá que, desde os tempos da colônia, se podia constatar o quanto da população de cor era numericamente expressiva na capital da província. No bairro comercial que margeava a baía, os “bárbaros corações iludidos” também eram os braços úteis para o transporte, **fossem dos pesados fardos que saíam e chegavam ao porto** ou dos delicados pacotes adquiridos nas lojas de produtos importados. Segundo Antônio Vianna, eram homens de “músculos retesados, suarentos, atléticos e joviais” que vez por outra enfrentavam a polícia com cabeçadas e jogos de pernas.<sup>66</sup>

A repetição do trabalho provocava entre os desafortunados do morro do Capa-Negro um sentimento de mundo ancorado na repetição da experiência, num destino herdado, uma vida cujo roteiro já se conhecia de antemão. Viviam o dia de hoje sabendo o que aconteceria no dia de amanhã. Parecia não haver espaço para os acasos e incidentes. O peso de suas existências se assemelhava a uma constatação que, algumas décadas depois, outro escritor faria, mas desta vez bem distante daquela Bahia.

Sob o impacto do totalitarismo empregado pelo regime stalinista em seu país, a Tchecoslováquia, Milan Kundera propôs a seguinte observação no romance *A insustentável leveza do ser*:

**O mais pesado fardo nos esmaga, nos faz dobrar sob ele, nos esmaga sobre o chão.** Na poesia amorosa de todos os séculos, porém, a mulher deseja receber o peso do corpo masculino. O fardo mais pesado é, portanto, ao

<sup>66</sup> ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. **O jogo da dissimulação**: abolição e cidadania negra no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 173-174. Grifo meu.

mesmo tempo a imagem de uma intensa realização vital. Quanto mais pesado o fardo, mais próxima da terra está nossa vida, e mais ela é real e verdadeira.<sup>67</sup>

O que se encontra nessa passagem é a tentativa de dimensionar o peso de sentir, o peso que recai sobre nossos desejos e nossa alma ao encararmos os acontecimentos diários da vida e do que, em contrapartida, projetamos sobre a realidade. Ao longo do romance publicado em 1983, o escritor tcheco supõe que a vida humana tende a experimentar épocas de leveza e de peso. Ou, ainda, que determinados objetos e sentimentos são carregados, paradoxalmente, por essas duas medidas, oscilando conforme os significados e sentidos que são projetados sobre ambos. Assim, a experiência de amar seria formada também por essa condição ambígua. O amor tende a ser vivenciado através da leveza do prazer e o peso de sofrer. Sofrimento, dor e angústia estariam na composição do sentimento de amar, tanto quanto a alegria, o gozo e a felicidade. Entretanto, é esse conteúdo doloroso e sofrível na arquitetura das sensibilidades humanas que confere, para o narrador de *A insustentável leveza do ser*, a intensidade real que a vida pode atingir e experimentar. É esse peso recaído sobre os corpos de “espírito cansado”<sup>68</sup> o que produziria a possibilidade “real e verdadeira” da vitalidade, a plenitude do viver.

Ainda que se partilhem destinos comuns ou que portem essa sensação de predestinação de uma comunidade, é fundamental notarmos como cada trajetória pessoal se funda sobre sua singularidade em meio às identificações comunitárias.<sup>69</sup> Dessa forma, é compreensível analisar as relações sociais não somente por suas condições comuns, mas também pelo que cada indivíduo realiza no complexo jogo da vida. Essas individualidades são visíveis no morro do Capa-Negro. Elas compartilhavam a precariedade dos ofícios, a escuridão do morro, as histórias da vizinhança, porém não deixavam de expressar as tragédias particulares. Baldo tinha a sua.

<sup>67</sup> KUNDERA, Milan. **A insustentável leveza do ser**. Tradução de Tereza B. Carvalho da Fonseca. 39. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 11. Grifo meu.

<sup>68</sup> Lembremo-nos da carta de Lila, a primogênita de Jorge Amado, ao relatar seu cansaço de espírito e a dificuldade para seguir com vida.

<sup>69</sup> Para uma compreensão dessas identificações comunitárias, penso no trabalho de Benedict Anderson, para quem uma nação ou comunidade forma interesses comuns e os compartilha dentro de certos limites. Seu conceito de *comunidade imaginada* supõe que um coletivo de pessoas, unido por situações e desejos partilhados, esforçam-se continuamente para a elaboração de sentidos de pertencimento. Anderson enfatiza que a comunidade é “*imaginada* porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecem, encontrarão ou nem sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles”. Para a leitura que faço do romance *Jubiabá*, é fundamental pensar como os moradores de morro do Capa-Negro dividem situações cotidianas, refletem conjuntamente os sentidos de suas vidas sem perderem a singularidade que demarca cada sujeito, seja por sua própria trajetória de vida, seja pela especificidade do que cada um deseja para si além da comunidade. ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 32.

Não conhecera o pai nem a mãe. Fora criado pela tia Luísa desde que se lembrava. Transitando entre a sensação de abandono e acolhimento, Baldo se pegava nos conhecidos do morro, usufruía da tácita rede de acolhimento que se estendia entre os vizinhos, ao mesmo tempo que sonhava ganhar o mundo quando a idade lhe permitisse. Esse desejo era alimentado pela magia das luzes que estava acostumando a admirar ao contemplar a cidade. Mas esse vislumbre produzido pela iluminação pública não era a única fonte de sua inquietação. As histórias contadas por sua tia e por outras figuras do morro despertavam em Baldo a vontade de reencarnar heróis populares. Coletando fragmentos de memória individual e coletiva, o “menino impossível” perdia-se na imaginação e nos quereres. Uma das recordações mais íntimas e especiais para o moleque era contada por sua tia Luísa a respeito de seu pai:

Sua tia Luísa fora-lhe pai e mãe. De seu pai Antônio Balduíno apenas sabia que se chamava Valentim, que fora jagunço de Antônio Conselheiro quando rapazola, que amava as negras que encontrava a cada passo, que bebia muito, bebia valentemente e que morreu debaixo de um bonde num dia de farra grossa. **Coisas que ele ouvia da tia quando esta conversava com os vizinhos sobre o finado irmão.** Ela concluía sempre:

– Era um negro bonito de encher a boca d’água. Também brigão e cachaceiro como ele só...

**Antônio Balduíno ouvia calado e fazia do pai um herói.** Com certeza vivera a vida da cidade na hora que as luzes se acendem. Tentava às vezes **reconstituir a vida de seu pai com os pedaços de aventuras que ouvia a velha Luísa contar.** A imaginação perdia logo em atos de coragem heroica. Ficava olhando o fogo, **imaginando como seria seu pai.**<sup>70</sup>

A partir de retalhos de memória, esforçava-se para compor uma imagem do pai que se completava pela sua imaginação e desejo de retratar alguém que lhe era especial. Ouvindo calado, atento, tentando somar o máximo de detalhes, Baldo achava gostosa a ideia de que seu pai fora sujeito valente e dado a “atos de coragem heroica”. Transformava a invisibilidade da ausência em imaginação colorida fundada em cenas de valentia e farra. Jagunço e amante, Valentim reaparecia na memória reconstituída de Baldo como um homem destemido e amante das mulheres. Talvez seu pai, morto debaixo de um bonde,<sup>71</sup> representasse sobre ele uma vaga

<sup>70</sup> AMADO, op. cit., p. 21. Grifo meu.

<sup>71</sup> As mortes ocasionadas em acidentes com bondes não eram incomuns nas primeiras décadas do século vinte. Em setembro de 1926, por exemplo, o periódico *A Capital* noticiara “O accidente da rua Saldanha”, em que reportava o inquérito aberto na “1 Delegacia Auxiliar, presidido pelo Dr. Sylvestre de Farias” com o intuito de “apurar-se a verdadeira causa do acidente ocorrido ante-hontem, à rua do Saldanha, do qual resultou morrer um homem do povo, sob as rodas de um bonde da <Circular>”. *A Capital*, 29/09/1926, p. 8. Quatro dias depois, o mesmo periódico relatava outra vítima dos bondes que cortavam a cidade. Desta vez, uma criança, filha do tenente José Cardoso de Carvalho, desvencilhando-se de um automóvel não conseguiu desviar do bonde n. 64 que a atropelou, “atirando-a, de bruço, por sobre o solo”. *A Capital*, 03/10/1926, p. 6. Essas e outras notícias de morte por acidente

ideia de liberdade e realização da vida, pois haveria de ter andado pela cidade à hora das luzes acesas e defendido Antônio Conselheiro contra injustiças tamanhas.

Tal como Paul Auster, romancista americano, para quem a memória é “o espaço em que uma coisa acontece pela segunda vez”,<sup>72</sup> a recriação da imagem paterna significava, para Baldo, a possibilidade de interagir com uma paternidade que lhe faltara. Portanto, agarrava-se às histórias contadas sobre seu pai para construir suas próprias referências e para reforçar sentimentos que começavam a despertar.

A memória era peça importante no cotidiano do morro do Capa-Negro. As conversações entre vizinhos ao anoitecer, o relato de casos e as histórias pessoais divididas quando se levantava algum tema de discussão formavam, em seu conjunto, a oralidade que enlaçava as formas de apreender a vida comunitária. Visões e leituras do mundo eram entremeadas por memórias individuais e por uma memória de grupo compostas por lições e narrativas de episódios. Nesse espaço de recordação, tinha lugar importante o pai-de-santo Jubiabá, considerado por todos uma espécie de oráculo a quem se devia ouvir com respeito e obediência. Curandeiro, era também a ele que as pessoas do morro e da cidade se dirigiam em busca de remédios para o corpo e para a alma.

Jubiabá não apenas dirigia o terreiro de candomblé, em sua casa, “de onde vinham em certas noites sons estranhos de estranha música”,<sup>73</sup> como exercia o papel de protetor e conselheiro. Levava para as rodas de conversa os relatos do que tinha ouvido e presenciado. Contava as histórias do passado comum daquela gente que bem sabia de seus destinos. Era possível que o feiticeiro Jubiabá alertasse sobre os perigos de viver e seus descaminhos, sobre a sensação de reincidência do passado no presente daqueles a quem protegia. Teria ele algo a falar sobre como as vidas devem ser vividas? Ou sobre os riscos que cada escolha carrega?

---

nas ruas da capital baiana indicam um intenso fluxo característico das cidades que se modernizavam durante o período da Primeira República, produzindo no espaço da urbe o entrecruzar constante de transportes públicos, transportes particulares e pedestres.

<sup>72</sup> AUSTER, Paul. **O inventor da solidão**. Tradução de Luiz Roberto Mendes Gonçalves. São Paulo: Editora Best Seller, 1982, p. 84.

<sup>73</sup> AMADO, op. cit., p. 25.

### 3 DRAMAS DA CIDADE

#### 3.1 O olho da piedade

Se a cidade fascinava Antônio Balduíno com suas luzes admiradas de longe, os sons e as rodas de conversas do morro não deixavam de estimular a imaginação e os quereres do moleque. Ali, era cercado de figuras que respeitava, como sua tia Luísa, vendedora de mungunzá e mingau de puba, ou Zé Camarão, “um desordeiro que vivia sem trabalhar e que até já era fichado na polícia”,<sup>74</sup> mas que possuía as virtudes de ser valente e cantar “ao violão histórias de cangaceiros célebres”.<sup>75</sup> A infância de Baldo se dividia em ajudar a tia na feitura das comidas típicas, em brincar com outros garotos do morro e em ouvir as histórias contadas por Luísa e os vizinhos que se achegavam. Essas histórias narradas na calçada de sua casa, ora por sua tia ora por Jubiabá, ou mesmo por Zé Camarão, que adorava recordar seus feitos de coragem, aguçavam a curiosidade de Baldo e se constituíam em referências para compreender o mundo em que nascera e se criara.

As noites ganhavam, então, uma forma de mistério e fascínio diferente daquela que sentia ao ver as luzes da cidade. Com personagens de vidas conhecidas no meio popular, como Lucas da Feira e Lampião, vez ou outra narradas em ABC’s,<sup>76</sup> Antônio Balduíno alimentava, paulatinamente, o desejo de um dia ser como os heróis de quem ouvia falar no morro. Ao reconstituir a memória do pai e ouvindo atentamente sobre os feitos corajosos dos cangaceiros e justicieros do povo, o passado era assimilado por Baldo como um repositório de figuras que admirava.

Essa construção literária de um indivíduo, ainda em seus primeiros anos de vida, sugere que o passado enquanto tempo histórico, lugar do ocorrido, apresentava-se também como um lugar

<sup>74</sup> Ibidem.

<sup>75</sup> Ibidem.

<sup>76</sup> Os ABC’s são um tipo de cordel em que se intenta versar assuntos percorrendo todas as letras do alfabeto. Aqueles que eram recitados no Morro do Capa-Negro, porém, não obedeciam ao rigoroso método de versar cada letra, o que pode indicar variações da prática de composição e expressão do gênero. Em geral, os temas versados dizem respeito à memória popular, em que se ressaltam determinados eventos ocorridos no passado ou os feitos de algum personagem. Para Kênia Rios, esse gênero poético é como “uma trama que se urde entre a oralidade e a escrita. Estas escritas se apresentam respeitando o conjunto de códigos primários no aprendizado da escritura, ou seja, as 23 ou 26 letras que formam qualquer palavra”. Considerada como uma forma de expressão da cultura oral de comunidades ou grupos sociais, especialmente na região nordeste do Brasil, os ABC’s possuem algumas exigências para sua performance, tais como a erudição para recitar os poemas, a capacidade de memorizar frases difíceis e o poder de seduzir o ouvinte, pois se “não for sedutora, a palavra falada não cumpre sua missão. Neste caso, quanto mais diferente da fala cotidiana, mais espetacular, pois gesta o que estranha e fascina”. RIOS, Kênia Sousa. A letra e a seca: os ABC’s do cordel na memória do sertão. *Trajetos Revista de História UFC*, Fortaleza, v. 5, n. 9/10, p. 67-83, 2007.

de busca por subjetividade, meio pelo qual podemos elaborar constantemente o que definimos por identidade, reconhecimento de si e dos afetos que exprimem a sensação de pertencimento. Não demoraria para querer encarnar esses fantasmas e transformar as histórias ouvidas em episódios de sua autoria, pois, naquelas noites prazerosas do Morro do Capa-Negro,

o moleque Antônio Balduíno aprendeu na sua infância muita coisa e principalmente muita história. Histórias que homens e mulheres contavam reunidos em frente à porta dos vizinhos nas longas conversas das noites de lua. Nas noites de domingo, quando não havia macumba na casa de Jubiabá, muitos se reuniam no passeio da velha Luísa, que como era dia santificado não ia vender seu mingau. Nas outras portas, outros grupos **conversavam, tocavam viola, cantavam, bebiam um gole de cachaça** que sempre havia para os vizinhos, mas nenhum era tão grande como o que se reunia na frente da porta da velha Luísa. Até Jubiabá aparecia em certos dias e também contava **velhos casos, passados há muitos anos, e misturava tudo com palavras em nagô, dava conselhos e dizia conceitos**. Ele era como que o patriarca daquele grupo de negros e mulatos que morava no Morro do Capa-Negro em casas de sopapo, cobertas com zinco [...] Nessas noites de conversas Antônio Balduíno abandonava os companheiros de corridas e de brincadeiras e se postava a **ouvir. Dava a vida por uma história**, e melhor ainda se essa história fosse em verso.<sup>77</sup>

A oralidade elaborada nas conversas de porta, nos casos narrados, nos sons de violas e nos cantares que compunham rodas de amizade e núcleos de convívio – feita, portanto, de uma certa fluidez –, de alguma maneira, modulava o interesse de Baldo por uma memória que, diferente das recordações paternas, não era apenas sua, mas de todos aqueles que o cercavam. Uma oralidade que não se fundava apenas no conteúdo dos relatos ou nas histórias recuperadas, mas na forma como se aludia “aos velhos casos, passados há muitos anos”. Umas dessas formas, possivelmente a mais misteriosa para Baldo e outros ouvintes, era a língua nagô utilizada por pai Jubiabá, considerado o “patriarca daquele grupo de negros e mulatos que morava no Morro”.

É possível perceber que, entre as primeiras décadas do século passado, na cidade da Bahia, não era somente o encanto com as remodelações urbanas o único jeito de experimentar o espaço citadino, ou o desejo de novos e civilizados costumes ou o entusiasmo diante de promessas de melhoramento da capital baiana em concorrência com outras capitais, como o Rio de Janeiro e São Paulo, que já haviam acelerado suas obras modernizadoras.<sup>78</sup> Em outros cenários da cidade da Bahia, como o morro do Capa-Negro, o deslumbramento com a vida cotidiana se ancorava em diferentes referências e projeções.

<sup>77</sup> AMADO, op. cit., p. 25-26. Grifo meu.

<sup>78</sup> LEITE, op. cit., p. 51-52.

Dessa forma, é também importante destacar que o romance *Jubiabá* representaria, considerando a trajetória de seu herói, Antônio Balduíno, e o lugar a partir do qual começa a apreender o mundo, um discurso sobre uma forma de consciência dos problemas históricos do país. O livro parece querer sinalizar para um olhar sobre como os negros e a cultura afro-brasileira criam seus modos de participação e de entendimento da estrutura social na qual atuam. Essa forma de atuar nos espaços podia significar um questionamento dos papéis sociais pré-determinados, dos empregos a que os indivíduos do morro estavam condenados e da própria ideia de trabalho, entrevisto como lugar de exploração dos corpos e contenção da liberdade.

Para Edvaldo Bergamo:

Vocacionado para a música e para o exercício da sensualidade, o herói Baldo experimenta, inicialmente, as várias formas da vida lúmpen, que vão da vagabundagem à capoeira, da malandragem ao candomblé, uma opção pela rebeldia instintiva e negação ética do trabalho. As lições de liberdade são aprendidas com o capoeirista Zé Camarão e o pai-de-santo Jubiabá. Nos tempos de criança, no morro Capa-Negro, o malandro Zé Camarão era o tipo exemplar a ser imitado, um indivíduo livre das amarras do trabalho, que ignorava a tradição do servilismo imposta à raça negra. Jubiabá é outro exemplo para o menino Baldo: um feiticeiro afamado e guardião da tradição religiosa africana, hipoteticamente um homem livre também para exercer seu culto, ilegal à época, e estar a salvo das formas de mando.<sup>79</sup>

Vários jornalistas baianos expressavam o desejo de ver os espaços públicos reformados, ampliados e embelezados segundo o exemplo de capitais europeias, esperando que essa revitalização da urbe cumprisse o papel de influenciar os costumes dos cidadãos que, por sua vez, abandonariam certos hábitos “ruins”.<sup>80</sup> Enquanto isso, os moradores do Capa-Negro elegiam seus referenciais particulares e concepções de vida com base em conselhos e conceitos transmitidos pelo macumbeiro e nas várias histórias que surgiam na dinâmica das rodas de conversa, fossem histórias de heróis populares que desafiavam os destinos que socialmente eram impostos, fossem histórias vividas pelos próprios personagens, tomando-se suas experiências passadas como saberes e idealizações.

A partir do romance de Jorge Amado, afirma-se, então, que a cidade não era apenas a que se modernizava, reelaborando códigos de conduta, tecendo novos costumes, reclamando ao

<sup>79</sup> BERGAMO, Edvaldo. **Ficção e convicção:** Jorge Amado e o neo-realismo literário português. São Paulo: Editora Unesp, 2008, p. 161.

<sup>80</sup> Ibidem, p. 14-15. Nos capítulos 3 e 4 de sua dissertação, Reinaldo Leite especifica o conjunto de hábitos considerados “ruins” por jornalistas e populares que escreviam para os periódicos, reportando diversos problemas de asseio público, precariedade dos serviços ofertados, organização e recolhimento do lixo, bem como os “vícios” da “gente inculta”, como o ato de soltar folguedos ou o ato de fumar nas salas de cinema. Esses hábitos eram considerados como cenas de anti-civilidade.

poder público a higienização dos lugares e dos comportamentos. Era igualmente uma cidade que se esforçava para preservar preceitos antigos, adivinhações e línguas ancestrais, uma cidade cuja parte periférica, formada em sua maioria por comunidades negras, estabelecia projeções e entendimentos díspares daqueles que eram gerados em círculos de intelectuais atuantes na imprensa. Se as remodelações urbanas e a importação de exemplos europeus constavam insistente em editoriais e artigos dos periódicos, no morro onde nascera e cresceu Baldo, um entre tantos morros na cidade da Bahia, a vida era tensionada por outros aspectos. Entre eles, as lições tiradas de histórias contadas e a responsabilidade das ações individuais sobre os próprios destinos.

Os núcleos de convívio descritos por Jorge Amado, em *Jubiabá*, são constituídos pelo hábito de celebrar a memória coletiva por meio do canto e das violas, mas, principalmente, pelas conversas sobre casos que se passaram há muito tempo e eram reverberados através dos dizeres do velho patriarca. Preservando palavras e maneiras fundadoras do candomblé, o pai de santo exercia uma função oracular acerca dos mistérios e infortúnios da vida.

Essas histórias contadas podiam ser recolhidas no próprio cotidiano do morro. Situações ocorridas ali dramatizavam a vivência coletiva em razão da proximidade dos personagens envolvidos nos casos. Foi o que aconteceu com um certo Balbino que, por ser informante de soldados e viver “dizendo onde tinha candomblé pra polícia fechar”,<sup>81</sup> não fora preso mesmo sendo o principal suspeito de matar Zéquiel, um velho a quem havia prometido casar com a filha. Porém, em verdade, apenas a violentara, deixando a moça “toda arrebentada mesmo cheia de sangue que nem assassinada”,<sup>82</sup> além de roubar suas economias “ao abrir a mala do velho e tirar o dinheiro que tinha lá, a miséria de cinquenta mil-réis que era para a festa de casamento”.<sup>83</sup> Essa história era contada por “um negro velho gordo, que raspava as solas do pé com um canivete” depois que alguém dissera que o desfecho do tal Balbino fora encomendado por feitiço.<sup>84</sup> Ao ouvir a história, Jubiabá, macumbeiro e patriarca do grupo, resolveu advertir:

<sup>81</sup> AMADO, op. cit., p. 33. A relação entre forças policiais e os rituais de candomblé, na Bahia, pode ser observada pelo menos desde o século XIX. Em um livro que aborda o tema, João José Reis chama a atenção para as formas específicas e diversas de como se davam as operações de repressão aos cultos de matriz africana. Essas operações poderiam gerar insatisfações não só entre os praticantes do candomblé, mas entre chefes e delegados de polícia que divergiam acerca dos métodos de contenção aos rituais, variando as ações entre a rigidez e políticas de negociação. As denúncias partiam de “gente grande e pequena, sobretudo da imprensa”, o que não significava não haver quem defendesse a regularidade dessas práticas religiosas, pois tinham os que “frequentavam, protegiam ou pelo menos toleravam, até por medo da reputação que tinham”, os adeptos do candomblé, “de possuir poderes extraordinários”. REIS, João José. **Domingos Sodré, um sacerdote africano**: escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 26.

<sup>82</sup> AMADO, op. cit., p. 33.

<sup>83</sup> Ibidem.

<sup>84</sup> Ibidem.

– Mas ele morreu de morte feia...  
 Os homens baixaram a cabeça, bem sabiam que eles não podiam com Jubiabá que era pai-de-santo.  
 – Morreu de morte feia. **Nele o olho da piedade vazou. Ficou só o da ruindade.** Quando ele morreu o olho da piedade abriu de novo.  
 Repetiu:  
 – **O olho da piedade vazou. Ficou só o olho da ruindade...**  
 Então um negro troncudo chegou para perto de Jubiabá:  
 – Como é, pai Jubiabá?  
 – **Ninguém deve fechar o olho da piedade.** É ruim fechar o olho da piedade...  
**Não traz coisa boa.**  
 Disse em nagô então e quando Jubiabá falava nagô os negros ficavam **trêmulos**:  
 – Ôjú ànun fó ti iká, li okú.  
 De súbito o negro se jogou aos pés de Jubiabá e contou:  
 – eu já fechei o olho da piedade, gente... **Um dia eu fechei o olho da piedade...**<sup>85</sup>

O macumbeiro com quem ninguém podia, e que ao falar em nagô fazia seus ouvintes tremerem e baixarem a cabeça, transformava as narrativas de acontecimentos ordinários em misteriosos e enigmáticos sentidos, preenchia-as de sabedoria e lições, um tipo de teoria explicativa acerca das condutas humanas.<sup>86</sup> Os episódios transcorridos na comunidade do morro deixavam de pertencer exclusivamente ao passado e se tornavam um exemplo de fatalidade e prenúncios. A memória sobre a vida das pessoas comuns – o peso de suas escolhas e os infortúnios que logravam – ganhava assim uma espécie de voz presente entre aqueles que formavam as rodas de conversas na vizinhança, fazendo-os reviverem suas trajetórias e confessarem, se fosse o caso, os possíveis males cometidos em épocas anteriores.

Usufruindo a prerrogativa de patriarca e oráculo daquela comunidade, pai Jubiabá lançava sobre seus admiradores a ideia do *olho da piedade* e *olho da ruindade*. Para ele, a

<sup>85</sup> Ibidem, p. 33-34. Grifo meu.

<sup>86</sup> Para uma leitura mais detalhada de como as sociedades baseadas em tradições orais organizam seu cotidiano mediante práticas ritualísticas e lições transmitidas por sacerdotes ou oráculos, há o belo trabalho de Kwame Appiah. Em um dos seus ensaios, o filósofo ganês analisa minuciosamente a relação entre racionalidade e crença no seio das culturas africanas, entre elas, a cultura Achanti. Na contramão dos que imaginam ou pressupõem um “primitivismo” e uma “irracionalidade” para as concepções de vida estruturadas em rituais de magia e adivinhações sobre o curso do destino humano, Appiah propõe, de modo contrário, uma interpretação dessas culturas centrada no caráter racional das crenças, nas possibilidades imaginativas da linguagem e na materialidade da vida daquelas pessoas, produzindo-se, desta maneira, vínculos sociais “amarrados” pela coerência e a literalidade do que é dito com o que é vivido. Ao relacionar seu argumento com as ideias desenvolvidas pelo antropólogo Robin Horton, Appiah diz: “A afirmação básica de Horton é justamente a que fiz antes: o caráter fundamental desses sistemas religiosos é que as práticas decorrem da **crença literal**, e não simbólica, nos poderes de agentes invisíveis. Horton argumenta de maneira convincente e, a meu ver, correta que os espíritos e similares funcionam, na explicação, previsão e controle, exatamente como o fazem outras entidades teóricas: eles diferem da ciência natural por serem pessoas, e não forças e poderes materiais, mas a **lógica de seu funcionamento** na explicação e na previsão é a mesma. [...] as crenças religiosas dos povos tradicionais constituem **teorias explicativas**”. APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai**: a África na filosofia da cultura. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p. 172. Grifo meu.

existência humana era determinada pelas escolhas feitas ao longo do caminho e pela forma como reagimos diante das situações impostas no dia a dia. Essa concepção do viver destacava o valor da bondade para alcançar sorte e fortuna. Por outro lado, quando se praticava ações ruins e repreensíveis, fazendo vazar o olho da ruindade, o destino poderia trazer desgraça.

Passado e futuro se ligam pela trajetória do indivíduo, acendem e apagam uma determinada biografia, portam-se como linhas divisoras na elaboração e conclusão de um destino. A ideia do porvir em uma comunidade negra, cujas influências do candomblé inundam os sentidos e significados da vida entre os membros participantes, é assimilada como resultado de escolhas pessoais, embora condicionadas ao contexto em que se dão. Para Yanusa Salami:

A predestinação, enquanto tema da metafísica, traz consigo a idéia de uma escolha anterior ao nascimento ou da atribuição de um propósito ou fim, em vista do qual qualquer pessoa ou coisa é criada. O destino, seja escolhido por uma pessoa ou a ela atribuído, representa aquilo pelo que esta pessoa tem de passar neste mundo. Na concepção iorubá de predestinação, um corpo moldado, já infundido com o espírito da vida de Olodumará, vai e toma um *ori* (o portador do destino). Algumas vezes, considera-se que este destino ou *ori* seja imposto ao indivíduo. **O destino, assim escolhido ou assim atribuído ou imposto, encerra todos os sucessos e fracassos pelos quais o ser humano deve passar durante o curso de sua existência no mundo.**<sup>87</sup>

A cidade que se fazia distante da iluminação pública e que projetava sobre seus residentes não a claridade ciosa de civilidade, mas as imagens das cenas ordinárias e dos olhares vitais, reelaborava o passado para instituir sentidos no presente. Entre o *olho da piedade* e o *da ruindade*, toda vida se agitava pelos ruídos da oralidade, pelos batuques do candomblé, pelos sons de viola e pelas lamentações que anunciam histórias melancólicas, fazendo do morro do Capa-Negro um lugar de contemplação dos caminhos traçados e das escolhas que arbitraram e continuavam a arbitrar o destino de cada um.

A memória coletiva, constituída pelos retalhos biográficos e pelo cruzamento de testemunhos acerca de um episódio que servira como referência para atestar um sentido do viver, no caso de Balbino uma desgraça que se abate sobre quem pratica o mal, produzia-se continuamente através da fala e da escuta, impregnando a dinâmica do convívio.<sup>88</sup> A memória

<sup>87</sup> SALAMI, Yunusa Kehinde. Predestinação e a metafísica da identidade: um estudo de caso iorubá. Tradução de Fábio Baqueiro Figueiredo. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 35, p. 263-279, 2007. Essa citação se encontra na primeira página do artigo. Grifo meu.

<sup>88</sup> Sobre a função da memória na organização social de grupo e na elaboração de identidades coletivas, fazendo emergir disputas internas sobre a consistência de representações e atribuições de sentidos ao que passou, é conhecido o trabalho do historiador francês Jacques Le Goff. Para ele, “a sobrevivência étnica funda-se na rotina, o diálogo que se estabelece cria o equilíbrio entre rotina e progresso, no qual a rotina é o símbolo do capital necessário à sobrevivência do grupo [...] A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar a “identidade”, individual ou colectiva, cuja busca é uma das actividades fundamentais dos indivíduos e das

se traduzia como voz do presente, ecoando em forma de lições e aprendizagens práticas do passado. Talvez, relatassem uns aos outros os dilemas e as dores que carregavam, entrecruzando experiências vividas em busca de evitar o apagamento das linhas que costuravam a trajetória de suas andanças. Quem sabe, ao repetirem as rodas de conversas, os núcleos de convívio, lutassem contra aquilo que Kindzu temia:

Quero pôr os tempos, em sua mansa ordem, conforme esperas e sofrências. **Mas lembranças desobedecem**, entre a vontade de serem nada e o gosto de me roubarem do presente. **Acendo a estória, me apago a mim.** No fim destes escritos, serei de novo **uma sombra sem voz.**<sup>89</sup>

Testemunho de um tempo de guerra civil marcado por um sonambulismo do real, o romance de Mia Couto, escritor moçambicano, demonstra os limites e fragilidades do viver quando a memória, individual ou coletiva, está ameaçada pelos distúrbios sociais e pela escalada do ódio. Não somente a memória, mas mesmo a atividade de narrar e ouvir histórias se encontra em risco sob épocas de terror e hegemonia da violência. Todavia, são os cadernos de Kindzu, encontrados por uma criança e por um velho que fogem da guerra, um dos últimos registros históricos capazes de informar sobre modos de vida e concepções de mundo em vias de aniquilação e esquecimento. O risco contínuo de se tornar “uma sombra sem voz” os fazia mergulharem em outras lembranças, outras “esperas e sofrências”, intuindo que nesse mergulho as recordações alheias se tornassem suas também.

As histórias narradas nos cadernos ganham a função ambígua de evasão e inserção na realidade. Leem-nas, a criança e o velho, para encontrar encanto em meio ao horror, para sossegar seus corações em constante alarme. Entretanto, ao lerem, encontram a si próprios em dilemas e sentimentos dos outros. Apagam-se, momentaneamente, e acendem as estórias distantes para alimentarem o íntimo anseio de existir. Para descobrirem em outras rotas os caminhos que os levaram até ali.<sup>90</sup>

As memórias relatadas, quer pelos cadernos de Kindzu, quer através dos conceitos de Jubiabá, supõem, ao mesmo tempo, uma distância e uma proximidade dos que ouvem com o

---

**sociedades de hoje, na febre e na angústia**”. In: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Lisboa: Edições 70, 2000, p. 57. 2 v. Grifo meu.

<sup>89</sup> COUTO, Mia. **Terra sonâmbula**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 15. Grifo meu.

<sup>90</sup> Importante destacar que, no romance de Mia Couto, os cadernos de Kindzu são encontrados dentro de um ônibus incinerado, numa estrada morta pela guerra. Na medida em que faz a leitura dos cadernos, Muindinga encontra paisagens estranhas e familiares. Aos poucos, tanto o miúdo Muindinga como seu tio Tuahir usam lições dos acontecimentos narrados pelo caderno para darem vazão a seus desejos e dilemas, tornando a aventura pela sobrevivência um espaço de coexistência entre a pessoalidade dos sentimentos manifestados e a materialização dos dramas ficcionais nos cadernos.

conteúdo do relato que não é de sua autoria, pois mesmo que a trama narrada não seja sobre si, assimila-a com semelhança e afinidades. Apesar da desobediência das lembranças, do ziguezague das recordações, a memória se estabelece na rotina de uma comunidade pela correspondência possível entre os casos passados e atuações no tempo presente. Ao ouvir Jubiabá dramatizar acerca do *olho da piedade* e admitindo tê-lo fechado uma certa vez, o negro troncudo que acompanhava as advertências do pai-de-santo passou a narrar, aflito, como sucedera o episódio que desejava confessar aos amigos da roda:

Foi um dia lá no sertão alto. Estava tudo seco... **Boi morria, homem morria, tudo morria.** A gente fugiu, a gente era um bocado, mas foi tudo ficando pelo caminho. Depois só era eu e João Janjão. Um dia ele me carregou nas costas que eu já não podia mais com as pernas... **Ele tinha o olho da piedade bem aberto e a gente tinha a garganta seca.** O sol era ruim, gente... Cadê água naquele mundão sem fim? Ninguém sabia, não... Um dia a gente arranjou numa fazenda uma cabaça d'água para continuar a viagem [...] Foi quando a gente encontrou outro homem, um branco que já estava quase morrendo de sede. João Janjão quis dar água, eu não deixei. Mas eu juro que só tinha um restinho, nem dava pra eu e ele [...] **Ele tinha o olho da piedade bem aberto... Mas o meu a sede tinha secado. Tinha ficado somente o da ruidande...** Ele quis dar água e eu briguei com ele... E na raiva eu matei ele. Ele tinha me levado um dia todo nas costas...<sup>91</sup>

O negro troncudo matara seu companheiro retirante em razão do medo da morte. Era como se uma morte justificasse evitar outra. Temendo desfalecer de sede nas condições impostas por uma das tantas secas que aterrorizaram o sertão nordestino entre os finais do século dezenove e as primeiras décadas do século vinte, o testemunho do negro troncudo confessava ter vazado *o olho da ruindade*. Diante de um dilema representado pelo desejo de João Janjão prestar socorro a outro retirante encontrado no tortuoso caminho da penúria, o homem que ajoelhara aos pés de Jubiabá partilhava uma memória pessoal a fim de aliviar o peso que aquele segredo lhe impunha. Ao ouvir o relato do desfecho de Balbino pela voz oracular do macumbeiro, teria recordado que as ações praticadas pelo informante da polícia não eram tão diferentes da sua. Todavia, explicava-se, em busca de perdão, ao justificar seu gesto, fatal para Janjão, em virtude das condições que a vida lhe impusera naquele período, em que: “Boi morria, homem morria, tudo morria”. Numa situação de escassez, a própria garganta seca e, contando a pouca água que dispunham, dizia que a sede seca também seu *olho da piedade*. Restou-lhe somente *o olho da ruindade*, com o qual matou seu amigo. A dor do testemunho e o abatimento com que narrava o episódio para a roda de vizinhos revelam o peso

---

<sup>91</sup> AMADO, op. cit., p. 34. Grifo meu.

suportado pelo narrador, o fardo<sup>92</sup> carregado em seu íntimo ao lembrar de que o amigo o salvara, “ao ser levado um dia todo nas costas”, sem saber que morreria pelas mãos de quem socorria.

As sensações que cerzem o tecido da memória são essenciais para compreender que toda narrativa está permeada de sentimentos e subjetividade. O caráter confessional das recordações e as dores que fazem nascer silêncios são a matéria fundamental para discernir aquilo que compõe o ato memorativo. Em um núcleo de convívio, como as conversações que existiam no morro do Capa-Negro, a memória coletiva se organiza mediante a interseção de fragmentos individuais, que se ajustam na dinâmica singular de sua constituição e desdobramentos.

A oralidade, subentendida como os diversos modos culturais que fabricam a realidade através da fala e da escuta, modula o universo das recordações e dos anseios, garantindo um tipo de aprendizagem do cotidiano sustentada pela crença na memória, pela capacidade e escolha de racionalizar a noção de tempo – presente, passado e futuro – e a noção de vida, baseadas na percepção e imaginação potencializadas no mundo observado.<sup>93</sup>

O material e o imaginário se unem para compor a lógica de pensamento e os princípios organizadores das ações humanas. Dessa forma, o destino de cada um é concebido por uma mística da convivência em que, além das decisões pessoais, fatores naturais, sociais e especulativos – a seca, a penúria e o *olho da piedade*, respectivamente – agem em conjunto para determinar os “sucessos e os fracassos pelos quais o ser humano deve passar durante o curso de sua existência no mundo”<sup>94</sup>.

No caso do romance *Jubiabá*, como é possível encontrar na crítica literária a seu respeito, a oralidade e a memória se unem à experiência ideológica do autor, como já mencionado, pela qual a trama e os personagens construídos se movimentam entre lições apreendidas com episódios ocorridos – produzindo-se a ideia de que o passado é lugar de aprendizagens – e a crescente consciência de que a experiência afro-brasileira na Bahia estava marcada pelos efeitos de um país desigual e recém-saído de um longo período de escravidão dos corpos negros. Para Ricardo Câmara, que analisa o papel da oralidade e da cultura popular na estrutura dos livros de Jorge Amado:

---

<sup>92</sup> KUNDERA, op. cit.

<sup>93</sup> O tema da oralidade e sua relação com a obra de Jorge Amado é analisado por Ricardo Câmara. Para ele, o escritor baiano “utiliza a linguagem da tradição oral para tingir sua obra de ‘literatura popular’. Entretanto, essa comparação não se limita apenas à literatura popular brasileira, mas também aos textos genuinamente orais das antigas narrativas, elementos comuns às histórias narradas pelo escritor”. D’ANGELO, Biagio; SILVA, Márcia Rios da (orgs.). **Cacau, vozes e orixás na escrita de Jorge Amado**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 96. Ainda segundo Câmara, “Jorge Amado se serviu continuamente da tradição oral para contar suas histórias. Os elementos para captar a atenção do leitor são semelhantes aos utilizados pelos antigos ‘contadores de histórias’ [...] Amado se serve do gênero oral como modo de preservação da memória”. Ibidem, p. 104.

<sup>94</sup> SALAMI, op. cit., p. 263.

Amado, sempre com uma clara visão ideológica de seu trabalho literário, não pretende sua promoção, senão a presença e a pertinência do discurso popular na literatura. E para isso abre o seu discurso para os personagens do povo, mas – sobretudo – com a linguagem do povo. E aí reside sua originalidade. A voz se manifesta tanto nos temas tratados como na criação/imitação dos personagens e na reprodução de sua própria linguagem. Com isso, consegue uma velada polifonia, no que reside a secreta chave de seu sucesso.<sup>95</sup>

A demarcação de uma cultura popular brasileira, através de sua linguagem e temas, o mergulho no cotidiano de uma periferia baiana, integrada à religiosidade de matriz africana, e o delineamento dos efeitos de injustiças sociais conferem ao romance de Jorge Amado um valor histórico enquanto testemunho de uma época. Um testemunho através do qual é possível compreender as redes de significados que se formam e reproduzem, reinventando-se, entre as classes populares da Bahia acerca do mundo onde sobrevivem, os efeitos das desigualdades e da transição de um universo escravista para um processo de modernização das capitais, entre elas Salvador, criando-se vozes distintas acerca dos acontecimentos em curso.

E se houvesse a necessidade de elencar quais leituras se tornaram preponderantes sobre o romance publicado em 1935, o tema da formação e reconhecimento das identidades negras no Brasil, bem como a crescente tomada de consciência social de Antônio Balduíno, acentuando seu traço de romance proletário, estariam nas primeiras posições da crítica literária, sendo incontornável registrar tais aspectos em qualquer outra interpretação que se faça do texto.

Ainda segundo Edvaldo Bergamo:

O romance *Jubiabá* sinaliza e endossa, conforme a trajetória do seu protagonista, a possibilidade de rompimento do espoliado com a conjuntura histórico-social vigente. A releitura do passado escravista brasileiro e do problema do cangaço é sintomática desse movimento de ascensão da voz oprimida rumo à consciência de classe. Com ênfase na oralidade, a história recontada da escravidão e a elevação positiva de heróis de raça negra (Zumbi dos Palmares) e de cangaceiros ilustres (Lucas da Feira) possuem claramente um objetivo ideológico: são mecanismos de mediação para compreender o passado de opressão e investir na construção de um futuro em outros termos, com base num saber estruturado em pressupostos políticos inovadores, o qual aproveita os impulsos de rebeldia revisitados nas figuras tutelares do passado, já que a tradição reavaliada alimenta o imaginário da revolução.<sup>96</sup>

<sup>95</sup> D'ANGELO, Biagio; SILVA, Márcia Rios da (orgs.), op. cit., p. 111-112.

<sup>96</sup> BERGAMO, op. cit., p. 161-162.

Porém, o caráter polifônico aludido por Ricardo Câmara e, sobretudo, a maneira como este conceito é apresentado por Mikhail Bakhtin,<sup>97</sup> permite-nos sondar outras esferas do romance, outros ângulos de sua forma. Ao relacionar história e literatura, meu interesse consiste em sugerir quais outros temas e vozes estão contidas na obra, articulando-as com informações e registros existentes do lado de fora do romance, nos outros modos narrativos, como é o caso da imprensa.

A ideia de memória e esquecimento foi, também, tema de reflexões em periódicos soteropolitanos nas primeiras décadas do século vinte. Em edição de dezembro de 1926, o jornal *A Capital* trazia em sua coluna “Canhenho Social” uma crônica intitulada “DOUTRINA”, assinada por um articulista chamado Creto, tratando-se, provavelmente, de um pseudônimo. O texto analisava o peso da memória e a virtude do esquecimento. Alguns trechos da crônica podem elucidar a maneira com que se conceituava, no espaço intelectual do jornalismo, a noção de memória, tão valiosa aos vizinhos de Antônio Balduíno.

“Tudo é provavel na pratica dos acontecimentos, e o homem que se apavora com os obstaculos é exactamente porque não chegou ainda a se libertar das impressoes transitorias”. Nessas primeiras linhas da crônica, o autor advoga em favor de uma postura que, ante o cotidiano marcado de imprevistos e probabilidades, deveria se pautar através do comportamento sereno, adequado para lidar com a diversidade inerente à realização dos acontecimentos. O vivido, nessa compreensão, imporia ao homem o desafio de superar obstáculos e se livrar das impressões causadas pela dificuldade das situações. É possível perceber que, nessa primeira passagem, já existe uma concepção da existência humana caracterizada pela escolha em se deixar domar por impressões transitórias ou não. A evolução humana estaria associada ao poder de não incorporar as dificuldades resultantes dos acontecimentos vistos como incontroláveis e ocasionais.

O acaso é, portanto, parte indissociável do viver. Caberia a cada um saber decifrá-lo com desprendimento e sem pavores. Na sequência da crônica, aparecem as noções de memória, lembrança e esquecimento relacionadas à sensação do sofrimento. “Tudo quanto soffremos no intimo moral possue um segredo que só os pensamentos profundos podem penetrar”. Essa percepção da desgraça íntima e secreta é bastante semelhante àquela experimentada pelo “negro troncudo”, personagem de *Jubiabá*, se recordarmos da aflição com que partilhava, entre

---

<sup>97</sup> Para Mikhail Bakhtin, o “romance como um todo verbalizado é um fenômeno pluriestilístico, heterodiscursivo, heterovocal. Nele, o pesquisador esbarra em várias unidades estilísticas heterogêneas, às vezes jacentes em diferentes planos de linguagem e subordinadas às leis da estilística”. BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I: A estilística**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015, p. 27.

vizinhos, o assassinato cometido contra seu amigo. Seu *olho da piedade* havia cegado por causa da seca do sertão, chegando a ponto de matar quem o salvava. O segredo do morticínio o esmagava por dentro até que o pensamento profundo do pai-de-santo fora capaz de penetrar em seu íntimo, fazendo-o confessar o ocorrido, receoso de que teria, tal qual Balbino, uma morte feia. Para o cronista, esse tipo de sofrimento acontece porque: “A lembrança do que é máo, ruim, daquillo que não nos satisfaz a vontade ou o amor próprio, géra uma agonia lenta, aniquiladora. sem o despertar desse sentido lembrador nao ha eolução de tristezas e amarguras”.<sup>98</sup>

A angústia causada pela lembrança do que é mal ou do que se torna dor secreta, nas palavras de Creto, provoca um sentimento aniquilador do ser, impossibilitando sua evolução e seu despertar para o estado de satisfação. A lembrança, essa disposição do humano para preservar o ocorrido, quando associada a um acontecimento ruim, é vista como entrave para a realização dos desejos e do “amor próprio”. O passado é, então, experimentado como um fardo, uma “agonia lenta”, uma impressão transitória que se torna permanente. O que fica no “sentido lembrador” são “tristezas e amarguras”.

Ao contrário da lembrança que “é a mais fácil das conjecturas humanas” pois “nasce espontanea”, o “esquecimento é uma virtude singular, adquerida com esforço para conseguir um fim”. Em tom poético, o cronista afirmava que “a desgraça ou a dor só demoram tempo que a memoria as alimenta”. Nessa forma de associar lembrança, esquecimento e memória, o gesto de dispersar determinadas recordações já é concebido como intencional e desejável quando são as dores e agonias o que resulta do ato memorativo. A memória, então, deve propiciar a diluição do que não agrada e do que compromete a felicidade do ser. Pois é esse articulado esquecimento “a prova de um espírito superior”.

O enlevo espiritual se posiciona na crônica como uma finalidade da vida. A finitude marcada por acontecimentos improváveis e impressões passageiras deveria ser experimentada por um comportamento sereno e cioso por felicidade e amor-próprio. As recordações ruins tinham que ficar no passado e, para se livrar do fardo das dores secretas, caberia ao homem cultivar a virtude do esquecimento. Na cidade da Bahia, naquele período, encontramos usos diferentes sobre a noção de memória. De um lado, vê-se sua matéria compositora nas conversações e conceitos nagôs adivinhados por pai Jubiabá. De outro, a memória assume uma função civilizatória ao propor a evolução do homem por meio da superação das lembranças

---

<sup>98</sup>A Capital, 29/12/1926, p. 7.

ruins. Talvez essas ideias não fossem tão incompatíveis – embora não fossem iguais –, mas se concretizavam em maneiras e espaços de convívio diferentes.

O moleque Baldo não refletia sobre a memória por meio da leitura de jornais como *A Capital*. O que assimilava sobre os casos que ouvia advinha das rodas de conversas que se repetiam no interior de sua comunidade. Era no morro do Capa-Negro, na periferia baiana, que “ouvia e aprendia. Aquela era a sua aula proveitosa. Única escola que ele e as outras crianças do morro possuíam. Assim se educavam e escolhiam suas carreiras”.<sup>99</sup> Ao escutar atentamente as histórias de jagunços e justiceiros, como Lampião e Lucas da Feira, ao ouvir os casos em que o *olho da piedade* havia secado e o *da ruindade* vazado, absorvia lições e impressões, fazia da memória coletiva constituída no dia a dia do morro um lugar de aprendizado e sabedoria.<sup>100</sup>

Sonhava que em algum momento de sua vida iria colocar em prática todos aqueles ensinamentos. Jurava “a si mesmo que um dia havia de ser cantado num ABC, e as suas aventuras seriam relatadas e ouvidas com admiração por outros homens em outros morros”.<sup>101</sup>

Quais aventuras Baldo haveria de viver? Aquele desejo ardente pela cidade, lá embaixo, só fizera crescer ao longo dos anos. Os cordéis recitados nas conversações, ou cantados por Zé Camarão, maravilhavam-no e faziam com que a vontade de ser grande e andar pelo mundo o inquietasse ardorosamente. Quando ouvia versos do tipo “Homem pobre nunca roubei/ pois não tinha o que roubar/ mas os ricos de carteira/ a nenhum deixei escapar”, Antônio Balduíno ficava sabendo de histórias que admirava. Essas narrativas literárias populares o guiavam para o sentimento da coragem e a vontade da luta. Desde cedo, aprendera que o mundo não era justo com sua gente. Porém, ao compreender que figuras como Lucas da Feira cultivaram a valentia e bem podiam carregar “pompa e muita grandeza”, o moleque Baldo amadurecia os sentidos possíveis da vida. Permitia que os casos narrados ingressassem em seu corpo. Ele seria o próprio Lucas da Feira, haveria de viver aquela vida de lutas e combates, de paixões e saudade das mulatas, e quando chegasse o momento certo lembraria das palavras vivas do cordel: “Zombei de moços e velhos/ zombei também de meninos/ hoje chegou o meu dia/ vou cumprir meu destino”.<sup>102</sup>

O destino de Baldo não seria dos mais fáceis. Os obstáculos e dificuldades começaram desde muito cedo ao não conhecer os pais e ser criado pela tia. Esforçava-se para reparar a ausência paterna juntando retalhos de memória contados por Luísa com as histórias de heróis

<sup>99</sup> AMADO, op. cit., p. 35.

<sup>100</sup> Sobre a relação entre memória e aprendizagem, ressaltando-se o comportamento perceptivo-cognitivo das crianças na aquisição de memória, ver LE GOFF, op. cit., p. 10.

<sup>101</sup> AMADO, op. cit., p. 38-39.

<sup>102</sup> Ibidem, p. 30-31.

populares que gostava de ouvir. Certo dia, sua tia enlouquecera. Ela vivia de reclamar as dores de cabeça cada vez mais fortes e algumas amigas advertiam que era de tanto carregar as latas de mungunzá quente para o terreiro de pai Jubiabá. Outras discordavam se referindo a algum espírito que entrara no corpo de Luísa. As rezas do pai-de-santo não aliviaram as dores e a tia de Baldo foi levada no dia seguinte por “um carro de hospício”.<sup>103</sup> Abandonado mais uma vez, perdendo o último laço parental, o destino parecia fazer joça da vida de Baldo. Augusta, amiga próxima de Luísa, encarregara-se de levar o menino para uma casa de família rica no centro da cidade, onde costumava vender algumas de suas rendas. Lá o entregaria para que ajudasse nos serviços domésticos como retribuição aos cuidados que receberia dali para frente. A casa ficava na Travessa Zumbi dos Palmares.

No novo endereço, “espantado com o tamanho da casa”, Baldo se dava conta das diferenças sociais e econômicas existentes na cidade. Enquanto no morro “as casas eram pequenas, de barro batido, cobertas de zinco” e divididas apenas entre sala de jantar e o único quarto de dormir, a casa do comendador, comerciante português com alguma posição social, guardava muitos quartos, “salas enormes, cozinha bonita, a latrina melhor que qualquer casa do morro”.<sup>104</sup> Apesar do fascínio com a casa na Travessa Zumbi dos Palmares, Baldo sentia-se deslocado, pois “o haviam arrancado do lugar onde nascera e se criara, onde aprendera tanta coisa, e que o haviam jogado, ele, o mais livre dos moleques do morro, na casa de um senhor”. Não choraria de saudade, mas ficaria “espiando a casa, pensando na fuga”.<sup>105</sup>

As diferenças sociais preservavam-se no regime republicano, fosse na capital baiana ou nos municípios interioranos. Em Salvador, de acordo com Luís Tavares, “havia trabalho semi-escravo. Em contraste, surgia o operário industrial, todavia mal pago e com a obrigação de trabalhar dez, doze e dezesseis horas por dia, exploração denunciada pelas greves de 1919”. O regime semi-escravista era mais acentuado nas áreas rurais, “uma forma usual na região cacauiera era a empreitada de roça, resultado de acordo entre o fazendeiro e o trabalhador para desmatamento de uma área em terras conquistadas no avanço das fazendas de cacau sobre a Mata Atlântica.”<sup>106</sup> Nesse tipo de situação, o fazendeiro costumava fornecer os mantimentos a preços abusivos, impedindo os trabalhadores da roça de saldarem suas dívidas. Construía-se, dessa maneira, uma relação de dependência por parte dos empregados às estratégias de exploração de fazendeiros.

<sup>103</sup> Ibidem, p. 51.

<sup>104</sup> Ibidem, p. 55.

<sup>105</sup> Ibidem, p. 57.

<sup>106</sup> TAVARES, Luís Henrique Dias. **História da Bahia**. 11. ed. rev. e ampl. São Paulo: Ed. da UNESP; Salvador: EDUFBA, 2008, p. 364.

As consequências advindas da disparidade social e econômica eram assunto constante em editoriais e matérias dos jornais baianos, embora as argumentações acerca da pobreza e desigualdade obedecessem a critérios diferentes. Em agosto de 1920, o periódico *A Manhã* publicou um editorial cujo título não deixava dúvidas quanto ao tema: “Casas pelo amor de Deus: castigo para os proprietários exploradores: a classe pobre já não tem onde morar”. O longo título é didático quanto às pretensões do texto. E seu início encorajava o seguinte convite:

Quem se der ao trabalho de percorrer um dia os bairros mais esconsos da cidade, onde mora a pobreza, ha de ficar horrorizado deante de tanta miseria.

O facto que ora mais nos tem chamado a attenção é a falta de habitação juntamente com as explorações sem nome dos proprietários.

Em as nossas ultimas edições nos temos referido a este caso que ora constitue um verdadeiro vexame, um pesadelo horrivel para aquelles que tudo quanto podem adquirir no trabalho, mal lhes dá para o ssustento da familia e da prole.<sup>107</sup>

São dois os problemas apresentados pelo editorial: a falta de habitação e as explorações dos proprietários. A situação vexatória, causadora mesmo de horror, já fora denunciada em edições anteriores sem que o problema tivesse sido corrigido. A incapacidade salarial é colocada no centro do problema, uma vez que os trabalhadores pobres, com o salário que recebiam, mal podiam sustentar suas famílias, rebaixando-se à condição de miséria.

Encontrada nos bairros mais esconsos, provavelmente se referindo aos morros como aquele em que Baldo morava, a pobreza possuía seu lugar na cidade. A descrição das casas visitadas pelos jornalistas se assemelha à que Baldo fizera ao notar a discrepância entre as habitações do morro e a mansão do comendador, pois as “casinholas porta e janella, telhado quasi a enconstar na cabeça, uma sala de 4 metros quadrados, um quarto do mesmo tamanho e feitio, um corredor servindo de ‘cozinha’”. Duvidando se aquilo era mesmo uma casa, os editorialistas não deixaram de ler a expressão nos rostos daqueles que ali residiam, constatando “a resignação dos que soffrem sem remedio dos que já se acostumaram com a dor”. A permanência daquelas pessoas em casebres que mal as acolhiam se dava pela impossibilidade de “alugar casa maior” cuja “exorbitancia nos alugueis” não correspondia às suas posses.

O editorial também dava conta de outros arranjos habitacionais distribuídos em lugares diferentes da cidade. Tomando um dos bondes da Circular, os repórteres encontraram na “Ladeira da Preguiça e imediações [...] velhos casarões, habitados por dezenas de pessoas de

---

<sup>107</sup> *A Manhã*, 10/08/1920, p. 1.

todas as qualidades". Até os socavões das escadas nesses casarões eram alugados, custando, segundo a apuração do editorial, quinze mil-réis. Consternados ao verem como uma mulher que habitava um desses socavões se contorcia para entrar e sair de sua "residência", os editorialistas cobravam ação da "Hygiene Municipal", no sentido de intervir junto aos proprietários que "não têm consciência".

Clamavam ao "Director da Saude Publica" para observar os regulamentos que regem as habitações e não deixavam de denunciar a existência de grande número de mendigos, "hospedes nocturnos, esses individuos tangidos da sorte e impossibilitados de trabalhar, quer enfraquecidos pelo vicio da embriaguez, quer por outras molestias que lhes impossibilitam de lutar pela vida". Enfim, terminam o artigo acusando a naturalidade com que essa situação se repetia na dinâmica da cidade em razão da falta de consciência dos proprietários ao não construírem "casas para a pobreza", além da negligência do governo estadual e do município que não cuidavam do assunto.

Cinco dias depois, o mesmo periódico trazia em sua edição de número 106 um breve panorama dos subempregos que se repetiam no cotidiano da cidade e que podem bem representar o regime de semi-escravidão a que se refere Luís Tavares. Entre eles: "Os infelizes garimpeiros",

coitados, para burro, só faltam trazer um bocado à bocca. Ganham desgraçadamente 1.800 diários e aos domingos não trabalham. Quando um francez quer viajar e não tem trem coloca-se um troly na linha e os garimpeiros são transformados em burro, para arrastar o carro sobre a linha.<sup>108</sup>

Semelhante denúncia se dava em favor dos trabalhadores das "Officinas da Bahiana", empresa de navegação, pois ali "continúa a dominar o celebre alemão traidor Emilio Staecke, que entende que o operario é um seu escravo". Para o jornal, o chefe alemão estava "provocando indebitamente os distintos operarios das offiinas da <Navegação Bahiana>, querendo talvez forçal-os a um justo movimento de repulsa".<sup>109</sup>

Essas matérias demonstram a preocupação dos jornalistas com as condições em que se realizavam o trabalho operário e o lugar de suas habitações. Notando a convivência com a precariedade dentro e fora de casa, lidando com chefes traidores e fazendo as vezes de animais de carga, clamava o jornal para que os trabalhadores fossem conduzidos à instrução e

<sup>108</sup> *A Manhã*, 15/08/1920, p. 2.

<sup>109</sup> Ibidem. A implicância do periódico com a figura de Emilio Staecke, o alemão, pode ser notada nas páginas do jornal em outras edições. Dias antes e dias após à edição do dia 15 de agosto, o jornal demonstrava sua irritação com a postura do sr. Emilio. Em 18 de agosto, na sua edição 107, *A Manhã* estampava a seguinte pergunta "O dr. Barbosa de Souza demitte ou não o tall alemão das oficinas da <Bahiana>?".

organização de seus reclamos. Em função da gravidade em que se achava o trabalho operário, o jornal defendia a necessidade de mobilização dos trabalhadores através das sociedades que então se fundavam, como a Associação dos Empregados dos Bondes.<sup>110</sup> Em artigo intitulado “Os nossos operários: A necessidade de se instruirem e de se associarem”, assinado por Eduardo Antonio Vianna, o operário era convocado a “procurar instruir-se. A instrução é uma de suas armas mais poderosas, e que lhe ha de servir para defendel-o das seduções e das labias usadas pela argucia dos burguezes”.<sup>111</sup>

Os escritos da imprensa abordavam distintamente a precariedade da vida dos trabalhadores e do povo baiano. Os artigos variavam entre o detalhamento das habitações e dos ofícios e a situação de mendicância nas ruas da capital. Todavia, alguns anos depois às edições d’*A Manhã*, era possível ver esse tema abordado por ouro viés.

Em um número d’*A Capital*, o já nosso conhecido cronista Creto, que teorizara sobre a virtude do esquecimento, assinava um novo artigo na coluna “Coisas”. Reivindicando contra “a miseria dos dominios que procuram sempre se perpetuarem”, ironizava ao afirmar que “[a] Bahia ha de ser sempre terra das mixordias e cascalhices politiqueiras”. Entretanto, cobrava do povo baiano uma postura mais enérgica na defesa de seus interesses e condicionava o sucesso civilizatório do estado ao despertar da consciência popular, tendo em vista que “[a] Bahia não se erguerá jamais enquanto perdure essa apathia irritavel do nosso povo, alheio aos seus direitos de civismo e liberdade”. Defendendo a democracia como princípio das leis republicanas, Creto advogava em favor do socialismo democrático irrompido “dos recessos da alma da população” para combater “o vicio dos regimes politicos ante-democráticos”.<sup>112</sup>

A precariedade da vida da população urbana mais pobre, na Bahia, indicava os contrastes latentes na organização social da cidade e reverberava nos escritos de imprensa, ganhando formas diferentes de expressão. Antônio Balduíno experimentaria todas as dificuldades que sublinhavam o cotidiano das camadas subalternas. Depois de ser entregue à família de um comendador, na Travessa Zumbi dos Palmares, passaria ali alguns anos tentando

<sup>110</sup> A história da organização dos trabalhadores na Bahia, e no Brasil, é longa e diversa. Entretanto, cabe destacar o formato que essas organizações adquirem no final do século XIX e início do século XX: “Novas formas associativas passaram, com a implementação da República, a direcionar a organização dos trabalhadores. Foram criados os sindicatos profissionais e as sociedades cooperativas (Decreto 1637 de 5/jan./1907), com o objetivo de defenderem ‘o desenvolvimento dos interesses gerais da profissão e dos interesses profissionais de seus membros’. A Sociedade União dos Metalúrgicos da Bahia, por exemplo, fundada em 30 de abril de 1919, além de possuir características benficiares, promovia a criação de fundos de auxílio, biblioteca, aulas noturnas, um jornal de classe, e outras realizações que ampliassem o conhecimento dos associados”. LEAL, Maria das Graças de Andrade. **A arte de ter um ofício:** Liceu de Artes e Ofício da Bahia (1872-1972). Dissertação de mestrado em História. FFCH/ UFBA, 1996, p. 98.

<sup>111</sup> *A Manhã*, 15/08/1920.

<sup>112</sup> *A Capital*, 20/01/1927, p. 6.

viver num mundo no qual não se acostumava e em que era visto com desconfiança. Bastaria uma pequena fissura nas relações fragilmente construídas na nova residência para que fosse expulso daquele universo ou mesmo sentisse a urgência de fugir, ditando seu próprio destino. As imagens heroicas preservadas na memória e os relatos de aventura que gostava de ouvir no morro do Capa-Negro não haviam desaparecido de seus pensamentos. E, quando a situação demandasse, estaria pronto para encarnar aquelas histórias de coragem e luta.

O comendador que se responsabilizara pela vida de Baldo possuía esposa e filha, além de uma empregada que há muito residia com a família. Desde os primeiros contatos, Antônio Balduíno se afeiçoara à filha do comendador, Lindinalva, e, com o tempo, nutrira por ela uma paixão irrequieta. Admirava na menina seus cachos loiros, a pele branca e “o rosto de santa”.<sup>113</sup> Entretanto, Amélia, a empregada da casa, nunca aceitara a presença do moleque, tratando-o com desdém, ciúmes e “surras ferozes”.<sup>114</sup> Costumava dizer que “Negro é raça ruim [...] Negro não é gente”.<sup>115</sup> Ao saber que o comendador daria um empego para o menino no seu armazém, Amélia tratou de inventar a história de que Baldo havia olhado as coxas de Lindinalva enquanto a moça tomava banho, espiando “pelo buraco da fechadura”.<sup>116</sup> O comendador, num acesso de raiva e sem ouvir o moleque, pôs a surrar Balduíno. Deu-lhe uma

surrá medonha, que o deixou estendido, o corpo todo doendo. Mas não era só o corpo que doía. Doía-lhe o coração porque não tinham acreditado nele. E como aqueles eram os únicos brancos que ele estimava, passou a odiá-los e com eles a todos os outros.<sup>117</sup>

Baldo havia aprendido com pai Jubiabá que os brancos não tinham mais o *olho da piedade*. Soube disso quando o macumbeiro, ao levá-lo para se despedir da tia que morrera no hospício, contou a história de Zumbi dos Palmares, “um negro escravo”. O pai-de-santo resumia a biografia de Zumbi nesses termos:

– Isso foi há um mundão de tempo... No tempo da escravidão do negro [...] Negro escravo apanhava muito... Zumbi também apanhava. Mas lá na terra que ele tinha nascido ele não apanhava. Porque lá negro não era escravo, negro era livre, negro vivia no mato trabalhando e dançando.  
 – E por que vinha pra cá? – Balduíno já estava interessado...  
 – Os brancos iam lá buscar negro. Enganavam negro que era tolo, que nunca tinha visto branco e não sabia da maldade dele. **Branco não tinha mais olho da piedade.** Branco só queria dinheiro e pegava negro pra ser escravo. Trazia

<sup>113</sup> AMADO, op. cit., p. 61.

<sup>114</sup> Ibidem, p. 58.

<sup>115</sup> Ibidem, p. 62.

<sup>116</sup> Ibidem.

<sup>117</sup> Ibidem.

negro e dava em negro com chicote. Foi assim com Zumbi dos Palmares. Mas ele era um negro valente e sabia mais que os outros. **Um dia fugiu, juntou um bando de negro e ficou livre que nem na terra dele.** Aí foi fugindo mais negro e indo pra junto de Zumbi. Foi ficando **uma cidade grande de negros.** E os negros começavam a se vingar dos brancos [...] Zumbi dos Palmares era um negro valente e bom. **Se naquele tempo tivesse vinte igual a ele, negro não seria escravo.**<sup>118</sup>

O relato histórico de Jubiabá, constituído, provavelmente, pela memória coletiva dos que sobreviveram à escravidão no Brasil, indica uma historicidade nas relações entre negros e brancos calcada na violência e na resistência. O velho patriarca do morro, ele mesmo escravo liberto, apresenta para Balduíno um passado composto de épocas de felicidade e alegria, bem como de sofrimento e fugas. Ao não possuírem mais *o olho da piedade*, motivados pelo desejo de dinheiro e por artimanhas, os brancos “enganavam negro que era tolo”, que “não sabia da maldade” e os escravizavam.<sup>119</sup> Para o pai-de-santo, a escravidão fora possível, primeiramente, pela distinção subjetiva formadora das concepções de vida entre negros e brancos. Enquanto seus antepassados concebiam a vida pela alegria e pela dança, através da liberdade e do trabalho, reproduzindo uma existência baseada na generosidade e no interesse coletivo, os brancos, por sua vez, guardavam já uma maldade e o desejo por dinheiro, capazes de seduzir e ludibriar os que não percebiam, de antemão, suas intenções disfarçadas e usando do castigo físico como recurso disciplinador dos corpos negros.

<sup>118</sup> Ibidem, p. 60-61. Grifo meu.

<sup>119</sup> A relação entre escravidão e economia já é bastante difundida na ampla historiografia brasileira acerca do tema. Ou seja, os procedimentos em torno da captura e da venda de escravos africanos, bem como a utilização dessa mão de obra, constituíram um mercado econômico dos mais rentáveis e ativos durante o processo de formação do Brasil. Embora não haja espaço para apresentar todas as especificidades que organizam e caracterizam os estudos desse campo, gostaria de ressaltar o caráter monetário sublinhado por pai Jubiabá, subentendido como uma das razões que atuam no grande processo de deslocamento de negros escravizados para o Brasil e outras praças comerciais: “Explorando o caráter cosmopolita, aterritorial, do capital comercial acumulado nas praças europeias, Portugal lança precocemente as bases de uma **área imperial de mercado**. Mas a Coroa não dispõe de meios nem da necessária força para conservar esse espaço transcontinental. Vencidas pelas potências melhor instrumentadas para o comércio ultramarino, Lisboa perde mercados e territórios, sobretudo no Oriente. Porém [...] a Coroa portuguesa implanta no Atlântico uma **economia de produção** mais eficazmente explorada do que a economia de circulação de seu império asiático. Na ausência de um excedente regular incorporável às trocas marítimas, a **Coroa – secundada pelo capital nacional e estrangeiro – estimula a produção de mercadorias para a economia-mundo**, dando origem a uma forma mais avançada de exploração colonial. Logo, se patenteia a superioridade do sistema atlântico, baseado na **pilhagem de povos africanos** e na **agricultura escravista americana** [...] Em primeiro lugar, o tráfico de africanos constitui **um segmento de rede** que liga Portugal ao Médio e Extremo Oriente [...] Em segundo lugar, o comércio de escravos se apresenta como **fonte de receitas para o Tesouro Régio**. Dessa forma, os ganhos fiscais do trato sobrepõem-se aos ganhos econômicos da escravidão [...] No grande negócio negreiro, a demanda portuguesa de escravos – fosse ela metropolitana ou colonial – estava longe de reter a exclusividade. **Escravos das conquistas africanas continuam a ser exportados para o estrangeiro com a finalidade de avolumar as receitas do Tesouro**”. ALENCASTRO, Luís Felipe de. **O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 30-31. Grifo meu.

*O olho da piedade*, nesse sentido, é definidor de como as pessoas se posicionam no mundo. Tê-lo aberto significaria viver sob os préstimos da bondade e generosidade, praticando coisas boas para si e para os outros. Tê-lo fechado representaria, de forma diferente, conduzir uma existência marcada por ruindades e desgraças, para si e para os outros. Jubiabá compreendia o mundo como lugar de atenção aos sentidos do olhar. Examinava o passado que lhe contaram ou que presenciara e daí transmitia lições e conceitos para os que o ouviam e respeitavam. Nessa relação fundada na oralidade, no valor dos testemunhos para a organização das convivências e da interpretação do mundo, a ideia de passado poderia oscilar entre uma experiência dolorosa e pedagógica. Se havia o lamento de como os negros foram castigados e tiveram suas vidas destruídas, havia igualmente o exemplo daqueles que resistiram e ensinaram como resistir. Zumbi era um desses exemplos. Ao “formar uma cidade grande de negros”, buscando vingança contra as injustiças que ele e seu bando suportaram e exprimindo a valentia que lhe era particular, a biografia de Zumbi era compreendida como legado, pois “se naquele tempo tivesse vinte igual a ele, negro não seria escravo”.

A cena da surra de Antônio Balduíno por aquele que assumira o papel de pai temporário, cuidador, responsável por seu crescimento, inclusive estimulando o caminho da escola e do trabalho para o moleque Baldo, pode sintetizar a relação da obra com o seu propósito de elucidar a condição dos negros no Brasil à época. O pai temporário, apesar do gesto de benevolência ante a trajetória difícil do protagonista do romance, agora o surrava por uma denúncia infundada, sem ouvi-lo, sem acreditar em seu relato.

A cena não apenas revela práticas e discursos discriminatórios em torno da negritude, através das falas da personagem Amélia, empregada do comendador, como propõe, considerando o papel ativo da literatura entre os leitores e as formas como internalizamos a leitura, o sentimento de revolta ao reivindicarmos, momentaneamente, o lugar do protagonista.

Ao descrever uma cena em que o sentimento de injustiça ocupa o espaço dramático da narrativa, Jorge Amado não só elabora uma representação das relações sociais entre negros e brancos, marcadas pelo passado escravista, como sugere entre os leitores que se identificam com o personagem principal a sensação de que a benevolência assumida por um homem branco em posição de poder poderia, repentinamente, transfigurar-se em violência incontida, sustentada por uma ideologia de superioridade étnica, endossada na fala da empregada Amélia: “Negro é raça ruim [...] Negro não é gente”.<sup>120</sup>

---

<sup>120</sup> AMADO, op. cit., p. 62.

Além do mais, o romance faz questão de indicar, essas relações entre brancos e negros se davam dentro de um processo duradouro que remontava às capturas e à comercialização de escravos, resultando na chegada forçada de africanos ao Brasil e sua posterior resistência ao sistema escravista. Mesmo que um texto ficcional nos permita múltiplas interpretações, olhares divergentes, parece consoante na leitura de *Jubiabá* o apelo a figuras populares, tratados como heróis, como forma de moldar o sentimento de revolta dos personagens marginalizados, submetidos à autoridade dos patrões ou à precariedade imposta pelas condições sociais, impelindo-os a se rebelarem e a desconfiarem das figuras que representavam alguma superioridade.

Essa situação social abarcada pelo romance é apresentada por cenas como a surra que Baldo recebe do comendador, mas também por meio de pessoas e lugares que inferem algum tipo de trauma histórico. É o caso de Zumbi dos Palmares e do morro do Capa-Negro. Jorge Amado utiliza a figura histórica de Zumbi como fator de consciência étnica e social, unindo num tópico as diferentes experiências de ser negro, ser escravizado e ser pobre, quase não diferindo entre tais experiências – mesmo considerando suas inserções em épocas e lugares distintos. Tenta, ainda, estabelecer no leitor as várias camadas de opressão que constituíam parte da condição social e da identidade negra no Brasil, transitando, historicamente, do modelo escravocrata para o trabalho livre.

Por outro lado, criava também uma habitação coletiva, o morro do Capa-Negro, localizado na periferia da capital baiana cujo nome indicava a gravidade da violência que era perpetrada nos anos de escravidão, aludindo para o domínio que os brancos podiam exercer sobre os corpos negros quando estes lhe pertenciam na forma de propriedade. O passado escravista era testemunhado por negros de cabelos brancos e rostos enrugados, em idade bastante avançada. Alguns deles visitavam o terreiro de pai Jubiabá, mostrando, às vezes, as marcas de chicotes que permaneciam como tatuagens em seus corpos.

Esses elementos eram apreendidos por Antônio Balduíno, fazendo-o ter sonhos e pesadelos no areal do cais. Eram sonhos reveladores, vívidos, capazes de gerar os sentimentos de indignação e injustiça, para logo em seguida se transformarem em desejos de reparação e mudança:

Antônio Balduíno se rojava na areia desesperado. Nunca tivera uma angústia tamanha. Ódio que se revolvia dentro dele. Via filas de negros, via aquele marcado nas costas que ele conhecera na casa de Jubiabá. Via mãos calosas, batendo no chão, via negras terem filhos mulatos de senhores brancos. Via Zumbi dos Palmares transformar o batuque de escravos em batuque de

guerreiros. Jubiabá, nobre e sereno, dizendo conceitos ao povo escravo. Via a si próprio se levantando contra o homem branco.<sup>121</sup>

O que Baldo via, portanto, era o passado de seu país e a atrocidade da escravidão. Mas via também a possibilidade de um futuro em que negros como ele levariam adiante um fragmento daquele passado, um pedaço do que acontecera, isto é, o núcleo da resistência contra a dominação dos brancos; levariam adiante o exemplo dado por Zumbi e seus companheiros, desenhando no horizonte o levante contra os brancos e as formas de exploração do trabalho que reencenavam, à sua maneira, imagens da escravidão.

Pois não era ainda os negros que se afundavam sob o peso dos fardos carregados no cais? Não eram os negros que ainda continuavam a servir como empregados em casas de brancos advogados e engenheiros? Não era a maioria negra que habitava o morro do Capa-Negro, vivendo em casas de zinco e sem iluminação? Eram os negros que ainda ocupavam os piores empregos disponíveis, que enchiam as ruas como pedintes. Baldo entendia agora que a transformação desse cenário e a ruptura com um passado e um presente de sofrimento deveria acontecer, primeiro, ouvindo as sábias lições de seu pai-de-santo.

Além de elaborar concepções de vida, Jubiabá dava sinais de como entendia o passado. Para ele, ao narrar a história da escravidão para Baldo, o ocorrido é feito de determinadas escolhas e capacidades que alguém desempenha no curso da vida. Especulando sobre os destinos dos acontecimentos, o pai-de-santo refletia que se certas práticas ou posturas fossem assumidas, ao invés de outras, o desfecho dos eventos poderia ser diferente. Tal especulação diante do passado, intrínseca à narrativa histórica de Jubiabá, talvez induzisse os que o ouviam a reencenar a história no tempo presente, fazendo aquilo que, supostamente, não fora feito antes, alterando a sensação de continuidade que muitas vezes compunha a relação das pessoas com o tempo histórico.

Os moradores do morro do Capa-Negro sentiam que desempenhavam papéis aos quais estavam destinados, que haviam nascido para servir aos brancos. Essa lição fora ensinada pela correspondência que encontravam entre como viviam e como viveram seus antepassados. A história era experimentada como fardo, peso difícil de suportar. A ruptura dessa continuidade, a reinvenção da história e a transfiguração do passado que insistia em se *presentificar* só poderiam ser realizadas se outros negros encarnassem a valentia de Zumbi.

Quando surrado pelo comendador, o que mais doía em Baldo não eram as dores físicas, mas as dores que sentia no coração, porque seu testemunho, entre os brancos, não valia nada.

---

<sup>121</sup> AMADO, op. cit., p. 134.

Porque, ao pensar que construiria um laço com o mundo no qual passara a viver, de alguns privilégios e benefícios impossíveis aos que permaneceram no morro, dava-se conta, agora, de que sua vida recordava a dos escravos enganados pelos brancos, castigados injustamente. Após as pancadas sofridas, restava-lhe fugir. Tentaria reencarnar Zumbi e, quem sabe, construiria sua própria cidade. Nem que tivesse de aprender a viver como mendigo, esmolando moedas, elaborando planos para sobreviver dia após dia. Ao menos seria dono de seu destino e ninguém mais ousaria lhe castigar.

### 3.2 Cidade de contrastes

O desejo de liberdade fizera Antônio Balduíno fugir da casa do comendador. Havia parado ali através de Augusta das Rendas, amiga de Luísa, depois que sua tia foi encaminhada para o hospício tomada por dores de cabeça e devaneios. Despedira-se do morro ao receber de Jubiabá uma figa que deveria levar ao peito como sinal de sorte. Permanecera alguns anos na casa do comendador, acostumando-se a novos modos e comportamentos, criando laços com pessoas desconhecidas e possuidoras de privilégios inimagináveis para seus amigos do morro. O banheiro da mansão, por exemplo, dava o tamanho certo da casa onde morou com a tia.

Sofria nas mãos da empregada que enciumava com sua presença e com os cortejos que o comendador destinava ao novo agregado. Apesar das surras que levava de Amélia, sentia-se bem quando estava com Lindinalva, a filha do comendador. Desenvolvera por ela uma paixão difícil de esquecer. Pele clara e cabelos loiros, para Baldo mais parecia uma boneca. A estranheza do novo endereço cedia aos desejos românticos nutridos pela moça. O amor, o carinho e a vontade de um dia se juntar à Lindinalva – será que ela sentiria o mesmo? – eram uma maneira de consolar as confusões maquinadas pela empregada. O amor platônico por Lindinalva não passou despercebido por Amélia que, cada vez mais enciumada com a presença do moleque, inventou a mentira de que Baldo havia bisbilhotado a filha do patrão enquanto tomava banho.

O episódio foi determinante para o destino de Balduíno. Surrado fortemente, sofrendo as dores do corpo e as do coração, decidiu a fuga para a madrugada seguinte, levando da casa apenas o amor que ainda guardaria por Lindinalva. Sabia que dali “por diante, dormisse com quem dormisse, era com Lindinalva que o negro Antônio Balduíno estava dormindo”.<sup>122</sup>

---

<sup>122</sup> AMADO, op. cit., p. 63.

Não havia quem o recebesse no morro do Capa-Negro e para a mansão nunca mais voltaria. As ruas da cidade passaram a ser sua morada ao se juntar com outros moleques abandonados. Aprenderia a viver de esmolas, estudando os transeuntes, percebendo quem poderia dar mais moedas. Criaria o próprio bando composto por aqueles que, por motivos pessoais, fugiam de alguma coisa ou, simplesmente, encontravam-se desamparados. Apesar das adversidades, Baldo se sentia livre “na cidade religiosa da Bahia de Todos os Santos e do padroeiro Jubiabá. Vivia a grande aventura da liberdade. Sua casa era a cidade toda, seu emprego era corrê-la. O filho do morro pobre é dono da cidade”.<sup>123</sup> Sentia-se senhor daquela geografia e haveria de ali impor suas regras e vontades. Com certeza, ninguém mais o surraria. As recordações do morro e as histórias que modulavam a oralidade daquele lugar, bem como os desencantos e frustrações vividos na casa do comendador, tornaram-no dono de sua própria vida e destino. Essa sensação se firmava ao tatear a geografia cada vez mais íntima das ruas:

Só ele é o dono da cidade porque ele a conhece toda, sabe de todos os seus segredos, vagabundeou em todas as suas ruas, se meteu em quanto barulho, em quanto desastre aconteceu na sua cidade. Ele fiscaliza a vida da cidade que lhe pertence. Esse é o seu emprego. Olha todos os seus movimentos, conhece todos os valentes da cidade, vai às festas líricas, recebe e embarca os viajantes de todos os navios. Sabe o nome de todos os saveiros e é amigo dos canoeiros que pousam no Porto da Lenha.<sup>124</sup>

Ao estudar a modernização de algumas capitais europeias, como Paris e Londres, a partir de obras literárias de escritores importantes, como Charles Baudelaire, Charles Dickens e Edgar Allan Poe, o filósofo e historiador Walter Benjamin percebeu como se iniciava a construção de uma figura recorrente nas tramas literárias da segunda metade do século dezenove. Uma figura ciosa por observar as mudanças em curso nos processos de modernização, ciosa por compreender os novos ritmos que conferiam um andamento diferente às metrópoles, formada agora por multidões de trabalhadores, elaboração de códigos de condutas, circulação cada vez mais intensa de mercadorias acompanhada pelo fetiche da compra. Essa figura era o *flanêur*, aquele que passeia pela cidade observando as figuras humanas e as remodelações geográficas, tentando determinar uma fisiologia dos novos costumes ofertados na medida em que reformas de engenharia e arquitetura se faziam e refaziam.

Portando o desejo de ver, o *flanêur*, assim como parece proceder Antônio Balduíno na condição de morador das ruas da Bahia, se concentra na contemplação dos movimentos da

---

<sup>123</sup> Ibidem. p. 64.

<sup>124</sup> Idem.

cidade tal qual um detetive, perambulando, tomando notas, investigando a fundo o que primeiro ocupa a superfície e as aparências:

No *flanêur*, o desejo de ver festeja o seu triunfo. Ele pode concentrar-se na observação – disso resulta o detetive amador; pode se estagnar na estupefação – nesse caso o *flanêur* se torna um basbaque. As descrições reveladoras da cidade grande não se originam nem de um nem de outro; procedem daqueles que, por assim dizer, atravessaram a cidade distraídos, perdidos em pensamentos ou preocupações [...] Em seu livro sobre Dickens, Chesterton fixa magistralmente o homem que percorre a cidade perdido em pensamentos. As constantes andanças labirínticas de Charles Dickens haviam começado em seus anos de infância.<sup>125</sup>

Não apenas um personagem das tramas literárias do século dezenove, como afirmado acima, mas, tudo indica, os próprios escritores que presenciam as alterações em curso no corpo da cidade se parecerão cada vez mais com o detetive que investiga figuras humanas, com o observador ora atento aos malabarismos da rua, ora perdido em seus pensamentos, sonhador. Dickens começara desde a infância a treinar seus olhos para a contemplação, atribuir profundidade a um ângulo da rua ou a um movimento desempenhado por algum transeunte. O mesmo parece ter ocorrido com Jorge Amado, que desde adolescente percorria os recantos de uma Salvador contrastante, uma cidade de pobrezas e riquezas, dividida geograficamente em uma parte alta e outra baixa, onde se engendravam casarões como o do comendador ou casebres de zinco como os que enchiam o morro do Capa-Negro.

Jorge Amado conferia à experiência de sua adolescência na capital baiana como uma das mais importantes para sua formação de escritor. Por essa época, em meados da década de 1920, o romancista já vivia a adrenalina das movimentações humanas, sentia os cheiros e sabores da cidade, ouvia seus sons, verificava a vivacidade que compunha o itinerário das ruas e espaços de aglomeração:

Literariamente, esta época foi muito importante para mim, mas ainda mais do ponto de vista humano, pelo conhecimento do povo baiano que adquiri. Conheci sua vida, sua cultura. Para o meu trabalho de escritor, estes anos foram fundamentais. Minha intimidade com a vida do povo tomou forma nestes anos que vivi muito livremente. Eu era estudante, mas não frequentava as aulas, trabalhava num jornal, e vivia. Eu vivia! Estava em toda parte. Ia à feira de Água dos Meninos, ao mercado das Sete Portas, à meia-noite, à uma da madrugada; lá comíamos sarapatel, tripas, maniçoba, qualquer coisa, sem horário nenhum. Percorriamos todos os bordéis, tudo quanto era festa popular, festa de rua (festa das gaitas), íamos até os saveiros comer peixada; tornei-me amigo de vários capoeiristas da época, gente como Querido de Deus, conheci

<sup>125</sup> BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo.** Tradução de José Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 69. (Obras escolhidas, v.3).

de perto os “capitães de areia” quando comecei a ter uma atividade política de esquerda, por volta de 1930. Foram os anos fundamentais para tudo o que escrevi depois. Ainda hoje as linhas mestras do meu trabalho literário repousam sobre estes anos da minha adolescência nas ruas da cidade da Bahia.<sup>126</sup>

Essa experiência relatada por Jorge Amado no depoimento para Alice Raillard foi definitiva para a criação de personagens como Antônio Balduíno, entregue às ruas da Bahia em consequência da ausência de laços parentais. Expulso da casa do comendador, moraria nas ruas correndo o risco de perigos inerentes aos que não tinham residência, sem qualquer mínima proteção contra aqueles crimes que sabia existir desde quando morava com sua tia. Porém, faria da situação na qual se encontrava um episódio para tomar consciência de sua liberdade ao não mais se submeter a uma figura de autoridade.

A percepção dos segredos, ruídos, desastres e personagens que habitam as ruas da Bahia se tornou a ocupação diária de Baldo. Dessa forma, a contemplação ganha o valor fundamental de distinguir os ritmos e as cenas repetidas no cotidiano da cidade. Ao compreender que observa cada detalhe do que compõe a arquitetura simbólica e material do vivido, os gestos e movimentos encenados entre espaços, Antônio Balduíno sente a geografia urbana como algo familiar ou como a extensão de seus desejos, pois o faz pelo sabor de se reconhecer dono das ruas. Compreende a fugacidade por meio de cada nova embarcação que zarpa ou aporta, levando e trazendo passageiros.

A cidade se apresenta como lugar de encontros e desencontros, de passagens efêmeras, mas também como lugar de repetição de ritmos. Ao visitar as festas recorrentes e fazer amizades com canoeiros e pescadores, Baldo experimenta o sentimento de reger os fluxos dos lugares por onde passa e aprecia. E, então, entende que a cidade é feita dessas permanências e rupturas. Rupturas porque os personagens se modificam ao seguirem seus caminhos, levando-os para outros territórios. Mas a cidade é composta também pela permanência de certos comportamentos, atitudes, arquiteturas e movimentos que, reunidos, constroem uma fisionomia minimamente temporária do espaço e organiza o encadeamento da rotina. Em seu livro sobre os projetos modernizadores na cidade de Recife, Antonio Paulo Rezende afirma que o “cotidiano revela como as pessoas na cidade veem o mundo e se organizam para viver”.

E, assim, o dia a dia vai sofrendo **alterações significativas** com a expansão trazida pelas reformas modernizadoras. A imprensa é um dos vastos territórios onde essas revelações são conhecidas, onde preconceitos se mostram ou se

---

<sup>126</sup> RAILLARD, op. cit., p. 39.

disfarçam, onde a **permanência** das tradições ou **alvoroço das novidades** ganham seus adeptos.<sup>127</sup>

De fato, a imprensa é um espaço em que se projetam muitos dos ritmos que regem o cotidiano das pessoas. Os dois periódicos que citei até aqui, *A Manhã* e *A Capital*, ambos com funcionamento na década de 1920, dão conta de muitas novidades que chegavam em Salvador naquele período, com grande divulgação publicitária sobre mercadorias e equipamentos, bem como os artigos que difundiam novas ideias nas mais variadas áreas sociais.

Uma dessas novidades era a “bomba destinada à vendagem de gazollina aos litros”, um “moderno aparelho” anunciado em várias edições d’*A Capital* por um empresário de nome Américo Monteiro e Moyses.<sup>128</sup> A novidade do equipamento consistia na possibilidade de o cliente conferir através do globo da máquina a exatidão da quantidade de litros solicitada, e também poderia comprar o combustível a qualquer hora desejada.

Pertencente ao universo da moda e da beleza, um anúncio no mesmo jornal, em sua terceira edição, anunciava a inauguração de um salão de beleza com o seguinte convite:

#### **Brevemente**

Salão para corte de cabelo somente para Modas e Crianças, com serviço de massagem, em uma sala especial, no predio da “Photo-Internacional”, Rua Dr. Seabra n.217, ordem e muito respeito: Direcção de uma moça.<sup>129</sup>

Tratando o ambiente como “especial”, a novidade era ressaltada pela primeira palavra do texto, preparando os leitores para a concretização das benesses que se destacavam no restante do anúncio, estimulando o desejo de conhecer algo que ainda não existia. Ao mesmo tempo, o empreendimento ressaltava valores tradicionais, pois seria um lugar de “ordem e muito respeito”, permitindo-nos inferir que se havia uma modernidade em curso, nesse caso apreendida a partir de um negócio que congregava corte de cabelo e serviço de massagem, ela não podia ser dissociada de preceitos que simbolizavam ideais de civilidade e disciplina.

A relação entre modernidade e tradição não é a única questão a ser problematizada no anúncio. A publicidade em torno do salão de beleza contrasta com a situação geral da cidade, que sofria uma crise econômica e estava em posição de atraso quando comparada com outras metrópoles brasileiras, como informa, mais à frente, a historiografia consultada acerca do período. Esse contraste, ao invés de sugerir que não havia qualquer problema na produção

<sup>127</sup> REZENDE, op. cit., p. 86. Grifo meu.

<sup>128</sup> *A Capital*, 23/09/1926.

<sup>129</sup> *A Capital*, 22/09/1926.

econômica da cidade, demonstra que havia setores dinamizando, ainda que não de forma majoritária, os rendimentos locais, realçando os diferentes ritmos da urbe.

Na edição seguinte, apenas um dia depois, a mesma na qual se anunciava para os proprietários de automóveis a bomba de gasolina do sr. Américo Monteiro, outro empreendimento aproveitava as páginas do periódico para propagandear seus serviços utilizando o apelo ao sentido do moderno. Dessa vez, um cirurgião dentista chamado Clarindo Sampaio Neves descrevia assim seu consultório “Electro-Dentário”:

Clinica e prothese dentaria pelos mais **modernos e aperfeiçoados** processos.  
Extrações sem Dôr.<sup>130</sup>

Embora o anúncio não apresentasse tantas informações sobre o consultório de Clarindo Neves, a peça de publicidade se esforçava para ressaltar o que lhe parecia mais importante para fisgar o leitor do periódico. Situado na rua das Princezas, n. 3, em Itapagipe, os serviços do dentista primavam pelo uso de métodos “modernos e aperfeiçoados”, quem sabe algum anestésico que possibilitasse a extração de dentes sem a dor causada pelo procedimento.

Os anúncios de jornais expressavam apenas uma das formas de apontar as novidades e os ritmos da cidade. O dinamismo econômico de alguns setores de serviços, como um salão de beleza, ou o aperfeiçoamento técnico do consultório de um cirurgião dentista, bem como a bomba de gasolina pela qual se podia acompanhar com exatidão a quantidade de litros de combustível solicitada, podiam ser observados nos espaços do jornal reservados para a publicidade de profissionais liberais e empresas que tentavam, através de palavras e descrições sedutoras, conquistar futuros clientes. É também Antonio Paulo Rezende, ao estudar anúncios de jornais e revistas em Recife, quem adverte para a importância dessa estratégia entre um público consumidor cada vez maior na década de 1920:

Nada como os anúncios de propaganda para revelar o poder do consumo. Havia um cuidado especial em produzi-los, em envolver os leitores com as vantagens das novas invenções ou mesmo a tradição garantida de tantas outras. Nas revistas e jornais, foi bastante expressiva a quantidade de anúncios. Eles apareciam e tentavam seduzir com os possíveis encantos de seus produtos, usando não só palavras, mas também ilustrações interessantes. A imprensa reservou parte significativa de suas páginas para destaca-los, mostrando como eram importantes para o financiamento de suas atividades. Os jornais e as revistas buscavam exibir-se, também, como mercadorias, e não só como espaço de defesa de ideias ou de devaneios artísticos.<sup>131</sup>

<sup>130</sup> *A Capital*, 23/09/1926. Grifo meu.

<sup>131</sup> REZENDE, op. cit., p. 84.

Mas há nesses mesmos periódicos outras maneiras de compreender o processo de modernização pelo qual passava a cidade da Bahia. Por exemplo, as notícias de acidentes de trânsito, oriundos do contraste entre o uso cada vez maior de automóveis ou bondes e os pedestres. Ainda na edição d'*A capital* de 23 de setembro de 1926, um repórter narrava o que acontecera com Simplício Sant'Anna no dia anterior, por volta das 13 horas e 55 minutos. Empregado da “Navegação Bahiana”, Simplício, de 42 anos e cor parda, fora “victima da sanha automobilistica”. Atropelado por um automóvel, sofrera contusão na região geniana direita, sendo medicado no “Posto Central de Socorros e Urgencia”.

Automóveis e bondes aceleravam a cidade, impulsionavam os ritmos de um mundo onde a técnica se aperfeiçoava em proveito tanto da modernização de aparelhos e hábitos como do aquecimento do mercado econômico, fomentando criações e melhoramentos capazes de acirrar a concorrência ou garantir o domínio sobre determinados setores da indústria e do comércio. A corrida para a aceleração da economia, para a racionalidade do trabalho e do tempo ou para a modulação de novos costumes gerava defesas em torno de um projeto civilizador, responsável por guiar os indivíduos na entrada do século vinte. Contudo, as mudanças em decorrência da velocidade que se buscava implementar também produziam denúncias e ataques daqueles que percebiam o perigo da nova atmosfera, exigindo-se que os responsáveis pelos novos fluxos tomassem providências:

**Com os motoreiros da “Circular”**

Moradores da lapinha pedem nos que chamemos a atenção da “Circular”, para que cohiba o abuso dos motoreiros de seus bondes, que quando passam pelo Corredor do mencionado local o fazem em disparada, impossibilitando muitas vezes, que se tome os respectivos veículos.<sup>132</sup>

O mundo se acelerava através de transportes públicos mais rápidos, podendo gerar uma sensação de perigo iminente ou descompasso com os ritmos tradicionais, mais lentos. A disparada dos bondes não só estimulava o medo de atropelamentos e acidentes como pegava de surpresa quem ainda não acompanhava a velocidade iminente e, mesmo assim, necessitava dos novos serviços. As notícias de acidentes reúnem informações interessantes sobre a diversidade de maneiras aplicadas no uso das novas tecnologias. Os bondes, por exemplo, assumiam um papel de transportar com mais eficiência e velocidade seus passageiros, cortando as vias

---

<sup>132</sup> A Capital, 24/09/1926.

principais da cidade. Porém, a nova forma de transportar passageiros podia ser, igualmente, um lugar de aventuras e estripulias, como é possível perceber na seguinte notícia:

**Foi pongar e caiu do bonde**

Hontem, às 14 horas, o meno Amancio de Souza Oliveira, se divertia “pongando” nos bondes d “Circular”, nas proximidades d Largo do Barbalho e um dad momento o fez com tamanha imperícia, que caiu no solo, recebendo um ferimento na cabeça.

Avisada, compareceu a ambulância de socorros urgentes d Assitencia Publica, que transportou para o posto central o ferido onde foi o mesmo medicado.<sup>133</sup>

São cenas como essa que nos permitem contingenciar a pluralidade de formas que assume o cotidiano. Pensado como repetição de gestos e comportamentos, lugar da reprodução de sentidos, o cotidiano também pertence ao imponderável e ao acaso, às traquinagens e diversões, às estripulias que fazem ver como sujeitos usam à sua maneira os espaços e equipamentos disponíveis ao alcance das mãos. A velocidade do bonde causava sensações diferentes daquelas produzidas por carroças ou cadeiras de arruar; apresentava aos seus passageiros, às vezes clandestinos, como no caso de Amancio, a possibilidade de descobrirem a excitação do risco, mesmo que isso significasse ferimentos e posterior atendimento médico.

Equilibrando-se no corpo do bonde, Amancio, de catorze anos, talvez não soubesse que alguns anos antes, em uma metrópole bem distante do largo do Barbalho, ainda maior que a sua cidade da Bahia, o pintor Paul Klee entregaria ao mundo uma obra que simbolizava o limiar entre dois séculos, “entre o passado e o futuro, entre a realidade e as projeções”. Em seu quadro *O cometa de Paris*, sob o refugo da Primeira Guerra Mundial, um equilibrista se coloca entre a Torre Eiffel e dois cometas:

Esse é um dos muitos trabalhos de Klee dessa época nos quais se veem estrelas sobre cidades e, como o faz tão frequentemente, o artista aqui toma para si o papel de “ilustrador de ideias”. Nessa aquarela a distante Paris [...] aparece como uma Belém moderna. Ao mesmo tempo, o cometa funciona – desde sempre, e também na atmosfera frágil e carregada do século XX – como um sinal do imprevisível, como arauto de grandes acontecimentos, de transformações profundas, até mesmo de catástrofes. Ele representa o alvorecer de novas impensáveis possibilidades no horizonte, e futuros desconhecidos. A irmã menor do cometa, a estrela cadente, convida a formular desejos”.<sup>134</sup>

<sup>133</sup> Ibidem.

<sup>134</sup> SCHÖNPFLUG, Daniel. **A era do cometa**: O fim da Primeira Guerra e o limiar de um novo mundo. Tradução de Luis S. Krausz. São Paulo: Todavia, 2018, p. 13.

Amancio, um equilibrista de catorze anos na cidade da Bahia, pongando em um bonde da empresa Circular, fazia da vida uma aventura, excitação pelo inesperado. O início do século vinte possibilitava a seus contemporâneos manejar novos desejos e refazer as regras de uso. O imponderável, “as impensáveis possibilidades no horizonte”, agitavam o dia a dia da urbe, cabendo aos jornais e à literatura documentarem cenas de prazer e de dor.

As cenas da cidade se distinguiam pela pluralidade de eventos, pelas inovações e peripécias, pelas repetições e sensação de abandono. Por isso, é importante destacar o caráter de permanência de certas atitudes, comportamentos e práticas comuns no cotidiano das pessoas e que os jornais não se eximiam de elogiar ou criticar, dependendo do jornalista ou da gravidade do assunto. A precariedade dos serviços públicos, a qualidade da moradia e do trabalho entre a classe pobre, por exemplo, ganhavam ar de imutabilidade, tamanha a negligência com que políticos lidavam com o tema.

Os ritmos da cidade, dessa forma, podem ser compreendidos como contrastantes: se havia mudanças em curso, havia ao mesmo tempo a reiterada desigualdade herdada desde os tempos coloniais. Entender alguns desses aspectos que agitavam o cotidiano da cidade da Bahia pressupõe um olhar sobre diferentes ângulos da urbe, tentando identificar como se davam tais contrastes, observando os espaços sociais distintos, bem como seus usos diários.

Esses elementos contrastantes podem ser interpretados como fatores positivos e negativos. Para Edilece Souza Couto, apesar da “completa fusão de elementos diferentes”, o que produzia uma benéfica diversidade cultural, exaltando-se o deslumbramento pelo encontro de culturas históricas diferentes,

nem tudo é encanto para quem atravessa a larga barra da Bahia. Ao lado das expressões de deslumbramento, também encontramos relatos de desencantos. No início do período republicano, os registros são repletos de olhares perplexos diante de suas desigualdades. Desigual na geografia, praticamente duas cidades: alta e baixa. Possuía freguesias e arrabaldes quase rurais. A diversidade estava presente no próprio nome da cidade. Foram seis, todos provenientes da combinação da primeira denominação, São Salvador da Bahia de Todos os Santos, dada por Américo Vespúcio à baía encontrada em 1503. A capitania, a província e o estado sempre foram denominados Bahia, mas a capital foi chamada de São Salvador, São Salvador da Bahia de Todos os Santos, Bahia, Bahia de Todos os Santos e, finalmente, Salvador. Havia desigualdade ainda na distribuição de renda e na vivência religiosa.<sup>135</sup>

---

<sup>135</sup> MOURA, Milton (org.). **A larga barra da baía**: essa província no contexto do mundo. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 56.

Conforme nos afirma Rinaldo Leite, dissertando sobre as queixas e ideais de modernização nas décadas de 1910 e 1920, a capital baiana conheteria o frisson em torno dos desejos de civilidade e reformas transformadoras. Contudo, segundo Edilece Couto, desde o século dezenove esse anseio fazia parte do cenário político na província da Bahia:

Vale lembrar que, nos oitocentos, os políticos baianos também estavam atentos às transformações na Europa, na corte imperial brasileira e em São Paulo. Podia-se observar um esforço para que a província da Bahia, especialmente Salvador, acompanhasse o desenvolvimento de outras capitais. Aparentemente, Salvador era uma cidade dinâmica e rica, mas escondia uma grande fraqueza: continuava sendo uma metrópole colonial, depósito de produtos manufaturados vindos do exterior ou do sudeste do país, pois, no final do século XIX, Rio de Janeiro e São Paulo passavam pelo processo de desenvolvimento industrial. A economia alternava períodos de repressão e recuperação, sendo que as fases de desenvolvimento foram acompanhadas de tentativas de modernização urbana.<sup>136</sup>

Embora se possa notar algum dinamismo econômico e social, além de toda a diversidade cultural que já existia na Bahia nos oitocentos, a entrada da capital baiana na Primeira República, e posterior virada de século, não levou adiante, ao menos não como fizeram as outras metrópoles brasileiras, a força transformadora baseada nos ideais de uma modernidade cada vez mais urgente e esperada. É certo que várias mudanças aconteciam, às vezes de forma intermitente, como as inovações no setor de transporte, datando de 1870, por exemplo, “os primeiros bondes puxados por cavalos. No mesmo ano, a Cidade Baixa teve a primeira linha de bonde, fazendo a ligação entre as freguesias da Penha, Conceição da Praia e Pilar”.<sup>137</sup> Se os preços para a utilização do bonde eram altos para a maioria da população, o avanço técnico foi responsável “por diminuir o trânsito a pé ou em cadeirinhas de arruar”.<sup>138</sup>

Ao analisar a modernização do transporte público em Salvador, Alexandre Saes destaca o caráter contrastante a que nos referimos para caracterizar a entrada da cidade na Primeira República. Segundo o autor:

Salvador, por sua vez, na transição do século XIX para o XX **era uma cidade de contrastes**. Como terceira maior capital brasileira, com 232.396 habitantes em 1899, e antiga capital da colônia portuguesa, Salvador ainda concentrava uma elite enriquecida pelo comércio de importação e exportação, pelo extinto tráfico negreiro e pelas emergentes empresas urbanas e indústrias. É natural que tenha circulado em Salvador a segunda linha de bondes elétricos do Brasil, no ano de 1897, ficando atrás somente da capital da República. E ainda, foi em Salvador que se instalou o primeiro e revolucionário elevador público do

---

<sup>136</sup> Ibidem, p. 64.

<sup>137</sup> Ibidem, p. 67.

<sup>138</sup> Ibidem.

mundo, em 1873: o Elevado Hidráulico da Conceição, hoje conhecido como Elevador Lacerda. Entretanto, tais aspectos modernos não condiziam com a outra Salvador, que sofria com a decadência e estagnação econômica regional, com o empobrecimento de grande parte da população local, e com o fato de ser capital do estado e ter de lutar diariamente contra surtos epidêmicos.<sup>139</sup>

Ainda sobre as dificuldades encontradas na Bahia para um amplo processo de modernização, Isaias Neto, estudando a memória de sua família, assentada em Salvador nas primeiras décadas do século passado, destaca a disparidade entre a capital baiana e outras cidades de porte no país:

A questão é que o estado da Bahia tinha uma economia em crise e quiçá certa resistência em abandonar o seu ar provincial. Do final do século 19 até o início do século 20, a economia de exportação ganhou alento com o cacau chegando a representar 20% da receita do estado da Bahia, mas novas dificuldades surgiram ao longo da Primeira Guerra Mundial, agravadas com a crise financeira internacional de 1929. Enquanto Salvador enfrentava essas dificuldades, outras cidades se desenvolveram graças à formação de capitais que permitiram a renovação urbana e a expansão industrial.<sup>140</sup>

Para Isaias Neto, essas dificuldades não apenas impediam o crescimento e a revitalização constantes de Salvador como poderia propiciar o sentimento de fuga entre seus moradores, uma vez que a crise econômica diminuía também a disponibilidade de empregos, inclusive entre as classes mais abastadas. Era o caso de seu tio Fernando, médico recém-formado:

Certa vez perguntei a minha mãe o que teria levado tio Fernando, recém-formado em Medicina, a sair de Salvador tão cedo, ir morar tão longe e só ter regressado a Salvador duas vezes, em curtas passagens. Segundo ela, como **reação** à atitude de meu avô Isaias. Este teria dito que, na condição de membro influente da Santa Casa da Misericórdia e com fortes ligações políticas, nada poderia fazer em favor do filho. Por outro lado, a possibilidade de sucesso em clínica particular seria muito pequena, considerando-se que Salvador naquele momento vivia crise econômica e era reduto fechado no mercado de trabalho para médico recém-formado. Ou seja, nenhuma chance de emprego no setor público e quase nenhuma possibilidade de competir em especialidades que estavam nas mãos de poucos, conhecidos e consagrados médicos.<sup>141</sup>

A reação de Fernando, tio de Isaias Neto, diante das condições em que se encontrava a cidade de Salvador e devido à ausência de oportunidade de emprego para um jovem médico,

<sup>139</sup> SAES, Alexandre Macchione. Modernização e concentração do transporte público em Salvador (1849-1930). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 27, n. 54, p. 219-238, 2007. Grifo meu.

<sup>140</sup> NETO, Isaias de Carvalho Santos. **Memória urbana**: poética para uma cidade. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 25-26.

<sup>141</sup> Ibidem, p. 24. Grifo meu.

consistiu numa viagem em busca de novos horizontes. Tentaria se estabelecer em outros territórios, deslocando-se de seu espaço de afetividades para outro lugar, onde teria que construir novas redes de pertencimento.

Porém, esse tipo de reação a alguma situação ou evento não era acessível a todos. Certamente, a maioria dos moradores formada por uma classe empobrecida tinha que se ajustar dentro daquele cenário, fosse por meio de empregos que remontavam à escravidão, como nos afirma Luís Tavares; fosse se arranjando em moradias extremamente precárias, como denunciava os jornais de época; ou vagando pelas ruas da cidade à procura de esmolas, dormindo nas calçadas, como era o caso de Baldo em certo momento do romance *Jubiabá*.

Conhecendo agora os segredos da cidade pela qual havia se encantado desde a época da infância, quando admirava de longe as luzes da iluminação pública e ouvia os barulhos ecoados a lhe penetrar como um tropel por dentro, Baldo apreendia a urbe em todas as suas formas e símbolos, repetições e trocas. Lembrava, dessa maneira, aqueles relatos do viajante Marco Polo ao imperador mongol Kublai Khan. Ao visitar Eutrópia, uma das cidades que compõem o império de Khan, o viajante percebeu que aquela “cidade repete uma vida idêntica deslocando-se para cima e para baixo em seu tabuleiro vazio. Os habitantes voltam as mesmas cenas com atores diferentes, contam as mesmas anedotas com diferentes combinações de palavras”.<sup>142</sup>

Essa continuidade de certos aspectos, protagonizada por diferentes personagens como aspecto da cidade, dava ao moleque Baldo a chance de criar uma visibilidade do espaço que começava a perceber como seu. Fazia da Bahia de Todos-os-Santos um ato de imaginação e desejo, elaborando-a de acordo com as vontades e interesses que nutria. Vivendo como mendigo e esmolando moedas com seus companheiros errantes, Antônio Balduíno se via como um imperador, tal qual Kublai Khan. Com seus “súditos mais queridos, a sua guarda de honra”, inventava toda sorte de histórias para disputar níqueis no centro da cidade. Aprendia que a vida era feita de astúcias e narrativas comoventes.

Ao abordar homens e mulheres passando pelas ruas, Baldo chegava mesmo a dizer: “Vim me batendo por este sertão de Deus que está seco, sem um pingo de chuva. Estou aqui sem trabalho... Mas estou procurando... Quero um níquel para tomar café... Tá se vendo que o senhor é um homem direito”.<sup>143</sup> Astuto, Antônio Balduíno interpretava um personagem criado a partir do que observava nas ruas da Bahia, sabedor dos contingentes que chegavam à capital baiana em razão das secas ou outras dificuldades existentes.

<sup>142</sup> CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Tradução de Diogo Mainardi. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 63.

<sup>143</sup> AMADO, op. cit., p. 65.

Lembremos que Baldo presenciara o relato de um vizinho no morro sobre como perdeu *o olho da piedade* ao assassinar um companheiro retirante. Talvez essa memória tenha ficado gravada em Baldo, servindo-o agora como ação criativa na luta por sobrevivência. Se seguirmos com essa hipótese, teremos diante de nós o valor da noção de memória quando associada ao uso que dela se pode fazer no tempo presente. Não se trata somente de recordação ou nostalgia, mas de como os usos da memória se articulam com as demandas que surgem no agora.

Pensando na concepção de como o ato memorativo se desloca entre o passado e o presente, moldando-se em meio às circunstâncias específicas, é especial a definição de Michel de Certeau:

Como os pássaros que só põem seus ovos nos ninhos de outras espécies, **a memória produz num lugar que não lhe é próprio**. De uma circunstância estranha recebe sua forma e implantação, mesmo que o conteúdo (o pormenor que falta) venha dela. Sua imobilização é indissociável de uma *alteração*. Mais ainda, a sua força de intervenção, a memória a obtém de sua própria capacidade de ser alterada – deslocável, móvel, sem lugar fixo.<sup>144</sup>

Baldo se transfigurava em um desses flagelados para dramatizar seu pedido de ajuda. Para conseguir os níqueis, várias eram as táticas utilizadas pelo grupo de mendigos que ele chefiava.<sup>145</sup> Essas artimanhas eram formuladas pela experiência de viver nas ruas, aperfeiçoando a abordagem e a especialidade de cada um dos integrantes. Felipe, o Belo, por exemplo, um garoto loiro que diziam ser filho de uma prostituta imigrante, era “especialista em velhas. Mal apareciam uma no princípio da rua, ele consertava o laço da gravata velha que nunca abandonava” e “se aproximava muito triste”, dizendo: “– Bom dia, senhora. Eu sou um menino abandonado, sem pai, sem mãe. Não tenho ninguém por mim... Tenho fome... Estou com muita fome”. Essa astúcia de mesclar circunstâncias com performances, reinventando os próprios dramas ao sabor dos interesses estipulados, resultava em sucesso, pois as velhas respondiam: “– Coitadinho... Tão pequenininho... Já sem mãe...”. E quando conseguiam os níqueis, era “a gargalhada dos moleques” que ecoava pelas ruas e ladeiras da cidade, reverberando suas maneiras secretas e improvisadas de atuar no cotidiano.

Evidentemente, a mendicância poderia se expressar de outras formas. Se para o bando chefiado por Baldo significava andar livre e prazerosamente pelas ruas, elaborando e

<sup>144</sup> CERTEAU, op. cit., p. 150. Grifo meu.

<sup>145</sup> É também Michel de Certeau quem alerta para a noção de tática como uma prática cotidiana, uma performance operacional sobre as regras estruturais e estratégicas em jogo na organização da sociedade. Para o historiador e filósofo francês, essas “táticas manifestam igualmente a que ponto a inteligência é indissociável dos combates e dos prazeres cotidianos que articula, ao passo que as estratégias escondem sob cálculos objetivos a sua relação com o poder que os sustenta, guardado pelo lugar próprio ou pela instituição”. Idem, p. 46-47.

improvisando abordagens aos transeuntes baseadas em histórias de retirante e abandono paterno, havia outros dilemas na rotina dos pedintes. Os jornais relatavam essa prática recorrente na capital baiana, endossando cenas de contragosto no cotidiano da cidade.

Em artigo intitulado “Da miseria a deshonra”, o periódico *A Capital* chamava a atenção de seus leitores para “as scenas degradantes dos grandes centros, das chamadas capitais civilizadas”, registradas, “infelizmente”, na Bahia. Antes de descrever algumas dessas “scenas de miserabilidade humana”, o jornal alertava para a necessidade de ser reprovar a consumação de tais fatos “a bem da nossa propria dignidade”. O artigo tinha um duplo argumento. Citando o poeta Castro Alves, o jornal dizia: “Quem dá aos pobres empresta a Deus”, dependendo dessas esmolas um “exercito de viúvas, orphãos e mendigos, além de uma infinidade de casas pias que se mantem” com esse tipo de ajuda.

Entretanto, a caridade poderia se tornar desonra quando “[m]ulheres idosas, viúvas ou não, acompanhadas sempre de mocinhas de 14 e 16 anos de idade, batem de porta em porta, algumas por extrema necessidade e outras por exploração, em busca de uma esmola”. Não haveria problemas se esse tipo de mendicância terminasse aí, pois “nada mais natural”. “O que revolta, porém, são as pilherias e as propostas deshonestas que são dirigidas a essas mocinhas inesperientes, na rua, nas esquinas e até no interior de certos escriptorios”.<sup>146</sup>

A transformação da mendicância em prostituição de adolescentes parecia algo recorrente se levarmos em consideração o tom narrativo do texto, demonstrando uma certa repetição dessa prática, o que possibilitava a descrição minuciosa do fato. Essas mulheres idosas, chamadas de “proxenetas de officio” pelo periódico, ficavam na porta dos escritórios e pediam para que as mocinhas entrassem a fim de solicitar “o auxilio de que ellas, as megeras, se dizem necessitadas”. A suspeita de atitudes desonrosas se baseava no tempo em que as moças passavam dentro do escritório: “A jovem entra e lá permanece muitas vezes por mais de trinta minutos, enquanto a proxeneta que a acompanha, se deixa ficar pachorrentamente à porta da rua”. O artigo se encerrava com a cobrança sobre o chefe de polícia para proibir “que tales mocinhas andem em promiscuidade com semelhantes typos [...] exibindo-se nas ruas de nosso bairro commercial”.

Casos relacionados ao cotidiano da prostituição na Bahia foram estudados por Nélia Santana que, ao concentrar a análise entre os anos 1900 e 1940, identificou as várias dinâmicas pertencentes ao exercício dessa profissão. A dinamicidade está atrelada ao fato de que as relações entre meretrizes e seus clientes obedeciam a muitas dinâmicas: relações consensuais;

---

<sup>146</sup> *A Capital*, 05/11/1926, p. 1.

relações de violência, como abuso sexual e estupro, culminando em queixas e processos criminais; relações de amor romântico. Além disso, a prostituição era tema de dissertações médicas, destacando-se supostas doenças sexuais e morais, num encontro entre saber médico e ideais de higiene social. Eram recorrentes os relatos e denúncias de transgressões morais também nos jornais, como o que apontamos acima.

De modo geral, tratando-se das condições sociais em que o ofício da prostituição se dava, Nélia de Santana afirma:

Devemos concordar que a questão econômica contribuía sensivelmente para a existência da prostituição, se considerarmos que a participação feminina foi extremamente representativa, no rol das atividades econômicas marginais. A desestruturação da sociedade escravista não alterou este quadro e por isto um grande contingente de mulheres pobres continuava a lutar pela própria sobrevivência, haja visto a falta de um mercado produtivo formal que as absorvesse, desqualificadas que eram, ora por preconceito, ora por falta de especialização, ou mesmo pela retração do próprio mercado.<sup>147</sup>

Ainda para a autora, o processo de modernização da cidade influenciou no crescimento do comércio erótico, uma vez que novos lugares de encontro noturno possibilitavam o aparecimento de ofertas para o prazer:

Foi durante o primeiro governo Seabra (1912-1916) que a preocupação com a modernização dos hábitos urbanos se intensificou no estado. Entre os objetivos desse governo estava o de transformar Salvador numa cidade cosmopolita, a exemplo do Rio de Janeiro e das cidades europeias, deixando para trás a feição e costumes coloniais. Tal onda modernizadora levou à ampliação dos espaços de sociabilidade noturna como teatros, restaurantes, cafés, dancings, cabarés, aumentando assim as possibilidades de atuação de proxenetas.<sup>148</sup>

A relação entre agenciadores e prostitutas ganhava contornos ainda mais dramáticos quando a exploração sexual do corpo era realizada sobre adolescentes, tal como denunciava os periódicos da época. Além dos jornais, esse tipo de prostituição chamava a atenção de autoridades públicas:

O aumento da prostituição de menores foi destaque no relatório do secretário de polícia José Álvaro Cova, em 1916. Ele pedia providências “urgentes e inadiáveis”, no sentido de maior proteção às meninas órfãs e desamparadas, e àquelas que viviam em ambientes populares, considerados espaços que favoreciam o encaminhamento para a prostituição. As habitações populares,

<sup>147</sup> SANTANA, Nélia de. **A prostituição feminina em Salvador (1900-1940)**. Dissertação de mestrado em História. FFCH/ UFBA, 1996, p. 4.

<sup>148</sup> Ibidem, p. 40.

os cortiços, congregando grande quantidade de moradores, eram tidos como locais de ampla promiscuidade sexual.<sup>149</sup>

Diferentemente da experiência de Antônio Balduíno, marcada pela liberdade e pelo prazer de percorrer ruas e interceptar transeuntes com histórias que fundamentassem seu pedido de esmola, as denúncias feitas por jornais como *A Capital* e o trabalho de Nélia de Santana registravam a existência de casos de exploração sexual de moças que se encontravam em situação de pobreza e abandono. A precariedade da vida, dessa maneira, favorecia o comércio sexual ilícito, motivo de desonra e infelicidade para os que observavam o cotidiano da Bahia. A exploração de adolescentes era uma das facetas percebidas nas relações de mendicância. Esse drama poderia ser abordado como um problema de classe social ou de destino pessoal.

Em uma longa reportagem, o mesmo jornal voltaria a denunciar a desventura daqueles que tinha a “mendicância como meio de vida”. Relacionando sorte, desigualdade e exploração, o repórter sintetizava o drama nos seguintes termos:

Não se pode conceber a sociedade, sem essa mesma **desigualdade de condições** entre as suas diversas classes, houve que o dissesse.

Forçosamente, em quanto muito **prosperam**, seja influenciado pelo **destino**, seja devido aos próprios esforços, outros não conseguem mais do que viver em **continua lucta** com as dificuldades que se lhes deparam para attingirem identico resultado.

[...] Como qualquer outra cidade a Bahia conta um grande numero de **infelizes** atirados a qui e ali, tirando da própria desventura os meios de subsistencia.

[...] No numero daquelles, embora não pareça a verdade, porquanto jamais se desmentiram os nossos **sentimentos** humanitarios estão incluido numerosas menores entregue a si mesmo e, não raro, se deixando explorar inconscientemente.<sup>150</sup>

As dificuldades descritas são semelhantes a outras denúncias feitas por jornais baianos. O jornal *A Manhã* descreveu, de maneira comovente, alguns anos antes, o problema da mendicância e da exploração de menores.

[Em] todos os recantos da cidade, por toda a parte, em todos os bairros, aqui numa porta, ali num passeio, acolá na sarjeta das ruas, sempre o mesmo espectáculo vergonhoso, de cortar o coração, homens e mulheres seminu's, affligidos pela penuria, carcomidos pela molestia que lhe corriu o organismo, roubando lhes as forças extinguindo lhes a existencia no mais doloroso abandono.<sup>151</sup>

<sup>149</sup> Ibidem, p. 46-47.

<sup>150</sup> *A Capital*, 21/02/1927, p. 1. Grifo meu.

<sup>151</sup> *A Manhã*, 07/11/1920.

Falava da perversão da infância ao dizer que as crianças, vivendo a melhor idade para os ensinamentos morais e intelectuais, encontravam-se também na situação descrita. A solução para o problema existia, pois:

Na Bahia tudo está na iniciativa bem lançada. Iniciemos, pois, essa campanha de moralização e de humanidade, de amor e de piedade pelo proximo, synthetizando menores e adultos infelizes, fazendo um apello ao digno commercio deste estado para que auxilie, tanto quanto possivel, ao Instituto de Protecção á Infancia e ao Asylo de Mendicidade.<sup>152</sup>

Todavia, percebe-se na reportagem d'*A Capital* alguma complacência com as diferenças sociais existentes, fazendo-se notar que a Bahia dispunha de uma desordem social típica de “qualquer outra cidade”. Os infelizes que se achavam aqui ou ali, numa luta contínua para vencer as dificuldades diárias, haviam de ser vítimas do destino e da “própria desventura”. Enquanto alguns prosperavam pelos “proprios esforços”, outros sofriam as consequências da “desigualdade de condições”, pois não “se pode conceber a sociedade” sem as “suas diversas classes”. Embora a reportagem lamenta o triste destino e a exploração de menores, é perceptível o tom de fatalidade com que o repórter descrevia a inserção de pessoas no universo social.

Desprotegidos da sorte, conforme sugeria o título da reportagem, os menores eram vítimas da desventura e de caminhos desafortunados. Concebida nesses termos, a vida significava a coexistência de contrastes sociais e infelicidade para os que, “forçosamente”, estavam “sujeitos ao castigo”.<sup>153</sup> Não havia no conteúdo da matéria denúncia de irresponsabilidade por parte de políticos e empresários, como vimos na descrição das habitações populares. Ao contrário, a habitual pobreza e mendicância de crianças e adolescentes, explorada por sujeitos mais velhos, acontecia em razão de alguma natureza social da vivência. O único argumento apresentado para tal constatação era o de que a Bahia se assemelhava a qualquer outra cidade, fazendo o leitor supor que tal realidade se projetava igualmente em outros centros urbanos.

Lugar de indecências e infortúnios, a cidade da Bahia apresentava para seus transeuntes um universo plural de relações sociais e práticas cotidianas. Os periódicos que registravam os casos diários da urbe acabavam por representar, na maioria das vezes, o desejo de grupos sociais interessados numa modernização acompanhada de ideais de civilidade, bem como de racionalidade dos costumes e da administração pública.

---

<sup>152</sup> Idem.

<sup>153</sup> *A Capital*, 21/02/1927, p. 1.

Por outro lado, o romance escrito por Jorge Amado afirma uma outra cidade, uma geografia habitada de forma ampla por aqueles que estavam à margem do processo de modernização, embora não pudessem evitar as influências que os novos tempos projetavam na totalidade da capital baiana. A maneira de perceber essa tensão e de compreender qual cidade é construída nas linhas de *Jubiabá* deve ser conduzida pela observação dos personagens, de como se inseriam nos espaços urbanos, que tipo de costumes reproduziam e defendiam, nem sempre “adequados” aos propósitos reivindicados por uma intelectualidade encontrada nas redações dos jornais.

Essa tensão e esse contraste modulavam os discursos e as ações em torno da cidade da Bahia. É preciso destacar, assim, que a modernidade na capital baiana como conjunto de eventos transformadores não pode ser tratada de forma unilateral ou homogênea. Se é possível reconhecer suas marcas, seja nas reformas urbanas ou em anúncios publicitários, é também possível entrever o que se preservava na condição de costumes tradicionais. Para Edilece Couto:

Os habitantes de Salvador receberam o regime republicano ainda com muitos contrastes, promovendo inovações, mas também tendo que conviver com muitas permanências nem sempre indesejáveis. Apesar das intervenções urbanas e culturais realizadas no auge da modernização, no governo J. J. Seabra, muitas características e referências dos tempos do Império ainda são perceptíveis na arquitetura e nos hábitos dos baianos. Caymmi canta que “nas sacadas dos sobrados da velha São Salvador” permanece a “lembrança de donzelas do tempo do Imperador”. Permaneceram também nos largos, praças e avenidas as rodas de samba e capoeira; os vendedores de comida afro-baiana, especialmente as baianas com seus tabuleiros de acarajé, abará, bolinho de estudante, cocada e outros quitutes; as procissões e cortejos religiosos repletos de ícones do Catolicismo e do Candomblé e devotos animados pela música, dança e fogos de artifício.<sup>154</sup>

Baldo fazia ideia do que era o destino e a sorte. Sabia que a vida das pessoas se realizava pela conservação do *olho da piedade*, ou seja, a disposição para fazer o bem. Aprendera com Jubiabá os sentidos da existência e sabia que, no passado, seu povo fora castigado e explorado pelos brancos. E que esse passado continuava a pesar sobre os corpos de homens e mulheres negros, enfiados que estavam em trabalhos precários ou submissos. Porém, ainda que guardasse com carinho as palavras do pai-de-santo, era a própria sobrevivência diária que fazia Baldo atribuir novos sentidos e significados para a experiência de viver.

Chefiando um bando de menores como ele, fantasiando histórias que o ajudassem a conseguir níqueis e organizando a abordagem que cada membro do bando utilizaria para

---

<sup>154</sup> MOURA, op. cit., p. 81-82.

conquistar a caridade dos transeuntes, Antônio Balduíno tentava compreender, também, os mistérios que a cidade e seus habitantes protagonizavam diante dele. Essas cenas misteriosas e enigmáticas recolhidas no cotidiano de uma Bahia mesclada de transformações modernizadoras e antigas explorações, feridas reabertas no coração da urbe, continuavam a encantar e a desencantar Baldo, fazendo-o reler continuamente a vitalidade de seus desejos e as vontades que ansiava por realizar.

O desejo de sentir a cidade e a memória que carregava desde os tempos do morro imprimia, nele, muitos encantamentos. A fascinação pela região portuária da Bahia era um desses encantos.

O mar é a sua **paixão** mais velha. Já de cima do Morro do Capa-Negro ele ficava a **namorá-lo**, estudando as variações do seu dorso que era azul, verde-claro, e logo verde-escuro, tentado pela vastidão e pelo **mistério** que ele percebia existir nos grandes navios que descansavam no cais, nos pequenos saveiros que a maré balançava. O mar traz a seu coração um **sossego** que a cidade não lhe dá. No entanto da cidade ele é dono.<sup>155</sup>

Estendido na areia do cais, à noite, onde muitas vezes gostava de dormir o “melhor sono de vagabundo”,<sup>156</sup> acompanhando os movimentos das embarcações, Baldo contemplava os grandes navios e pensava acerca dos mistérios do mar. Havia aprendido a admirar sua vastidão desde quando era ainda mais menino, lá em cima do morro, conciliando a fascinação pelas luzes da cidade com o sossego que sentia ao perceber as variações coloridas do mar. Mas só agora via com os próprios olhos, e não pelas histórias que lhe contavam, “os homens que trabalham na descarga dos navios”. Percebe que são “negros e parecem formigas que levassem enormes fardos. Andam curvos como se em vez de sacos de cacau carregasse sobre as costas o seu próprio destino desgraçado”.<sup>157</sup> Dava-se conta de que havia mesmo o destino para cada um. Perguntava-se, no entanto, se seu destino seria como o daqueles homens também. “O que faltará ao negrinho Antônio Balduíno que tem apenas quinze anos e já é imperador da cidade negra da Bahia? Ele não sabe e nem ninguém sabe”.<sup>158</sup>

Seu corpo ficaria curvo de carregar os fardos dos navios? A vida, no futuro, pesar-lhe-ia tanto a ponto de se parecer com uma formiga? A reflexão intimista sobre o que poderia acontecer era costurada aos poucos e com as informações disponíveis sobre o presente e o passado. Ouvira desde cedo que pessoas de pele negra como ele haviam nascido para servir aos

---

<sup>155</sup> AMADO, op. cit., p. 79.

<sup>156</sup> Ibidem.

<sup>157</sup> Ibidem.

<sup>158</sup> Ibidem, p. 80.

brancos. Mas, por outro lado, não esquecera a história de Zumbi contada por Jubiabá. Seus heróis continuavam vivos na recordação. Ele mesmo se rebelara ao fugir da casa do comendador. Sentia-se imperador da Bahia e chefiava um bando. Conhecia os segredos das ruas e observava, agora, o destino desgraçado dos trabalhadores portuários. Quem sabe até poderia ir parar ali de alguma forma.

Concebida a vida a partir do *olho da piedade*, das memórias coletadas através da oralidade presenciada nos tempos de morro e, agora, por meio das experiências citadinas que observava mais e mais, Baldo não deixaria de perguntar-se acerca dos mistérios e do sentido da existência humana. Levaria consigo essas indagações por onde tivesse que ir. E calculava as suas ações e os gestos alheios mediante essa combinação de fatores.

Ao construir um romance baseado na peregrinação e no amadurecimento de um jovem da periferia, lutando as batalhas diárias pela sobrevivência, Jorge Amado possibilitou compreendermos que, além das transformações ocorridas na cidade de Salvador e da continuidade de certos aspectos do seu passado histórico, a reflexão sobre os significados da vida e seus desdobramentos constituía uma dimensão do cotidiano. Ou seja, além das formas precárias de trabalho e das relações semi-escravistas que ainda podiam ser verificadas tanto pela imprensa como pela literatura, além das práticas de convivência e tessitura de uma memória oral, as épocas históricas demandam também a análise de como pessoas reagem subjetivamente e sentimentalmente aos acontecimentos comuns e extraordinários.

Nesse espaço de interpretação, caberia perceber como sujeitos articulam seus pensamentos sobre a dor, o amor, a solidão, a amizade, a felicidade, a fatalidade, a finitude e, de forma geral, as relações afetivas criadas pela convivência nos lugares públicos e nas jornadas pessoais. Pensamentos que se envolvem com circunstâncias brutais, o romance *Jubiabá* permite-nos ponderar acerca do sentido da vida, de como os indivíduos, representados em personagens literários, assinalavam a matéria do viver, eles próprios tentando identificar as melhores escolhas para si e para o mundo no qual viviam. Vidas que certamente se aproximavam das sensações de infortúnio e tragédia. Para Terry Eagleton:

Um dos mais poderosos questionamentos sobre o sentido da vida, e que não admite resposta otimista, é conhecido pelo nome de tragédia. De todas as formas artísticas, a tragédia é a que enfrenta a questão do sentido da vida de maneira mais firme e profunda, preparando-se para receber as mais terríveis respostas. Em seus melhores momentos, a tragédia é uma reflexão corajosa sobre a natureza fundamental da existência. Suas origens, como se sabe, estão na Grécia Antiga, uma cultura em que a vida é frágil, perigosa e terrivelmente vulnerável. Para os trágicos antigos, a frágil luz da razão penetra o mundo

parcialmente; ocorrências passadas se impõem desde o nascimento a aspirações presentes, estrangulando-as.<sup>159</sup>

A peregrinação de Baldo e a observação que faz sobre outras vidas representadas no texto literário sugere uma relação de fatalidade com o tempo. *O olho da piedade*, conceito assimilado das palavras de Jubiabá, traduz-se, para Antônio Balduíno, como uma procura, o desejo de buscar algum caminho, espécie de trilha para a bondade e o contentamento. Não encontrar *o olho da piedade* durante a vida poderia significar afastar-se da benevolência e da sorte, assumindo as consequências da fatalidade e do que é inevitável.

É válido, portanto, acompanhar o discernimento dos personagens do romance acerca das emoções projetadas no cotidiano quando diante de casos rotineiros ou excepcionais, desvendando as reações agenciadas por eles em momentos que tanto podem se expressar por uma atmosfera de tristeza como de felicidade. Seguindo esse roteiro, talvez se consiga compreender o que significava a vida naquela Bahia.

### 3.3 A vida da gente não presta pra nada

Havia um ponto de encontro no cais da Bahia que Baldo e alguns de seus amigos costumavam frequentar. Era um bar que se chamava Lanterna dos Afogados. Ali, “discutiam longos cruzeiros marinheiros loiros e negros. Mestres de saveiros conversavam sobre as feiras do recôncavo para onde levariam seus barcos cheios de frutas”.<sup>160</sup>

Além dos marinheiros e mestres de saveiros, “Antônio Balduíno, Zé Camarão e o Gordo eram dos mais assíduos. E até Jubiabá aparecia às vezes”. Quando se reuniam no bar, tocavam “violão, cantavam sambas, contavam histórias de arrepiar nas noites imensas de estrelas. E mulheres desciam da Ladeira do Taboão para a Lanterna dos Afogados”.<sup>161</sup>

Antônio Balduíno largara a vida de mendigo e chefe de bando de rua quando ele e seus companheiros foram presos pela polícia. A narrativa sobre o aprisionamento sugere como se articulavam as formas de repressão e punição no período, especialmente entre os que não possuíam trabalho formal e eram vistos como malandros e desordeiros:

Primeiro estiveram na delegacia, onde não lhes disseram nada. Depois foram levados para um corredor soturno. Penetrava um raio de sol por uma fresta. Eles ouviram a voz dos presos que cantavam. Vieram soldados e traziam

<sup>159</sup> EAGLETON, Terry. **O sentido da vida**: uma brevíssima introdução. Tradução de Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: Editora Unesp, 2021, p. 25.

<sup>160</sup> Ibidem, p. 90.

<sup>161</sup> Ibidem.

chibatas de borracha. E eles foram espancados sem saber por que, pois nada lhes disseram. Ganham assim a sua primeira tatuagem. [...] E a chibata zunia. Até que correu sangue do corpo dos moleques eles não pararam de bater. Os presos cantavam tristemente. Passaram oito dias na cadeia, foram fichados e enfim soltos numa manhã clara de muito sol. Voltaram para a vagabundagem da cidade.<sup>162</sup>

Sidney Chalhoub, ao analisar o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro, no início do século vinte, atribui ao fim do Segundo Reinado o período de construção do conceito de vadiagem. Segundo ele:

todos os predicados associados ao mundo do trabalho são negados quando o objeto de reflexão é a vadiagem. Assim, enquanto o trabalho é a lei suprema da sociedade, a ociosidade é uma ameaça constante à ordem. O ocioso é aquele indivíduo que, negando-se a pagar sua dívida para com a comunidade por meio do trabalho honesto, coloca-se à margem da sociedade e nada produz para promover o bem comum.<sup>163</sup>

Ao relacionar ociosidade e pobreza, Chalhoub afirma que, para a classe dominante do período, somente “a união da vadiagem com a indigência afeta o senso moral, deturpando o homem e engendrando o crime. Fica claro, portanto, que existe uma má ociosidade e uma boa ociosidade. A má ociosidade é aquela atrelada às classes pobres, e deve ser prontamente reprimida”. De outro modo, a “boa ociosidade é, com certeza, atributo dos nobres deputados e seus iguais”,<sup>164</sup> responsáveis pela elaboração de projetos que criminalizavam a vadiagem.

Presos sem saber exatamente por qual justificativa, Baldo e seus companheiros de mendicância sofreram as punições praticadas pela instituição policial, ganharam as primeiras tatuagens através de chibatas de borracha. Embora não soubessem o motivo para tal repressão, é possível especular, em consonância com os estudos de Chalhoub, que aquelas crianças e adolescentes, desabrigados, vivendo suas vidas sob as regras da rua, fossem considerados sujeitos ociosos, vagabundos, potenciais criminosos e depravados, privados de uma educação moral e da noção de responsabilidade. Percebidos como desordeiros, talvez pela insistência com que abordavam os transeuntes ao pedirem esmola, uma cena que desagradava aos que defendiam os ideais de civilidade e progresso, o bando chefiado por Baldo sofrera as consequências de uma época cuja prática punitiva constituía um dos pilares da garantia da ordem.

<sup>162</sup> Ibidem, p. 86.

<sup>163</sup> CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim:** o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *belle époque*. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001, p. 73-74.

<sup>164</sup> Ibidem, p. 75.

Importante destacar a correlação entre habitações precárias e a tentativa de controle por parte do estado sobre as pessoas que acabavam por perambular pelas ruas, fosse em razão da busca de trabalho ou oportunidades de sobrevivência, fosse porque enxergavam no movimento da cidade e nos encontros propiciados por ela uma maneira de preencherem o cotidiano de suas vidas. O fim da monarquia e o aparecimento da república levaram as cidades a conhecerem um novo fenômeno social: a massa populacional que aumentava o contingente das metrópoles.

O quadro difuso e instável das cidades brasileiras, já naturalmente hipertensionado pela escravidão e seus processos de exclusão social, tendeu a se agravar com a Abolição e com a instauração de princípios democráticos. **Surgia então a figura aterradora da massa de “cidadãos” pobre e perigosa, viciosa, a qual emergia da multidão de casas térreas, de estalagens e cortiços, de casas e cômodos, de palafitas e mocambos que eram a vastidão da paisagem das cidades herdadas do Império. Acusadas de atrasadas, inferiores e pestilentas, essas populações seriam perseguidas na ocupação que faziam das ruas, mas sobretudo seriam fustigadas em suas habitações.**<sup>165</sup>

Depois de soltos os seus integrantes, o bando de Antônio Balduíno se desintegrara. Permanecera junto a Baldo apenas aquele que se tornaria seu amigo mais próximo dali para frente, o Gordo. Morariam juntos em alguma daquelas habitações precárias, Baldo vendendo sambas que aprendera a fazer, mas, sobretudo, sobrevivendo pelas leis do acaso, aceitando as ofertas que o futuro próximo lhe ofereceria, agarrando as chances que surgiam, de preferência aquelas que batiam à porta do bar Lanterna dos Afogados, onde os trabalhadores do cais celebravam o fim de seus expedientes.

Passando muitas noites no botequim, Antônio Balduíno e o Gordo testemunhavam a multiplicidade de casos no cotidiano da cidade. As notícias chegavam de diversas maneiras e por diferentes pessoas. Quando não havia notícias de episódios recém-ocorridos, eram as histórias arrepiantes e os sambas que ocupavam seu interesse e agitavam o bar. O próprio Baldo aprendera a compor sambas e os vendia para um poeta, Anísio Pereira, que às vezes ia pelo bar em busca de composições que apareceriam na gravação de discos e na programação da rádio. Um dos episódios a mexer com os ânimos dos frequentadores do bar foi a morte de Viriato, um dos mendigos que fazia parte do bando chefiado por Baldo. Após serem presos pela polícia sob a condição de malandros e desordeiros, o grupo se dispersou e cada um tomou seu caminho.

---

<sup>165</sup> MARINS, Paulo César Garcez. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da vida privada no Brasil: República: Da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021, p. 103. Grifo meu.

Antes de morrer, Viriato continuara a pedir esmolas e a morar na rua. Levava uma vida solitária e difícil. Havia adoecido de maleita e, ao descrever o sofrimento da doença, comum naquela época,<sup>166</sup> dizia que pela noite “vinha a febre. Eu pensava que ia morrer... Me lembra que não tinha ninguém... Ninguém pra me velar”.<sup>167</sup> Além das dores físicas causadas pela febre, Viriato também se queixava da solidão e do receio de não ter alguém que velasse seu corpo em caso de morte. A ausência de um afeto próximo que o fizesse se sentir acompanhado durante a passagem da vida para a morte o deixava angustiado e resignado: “Maleita volta. Um dia destes morro na rua como um cachorro”.<sup>168</sup>

Esses depoimentos fictícios sobre a vida e a morte informam sobre como as pessoas lamentam e celebram a existência. Embora a morte seja compreendida como processo natural, encerramento de um ciclo, há o desejo de que a finitude signifique, ainda que simbolicamente, a comprovação de uma trajetória marcada por relações afetivas e gestos de proteção partilhados entre familiares e amigos. Viriato se dava conta de que não possuía esses afetos presentes em seu cotidiano e reagia a essa constatação lamentando a solidão em que vivia:

— Você se lembra, Antônio Balduíno, de Rozendo? Ele ficou doente mas teve a mãe dele que veio buscar ele. Foi até eu que descobri ela. E Felipe, o Belo, quando morreu teve também a mãe que veio pro enterro. Trouxe aquelas flores e veio muita mulher...

[...] — Todo mundo tem pai, tem mãe, tem uma pessoa. **Eu não tenho ninguém.**

Atirou para um canto o cigarro, pediu outro copo de pinga:

---

<sup>166</sup> Notícias sobre a febre amarela, por exemplo, bem como informações sobre a prestação de serviços da higiene pública, reapareciam em matérias ou notas de jornais. *A Manhã*, em 11/05/1920, p. 3, reproduzia nota do jornal carioca *O Imparcial* acerca do problema sanitário: “‘O Imparcial’ analysando o reaparecimento da febre amarela ahi, diz que além da queda e coice, a Bahia é infeliz de todos os lados”. Um correspondente carioca do periódico baiano dizia também que o senhor “Clementino Fraga, chefe da comissão federal de prophylaxia contra a febre amarela ahi” defendia a execução permanente desse serviço no estado baiano sob responsabilidade da União. *A Manhã*, 22/05/1920, p. 1. Matérias em caráter de denúncia também tinham espaço no periódico: “Existem actualmente na Bahia duas repartições de hygiene federal: uma a Saude do Porto, outra o Serviço de Prophylaxia da Febre Amarella. De ambas, os serviços em beneficio da saude na Bahia muito deixam a reclamar, tão irregularmente são elles executados”. *A Manhã*, 27/05/1920, p. 3. Certamente, as causas para a proliferação de doenças epidêmicas se relacionavam com a insalubridade das habitações e das ruas da cidade. Sobre o assunto, ver o texto de Christiane Maria de Souza em que analisa as condições sanitárias de Salvador, nas primeiras décadas do século vinte. Para ela, “Salvador era uma cidade enferma, com taxas de morbidade e mortalidade muito elevadas. Doenças como a disenteria, a difteria, a febre tifóide, o beribéri, a febre amarela, a peste, a malária, a tuberculose, entre outras, acometiam os soteropolitanos com frequência desesperadora, assumindo caráter quase endêmico”. SOUZA, Christiane Maria Cruz de. Sob o império da doença: sanear e modernizar a cidade da Bahia. In: **A Gripe Espanhola na Bahia**: saúde, política e medicina em tempos de epidemia [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2009, p.52.

<sup>167</sup> AMADO, op. cit., p. 94.

<sup>168</sup> Idem.

– **De que vale a vida da gente?** Você se alembra da vez que a gente apanhou como cachorro da polícia? Pra que eles fez aquilo com a gente? **A vida da gente não presta pra nada... A gente não tem ninguém...**<sup>169</sup>

A solidão sentida por Viriato se expressava também por uma angústia em relação à finitude que acreditava estar próxima. Qualquer dia cairia nas ruas acometido uma segunda vez pela maleita. E quando isso acontecesse, quem o velaria? Quem levaria flores para seu funeral? Não possuía mais pai nem mãe, tampouco encontrava nos amigos as condições para uma homenagem minimamente caprichada por sua memória. Essa circunstância na qual se encontrava o fazia experimentar uma espécie de vazio ou lacuna na existência. Ponderava sobre o valor da vida e não encontrava sentido ou positividade no ato de viver. Sentia a proximidade da morte e achava que seus últimos dias continuariam a ser de solidão e abandono.

A experiência de estar sozinho e não atar laços de afeto com outras pessoas poderia ser interpretada como um gesto de lamento e infelicidade. A desvalorização da existência e a consciência da finitude atribuíam à vida de Viriato a sensação de sofrimento e tristeza. O sentimento de impotência, deslocamento e a constatação de que a existência humana não tinha valor, associavam-se a uma memória dos dias em que o grupo fora preso pela polícia sem causa aparente, sofrendo sessões de tortura pelos soldados. Ao recordar como apanharam injustamente, “como cachorro”, Viriato reforçava o argumento de que a vida “não presta pra nada”.

Para Terry Eagleton, o tema da existência, do sentido da vida, é recorrente nas manifestações culturais do modernismo. O princípio do século passado conheceu uma grande reflexão em torno desse assunto, principalmente pela sensação de perda e a grande quantidade de conflitos humanos associados ao período.

Nas primeiras décadas do século XX, uma cultura como essa, com numerosas ansiedades ontológicas, adquiriu uma forma precisa: o modernismo, que produziu coisas que se encontram entre o que há de melhor na arte literária ocidental. Com o questionamento de quase todos os valores, crenças e instituições, puderam surgir as mais ousadas questões sobre o destino da cultura ocidental e, para além dela, da humanidade como todo.<sup>170</sup>

Para o crítico literário inglês, uma “das razões pelas quais o século XX meditou sobre o sentido da existência é que em nenhum outro período a vida humana valeu tão pouco”.<sup>171</sup> Essa meditação teria percorrido três direções: a religião, a cultura e a sexualidade. Como atividade

<sup>169</sup> Idem. Grifo meu.

<sup>170</sup> EAGLETON, op. cit., p. 35-36.

<sup>171</sup> Ibidem, p. 37.

cultural, portanto, a literatura é um desses lugares em que as questões sobre a identidade humana, os dilemas que assombram os indivíduos, tendem a ganhar especial atenção. Jorge Amado, escritor ligado ao período de florescimento do modernismo no Brasil, leitor de Oswald de Andrade, Mario de Andrade e Menotti del Picchia, célebres autores vinculados ao modernismo de São Paulo, reconhecia a influência de obras como *Memórias Sentimentais de Joao Miramar*, que o fascinou.<sup>172</sup>

Dessa forma, é importante destacar que o depoimento de Viriato sobre a impotência da vida estava bastante longe de ser considerado isolado ou fortuito. Se a Bahia não fora palco de conflitos bélicos, como os que caracterizaram a Primeira Guerra Mundial, não deixava de imprimir marcas de violência e angústia no cotidiano de sua gente, sentimentos capazes de mobilizar a pertinência do viver e a suspeita sobre o devir.

O drama do abandono e a intensidade de se sentir sozinho no mundo poderia ter desfecho trágico. Num dia em que estavam na Lanterna dos Afogados, Antônio Balduíno e seus amigos souberam de um defunto encontrado no cais por estivadores. “Aquilo era comum e eles não se impressionaram”.<sup>173</sup> Porém, a surpresa se deu quando souberam que o defunto era Viriato, o Anão. O corpo, inchado de três dias dentro da água e tomado de siris por baixo da pele, fora levado para o bar e colocado sobre uma das mesas.

A suspeita era de suicídio. Viriato resolvera acabar com aquela vida sem valor e solitária. Jubiabá se aproximou e quis saber do que se tratava. “Ele tava, pai Jubiabá, procurando o olho da piedade. Mas ele não achou nunca e se matou. Ele não tinha nem pai nem mãe, nem ninguém pra cuidar dele. Morreu porque não encontrou o olho da piedade”.<sup>174</sup>

Viriato abdicara da vida porque não havia encontrado um caminho. Saltara nas águas do mar como outros faziam àquela época. Não era o primeiro caso e, recorrentemente, ficavam sabendo de alguém que entrara para o caminho do mar. O caminho de casa e o da felicidade jamais foi encontrado por Viriato. Vivendo quase toda a vida pelas ruas de Salvador, chegando a fazer parte do bando chefiado por Balduíno, talvez houvesse perdido inteiramente a razão de viver. No gesto de retirar a própria vida, Viriato deixava seu cadáver para que os estivadores o encontrassem. Mais um no cotidiano dos trabalhadores do cais. Além do cadáver que chocalhava de siris, deixava também o medo da morte sobre quem o via desfalecido:

De repente, no meio de toda aquela gente, **Antônio Balduíno se sentiu só com o cadáver e teve medo**. Um medo doido. Ficou tremendo, batendo os

<sup>172</sup> RAILLARD, op. cit. p. 41-42.

<sup>173</sup> Ibidem, p. 99.

<sup>174</sup> Ibidem, p. 100.

queixos. **Se lembrou de todo mundo:** sua tia Luísa que enlouquecera, Leopoldo que fora assassinado, Rozendo doente gritando pela mãe, Felipe, o Belo, debaixo do automóvel, o velho Salustiano se suicidando no cais, o corpo de Viriato, o Anão, cheio de siris que chocalhavam.

**E pensou que eram todos eles muito infelizes, vivos e mortos. E os que nasceriam depois também. Só não sabiam por que eram tão infelizes.**<sup>175</sup>

Ao ver o cadáver estendido sobre a mesa do bar, Baldo recordava de todos aqueles que haviam partido. Pessoas que representavam seus afetos ao longo da vida. Pessoas com quem havia compartilhado experiências pessoais e cenas da cidade. A ausência definitiva dessas amizades o fazia tremer de medo da solidão e das consequências que o abandono poderia proporcionar. Dava-se conta que, embora celebrasse a vida em sambas e festas, nas rodas de conversas no bar e naqueles anos de liberdade andando pelas ruas da Bahia, a infelicidade também estava ao seu alcance e, ao ver o corpo de Viriato, tomava conta de seus pensamentos.

A morte do amigo o fazia ponderar sobre a relação entre infelicidade e destino. Tinha a impressão de que todos haviam de ser infelizes, que em algum momento cada um deles entraria também pelo caminho do mar, que lançariam seus corpos da beira do cais sobre as águas profundas da Bahia. Aquelas águas coloridas que gostava de admirar desde pequeno, fazendo-o sentir alegria e desejo, agora proporcionavam uma visão sombria do presente e do futuro. Achava que os que ainda estavam por nascer também seriam infelizes. Era o destino de todos. Carregariam fardos pesadíssimos entre os navios e os armazéns, encurvariam seus corpos feito formigas e, ao não encontrarem o caminho da felicidade, haveriam de tirar a própria vida.

A percepção sobre os acontecimentos do presente e a memória da perda de entes queridos estimulavam em Baldo uma reação que concebia a vida como uma sina, um destino comum para aqueles com quem se afeiçoava e dividia fatos do cotidiano.

Essa reação aos acontecimentos comuns e extraordinários se constituía igualmente de mistério e reflexões acerca do existir. Entendida como um dado do comportamento humano e interpretação do cotidiano, ela é um gesto reconhecível em todos os indivíduos quando se relacionam com fatos comuns e incomuns de suas vidas. Tal postura pode ser observada no trabalho de Walter Benjamin sobre as condições inovadoras encontradas nas capitais europeias, nas últimas décadas do século dezenove.

Ao esboçar uma relação entre a figura do *flanêur* e o papel dos detetives nos primeiros romances policiais, Benjamin assinala também a dimensão histórica das reações humanas em um tempo de radicais transformações geográficas e comportamentais:

---

<sup>175</sup> Ibidem, p. 100-101. Grifo meu.

Em tempos de terror, quando cada qual tem em si algo de conspirador, o papel do detetive pode também ser desempenhado. Para tal a *flânerie* oferece as melhores perspectivas. ‘O observador – diz Baudelaire – é um princípio que, por toda a parte, faz uso do seu incógnito’. Desse modo, se o *flanêur* se torna sem querer um detetive, socialmente a transformação lhe assentia muito bem, pois justifica a sua ociosidade. Sua indolência é apenas aparente. Nela se esconde a vigilância de um observador que não perde de vista o malfeitor. Assim, o detetive vê abrirem-se à sua auto-estima vastos domínios. Desenvolve **formas de reagir** convenientes ao ritmo da cidade grande. Capta as coisas em pleno vôo, podendo assim imaginar-se próximo ao artista [...] Qualquer pista seguida pelo *flâneur* vai conduzi-lo a um crime. Com isso se comprehende como o romance policial, a despeito de seu sóbrio calculismo, também colabora na fantasmagoria da vida parisiense. Ainda não glorifica o criminoso, mas sim os seus adversários e sobretudo o terreno onde se desenrola a caçada.<sup>176</sup>

As formas de reagir são as escolhas que os sujeitos fazem para lidar com o que ocorre diante de si. Manifestando-se em um nível pessoal ou coletivo, os indivíduos reagem ao que lhe comove, desperta e atormenta. Escolhem, às vezes de maneira vertiginosa, como colocar em prática uma resposta para os ritmos do cotidiano e elucidar as questões que se apresentam. Nesse amplo espectro da atuação humana, as reações tendem a se manifestar acompanhadas de sentimentos e emoções. Viriato, reagindo à solidão e à sensação de abandono, resolvera encurtar a vida, dramática para ele. Baldo, diante do cadáver, reagia à cena evocando o medo do abandono e o medo da infelicidade que parecia, mais cedo ou mais tarde, apanhar a todos. Nesse sentido, a reação pode ser terminativa, fatal, mas também pode se manifestar a partir de continuidades, subsequências próprias da experiência de continuar vivendo.

Parece-me que este é um dos principais aspectos do romance publicado em 1935: a elaboração de personagens que reagiam aos encontros e desencontros da vida. Personagens que, apesar do compartilhamento de vivências coletivas, fosse numa comunidade periférica ou num grupo de pedintes, acabavam por sentir e reagir à vida de uma forma muito própria, como aprendizado de uma experiência singular, mas sempre uma forma assemelhada pelas condições de precariedade e tragédia visíveis na cidade da Bahia.

Ao partir do Rio de Janeiro para a Bahia de Todos-os-Santos em busca de informações sobre a cultura afro-brasileira, Jorge Amado fora atrás de Martiniano Eliseu do Bonfim, uma das figuras mais importantes do candomblé baiano. Seu interesse pela herança africana como uma das matrizes formadoras do Brasil se intensificou desde o “primeiro Congresso Afro-Brasileiro, no Recife, incentivado por Gilberto Freyre e o poeta Solano Trindade. Três anos

---

<sup>176</sup> BENJAMIN, op. cit., p. 38-39. Grifo meu.

depois, o segundo ocorreria na Bahia, com participação de Jorge”.<sup>177</sup> Durante o tempo em que escrevia o romance, Jorge Amado mantivera correspondência com Erico Veríssimo, outro jovem escritor brasileiro, e endereçava ao amigo as lamúrias advindas da escrita. Os mistérios e tragédias do cotidiano se apoderavam da vida dos personagens, dando-lhes características, *a priori*, não pretendidas por seu criador. Disse a Erico que queria

“[...] um livro alegre, e os miseráveis dos heróis o estão entristecendo”. Não havia como alterar o estado de ânimo. “Não quero me meter na vida deles, que já são maiores, de forma que estão em plena tragédia”. Adiante, aceitava: “Será um livro triste, talvez bonito, com certo ar místico (nada religioso, aliás) e um pouco musical. Prestará? Não sei ainda, mas dentro de um mês devo ter ideia”. Eis o cálculo numa dinâmica de improviso: intuía a extensão, não exatamente o desdobramento do enredo.<sup>178</sup>

A miséria e o misticismo, a tristeza e a tragédia. Essas eram as condições sobre as quais os personagens do romance se desenvolviam. O autor as reconhecia. Desde cedo, embora não tivesse nascido pobre, filho de um próspero comerciante, aprendera os encantos do cotidiano popular da Bahia. Fizera amizades entre a gente comum e andava pela cidade em busca de histórias que seriam revertidas em ficção. Não reproduziria exatamente o teor daqueles casos que compunham a oralidade dos populares baianos. Contudo, nutria-se da forma linguística e dos modos de expressão organizadores da cultura popular.<sup>179</sup>

Estrategicamente, utilizava uma linguagem ordinária para produzir um sentimento de identificação com o leitor comum, não o especializado. É esta linguagem baseada na oralidade “que seduz de imediato e sai escancarando portas para quem não estava acostumado a ler romances ou livros de muitas páginas”.<sup>180</sup> Dessa maneira, Jorge Amado se tornava um escritor

<sup>177</sup> AGUIAR, op. cit., p. 89. A fascinação de Jorge Amado pela herança africana e a cultura afro-brasileira pode ser sintetizada através de sua relação com o candomblé. Além de ter sido amigo de muitos pais e mães de santo, o escritor chegou a ocupar cargos nas cerimônias religiosas. Mas, sem dúvidas, este fascínio também se construía em razão dos aspectos popular, social e político presentes na configuração dos terreiros. Ao ser perguntado sobre a importância dos candomblés, afirmou: “acho que ainda hoje o candomblé é extremamente positivo. Por quê? Porque é uma religião popular, completamente independente de qualquer vínculo que pressupunha uma base reacionária [...] Acho até que hoje é um grande apoio para os pobres este contato com os deuses. Além do mais, o candomblé é uma religião alegre, **que não esmaga as pessoas**; o pecado não existe, nem a noção de pecado. É **vida, é alegria**. Os deuses vêm dançar, cantar e dançar com os homens, e as cerimônias são de confraternização entre deuses e homens que dançam e cantam juntos”. RAILLARD, op. cit., p. 83-84. Grifo meu.

<sup>178</sup> AGUIAR, op. cit., p. 91.

<sup>179</sup> Ricardo Câmara lembra que “Jorge Amado emprestou sua voz, durante toda a sua vida e em toda a sua obra, para que o povo contasse suas histórias, costumes e tradições. Dizemos ‘voz’ porque essa é a sensação que produzem as palavras de Amado. Seus argumentos são contados de uma maneira que exige um auditório mais que um leitor. Um auditório que ‘escute’ seus causos de sua própria boca”. D’ANGELO; SILVA, op. cit., p. 95.

<sup>180</sup> MACHADO, Ana Maria. **Romântico, sedutor e anarquista**: como e por que ler Jorge Amado hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 15.

que “escreve como a gente fala – num tempo em que as vanguardas até pregavam teoricamente a busca de estilo brasileiro de escrever, mas muitas vezes derrapavam feio na prática”.<sup>181</sup>

Observador das tramas sociais, das adversidades humanas e do universo cultural desencadeados nas décadas de 1910, 1920 e 1930, Jorge Amado escrevia *Jubiabá* depois de ter publicado uma trilogia considerada por ele como romances de um jovem aprendiz. Com a bagagem adquirida, desenvolveu um enredo de maior fôlego e uma abordagem mais amadurecida dos dilemas sociais. Fizera de Baldo um personagem andante e inquieto, com muitos desejos de amor e liberdade. Situara-o em uma periferia da capital, depois na mansão de um comerciante português. Fugitivo, viveu como mendigo nas ruas, inventando histórias que dramatizavam sua já difícil rotina de pedinte.

De maneira geral, pode-se mesmo afirmar que ele tentava decodificar os modos de sentir no território que amava. Literariamente, esforçava-se para penetrar nos recantos da alma humana a partir da Bahia e de sua gente. E, então, endereçava a seus leitores uma cartografia tanto fictícia quanto real, considerando que o material de seu trabalho, a forma, a linguagem, os atributos dos personagens, era recolhido no cotidiano agitado de Salvador, do cais às feiras, das ladeiras aos sobrados, dos morros às ruas da cidade.

Ao elaborar uma cartografia sentimental, um mapa sobre os significados da vida, um livro que depurasse as reações e as emoções de sujeitos desafortunados, vivendo a vida sob as regras incertas do destino, Jorge Amado elaborava também um testemunho de época, um discurso sobre como os indivíduos pensavam e sentiam. Entregava aos seus contemporâneos uma narrativa das coisas e das pessoas que compõem um tempo, a matéria fundamental para que futuros historiadores se debrucem. Para Jacques Rancière, é sobre esses testemunhos silenciosos que a história deve se lançar, ampliando a ideia de documento:

um objeto doméstico, um tecido, uma cerâmica, uma estela, a decoração pintada de um baú ou então um contrato entre dois personagens sobre os quais nada sabemos revelam um modo de ser do cotidiano, uma prática de trabalho ou do comércio, um senso do amor ou da morte que está registrado ali, por si só, sem que ninguém tenha pensado nos historiadores do futuro.<sup>182</sup>

Após os anos da adolescência, Baldo se tornou um jovem parrudo e amante. Gostava de amar as mulheres e do prazer erótico. Caía na tentação da carne mesmo quando se tratava de moças comprometidas. Queria as aventuras do corpo e a sanha que bulia por dentro como um

<sup>181</sup> Ibidem.

<sup>182</sup> RANCIÈRE, Jacques. **Figuras de história**. Tradução de Fernando Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2018, p. 26.

tropel. Maria dos Reis foi uma dessas moças que já havia prometido seu amor a um certo soldado Osório, todavia, saboreava as investidas de Baldo. Até mesmo dividia os dias da semana entre o soldado e o jovem parrudo que, em breve, tornar-se-ia boxeador. Apaixonado por Maria dos Reis, Baldo gostava de sentir “com as mãos o calor e a dureza daquele corpo virgem”.<sup>183</sup>

Amar também podia significar adoecer. Aqueles que sofriam de amor procuravam por curandeiros para encomendar despachos e feitiços que modificariam as paixões não correspondidas.<sup>184</sup> Pai Jubiabá, o maior curandeiro do morro do Capa-Negro, fazia esses despachos. Além de socorrer os doentes físicos, socorria os doentes de alma. Uma mulher revoltada foi categórica com o macumbeiro: “Aquela sem-vergonha da Marta tomou meu homem. Eu quero que ele venha de novo para casa [...] Eu tenho filhos, ela não tem”. A queixa era logo contornada pelo feiticeiro: “Você arranje uns cabelos dela e traga que eu faço tudo”.<sup>185</sup> As encomendas para curar a saúde do corpo ou para trazer benefícios amorosos deixavam suas marcas na geografia da cidade que “se enchia na madrugada seguinte de coisas feitas que entulhavam as ruas e das quais os transeuntes se afastavam receosos”.<sup>186</sup>

Além do medo dos passantes ao verem as encomendas espalhadas pela urbe, estabelecendo uma desconfiança do olhar sobre a cidade, os despachos em favor ou contra alguém também se transformavam em queixa judicial. A *Capital* deu nota sobre uma rixa entre duas mulheres. Segundo o depoimento de Waldemar Ferreira, esposo da vítima, a feiticeira Maria José, “moradora do mesmo predio”, havia feito um “serviço” para sua mulher. O caso foi detalhado pelo repórter do jornal: “Maria José, por vingança, collocou ‘feitiço’ no colchão da outra Maria e esta logo após ao deitar-se levantou-se como louca, rasgando as vestes e com um lado do corpo todo ‘inchado’”. Waldemar pedia como indenização o pagamento de um novo colchão pela feiticeira.<sup>187</sup>

<sup>183</sup> AMADO, op. cit., p. 119.

<sup>184</sup> A história da feitiçaria e de práticas mágicas tem longa duração no Brasil. O estudo de Laura de Mello sobre o assunto é ilustrativo da grande variedade de casos reportados em inquéritos coloniais. Essas atividades faziam parte do universo cultural e expressavam as dinâmicas sociais do cotidiano. Tensões e conflitos entre as pessoas, desejos de posse amorosa e a busca por cura para doenças, por exemplo, eram tratados por curandeiros com sortilépios, orações e benzeduras: “A confecção de filtros, poções, ungamentos, o recurso a sortilépios diversos que facilitassem as relações amorosas é portanto um procedimento muito antigo. Talvez com base nisso, juízes e inquisidores que trataram dos crimes de feitiçaria tenderam a sexualizá-lo e a enxergar muitas vezes as bruxas como prostitutas ou semi-prostitutas. Frequentemente, repressão da feitiçaria e repressão do adultério, do incesto ou dos comportamentos sexuais desviantes andaram juntas”. SOUZA, Laura de Mello. **O diabo e a terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 302.

<sup>185</sup> AMADO, op. cit., p. 115-116

<sup>186</sup> Ibidem, p. 116.

<sup>187</sup> A *Capital*, 17/10/1926, p. 7.

O soldado Osório foi um desses a procurar Jubiabá para fazer feitiço em favor de seu amor por Maria dos Reis. Não contava, entretanto, que as suspeitas em torno da noiva o levassem até Baldo que, à época, não apenas era amigo do curandeiro como participava das celebrações no seu terreiro, ocupando o posto de ogã.<sup>188</sup> Sedutor, amante, sócio de candomblé e lutador de boxe, a vida de Baldo até que ia bem naqueles dias. Vez ou outra vendia seus sambas e agora era atração principal nas lutas de boxe no Largo da Sé. Gostava de ouvir seu nome ecoado pelo público que gritava loucamente entre os *rounds*.

Luigi, um italiano imigrante, foi quem apresentou Baldo ao mundo da luta. Conhecera o italiano quando Osório descobriu seu caso com Maria dos Reis. Baldo dera uma navalhada no rosto do soldado, mas precisou fugir em razão de outros soldados que chegavam para acudir o noivo da amante. Na fuga, Luigi o auxiliara a escapar pelos becos escuros da cidade.

A glória conquistada nas lutas de boxe findou ao enfrentar um peruano, Miguez. Ninguém apostaria contra Baldo, o Negro, que até retrato no jornal ganhara em razão de suas vitórias e recordes. Contudo, sua “carreira de *boxeur* terminou no dia em que Lindinalva ficou noiva. Nos jornais que anunciam a sua luta com o peruano Miguez, Antônio Balduíno leu a notícia do noivado de Lindinalva Pereira, filha do capitalista Pereira, desta praça”.<sup>189</sup>

Os anúncios de casamentos, nascimentos, aniversários e falecimentos eram recorrentes nas páginas dos jornais. Se não todos, boa parte dos anúncios de casamento propagavam os laços matrimoniais entre famílias com poder social e econômico, ou aquelas de classe menos abastada, mas com inserção social, constituindo-se em formas de celebração de alianças locais ou regionais. Costumava-se identificar os noivos a partir de seus empregos em repartições ou comércio da praça, bem como pela filiação a alguém renomado. Ao fim dos anúncios, desejava-se felicidades aos contratantes. Foi o caso de Noé Nunes e Olga Pacheco:

Na matriz de São Pedro recebem hoje a benção nupcial da egreja catholica, após o acto civil no Fórum ás 16h o sr. Noé Rodrigues Nunes, estimado negociante nesta praça e a distincta senhorinha Olga Pacheco Fernandes de Souza, estremecida filha do sr. Pompilio Fernandes de Souza, socio da firma

<sup>188</sup> Em um dos capítulos do romance, intitulado *Macumba*, Jorge Amado ambienta os personagens centrais da trama em uma cerimônia de candomblé, descrevendo movimentações e funções do rito. Antônio Balduíno havia se tornado ogã no terreiro de pai Jubiabá: “A assistência apertada em volta da sala, junto à parede, estava com olhos fitos nos ogãs que ficavam sentados em quadrado no meio da sala. Em torno dos ogãs giravam as feitas. Os ogãs são importantes, pois eles são sócios do candomblé, e as feitas são as sacerdotisas, aquelas que podem receber o santo. Antônio Balduíno era ogã, Joaquim também, mas o Gordo ainda não o era e estava no meio da assistência, bem junto de um homem branco e magro, calvo, que espiava a cena muito atento, procurando acompanhar a música monótona com pancadas nos joelhos [...] O resto da assistência era formada de homens pretos, homens mulatos, que se apertavam de encontro a negras gordas, vestidas com anágua e camisas decotadas e colares no pescoço. As feitas dançavam lentamente sacudindo o corpo”. AMADO, op. cit., p. 102-103.

<sup>189</sup> Ibidem, p. 127.

Tude Irmão & Companhia [...] Os votos nossos de felicidade ao distinto par.<sup>190</sup>

Baldo não havia esquecido a paixão por aquela a quem acusaram de bisbilhotar a nudez durante o banho. Fugira da mansão do comendador depois de apanhar injustamente, sem deixar que lhe ouvissem a verdade. Entretanto, o amor por Lindinalva permanecia incutido em seus sentimentos. Inclusive, prometera a si mesmo que, fosse com quem fosse, só veria o rosto de Lindinalva em todas as mulheres que amaria no areal do cais. A sobreposição facial de um amor adolescente parecia uma estratégia de amar alguém que lhe era proibido. Embora tivesse amado Maria dos Reis e tantas outras, a figura de Lindinalva o atormentava continuamente. Ao saber do futuro casamento, aquela sensação de amor impossível mexia com seus instintos e desejos.

Subiu ao ringue já derrotado, a notícia liquidara com sua concentração e muito pouco pensava nas estratégias da luta. Foi “derrotado no terceiro round, porque já não podia lutar, apenas recebia os socos que Miguez, o peruano, lhe aplicava”.<sup>191</sup> O público, desacostumado a ver Baldo derrotado, imaginava que a luta estava comprada e o resultado há muito combinado. Não segredaria a ninguém as verdadeiras razões da derrota. Sabia que tinha perdido para o amor, para o sentimento de não poder ter entre as mãos a pessoa que lhe completava os sentidos. O casamento de Lindinalva decretara sua infelicidade e a angústia de não ter quem se deseja. Voltar ao tablado estava fora de cogitação. Toda vez que lembrava da derrota no ringue recordava também da humilhação.

Ao relacionar as noções de amor e destino, Zygmunt Bauman ressalta a imprevisibilidade do ato de amar ou de se apaixonar. Faz parte do amor o medo do que acontecerá caso ele se concretize ou não.

Em todo amor há pelo menos dois seres, cada qual a grande incógnita na equação do outro. É isso que faz o amor parecer um capricho do destino – aquele futuro estranho e misterioso, impossível de ser descrito antecipadamente, que deve ser realizado ou protelado, acelerado ou interrompido. **Amar significa abrir-se ao destino, a mais sublime de todas as condições humanas, em que o medo se funde ao regozijo num amálgama irreversível.** Abrir-se ao destino significa, em última instância, admitir a liberdade no ser: aquela liberdade que se incorpora no Outro, o companheiro no amor.<sup>192</sup>

<sup>190</sup> *A Manhã*, 01/09/1920, p. 2.

<sup>191</sup> AMADO, op. cit. p.127.

<sup>192</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Amar líquido:** sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 21. Grifo meu.

Em Antônio Balduíno, o amor não correspondido por Lindinalva o fazia se sentir impotente e infeliz. Não era nem capaz de repetir o bom desempenho nas lutas de boxe, sua especialidade. Mexendo com seus sentidos, o amor cumpria sua tarefa em reconfigurar a percepção de Baldo sobre o cotidiano. Aparentemente, a possibilidade de um desfecho feliz com seu primeiro amor parecia fadado a não acontecer agora que a filha do comendador anunciava à cidade seu matrimônio.

Até no seu lugar preferido da cidade, o cais, onde podia sentir a brisa marítima e acalmava os anseios assistindo ao trabalho dos estivadores, Baldo não encontrava a serenidade. Desde a derrota humilhante para Miguez, ele “se arrojava na areia desesperado. Nunca tivera uma angústia tamanha. Ódio que se revolvia dentro dele. Via filas de negros, via aquele marcado nas costas que ele conhecera na casa de Jubiaibá”.<sup>193</sup> As visões misteriosas e sombrias, dolorosas e angustiantes, contrabalanceavam a alegria e a felicidade que sentia quando estava nas festas de macumba e no bar Lanterna dos Afogados.

Esse ritmo da vida, cadenciado por prazeres e sofrimentos, embalava-o como um saveiro numa noite de tempestade. Muitas das histórias que ouvia no bar, entre mestres daquelas embarcações e pescadores, falavam das aventuras de outras terras e da natureza arredia das águas. O destino das pessoas, naqueles casos contados, chegava a se confundir com as decisões da senhora das águas, Iemanjá. Há muito tinha vontade de ser protagonista daquelas histórias, de se aventurar pelas feiras do Recôncavo Baiano, de subir num navio cargueiro e ir para os países daqueles gringos que falavam línguas estranhas. Cultivava o desejo de amar mulheres em terras distantes, em outras cidades ou no campo, porque só assim esqueceria de vez a figura fantasmagórica de Lindinalva. Acusado de vendido por perder a luta para o peruano, mais uma vez a vida sufocava Baldo.

A vontade de se deslocar, de deixar para trás os sofrimentos, constituía também a dinâmica do cotidiano naquela Bahia dos anos 1920. A cidade entrevista como lugar de afeto, onde se criam redes de amizade e laços parentais, onde pode ser traçada não só por linhas arquitetônicas mas por linhas de desejo, torna-se, dependendo do que nos acomete, um lugar de rejeição e angústias, um lugar onde se quer esquecer o que ali foi vivido, o que representa tormento e penúria espiritual. O que pode ser lido no romance de Jorge Amado, para além da fortuna crítica em torno das identidades brasileiras e da herança africana, para além de seu sentido proletário, detalhando as péssimas condições de vida dos trabalhadores do cais e dos moradores do morro, é a correlação entre desejo e deslocamento.

---

<sup>193</sup> AMADO, op. cit., p. 134.

Os sujeitos, ao experimentarem momentos de dores agudas, são convidados a deixar o espaço de dor em busca de outros destinos. Nem sempre atenderão ao convite se sentem que outras circunstâncias os aprisionam ou imobilizam. Entretanto, aos que como Baldo são dotados de um sentimento único de liberdade, se não há quem os impeça de ir e vir no tablado da vida, esse convite acaba por se realizar, abrindo brechas para outras formas de relações sociais e outros desejos. Deslocar-se, ir ou regressar, é, assim, um elemento importante na elaboração de significados do que é e pode vir a ser a vida.

Todorov, ao estudar as angústias da poeta Marina Tsvetaeva em meio às mudanças provocadas pela Revolução Russa, narra a importância do exílio, do mover-se, quando o indivíduo se sente desamparado na sua terra natal:

Dante do poder soviético, Tsvetaeva só tem uma saída: o exílio. Aquele no interior de si, que muitos de seus compatriotas praticarão, ou aquele fora do país, solução que muitos outros russos escolhem ou à qual são obrigados [...] Graças à ajuda de alguns amigos, ela obtém um visto de saída e em maio de 1922 deixa a Rússia, acompanhada da pequena Alia [...] A ruptura de Tsvetaeva com a Rússia soviética é ditada menos por motivos estritamente políticos do que por considerações familiares e exigências relativas à sua filosofia de vida. Ela sempre se considerou uma pessoa, não um membro dócil de um grupo, seja em relação à sua classe, seu sexo ou sua profissão. Ora, na Rússia soviética, o coletivo agora se sobrepõe ao indivíduo: Tsvetaeva comprehende que não tem mais lugar nesse país. É o projeto metafísico do comunismo que lhe é totalmente estranho: “E não se trata de política, mas do ‘homem novo’, desumano, metade máquina, metade macaco, metade carneiro”.<sup>194</sup>

A cidade onde fora imperador, chefe de bando e fiscalizador de seus movimentos, agora “o apertava como corda no pescoço de suicida”. A angústia de ter fracassado no amor e no trabalho o acossava, fazendo-o reagir com o desejo de se meter num daqueles saveiros e ganhar a vida noutro lugar. Estava pronto para o embarque. Pediria carona a um dos mestres navegantes e levaria consigo o velho amigo Gordo. Quem sabe voltariam um dia para contarem suas próprias aventuras nos bares do cais. Talvez achassem o caminho de casa, aquele que Viriato não fora capaz de encontrar e, por isso, metera-se no fundo do mar.

Todas essas visões e sentimentos do mundo eram experimentados por Baldo de uma só vez, como um tropel por dentro. Porém, dessa vez, não eram as luzes da cidade que o hipnotizavam. Nem as saborosas conversações que ouvia em cima do morro. O que lhe revolvia por dentro era a agonia do sofrimento e as intempéries do cotidiano. O acaso lhe fizera ver o anúncio do casamento de Lindinalva. Abrira o periódico para ver a própria fotografia que

<sup>194</sup> TODOROV, op. cit., p. 202-203.

anunciava a luta contra Miguez e acabou por ver as dores do passado nas letras que informavam o matrimônio de uma paixão antiga. Sentindo-se esmagado por dentro, Antônio Balduíno sentia também o peso e a gravidade do que lhe era essencial.<sup>195</sup> Para suportar a dor metafísica, “fugiu pelo mar num saveiro”.<sup>196</sup>

Em sua expedição, coletaria outras cenas e reflexões. Faria um diário das novas situações vividas. Talvez tivesse em busca de alguma resposta ou sinal. Viriato dissera que a vida não valia de nada. Não haveria propósito. Aprendera ainda cedo que o destino era comum para aqueles que nasciam negros como ele. Teria que conferir a verdade dessas suposições e aprendizagens da infância. Teria que continuar vivendo a vida para sentir o mundo com outros cheiros e formas.

---

<sup>195</sup> Tomo emprestada, novamente, a noção de peso encontrada em *A insustentável leveza do ser*. Acrescida, agora, das noções de necessidade e valor desenvolvidas pelo escritor tcheco. Para Kundera: “Ao contrário de Parmênides, Beethoven considerava o peso como algo positivo [...] a decisão gravemente pesada está associada à voz do Destino [...] o peso, a necessidade e o valor são três noções íntima e profundamente ligadas: só é grave aquilo que é necessário, só tem valor aquilo que pesa”. E continua: “essa convicção nasce da música de Beethoven, se bem que seja possível (ou talvez provável) que ela seja mais da responsabilidade dos exegetas de Beethoven do que do próprio compositor; todos nós a compartilhamos de uma certa forma hoje em dia: para nós, o que faz a grandeza de um homem é ele carregar seu destino como Atlas carregava sobre os ombros a abóboda celeste. O herói de Beethoven é um halterofilista que levanta pesos metafísicos”. KUNDERA, op. cit., p. 38-39.

<sup>196</sup> AMADO, op. cit., p. 142.

## 4 SONHAR DESTINOS

### 4.1 Os sonhos, a terra do fumo e a compaixão

As viagens produzem toda sorte de deslocamentos. Quando optamos por viajar de uma cidade a outra, de um país a outro, ou mesmo quando resolvemos percorrer uma distância considerável no território dentro da cidade ou de um povoado, podemos experimentar várias sensações, como o estranhamento, a insegurança, a novidade, entusiasmo, medo, aflição, aventura e saudade. Além dessas sensações, muitas são as razões para que percorramos distâncias entre geografias diferentes. Assim, viajamos por necessidade ou por escolha, por motivos de trabalho ou lazer. Porque nos sentimos enfadados e entediados ou porque determinadas conjunturas nos impelem para a estrada. As viagens significam alterações nos nossos comportamentos e nas nossas rotinas, tendo em vista a própria dinâmica de mudanças que elas propiciam. Impõem reformulações nos nossos hábitos e quebram, temporária ou definitivamente, as arquiteturas cotidianas que costumamos solidificar no trânsito dos dias.

Percorrer territórios desconhecidos ou há muito visitados pode significar, contudo, uma chance de refazer nossas identidades e preferências, de questionar nossas convicções e certezas. O deslocamento terreno pode provocar também um deslocamento espiritual, subjetivo. Reter novas imagens e cenas, bem como se familiarizar com gestos e práticas sociais desconhecidos, são ações que tendem a estimular reflexões sobre as maneiras com que concebemos a vida e as reações que cultivamos diante dos acontecimentos.

No capítulo anterior, mencionei dois personagens do romancista Mia Couto que se batem pelas estradas de uma Moçambique devastada pela guerra civil. Na fábula criada pelo escritor moçambicano, Muidinga e Tuahir caminham juntos por estradas misteriosas, fugindo de algum perigo iminente. Escondem-se ora na mata, ora em um ônibus incendiado e abandonado. Pode-se dizer que viajam por necessidade, lutando pela sobrevivência em meio ao caos e à violência que assolam seu país. Portando apenas os próprios nomes, tendo poucas lembranças sobre seus passados, os personagens parecem igualmente travar uma luta por suas identidades, esforçando-se por recordar de suas vidas anteriores à guerra civil.

Nessas condições, as estradas tendem a oferecer situações perigosas e desconhecidas, podem se constituir de ciladas e armadilhas, como se os indivíduos se dividissem entre caçadores e presas. Muindinga e Tuahir experimentavam essa sensação de ser o alvo de alguém,

de viver sob o signo da fuga e do esconderijo, confundindo realidade e sonho, vida presente e vida passada:

Muindinga sonha, agitado. Lhe surgem, confusas, imagens de um tempo que ele nunca foi capaz de tocar. Muindinga se revê menino, saindo de uma escola. Mas nenhum rosto é legível, mesmo a escola não possui fachada. Confusas vozes lhe afluem: chamam por si! Lhe chamam um outro nome. Tenta desesperadamente entender esse nome. Mas os sons se desfocam, em eco de cacimbo. Depois, tudo se esfuma, anoicece dentro de seu sonho [...] Aquela noite lhe dera a certeza: os sonhos são cartas que enviamos a nossas outras, restantes vidas.<sup>197</sup>

A terra sonâmbula descrita por Mia Couto, cujas estradas são o refúgio de gente que sonha seu passado, suas “restantes vidas”, indica que em épocas de tormenta e penúria são ainda os sonhos que podem nos guiar à redescoberta de si e à compreensão do presente. Se as vozes se tornam confusas, os rostos se apresentam ilegíveis e os “sons se desfocam”, haverá ainda a capacidade de sonhar e, através da realidade sonâmbula, recuperar vestígios do que fomos e do que queremos ser.

É também Mia Couto quem se refere a Jorge Amado como uma grande referência para a produção literária em países lusófonos. Para ele, “Jorge Amado foi o escritor que maior influência teve na gênese da literatura dos países africanos que falam português”. Além disso, o escritor moçambicano afirmava que “Jorge não escrevia livros, ele escrevia um país. E não era apenas um autor que nos chegava. Era um Brasil todo inteiro que regressava à África. Havia pois uma outra nação que era longínqua mas não nos era exterior”.<sup>198</sup>

O depoimento de Mia Couto sobre a recepção da obra de Jorge Amado em países como Moçambique, Cabo Verde, Angola, entre outros, delineia a importância da literatura *amadiana* na configuração de uma escrita literária modulada pela oralidade e pela vida da gente comum, da “gente pobre, gente com os nossos nomes, gente com as nossas raças”.<sup>199</sup>

Essa “familiaridade existencial” entre os personagens de Jorge Amado e os habitantes dos países africanos lusófonos, para Mia Couto, causava fascínio e aproximações. A distância entre os continentes sofria deslocamentos em razão da circulação literária e dos encontros identitários gerados a partir da leitura dos romances publicados pelo baiano. Esse parentesco entre costumes baseado em aspectos culturais, em modos de fala, em formas de relação com

<sup>197</sup> COUTO, op. cit., p. 65.

<sup>198</sup> GOLDSTEIN, Ilana Seltzer; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **O universo de Jorge Amado:** orientações para o trabalho em sala de aula. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, v.2, 2009, p. 80. (Caderno de Leituras, Coleção Jorge Amado).

<sup>199</sup> Ibidem.

divindades e nas expressões de amor e sexualidade, temas presentes nos livros de Jorge Amado, deve ter criado sentimentos de pertencimento entre lugares que se separavam pela extensão do mar atlântico e pela trajetória histórica de cada nação, mas que se avizinhavam em função dos gestos culturais e das experiências sociais narradas nos romances.

A redefinição simbólica das fronteiras nacionais, que se observa no depoimento do romancista moçambicano, marcada pela prática da leitura e crescimento de um mercado literário internacional, demonstra que os deslocamentos subjetivos, ou seja, as alterações nas sensibilidades, nos desejos, na língua, nas identidades, não se materializam exclusivamente através do translado de pessoas por cidades e países diferentes, mas também pela circulação de ideias, histórias e narrativas propiciadas pelo mercado do livro.

Sobre os deslocamentos de identidades e as possibilidades de reconhecimento de outras culturas, é pertinente a reflexão de Roland Barthes, ao visitar o Japão, acerca de uma língua desconhecida:

O sonho: conhecer uma língua estrangeira (estranha) e, contudo, não a compreender: perceber nela a diferença, sem que essa diferença seja jamais recuperada pela sociabilidade superficial da linguagem, comunicação ou vulgaridade; conhecer, refratadas positivamente numa nova língua, as impossibilidades da nossa; aprender a sistemática do inconcebível; **desfazer nosso ‘real’ sob o efeito de outros recortes, de outras sintaxes; descobrir posições inéditas do sujeito na enunciação, deslocar sua topologia**; numa palavra, descer ao intraduzível, sentir sua sacudida sem jamais a amortecer, até que, todo o Ocidente se abale e vacilem os direitos da língua paterna, aquela que nos vem de nossos pais e que nos torna, por sua vez, pais e proprietários de uma cultura que, precisamente, a história transforma em “natureza”.<sup>200</sup>

Contudo, é justamente sobre o sonho que gostaria de reter mais atenção. Afirmei acima, a partir de uma passagem de *Terra Sonâmbula*, que são os sonhos a matéria necessária para lembrar de quem somos e do que queremos ser. O desejo de escapar às vicissitudes do presente, à rotina muitas vezes estafante do trabalho e aos dilemas que nos oprimem cotidianamente, faz crescer entre nós o interesse em projetar uma vida diferente e que ainda não possuímos, uma vida que se pareça com o conteúdo de nossas vontades, uma vida que se faça mediante o que consideramos agradável e satisfatório. É comum, portanto, que visualizemos, em breves intervalos, épocas de felicidade e realização, momentos em que podemos enfim ser o que ambicionamos ser, um futuro no qual poderemos potencializar nossos interesses e aptidões.

<sup>200</sup> BARTHES, Roland. **O império dos signos**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007, p. 11-12. Grifo meu.

A ponderação sobre o valor do sonho, individual ou coletivo, é atravessada por muitos critérios. Um sonho coletivo jamais se materializará sem organização social e sem a disputa pelas instâncias capazes de efetivar as ideias ou valores sonhados. Um sonho individual, de outro modo, não passará de desejo se outras forças lhe interditam o caminho da realização sem que o sonhador, imbuído de vitalidade e poder de ação, aja no sentido de confrontar tais forças. Muito menos as ações coordenadas são garantias de que o material sonhado irá dispor do que é necessário para o que pretende, tendo em vista nossos limites para adivinhar o curso dos acontecimentos futuros e a imprevisibilidade das circunstâncias históricas.

A imprevisibilidade e o acaso, instâncias que se localizam entre o tempo presente e o tempo futuro, caracterizando a vivência humana por eventos inesperados, é tema de estudo na historiografia, sobretudo no trabalho de Reinhart Koselleck. Segundo o historiador alemão:

o acaso é bastante adequado para descrever o repentino, o novo, o imprevisto e tudo o mais que tenha sido assim percebido na história. Tal ou qual um conjunto de circunstâncias só podem resultar do acaso, ou então um conjunto cheio de instabilidades precisa do acaso como bode expiatório. Sempre que o acaso for convocado pela historiografia, isso indicará uma inconsistência dos dados e a incomensurabilidade de suas consequências.<sup>201</sup>

Dessa maneira, destacam-se continuamente, na efetivação ou impedimento dos sonhos, a imprevisibilidade resultante de uma sociedade em constante transformação, acelerada por mudanças técnicas e tecnológicas, por oposições políticas e partidárias, pela rigidez de certos costumes. E, também, pelo cansaço e esgotamento do corpo em função do ideal de produtividade no trabalho, pela vigilância do Estado e das classes sociais dominantes sobre as tentativas e projetos de reordenamento dos contratos sociais e, ainda, em casos mais extremos mas não menos prováveis, através dos mecanismos de violação e violência perpetrados por governos de aspiração autoritária.

O cansaço e o esgotamento do corpo, a maneira como os indivíduos enfraquecem devido às práticas de trabalho extenuantes, foram observados por Jorge Amado em seu romance *Jubiabá*. São reincidentes, ao longo do livro, as cenas de trabalho e a deformação física daqueles que eram submetidos a condições análogas à escravidão, fosse na cidade da Bahia ou nas cidades do Recôncavo Baiano e suas áreas rurais.

---

<sup>201</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado:** contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de Wilma Patrícia Mass e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p. 148.

Olhamos para essas cenas ora através dos olhos do narrador onisciente, ora através dos olhos de Antônio Balduíno. As diversas fases da vida de Baldo, desde criança até se tornar um jovem adulto, são portas de acesso para uma Bahia dividida entre patrões e trabalhadores, entre senhores e servos, brancos e negros. Essas oposições às vezes dão o tom da descrição do romance, retratando formas de exploração, punição e reprodução dos códigos sociais reguladores.

Byung-Chul Han, ao analisar as formas de esgotamento e de exaustão preponderantes nos séculos vinte e vinte e um, nota a diferença entre os estados de cansaço que caracterizariam cada um desses séculos. Para ele, enquanto o século vinte se basearia em técnicas imunológicas, construindo a ideia de inimigo e doença sempre a partir da ameaça externa, o século vinte e um se fundaria em técnicas neuronais, tendo em vista que as enfermidades mais recorrentes seriam aquelas associadas ao desempenho do si, ao excesso de positividade do ser.

Para as formas de cansaço que pretendemos avaliar em Jorge Amado, é importante o comentário de Han sobre o conceito de *vita activa*, desenvolvido por Hannah Arendt:

Segundo Arendt, a sociedade moderna, enquanto sociedade do trabalho, aniquila toda possibilidade de agir, degradando o homem a um *animal laborans* – um animal trabalhador. O agir ocasiona ativamente novos processos. O homem moderno, ao contrário, estaria passivamente exposto ao processo anônimo da vida [...] **Todas as formas de vita activa, tanto o produzir quanto o agir, decaem ao patamar do trabalho.** Assim, Arendt vê a Modernidade, que começou incialmente com uma ativação heroica inaudita de todas as capacidades humanas, findar numa passividade mortal.<sup>202</sup>

Jorge Amado, na condição de escritor e intelectual ligado ao partido comunista, também sonhava por meio de seus personagens uma sociedade cujas relações de domínio poderiam ser substituídas pela organização dos trabalhadores, levantes populares, greves trabalhistas e práticas de insubordinação ante as tentativas de exploração articuladas por empresários de setores produtivos diferentes, na Bahia. Nessas situações de infortúnio e precariedade, o ato de sonhar se apresenta como alternativa para a catalisação de forças e quereres ainda disponíveis aos desafortunados e aviltados. Era talvez sobre isso a que Mia Couto se reportava ao falar da importância da literatura de Jorge Amado. A obra romanesca do baiano chegava aos países africanos como uma espécie de remédio para dores na alma: “Jorge não escrevia livros, ele escrevia um país”, dissera o moçambicano.

---

<sup>202</sup> HAN, Byung-chul. **Sociedade do cansaço.** Tradução de Enio Paulo Giachini. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 41. Grifo meu.

**E nós precisávamos desse Brasil como quem carece de um sonho que nunca antes soubéramos ter.** Podia ser um Brasil tipificado e mistificado, mas era um espaço mágico onde nos renasciam os criadores de histórias e produtores de felicidade.<sup>203</sup>

O que há então de comum entre Jorge Amado e Mia Couto além de toda a influência do brasileiro relatada pelo moçambicano? É que os dois se tornaram romancistas e usaram a criação literária, em sua dimensão ficcional, para compreender e descrever os usos da vida pela gente de seu país em épocas históricas específicas. Embora tenham exercido o mesmo ofício em períodos e contextos distintos, os dois romancistas relataram um certo estado da condição humana. Descreveram como os indivíduos tendem a se comportar ou a reagir mediante situações cotidianas e extraordinárias. Mapearam, cada um a seu jeito, os dilemas da experiência de viver e de batalhar pela sobrevivência.

Essas cenas da vida, reportadas pela ficção, são fundamentais para uma historiografia interessada nas subjetividades humanas, no estudo das emoções e na tessitura dos modos de coexistência. São também os romances literários uma fonte para os historiadores pensarem a pertinência dos sonhos coletivos e individuais, bem como as razões para esses sonhos não se efetivarem. Uma história das frustrações, da impotência, dos desejos repelidos deve levar em conta os conteúdos da ficção como espaços narrativos em que vozes dissonantes, ou não ouvidas, tendem a figurar com protagonismo e importância. Talvez este seja o ponto levantado por Koselleck ao compreender o sonho como uma dimensão histórica:

Embora não possam ser produzidos, os sonhos pertencem ao âmbito das ficções humanas, na medida em que, como sonhos, não oferecem uma representação real da existência. Mas isto não impede que eles façam parte da realidade da vida [...] **Os sonhos, pelo contrário, serão introduzidos como fontes que dão testemunho de uma realidade passada**, de uma forma talvez que nenhuma outra fonte seja capaz de fazer. **Os sonhos se encontram, sem dúvida, no ponto extremo de uma escala imaginável de racionalidade histórica.** Mas, a rigor, testemunham uma inevitável **facticidade do fictício**, com a qual um historiador não deveria deixar de envolver-se.<sup>204</sup>

Ao longo de *Jubiabá*, algumas dessas cenas nos revelam uma Bahia, e sua região do Recôncavo, habitada por sujeitos submetidos a trabalhos exaustivos e degradantes, indivíduos que entreviam em seus sonhos particulares uma maneira de resistir à carga diária de exploração

<sup>203</sup> GOLDSTEIN, Ilana Seltzer; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.), op. cit., p. 80-81. Grifo meu.

<sup>204</sup> KOSELLECK, op. cit., p. 251. Grifo meu.

e esgotamento. Verificar a fisionomia desse cansaço e o conteúdo dos sonhos dessas pessoas pode indicar algo sobre as concepções de vida e os modos de coexistência naquele período.

Antônio Balduíno fugira com seu amigo Gordo da capital baiana. Arranjaram-se entre um daqueles saveiros que, mesmo pela noite, faziam travessias para as cidades banhadas pelo mar da Bahia de Todos-os-Santos e movimentavam o mercado interno daquelas localidades, especialmente o das feiras portuárias. Baldo, ao ser derrotado no ringue de boxe e acusado de vendido, pois ninguém esperava sua derrota para o peruano Miguez, sabia que o real motivo de sua fuga era a dor causada pelo amor.

A moça que mais amara até aqueles anos de sua juventude, Lindinalva, anunciara noivado em uma nota de jornal, fazendo Baldo perder a concentração para a luta contra o peruano. Subira ao tablado já derrotado. Nocauteado pela notícia de que sua paixão se casaria com outro homem, Antônio Balduíno parecia perder a razão de viver ou de permanecer na cidade que aprendera a amar desde pequeno.

Havia feito de tudo um pouco na cidade da Bahia. Quando estava sob a guarda do pai de Lindinalva, sua amada, ajudava no comércio do comendador. Ao fugir da mansão, carregando o ódio pela gente branca em seu corpo surrado, tornou-se mendigo e chefiava um bando de moleques abandonados nas ruas da cidade. Alguns anos depois, passara a vender sambas para um poeta que os revendia aos programas de rádio. Voltara a frequentar o morro onde nasceu na condição de sócio de candomblé no terreiro de pai Jubiabá. Apesar de se apaixonar outras vezes, de amar outras mulheres, parecia que a face de Lindinalva, branca como o areal do cais, se estendia sobre os rostos das moças com quem dormia. Prometera jamais esquecer a pele alva de boneca da filha do comendador. Levaria consigo a projeção de sua imagem, dormisse com quem dormisse. E, ao saber daquele noivado entre sua paixão antiga e um jovem advogado, se dava conta da impossibilidade daquele seu amor. Pesava-lhe a interdição e a distância de quem gostava.

Impotente diante do seu afeto mais fundamental, acusado de vendido entre a gente que em outras épocas o vangloriava, sobrava-lhe apenas uma saída. Subir num saveiro e conseguir uma carona até as cidades do Recôncavo. Por lá, haveria de encontrar sorte melhor, recomeçaria sua jornada, tentaria seguir firme em seu desejo de não ser servo de ninguém. Sabia que os negros como ele haviam nascido para servir aos brancos bem vestidos e cheios de mandos. Seus semelhantes caíram nessa vida para carregar pesados fardos nos cais, parecendo-se com formigas de corpos envergados. Entretanto, em seu íntimo, dava-se conta que aquele não era seu destino. Nascera para a liberdade, para amar mulheres nas areias do cais, para tocar e cantar

seus sambas nas rodas de amigos nos bares da Cidade Baixa. O seu destino era ser malandro, fazedor de sua própria sorte, recordando-se sempre do que diziam de seu pai andarilho e namorador. Não havia se colocado no mundo para ser escravo de ninguém. E carregava também esses sentimentos durante a viagem no saveiro de Seu Manuel. Não tinha certeza do que encontraria pelo caminho, mas bem guardava a sensação de que o mundo ainda poderia ser seu. Ao descerem do saveiro e se despedirem de mestre Manuel:

Antônio Balduíno e o Gordo ficaram na cidade velha de Cachoeira, medindo o comprimento das ruas numa vagabundagem forçada. **Sentiam a cidade pelo cheiro.** Era aquele cheiro adocicado de fumo que vinha de São Félix defronte, das fábricas brancas que tomavam quarteirões inteiros e que eram gordas como os seus donos. **Cheiro que tonteava**, que fazia pensar em coisas distantes, que obrigava o Gordo a contar longas histórias inventadas ou repetidas. Nas fábricas de charuto não havia trabalho. Ali quase só **mulheres pálidas e macilentas, mulheres de olhos compridos**, fabricavam charutos caros para fins de banquetes ministeriais. Os homens não tinham jeito, possuíam as mãos grossas demais para aquele trabalho que, no entanto, era pesado e difícil.<sup>205</sup>

A sensibilidade de Baldo e seu amigo fazia-os notarem que uma cidade é também reconhecida por seu cheiro. Se havia tomado conhecimento da cidade da Bahia através das luzes artificiais, das conversas e músicas do morro do Capa-Negro, agora, em Cachoeira, absorvia a presença do lugar pelo cheiro adocicado do fumo, um cheiro “que tonteava”. No entanto, não demoraria para Antônio Balduíno observar que esse cheiro forte advinha das fábricas de charuto localizadas em São Félix, cidade defronte a Cachoeira. Ao perambular pelos dois municípios, percebeu que naquelas fábricas não havia emprego, especialmente para homens que “possuíam as mãos grossas demais”, pois se tratava de um trabalho cuja técnica prescindia de mãos mais afiladas.

A observação de Baldo sobre aquele lugar e as fábricas que moviam o ritmo e odor da cidade se lançava também sobre a fisionomia das mulheres trabalhadoras. Pálidas e macilentas, de olhos compridos, as mulheres que se empregavam na fábrica apresentavam traços corporais de adoecimento e sofrimento. A magreza fazia seus olhos mais protuberantes, a palidez denunciava a falta de vitalidade na feição do rosto.

O trabalho de esculpir corpos ficcionais é parte importante na elaboração do romance literário, pois a textura da trama deve levar em consideração as imagens que ajudam a compor a atmosfera de um lugar, mostrando-nos como certas vivências e condições sociais marcam as

---

<sup>205</sup> AMADO, op. cit., p. 154. Grifo meu.

pessoas em suas feições e semblantes, cujo efeito é dramatizar e enfatizar as circunstâncias nas quais indivíduos vivem e equalizam suas obrigações e necessidades.<sup>206</sup>

É isso que parece fazer Jorge Amado em seu *Jubiabá*, dramatizar e enfatizar as condições de sofrimento dos trabalhadores da Bahia. São vários os momentos em que esses personagens, ora protagonistas ora secundários, entregam aos seus leitores paisagens arquitetadas pelas consequências do trabalho árduo ou desumano. São personagens que informam sobre a experiência de viver sob o rebaixamento da produtividade excessiva e sobre o ser degradado ao patamar de um “animal trabalhador”.<sup>207</sup>

Em outra passagem do livro, o escritor baiano volta a descrever as trabalhadoras das fábricas de charuto, realçando imagens de cansaço e esgotamento:

Das fábricas vem esse cheiro que entontece. Os homens que pescavam estão se recolhendo e conduzem peixes para o jantar magro. Das fábricas sai ao mesmo tempo um apito fino, prolongado. Antônio Balduíno foi para arranjar uma mulher, uma mulata a quem amar no meio das operárias das fábricas. E ficou na esquina, rindo a sua gargalhada para as histórias do Gordo, esperando a passagem das mulheres.

Mas eis que **elas saem e são tristes e cansadas**. Elas vêm tontas daquele cheiro doce de fumo que já se impregnou nelas, que está nas suas mãos, nos seus vestidos, **nos seus corpos**, nos seus sexos. **Saem sem alegria** e são muitas, é **uma legião de mulheres que parecem todas doentes**.<sup>208</sup>

Os sinais de esgotamento e a fisionomia marcada por cansaço e tristeza, corpos sem alegria e impregnados do cheiro de fumo, dão a medida das condições de trabalho a que se sujeitavam mulheres nas cidades de São Félix e Cachoeira, no Recôncavo Baiano, permitindo aos leitores do romance a observação de que a atividade estafante nas fábricas de charuto causava, entre as operárias, marcas de apatia e adoecimento. Apresentadas como uma “legião de mulheres que parecem todas doentes”, as trabalhadoras do fumo deviam sentir suas forças extraídas diariamente e sem interrupções, enfraquecendo-se permanentemente e experimentando a vida sob o drama da impotência.

A repetição desse modo de vida, cujo trabalho degrada a experiência de viver, assume imagens de tragédia, pois a continuidade da exploração condiciona a perenidade do sofrimento e reforça os aspectos de penúria sobre os quais se multiplicava o cotidiano daquelas mulheres.

<sup>206</sup> A dramatização de situações narradas em romances, bem como a ideia de textura da obra literária, é analisada em PAMUK, op. cit., p. 53.

<sup>207</sup> HAN, op. cit.

<sup>208</sup> AMADO, op. cit., p. 156-157. Grifo meu.

Não sofriam exclusivamente pela carga das atividades a serem realizadas no espaço da fábrica, mas também pelos riscos de punição a que estavam sujeitas naquele ambiente:

As mulheres passam silenciosas como se estivessem bêbadas do cheiro de fumo, entram pelas ruas estreitas que já escurecem e rumam para os becos sem iluminação do fundo da cidade. **Vão tristes assim**, conversando em voz baixa, **ainda com medo das multas por causa das conversas nas fábricas**. Passa uma grávida, a barriga estendida para a frente, e adiante pára e beija um homem que traz peixes na mão. Agora seguem de braço e **ela conta a multa que sofreu porque parou num momento que a barriga pesava e doía**. De repente diz:

– E os dias que vou perder quando tiver o menino... Quantos dias...

**A sua voz é trágica e angustiada.** O homem baixou a cabeça e fechou as mãos.<sup>209</sup>

O medo das multas, das punições e do controle dos proprietários da fábrica sobre seus salários era sentido com a certeza de que as dificuldades se tornariam maiores no futuro, e com a incerteza sobre como essas dificuldades poderiam ser resolvidas e superadas quando, enfim, chegassem. Para além do trabalho degradante, tais mulheres deveriam procurar maneiras de driblar as intercorrências sem que soubessem, *a priori*, os meios para tanto. A gravidez poderia potencializar as dificuldades, tendo em vista que a ausência devido ao parto ou da incapacidade da gestante de cumprir à risca as regras da fábrica seriam contabilizadas e transformadas em multas. A dramatização da cena, narrada por Jorge Amado, impele-nos a pensar como se mantinham as relações de trabalho e como se manifestavam os receios de mulheres e homens ante a possibilidade de não realizarem o mínimo para sobreviver.

A relação entre trabalho e indivíduo é tratada de maneira enfática nas análises de Karl Marx. Sua percepção sobre a exploração dos trabalhadores na era do capitalismo continua a influenciar a historiografia que se interessa pelas relações de trabalho existentes numa dada época. Essa exploração, derivada das condições materiais da sociedade, do modo de produção que se estrutura num determinado momento e define suas forças produtivas, pode ser entendida pelo conceito de alienação, isto é, a transformação do trabalhador em mercadoria:

O trabalhador torna-se tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador torna-se uma mercadoria tanto mais barata, quanto maior número de bens produz. Com a *valorização* do mundo das coisas, aumenta em proporção direta a *desvalorização* do mundo dos homens. O trabalho não produz apenas

---

<sup>209</sup> Ibidem, p. 157. Grifo meu.

mercadorias; produz-se também a si mesmo e ao trabalhador como uma *mercadoria*, e justamente na mesma proporção com que produz bens.<sup>210</sup>

O romance de Jorge Amado sinaliza para a reação daquelas trabalhadoras quando “asfixiadas” pelas formas de controle que suportavam em seus lugares de trabalho. Longe de produzir generalizações, a narrativa vislumbra os sentimentos de incerteza e de angústia, a sensação de medo e de terror, que se abatiam sobre os corpos daquelas operárias. Um dos companheiros dessas trabalhadoras, a de “barriga estendida para a frente”, ao saber da multa que levara por ter parado de trabalhar “num momento que a barriga pesava e doía”, baixava a cabeça e fechava as mãos. Nesse gesto exprimia, ao mesmo tempo, frustração e raiva. Não seria improvável que a frustração lhe causasse apatia e desânimo. Todavia, as mãos fechadas, contraindo um resto de força, indicava a vontade de revolta e indignação, quem sabe, uma disposição para lutar.

Aos poucos conhecendo pessoas pelas ruas das cidades de Cachoeira e São Félix, Baldo e o Gordo descobriam que a oferta de emprego era rara, tendo em vista que a economia da região girava em torno do trabalho na fábrica – ocupado por mulheres –, na pescaria ou nas plantações de fumo. Um canoeiro convidara os dois para jantar, antecipando a simplicidade do cardápio. Ao ser interrogado sobre as condições de vida na região, o canoeiro é taxativo: “Tem gente que passa fome que é uma beleza... Quando uma mulher sai de uma fábrica, não arranja emprego na outra. Eles têm uma combinação... E não é todo dia que tem peixe, não...”.<sup>211</sup> O cenário descrito pelo anfitrião da pobre casa, cujas “paredes são sujas de fumaça”,<sup>212</sup> volta a enfatizar a penúria da classe trabalhadora, composta por operárias, canoeiros e trabalhadores do campo, destacando-se, além disso, os riscos que corriam pela vulnerabilidade dos empregos e incerteza na prática da pesca.

Em ensaios sobre a obra do escritor baiano, Ana Maria Machado percebe como seus personagens poderiam alimentar, de forma combinada, elementos de sofrimento e luta, dificuldades e esperança, conferindo ao seu projeto literário uma “qualidade solar”.

Por suas páginas claras e arejadas perpassa uma crença de que o futuro pode e deve ser melhor do que o presente. Mais que isso, há nelas a convicção de que os personagens [...] serão capazes de construir tempos melhores porque conseguem vivenciar isso desde já – em suas alegrias, celebrações e amizades.

<sup>210</sup> MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução de Alex Marins. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2001, p. 111.

<sup>211</sup> Ibidem, p. 159.

<sup>212</sup> Ibidem, p. 158.

Podem ser pobres e sofredores, explorados e excluídos, vítimas de poder e de violência, mas nunca são uns desgraçados sem esperança.<sup>213</sup>

Para perceber essa qualidade solar a que se refere a ensaísta e escritora brasileira, é preciso recuperar nas páginas do romance o rastro das vidas dessas operárias e de suas famílias, tentar encontrar nas suas vivências fora do ambiente da fábrica as situações e os gestos que lhes permitiam ancorar expectativas e diluir a carga de sofrimento a que se subordinavam por necessidade de sobrevivência. É fundamental perceber as circunstâncias em que os desejos mais íntimos e os sonhos profundamente pessoais podem tomar viço e se preparar no horizonte.

O canoeiro que convidara Baldo e o Gordo para jantar os levou, após a magra ceia, para uma roda de amigos na casa de um tal Fabrício, onde havia pessoas dançando sob o som de um instrumento: “Eles foram entrando. Um mulato de bigodinho tocava harmônica. Os pares rodopiavam pela sala”.<sup>214</sup> Antônio Balduíno logo percebeu que se tratava de uma festa onde os “corpos se uniam pelas cinturas e depois se soltavam, giravam sozinhos e voltavam a se encontrar, barriga com barriga, sexo com sexo”.<sup>215</sup> Nessa cena do romance, é possível perceber como, apesar dos sofrimentos experimentados, os trabalhadores do Recôncavo também conseguiam encontrar maneiras de celebração, diversão e festividade.

Se seus trabalhos representavam momentos de intensa angústia, marcando suas fisionomias com sinais de adoecimento, eram os episódios de amizade e solidariedade capazes de oferecer uma liberação dos corpos doloridos e adoentados através da música e da dança. A confraternização arranjada de forma casual, no interior de uma casa na periferia de Cachoeira, repercute entre seus participantes o desejo de se libertar de tudo o que os aprisiona à penúria e ao infortúnio. Passam então, por meio da celebração, a experimentar sensações de prazer e liberdade, fazendo de suas vidas uma oscilação entre sofrimento e regozijo.

Daí ser razoável pensar nos gestos festivos – seja a dança, a música ou o ato de compartilhar uma bebida – e nos gestos de solidariedade – o convite para um jantar ou para celebrar – atitudes que pretendem marcar uma posição ativa no mundo. Ao experimentarem as dores do trabalho, as condições opressivas de sobrevivência, esses indivíduos reagem mediante ações que exprimem desejos pessoais e quereres. Vão ao encontro de outros indivíduos para celebrarem seus laços de amizade e pertencimento, garantindo que suas vivências não se definam somente por punições e violências, por medo e terror, mas que abram espaço para o gozo e a alegria, para a liberdade e a esperança.

<sup>213</sup> MACHADO, op. cit., p. 122.

<sup>214</sup> AMADO, op. cit., p. 163

<sup>215</sup> Ibidem, p. 164.

Penso nas palavras *gesto* e *atitudes* como ações conduzidas num determinado espaço, interferências humanas no que chamamos de realidade. São condutas e interferências que expressam dimensões da vida coletiva, reconhecem maneiras de agir dentro da cultura. As repetições dessas ações contribuem para a definição de sentidos para a vida, uma vez que reconhecem as formas de regularidade do cotidiano sem ignorar as imprevisibilidades possíveis. Esses termos costumam se relacionar, na historiografia, com o campo de estudos da história cultural, campo bastante móvel e variável devido à sua composição interdisciplinar e pluralidade de referências teóricas. Entretanto, é bastante conhecida a definição dada por Roger Chartier para esse campo historiográfico:

A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. **Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito às classificações, divisões, e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real.**<sup>216</sup>

A noção de gesto pode ser apreendida de maneira introdutória num trabalho de Peter Burke, ao analisar a compreensão do conceito no contexto da Itália Moderna. Para Burke, é necessário perceber tal noção a partir de sua própria historicidade, observando seus usos de acordo com as propostas teóricas e os documentos disponíveis. Assim, seria possível abordagens dos gestos através de estudos sobre os modos de caminhar, as formas de interrogar, os rituais religiosos, para citar alguns exemplos.<sup>217</sup> Ritualizados ou espontâneos, conscientes ou inconscientes, a história dos gestos se preocupa com os significados de certas práticas e atitudes, de como os indivíduos agem no cotidiano mobilizando formas de inserção em uma comunidade ou formas de sobrevivência quando estão diante de condições dramáticas.

O gesto de festejar e se solidarizar, como encontramos na obra *amadiana*, ganha o significado de resistência entre pessoas que se encontram em situação de penúria e angústia. Essas pessoas, celebrando entre amigos, acham uma maneira de conferir às suas vidas momentos de prazer e liberdade, escapando, momentaneamente, dos instrumentos de controle existentes em seus trabalhos e das consequências relativas a um baixíssimo salário e à incerteza sobre os ganhos necessários para sobreviver.

<sup>216</sup> CHARTIER, Roger. **A história cultural:** entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 16-17. Grifo meu.

<sup>217</sup> BURKE, Peter. **Variedades de história cultural.** Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

O efeito solar que emana da obra de Jorge Amado, e de que fala Ana Maria Machado, está, portanto, reconhecível em cenas em que os personagens habilitam seus desejos e esquecem, breve mas reincidemente, do sofrimento que os importuna na rotina dos dias. Essa claridade que advém das expressões desses personagens provoca no leitor a sensação de que é possível refazer o real pelo sonho ou pelo delírio apesar dos mecanismos de controle. Assim, o sonho e o delírio devem ser considerados como possibilidades de estimular sensações e vivências diferentes das que estamos habituados, como no trecho abaixo:

O baticum continuava, os homens dos instrumentos estavam entre os dançarinos, a sala estava de cabeça para baixo, estava de lado, de repente estava certa, logo depois não estava mais, elas estavam era no teto. Os fifós ainda atrapalhavam mais. Dançavam sombras também e elas dançavam na parede, gigantescas, espantosas. **O chão desaparecera**, os pés não sentiam mais, só se sentia o corpo que era tocado e trazia uma faísca de desejo. As mulheres eram de mola, quebravam o corpo todo no mexido, as ancas aumentavam, as nádegas remexiam sozinhas, como se tivessem uma vida à parte do corpo. Dançavam os homens, as mulheres, as sombras do fifó. Desaparecera a sala, desaparecera a luz, não se via mais nada. **Só ficara o baticum, o cheiro doce do fumo e os umbigos que se encontravam**. Desapareceu também o desejo, desapareceu tudo, **agora é pura dança**.<sup>218</sup>

A sensação de vertigem descrita acima traduz o sentimento de liberdade e prazer entre os que celebravam pela música e pela dança. Mas o que celebravam se o cotidiano de suas vidas os empurrava para uma existência limitada pela penúria dos recursos materiais e pela angústia quanto à incerteza de seus destinos? A operária grávida não sabia como seria depois da chegada de seu filho, pois já era multada nas ocasiões em que a barriga pesava e precisava interromper o trabalho; o canoeiro que convidara Baldo para jantar afirmara que a atividade da pesca era incerta e não sabia o que seria se a mulher, já bastante adoecida, não conseguisse permanecer na fábrica de charutos. Apesar de tudo isso, reuniam-se na casa de algum amigo para compartilhar uma garrafa de cachaça e remexer o corpo ao som de instrumentos musicais. Seria possível que tivessem celebrando justamente o fato de ainda estarem vivos apesar da sobrevivência difícil? Será que confraternizavam porque sentiam a necessidade de estimular sensações diferentes das que experimentavam ao longo do trabalho?

O narrador do romance não esmiúça tais detalhes, porém a leitura atenta e contextualizada sugere que aquelas pessoas se entregavam a uma sensação de vertigem com o intuito de manifestarem seus desejos íntimos e suas vontades guardadas. Entregavam-se ao som da harmônica e ao requebro do corpo porque sabiam que a alegria, a comemoração e o prazer

---

<sup>218</sup> AMADO, op. cit., p. 164. Grifo meu.

eram sentimentos substanciais para a continuidade de suas vidas. O transe que os fazia sentir o corpo livre do cansaço e do esgotamento, das violências e punições, impulsionava-os para o território do desejo e da realização. Lançava-os para a capacidade de serem donos de si, senhores e senhoras do gozo, vivendo por um instante a experiência de não serem controlados ou submetidos à vigilância e à alienação do trabalho.

A vertigem proporcionada pela festa e pelo encontro fazia daqueles indivíduos seres disponíveis para a potencialização da vida, assumindo o protagonismo das emoções estimuladas pela celebração. Indicava que poderiam continuar a existir contrariando os aspectos dramáticos com os quais se habituaram e, por outro lado, percebendo o direito que ainda possuíam à felicidade e ao contentamento.

Nas palavras do narrador, o “chão desaparecera” e “só se sentia o corpo que era tocado e trazia uma faísca de desejo”. Numa noite de amizade, compartilhavam um sentimento do mundo baseado na libertação do fardo diário e na percepção dos prazeres que tinham a seu dispor. Por um instante, provavam a leveza de coexistir com outro que o compreendia e com quem dançava. Estabeleciam relações de afetividade e compreensão, buscando o encontro de seus corpos, seus umbigos e seus sexos. Davam sentido para o que Milan Kundera denominaria, algumas décadas depois, de compaixão:

Nas línguas que formam a palavra compaixão não com a raiz “*passio: sofrimento*”, mas com o substantivo “sentimento”, a palavra é empregada mais ou menos no mesmo sentido, mas dificilmente se pode dizer que ela designa um sentimento mau ou medíocre. A força secreta de sua etimologia banha a palavra com uma outra luz e lhe dá um sentimento mais amplo: **ter compaixão (co-sentimento) é poder viver com alguém sua infelicidade, mas é também sentir com esse alguém qualquer outra emoção: alegria, angústia, felicidade, dor.** Essa compaixão [...] designa, portanto, **a mais alta capacidade de imaginação afetiva – a arte da telepatia das emoções.** Na hierarquia dos sentimentos, é o sentimento supremo.<sup>219</sup>

A telepatia das emoções a que se refere Kundera é alcançada quando a compaixão se realiza. Nesse sentido, os seres se colocam em uma posição de encontro e partilha dos afetos. Dividem dores, sofrimentos, angústias e infortúnios. Entretanto, a compaixão os incita a também compartilharem sentimentos bons, como a alegria, o prazer, a vitalidade e o desejo.

Entre os trabalhadores do campo na região do Recôncavo, era comum dividirem também as moradias como estratégia para saldar suas dívidas e somas correntes. Era o único recurso para permanecerem sob um teto, tendo em vista a pobreza à qual estavam submetidos. Foi o

---

<sup>219</sup> KUNDERA, op. cit., p. 26. Grifo meu.

que acontecera com Baldo: “Na casa de taipa moravam quatro: Ricardo, o negro, Filomeno, Antônio Balduíno e o Gordo”.<sup>220</sup> Todos eles trabalhavam nos campos de fumo, sob os olhos de Zequinha, empregado responsável para fiscalizar e dar ordens, monitorando o ritmo do trabalho.

Assim como as mulheres nas fábricas, o uso das mãos era imprescindível para a cata de folhas de fumo: “As mãos se abaixavam e se levantavam num certo ritmo sempre igual. Pareciam pessoas que choravam. E aquele trabalho dava uma dor nas costas, dor fina e prolongada que ficava pela noite adentro, magoando. Zequinha passava olhando o serviço [...] brigando”.<sup>221</sup> Retornavam para a pequena casa de taipa com dores nas costas. Apesar das dores, ainda encontravam força para irem até o “terreiro após o jantar e eles que não tinham cinema, nem teatro, nem cabarés, tocavam violão e cantavam ao desafio”.<sup>222</sup> Tornavam a coexistência uma experiência de solidariedade. Reuniam-se, para além do fardo de colher folhas de tabaco, com a expectativa de que pudessem obter momentos de paz e diversão. E reproduziam esses encontros para que pudessem conceber a vida a partir de outras circunstâncias, com mais leveza.

Ao final da noite, depois das violas e cantigas que os “enchiam de alegria e tristeza”<sup>223</sup> era a hora dormir e, quem sabe, sonhar. Não apenas os sonhos sonâmbulos de que nos conta Mia Couto, mas aqueles sonhos que nos aparecem quando estamos ainda acordados, despertos para a realidade tangível. O tipo de sonho capaz de nos mobilizar para ações, gestos e interferências nos espaços por onde circulamos. Um sonho que nos faça perscrutar o que sentimos e desejamos, o que se esconde sob a aceleração do tempo e a necessidade de cumprir obrigações. Um sonho como o de Ricardo, companheiro de morada de Antônio Balduíno: quando “o silêncio baixava sobre tudo, quando não se ouvia mais o som das violas e os homens já estavam estirados nos jiraus, o fifó apagado, Ricardo olhava o retrato da atriz nua com um leque cobrindo o sexo”.<sup>224</sup>

Antes de adormecer, Ricardo sonhava o corpo gravado numa fotografia, pegava-se olhando o que não dispunha, uma mulher com quem provasse o sabor do romance e do sexo. “Estava com os olhos fitos nela e eis que ela se move. Porém agora está vestida e eles não estão mais nas plantações de fumo. Estão numa grande cidade, numa cidade que Ricardo nunca viu, cidade iluminada, cheia de automóveis e avenidas”.

Solitário àquela hora da noite, com seus companheiros de trabalho já dormindo seus sonos profundos, Ricardo deseja a fuga para outro lugar. Esforça-se para conceber outra vida

<sup>220</sup> AMADO, op. cit., p. 169.

<sup>221</sup> Ibidem.

<sup>222</sup> Ibidem.

<sup>223</sup> Ibidem, p. 170.

<sup>224</sup> Ibidem.

numa cidade onde não teria que colher folhas de fumo, onde não teria que sentir aquelas dores finas nas costas. Imagina seu próprio corpo em outros ângulos e diferentes situações. Enquanto sonha, vê-se numa cidade grande:

Deve ser a Bahia e talvez seja até o Rio de Janeiro. Passam mulheres loiras, mulheres morenas e todas sorriem para Ricardo que está elegante, vestido de casimira, com uns sapatos vermelhos como os que ele vira numa loja de Feira de Santana.<sup>225</sup>

Acompanhado pela mulher da fotografia, os dois sentam num “restaurante chique, de mulheres decotadas, onde bebem vinhos caros. Ele já beijou repetidas vezes a mulher que sem dúvida o ama, pois consente que ele lhe machuque os seios e suspenda por baixo da mesa o seu vestido de seda”.<sup>226</sup> O delírio imaginativo de Ricardo é uma das possibilidades acessíveis para sentir lapsos de felicidade e prazer. Ao entregar-se ao sonho, permite que seu desejo aflore e tome uma pequena parte de seu dia. Em poucos minutos ou horas, as cidades e situações desejadas compõem sua realidade. Experimenta o amor e a excitação por alguém, além da certeza de que esses sentimentos são correspondidos. Sente-se amado e desejado. Sabe que é possível ter o que ainda não tem. No dia seguinte, estará naqueles campos de plantação, mas antes disso será levado à cidade da Bahia ou ao Rio de Janeiro. Imaginará o que é comer em um restaurante chique e beber um bom vinho. Suas roupas serão elegantes e os transeuntes o notarão com sorrisos e respeito.

O sonho de Ricardo não é a fuga da realidade, mas a sua elaboração. A imaginação e o delírio rompem com as agruras e o sofrimento, incitam a capacidade de agir e possibilitam deslocamentos. Sonhando, reconfiguramos o perceptível e o dizível. Realinhamos os significados da vida e tecemos outras formas de compreensão. Como supõe José Eduardo Agualusa, escritor angolano, nos sonhos as pessoas compreendem-se umas às outras.<sup>227</sup>

Sonhando também fazemos história. Traçando desejos individuais e coletivos, permitimos que o que nos comove seja experimentado por nosso corpo. Pode-se até não conseguir que os sonhos se materializem inteiramente, continuando a suportar a ausência do objeto desejado. Todavia, é fundamental pensar a dimensão histórica do que não acontece, do que foi impedido, proibido, de como os indivíduos buscam ser felizes ainda que a brutalidade

---

<sup>225</sup> Ibidem.

<sup>226</sup> Ibidem.

<sup>227</sup> Em um romance recente, José Eduardo Agualusa, imagina personagens que se encontram através de sonhos e podem, no espaço onírico, exprimirem o que não conseguem quando atados a outras circunstâncias da vida. Podem, inclusive, deslocarem-se de suas línguas originais e compreenderem-se mediante a criação de outra língua. AGUALUSA, José Eduardo. **A sociedade dos sonhadores involuntários**. São Paulo: Planeta, 2017.

de seus ofícios retenha boa parte de suas energias. E se a matéria dos sonhos ainda está distante de seus idealizadores, há ainda a festa e a solidariedade, gestos somente possíveis pelo elemento da coletividade, para fazerem os sujeitos recuperarem suas forças, contrariarem o desejo de controle, agirem de acordo com o que podem e querem.

*Jubiabá*, descrevendo a vida de desafortunados numa região próxima à cidade da Bahia, oferece um olhar sobre como as pessoas resistiam à precariedade da vida e tentavam elaborar estratégias que respaldassem seus prazeres, alegrias e momentos de felicidade.

#### 4.2 Os seios de Arminda

Os sonhos são inquietantes. Deslocam os sentidos e repõem imagens passadas acrescidas de desejos guardados. Quando sonhamos, entramos num estado de confusão tentando compreender as ações oníricas que ocorrem de forma atropelada e enigmática, esforçando-nos em efetivar aquilo que não somos ainda capazes – ou não queremos – de cumprir na realidade tangível. Podemos sonhar que temos asas próprias e voamos sobre um bairro, uma cidade ou um país. Podemos sonhar que estamos num lugar desejado arduamente, mas que ainda não reunimos as condições para realizar tal desejo. Os sonhos se apresentam como a possibilidade de imaginar deslocamentos, fissuras e reconfigurações na nossa identidade, na nossa maneira de ser, uma vez que a vertigem onírica impulsiona o encontro com o que tendemos a esconder e reprimir.

Por breves momentos, quando sonhamos, temos o direito de adentrar caminhos inimagináveis ou que receamos percorrer quando estamos acordados e inseridos nas relações sociais cotidianas. Ao sonhar, temos o direito de sermos outros, possuidores de vidas inéditas e diferentes poderes. Tal como Ricardo, adquirimos nas histórias sonhadas um protagonismo muitas vezes abafado pelas condições adversas da vida.

Em que pesem as diferenças substanciais e inequívocas, os sonhos se assemelham aos romances. Ao escreverem seus livros, romancistas precisam imaginar cenários e vidas possíveis. A textura de suas tramas, como já nos advertiu Orhan Pamuk, compõe-se de personagens, hábitos, pensamentos, dilemas, desejos e tudo o mais que possa criar uma ideia de verossimilhança entre o ficcional e o não ficcional.

Da mesma forma que os sonhos são alimentados pelo que vivemos cotidianamente, a ficção literária é tocada pelas relações sociais e os modos de convivência construídos em uma dada sociedade. Tanto o sonho como a ficção são lugares onde os seres podem projetar suas

emoções, incertezas, incompreensões, aspirações e vontades, criando-se elementos de correspondência entre o que se vive, o que se sonha e o que é dado a ler. O romance, nas palavras de Kundera, tem a tarefa de: “Apreender um eu, quer dizer, em meus romances, apreender a essência de sua problemática existencial. Apreender seu *código existencial*”.<sup>228</sup>

São os romancistas que nos advertem sobre como as fronteiras entre a realidade tangível e os sonhos podem se tornar mais sensíveis e permeáveis na medida em que os episódios e acontecimentos humanos ganham ares de estranhamento e ficcionalidade. Um dos apelos do romance, portanto, está na capacidade de especular sobre a dimensão onírica do real e, por outro lado, a dimensão real dos sonhos, permitindo-nos questionar os limites da verossimilhança e a “fusão do sonho e do real”.<sup>229</sup> Em uma passagem de *Jubiabá*, é possível perceber como determinadas situações podem ser compreendidas, por quem as vive, como um episódio incomum e de aspectos irreais.

A cena em questão narra o velório de uma mulher em Cachoeira, sinhá Laura, deixando órfã uma menina de doze anos, Arminda. A cena é tensionada pela sentinela que os conhecidos da defunta fazem para o corpo, partilhando goles de cachaça e orações, e o desejo sexual de Baldo e Filomeno por Arminda. Enquanto as orações são puxadas e repetidas com o intuito de ritualizar a morte de sinhá Laura, os dois se pegam olhando e desejando o corpo infantil da garota, sonhando maneiras e estratégias de possuir a sua pouquíssima juventude. Porém, Antônio Balduíno, ao confrontar seu olhar no decote de Arminda, dá-se conta de que a morta, estendida sobre a mesa no centro da sala, observa-o com seus olhos cadavéricos e repreensivos. Baldo acredita que o espírito da defunta ainda se encontra no corpo desfalecido, garantindo uma derradeira proteção por sua filha assediada.

O efeito etílico, a singularidade da presença da morte entre os vivos e o ímpeto das pulsações fazem Baldo acreditar que sinhá Laura, através de seu espírito, continua presente naquela sala, vigiando e contendo os desejos sexuais dele e de Filomeno. Sobrenatural, esse trecho do romance sugere ao leitor que a morte continua como parte da vida mesmo que através de novos gestos. A transformação na fisionomia da defunta, com seu corpo se esverdeando e seus lábios se enrijecendo, permite a Baldo ter a impressão de que sinhá Laura ainda não se tinha ido. Permanecera por mais um tempo, assombrando seus desejos sexuais e recriminando seus pensamentos.

<sup>228</sup> KUNDERA, Milan. **A arte do romance**. Tradução de Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 37.

<sup>229</sup> Ibidem, p. 23.

Antônio Balduíno tomou um gole de cachaça e tentou espiar novamente Arminda. Mas a morta está implicando com ele. Agora incharam tanto os olhos que quando Balduíno espia não consegue ver mais que metade do rosto de Arminda. Vê bem, vê muito bem mesmo, os olhos da defunta que o acompanham com ódio. Será que ela adivinhou que ele vai pedir água à Arminda só para que ela vá com ele para a outra sala, onde ele poderá agarrá-la? Os mortos sabem tudo. Ela já sabe com certeza e não o larga mais. Ele está vendendo o rosto medonho da velha morta. Ninguém tem um rosto daquele [...] O rosto da defunta está verde e cheio de bagas de suor. Está pegajoso. Antônio Balduíno esfrega as mãos uma na outra, querendo se livrar da visão.<sup>230</sup>

Ao ser confrontado pelo espírito da velha Laura, Baldo experimenta o desnorteio de visões assombrosas. Já havia dividido o mesmo espaço com entidades do candomblé no terreiro de pai Jubiabá, onde era sócio. Sabia que o sobrenatural fazia parte das vivências humanas. Mas ali era diferente. Experimentava a interdição a algo que queria e desejava com todas as forças. Assustava-se com o retorcer da boca do cadáver e com seus olhos crescidos. A sexualidade e a morte, elementos fundamentais do viver, unem-se em uma mesma cena do romance para elaborar a ideia de finitude.

Baldo vivenciara um sentimento aterrorizante quando da morte de seu amigo Viriato, o anão. Acharam seu corpo no mar com os siris chacoalhando por dentro. Estenderam-no na mesa do bar onde Antônio Balduíno gostava de tocar violão e cantar seus sambas. Naquele episódio, sentira medo. Temeu pelos pensamentos que haviam assombrado seu amigo, temeu aquela sensação de se jogar no mar se em algum momento desistisse de viver. Tinha medo de entrar pelo caminho do mar e ter o corpo também habitado por siris. Agora, em Cachoeira, era a morte de sinhá Laura que o perturbava, proibia-o de ir adiante na tentação de possuir Arminda. Chegava à conclusão de que os “mortos sabem tudo”, adivinhavam todas as intenções, era impossível enganá-los.

Dessa forma, a ideia de finitude é entendida não pela separação radical entre a vida e a morte, mas pela permanência do morto entre os vivos.<sup>231</sup> Se o corpo falecido não mais se move, é o espírito que ainda pode manifestar interesses e rejeições, exalando sentimentos humanos como a raiva, o ódio ou a alegria. Antônio Balduíno, ao perceber o próprio desassossego, sentia que a defunta encenava um riso sobre a face como que se divertindo às custas de sua agonia e terror. O medo dos olhares que a morta direcionava para ele fazia com que recuasse em seus anseios de agarrar Arminda, frustrando o ardor sexual e elevando seu desespero.

<sup>230</sup> AMADO, op. cit., p. 176.

<sup>231</sup> Essa ligação entre a morte e a vida em que o morto, por um breve momento, permanece com aspectos de vivacidade é o tema central de uma novela de Jorge Amado intitulada *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*. Lembremos que, conforme apontei no capítulo um, essa novela teve inspiração em Carlos Penna Filho, poeta pernambucano e amigo de Jorge Amado, e sua morte inesperada foi bastante sentida pelo romancista baiano.

Sobre a ideia de medo como estado natural humano, é oportuno o estudo de Carlo Ginzburg a respeito de Thomas Hobbes. Segundo o historiador italiano, Hobbes percebeu que o medo era um estado natural dos homens, guerreando-se entre si, e que o pacto político, a formação do Estado, teria como intuito sanar os conflitos originados por esse estado natural:

Em *Os elementos da lei* encontramos uma descrição sintética do estado de natureza, ligada a uma argumentação que Hobbes nunca mais abandonaria. Em tal estado, os homens são substancialmente iguais e têm os mesmos direitos (entre os quais o de ofender e se defender): por isso vivem numa condição de guerra perene, de ‘desconfiança geral’, de ‘medo recíproco’ (*mutual fear*). Eles saem dessa situação intolerável renunciando a uma parte dos próprios direitos: um pacto que transforma uma multidão amorfa num corpo político.<sup>232</sup>

Para Jean Delumeau, analisando a história do medo no Ocidente, esta sensação é natural aos indivíduos:

**Quer haja ou não em nosso tempo mais sensibilidade ao medo, este é um componente maior da experiência humana, a despeito dos esforços para superá-lo.** “Não há homem acima do medo”, escreve um militar, “e que possa gabar-se de a ele escapar”. Um guia da montanha a quem se faz a pergunta: “Aconteceu-lhe sentir medo?” responde: “Sempre se tem medo da tempestade quando a ouvimos crepituar nas rochas. Isso arrepia os cabelos debaixo da boina” [...] A necessidade de segurança é portanto fundamental; está na base da afetividade e da moral humanas. A insegurança é símbolo da morte, e a segurança símbolo da vida.<sup>233</sup>

Além do medo sentido por Balduíno diante do cadáver velado por pessoas vizinhas, tão pobres quanto a falecida, a cena do romance informa ao leitor sobre como o rito fúnebre acontecia naquelas circunstâncias precárias, basicamente composto de pessoas que pertenciam à comunidade onde a morta vivia. Uma amiga mais próxima, Totonha, recebe os convidados e seus respectivos pêsames. Alguém que conhecia as orações, como o Gordo, amigo de Baldo, replicava as palavras santas de tempo em tempo, “senhor tomais essa alma”, o que era respondido pelos convidados: “Orai por ela”.<sup>234</sup>

<sup>232</sup> GINZBURG, Carlo. **Medo, reverência e terror**: quatro ensaios de iconografia política. Tradução de Federico Carotti, Joana Angélica d’Ávila Melo e Júlio Castaño Guimarães. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 16. Além disso, Carlo Ginzburg repara na diferença de concepção sobre o homem entre Hobbes e Aristóteles. Para o filósofo grego, “o homem é um animal político (*zoon politikon*): por conseguinte, a *polis* existe por natureza, é um fenômeno natural. Para Hobbes, ao contrário, o estado de natureza não é caracterizado pela sociabilidade, mas por seu contrário: a guerra de todos contra todos. A agressão, real ou possível, gera de início o medo, e em seguida o impulso para sair do medo mediante um pacto baseado na renúncia de cada indivíduo aos seus próprios direitos naturais”. GINZBURG, op. cit., p. 19.

<sup>233</sup> DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009, p. 23. Grifo meu.

<sup>234</sup> AMADO, op. cit., p.174.

A pobreza da morta podia ser percebida pelos adornos e vestes usados no cadáver, mais simples impossível:

E no meio da sala, estendido em cima de uma mesa, que era nos dias comuns cama e mesa de jantar, estava o cadáver, inchado, parecendo querer estourar. Uma coberta de chitão, de grandes flores amarelas e verdes, cobria o corpo, deixando do lado de fora o rosto enrugado com a boca torcida e os pés enormes e achatados abertos. Os homens ao voltar espiavam o rosto da morta e as mulheres se benziam. Uma vela estava colocada perto da cabeça da defunta e despenhava sua luz sobre o rosto parado, ainda torcido numa expressão de sofrimento.<sup>235</sup>

Ao estudar os ritos fúnebres domésticos na Bahia, durante o século dezenove, João José Reis descreve algumas características desse momento em que há transição da vida para a morte. Ainda que se possa estabelecer semelhanças entre a cena descrita no romance de Jorge Amado, contextualizado nas primeiras décadas do século vinte, é importante destacar a diferença entre as formas de atuação de grupos sociais organizados, com um mínimo de capacidade para providenciar custos no momento da morte de um de seus integrantes, como são os casos estudados por João Reis, e grupos completamente desvalidos, como aquele em que se inseria o velório de Sinhá Laura. Porém, entre as semelhanças se encontravam as que se referiam ao acompanhamento de amigos e parentes do defunto na ocasião do velório, a distribuição de bebidas entre os convidados e, por fim, o apelo a rezas que tentassem garantir a salvaguarda da alma encaminhada para o além:

O defunto atravessa a noite na companhia de parentes e conhecidos, para os quais se providenciava comida e bebida. Sobre esses itens, aliás, há um absoluto silêncio nas contas das despesas funerárias anexas aos inventários oitocentistas baianos. Também os viajantes estrangeiros não mencionam comida durante o velório ou após o enterro. Dos que consultei, o único que trata do assunto é Ewbank, para dizer que não se comia nos funerais brasileiros. Isso intriga, pois a memória coletiva de nossa morte antiga registra com insistência esse hábito, que herdamos de Portugal e África, ainda comum no nosso meio rural [...] **Cabia aos vivos zelar para que os maus espíritos não se aproximassem neste momento decisivo; cabia-lhes fortalecer a alma com rezas e outros gestos**; tocava à família cuidar para que parentes, amigos e vizinhos não fraquejassem e enfrentassem a noite com espírito elevado, **daí a distribuição de comes e bebes**, inclusive bebida espirituosa.<sup>236</sup>

O medo que experimentara no velório de sinhá Laura, o trabalho compulsório na colheita de folhas de fumo e a dificuldade em se arranjar amorosamente na nova cidade,

<sup>235</sup> Ibidem, p. 173-174. Grifo meu.

<sup>236</sup> REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 131. Grifo meu.

impediam que Baldo encontrasse aquilo que procurava quando partira da capital baiana no saveiro de mestre Manuel. Havia fugido da humilhação e das dores do amor por Lindinalva. Viajara a fim de se reencontrar e ser mais ou menos como seu pai, boêmio e amante, cujas histórias contadas por sua falecida tia o encantavam. Não suportava ser empregado de ninguém, no entanto se achava labutando nos campos de tabaco. Mais cedo ou mais tarde sentiria a necessidade de zarpar novamente, arranchar em outras paragens. Quem sabe, voltaria para a cidade da Bahia famoso por seus feitos no interior do estado, recuperando seu orgulho e sua fama destruídos na noite que fora nocauteado por Miguez, o boxeador peruano. Poderia até mesmo ter sua vida narrada num ABC, um dos seus sonhos da época em que era criança e que permanecia cintilando entre seus desejos.

Essas e outras expectativas sobre o futuro concorriam para elaborar uma imagem de como poderia se cumprir seu destino. As especulações geradas por causa de experiências vividas no presente e no passado induziam Baldo a pensar no que poderia suceder dali para frente.<sup>237</sup> O passado e o presente possibilitavam-lhe uma sondagem do que se fez e do que pode se fazer, em uma tarefa de equacionar dilemas e aptidões, frustrações e anseios.

O esforço de discernir o que se apresentava no horizonte era motivado pelas circunstâncias quase sempre adversas. No trabalho, depois de uma apunhalada em Zequinha, o empregado responsável pela fiscalização dos trabalhadores, Baldo se metera pelo mato, fugindo de capangas contratados pelo dono das terras a fim de vingar o homem que provavelmente jazera por seu punhal. Encurrulado na mata fechada do Recôncavo, cambaleava de fome e sede, cortado por cepas e galhos que mal enxergava no frêmito da fuga: “Abre caminho pelo mato. Corre entre as árvores que se fecham. Há bem três horas que ele corre assim como um cão perseguido pelos garotos malvados”.<sup>238</sup> Mas por que apunhalara Zequinha? Quais os motivos que tinha para tomar uma decisão fatal? Afinal, por que reagira daquela maneira?

É possível conhecer essas razões aos poucos, na medida em que o protagonista do romance desdobra seus pensamentos acerca do sucedido. Assim como no romance de Guimarães Rosa, as reflexões do que ocorreu não se darão de forma alinhavada, mas com

<sup>237</sup> Sobre o sucedido, ou seja, o que ocorreu e que pode vir a ocorrer na vida de alguém ou de um grupo de pessoas, bem como a volatilidade da narrativa para reter esse sucedido, é fundamental pensar nas reflexões e contações de história de Riobaldo, personagem de João Guimarães Rosa, para quem: “A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não se misturam. **Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância.** De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. **Sucedido desgovernado.** Assim eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de me ouvir. **Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data.** O senhor mesmo sabe”. ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas.** 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p. 91. Grifo meu.

<sup>238</sup> AMADO, op. cit., p. 174.

trechos diversos e desgovernados. O episódio acontecido não era a garantia de uma memória correta e inquestionável. Ao contrário, a velocidade dos fatos e as subcamadas que forjavam as razões para tal desfecho conferiam ao sucedido e à reação de Antônio Balduíno a ideia de simultaneidade.

A simultaneidade é, por um lado, a ocorrência simultânea de ordens temporais, ou seja, passados recentes, passados longínquos, a fugacidade do presente e as expectativas do futuro. Por outro lado, é a relação entre acontecimento e narrativa, a multiplicidade de formas de relatar episódios, refeita de acordo com o fluxo de pensamentos gerado pela recordação e narração. Isso significa que os indivíduos, como no caso de Antônio Balduíno, podem misturar num relato sentidos que ora nascem a partir do passado, ora advêm de suas expectativas em torno do futuro, ou ainda das condições em que narram no presente – fundamental destacar que Baldo narra o episódio em questão sob o cansaço, a sede, a fome e o corpo fustigado por cortes de galhos. Essas gradações operam de maneira simultânea na percepção do tempo e do acontecimento.

Em um livro sobre o tema, François Hartog observa a proximidade entre ordem temporal e ordem narrativa: “As escadas sucedem-se, uma cronologia narrativa instaura-se, uma cena presente-passado é seguida por outra, progressivamente a narrativa comprime o tempo. A ordem da narrativa transforma-se em uma ordem do tempo”.<sup>239</sup>

Enquanto corria e fazia algumas paradas para descanso, tentando se localizar no fundo da mata, Baldo recordava do que o levara até ali: “Antônio Balduíno não tem remorsos do que fez. Zequinha foi o único culpado. Foi ele quem fez tudo para aquela briga. Ele o perseguia muito. Aquilo tinha que acontecer”.<sup>240</sup> O protagonista do romance revive o episódio fatal de maneira a justificar seus atos, questionando as ações do homem que fora vítima de seu ataque: “E se ele não viesse com a foice na mão, Antônio Balduíno não puxaria o punhal”.<sup>241</sup> Assim, o que se depreende, em um primeiro olhar, é que não havia razões para lamentos. Baldo reagira com seu punhal como para se defender de uma perseguição já antiga. Desfechara a arma nas costas de Zequinha porque era este quem procurava o conflito.

A contenda só se realizou em razão do caminho escolhido pelo capataz dos trabalhadores. A série de perseguições provocadas por ele tinha que acabar levando-o para aquele seu destino, sangrando sobre a terra. Lembremo-nos dos ensinamentos de pai Jubiabá para Baldo, de quando era menino e vivia no morro do Capa-Negro. Para o pai-de-santo, as

<sup>239</sup> HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Tradução de Andréa Souza de Menezes, Bruna Beffart, Camila Rocha de Moraes, Maria Cristina de Alencar Silva e Maria Helena Martins. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 79.

<sup>240</sup> AMADO, op. cit., p. 180.

<sup>241</sup> Ibidem.

pessoas são responsáveis por suas ações, sejam elas bondosas ou maléficas. Se as ações pretendem o mal de alguém, *o olho da piedade* tende a vazar, sobrando apenas *o olho da maldade*. Portadores da capacidade de fazer o bem ou o mal, os indivíduos devem se guiar pela bondade se esperam que o mundo lhes seja também bondoso.

Não era o caso de Zequinha. Perseguira Baldo nos dias de trabalho. Correra para ele com uma foice na mão. Ao ser apunhalado nas costas, experimentava as consequências de ter vazado seu *olho da piedade*. A vida concebida por esse código existencial permite aos sujeitos a escolha do que desejam fazer, construindo a história de seu próprio destino. O fim da vida de Zequinha era compreendido por Baldo como algo natural, esperado.

Tomando-se essa passagem do romance, observa-se que as reações humanas se manifestam através de ações, sentimentos e pensamentos. Submersos no cotidiano e buscando maneiras de sonhar outras possibilidades para suas vidas, os sujeitos também estão disponíveis para reagirem a eventos que presenciam ou sobre os quais são informados. E podem reagir por ações – defendendo-se de uma perseguição; por sentimentos – Baldo não sente remorso do que fez, o que lhe confere um ar de serenidade e apaziguamento; e pensamentos – a reflexão sobre as consequências das escolhas que fazemos.

Quando nos colocamos diariamente nas relações sociais, seja qual for o espaço de sociabilidade, agimos em consonância com códigos morais, culturais e existenciais. Códigos apreendidos e reproduzidos não somente nas instituições ou em suportes da cultura letrada, mas

também em comunidades familiares, comunidades de amizade e classes de trabalho. A efetivação dos termos que compõem tais códigos é percebida nos instantes em que as pessoas reagem àquilo que as exasperam ou confrontam. Pela interpretação que elaboram do ocorrido.

No trabalho de Hartog, encontra-se uma reflexão sobre o que venho chamando de reações humanas (a partir de Walter Benjamin), mas se servindo de outras palavras e apoiando-se no pensamento de Marshall Sahlins. Em resumo, o historiador francês pondera sobre como um acontecimento é mediado por experiências e expectativas pessoais e, por isso, diversas:

Decerto limitada, mas também, eu tenderia a crer, deliberadamente, a teoria de Sahlins lança uma luz intensa sobre um momento preliminar: o encontro. Ela mostra os desvios respectivos dos métodos de interpretação em ação, as interferências, os mal-entendidos e as decalagens; em suma, **o modo como cada um dos dois protagonistas constitui o acontecimento em função de suas experiências e de suas expectativas**. Nesses acontecimentos, apreendidos como “ocorrências interpretadas”, uma crise do tempo torna-se também manifesta.<sup>242</sup>

---

<sup>242</sup> HARTOG, op. cit., p. 63-64. Grifo meu.

Delirando ante o cansaço, a sede, a fome e as feridas abertas pela vegetação da mata, Baldo recupera algumas imagens do seu passado, do tempo em que era chefe de bando nas ruas da capital baiana. Lembra de seu amigo Viriato que entrara pelo caminho do mar, suicidando-se. Lembra das brigas em que se metera para defender seus amigos. E, em seguida, volta a pensar na vítima que deixara estendida sobre as terras do fumo: “Agora ele está certo de que não gostava de Zequinha, que implicara com aquela cara desde o primeiro dia. E se não fosse ele que não o apunhalasse, outro o apunhalaria”.<sup>243</sup>

Em uma reflexão diferente da anterior, Baldo admite que havia mais intenções e justificativas para a morte de seu algoz. Dessa vez, acrescenta a ideia de que Zequinha estava fadado à morte fosse por seu punhal ou fosse pelas mãos de outro homem. Acontecera de ser ele e já não escondia o fato de que não gostava do capataz desde a primeira vez que o conheceu. Mas por que outras pessoas poderiam também matar Zequinha? Era por causa da sua posição de poder e controle, vigiando os trabalhadores, ou havia algo mais? A resposta vem a seguir: “O negro Filomeno também tinha uma sede danada em Zequinha. E tudo aquilo por causa de Arminda. Para que Zequinha se amigou com ela? Eles tinham chegado antes”.<sup>244</sup>

O desejo sexual e a vontade de possuir a jovem filha de Sinhá Laura voltam à cena. Os pensamentos desgovernados de Baldo o fazem admitir que a frustração e a impotência por não possuir Arminda, feito conquistado por Zequinha, servia como ingrediente para a desavença fatal. Não se tratava, pois, apenas de uma legítima defesa contra o capataz e sua foice, ainda que Baldo tenha reagido com o punhal depois do ataque de Zequinha. Estava em jogo, também, a rivalidade pelo desejo erótico que os opunham: “Na noite da sentinela Antônio Balduíno só não a levou para casa porque a morta não o largava com aqueles olhos inchados. E o negro Filomeno não tinham amassado os peitos dela? Então para que Zequinha se meteu e levou a menina?”.<sup>245</sup> É provável, analisando a trama e o papel desempenhado pelos personagens, que o capataz conseguira possuir a garota órfã, de apenas doze anos, em razão do poder social a que tinha acesso ante os trabalhadores e operárias de Cachoeira, servindo-se de uma autoridade para decidir o destino da menina que acabava de perder a mãe.

Ao descrever cenas que representavam o cotidiano da classe trabalhadora em uma cidade interiorana da Bahia, Jorge Amado não somente narrava as relações de trabalho e de solidariedade, de violência e celebrações, dos parcos sonhos e dos medos sentidos por sujeitos

<sup>243</sup> AMADO, op. cit., p. 183.

<sup>244</sup> Ibidem, p. 183-184.

<sup>245</sup> Ibidem, p. 184.

pobres, como também narrava a inscrição do erotismo naquele ambiente. Ao fazer isso, notava que as relações de sexualidade se estendiam para meninas e moças recém-saídas da infância, cujas mudanças corporais eram compreendidas, por homens, como sinais de amadurecimento e disponibilidade para o sexo. Arminda, cujos seios eram a porta do desejo de Baldo e Filomeno, em sua tenra idade e sem a proteção de um familiar, era motivo de disputa entre homens adultos em busca de possuir o corpo adolescente e de satisfazer os ímpetos sexuais. Somente o Gordo, amigo de Baldo, afirmava que aquilo era errado, uma maldade. E Baldo, oportunamente, serviu-se dos dizeres do amigo quando lhe parecia impossível o acesso a Arminda:

Era uma menina de doze anos, o Gordo sempre disse. Uma menina de doze anos. O Gordo queria dizer que ela não era mulher ainda, que fazer aquilo com ela era uma malvadez. Mas Zequinha fez, bem que merecia uma punhalada... é verdade que se ele não fizesse o negro Filomeno faria ou mesmo Antônio Balduíno. **Sim, ele sabe que não foi por isso que cravou o punhal nas costas de Zequinha.** Ela era uma menina de doze anos... **Mas ele matou o capataz foi porque ele ficou com ela quando o negro a queria no jirau.** Ela tinha doze anos mas já era mulher... já seria mesmo? E se o Gordo tivesse razão? Se ela fosse uma menina e aquilo uma malvadez? Então Zequinha não faria mais, porque estava estendido no barro com um punhal nas costas. Porém de que valeu? Agora o negro Filomeno já a levou para casa, com certeza. **Essa é a lei das plantações de fumo. Mulher é bicho raro e quando uma fica sem homem encontra logo outro que a leva para casa. A não ser que ela prefira ir para as ruas das mulheres da vida** em Cachoeira, em São Félix, em Feira de Santana.<sup>246</sup>

Triste destino o das mulheres narradas por Jorge Amado nessa passagem de *Jubiabá*. Arminda não seria a única a enfrentar desgraças e angústias relacionadas ao julgo de homens ciosos e desinteressados em reconhecer os limites entre seus desejos e o corpo feminino.<sup>247</sup> Esses homens criavam suas próprias regras e sua própria moral. Criavam uma lei particular sobre como deveriam se comportar sexualmente, “a lei das plantações de fumo”. Sentindo-se autorizados para responder acerca do destino de Arminda, homens como Zequinha, Baldo e Filomeno reivindicavam o poder de definir o futuro de jovens como ela. Para Antônio Balduíno, a partir do que observara e tentava reproduzir, aquelas meninas tinham a opção de se arranjarem

---

<sup>246</sup> Ibidem. Grifo meu.

<sup>247</sup> Penso aqui na relação entre julgamento, moral e reconhecimento como abordada por Judith Butler: “O reconhecimento não pode ser reduzido à formulação e à emissão de juízos sobre os outros. Indiscutivelmente, há situações éticas e legais em que esses juízos devem ser feitos. No entanto, não deveríamos concluir que a determinação legal da culpa ou da inocência seja o mesmo que reconhecimento social. Na verdade, o reconhecimento muitas vezes nos obriga a suspender o juízo para podermos apreender o outro. Muitas vezes nos baseamos em juízos de culpa ou inocência para resumir a vida do outro, confundindo postura ética com aquele que julga”. BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo:** crítica da violência ética. Tradução de Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 63.

com algum homem ou, em caso de declinarem desse caminho, teriam que se entregar à prostituição, residindo nas ruas dos bordéis, “as ruas das mulheres da vida”.

Ainda que o Gordo se referisse a essas situações como “uma malvadez”, Baldo se sentia como aqueles homens, habilitados a enterrarem seus desejos de virulência e prazer sobre corpos juvenis, derramarem seu vigor sexual sobre meninas em situação de desproteção, sem levar em conta a insensatez e o caráter violento desse gesto. Duelavam pelo destino daquelas moças vulneráveis e, ansiosos por sexo, justificavam suas ações pela raridade de mulheres solteiras, pois a maioria estava casada ou arranjada com alguém. Punham a vontade do gozo acima das dores e medos que tais desejos poderiam causar nas meninas que transitavam entre a infância e a adolescência.

Violentada pela ação e olhar masculinos, Arminda teria que optar – possuiria força e coragem para isso? – entre ser levada para a casa de algum daqueles homens ou a vender seu corpo em bordéis da cidade. Se optasse pela prostituição, seu destino não seria menos violento. Haveria de envelhecer antes do tempo, estaria mais suscetível às doenças sexuais e seu corpo de quinze anos aparentaria ter quarenta. Quem sabe, cansada das agruras típicas do comércio sexual, beberia veneno ou se jogaria “no rio nas noites escuras”.<sup>248</sup>

É difícil ignorar a semelhança entre a expectativa perturbadora sobre o futuro de Arminda e os desgraçados destinos narrados por Sófocles. Édipo, por exemplo, ao optar por conhecer sua história não pôde se conter depois de ouvir o que era, ao mesmo tempo, o começo e o fim de sua vida: “– Ai de mim, infeliz que sou! Para onde me levaram meus passos? Para onde voa minha voz, perdendo-se no ar? Meu destino, onde foste te precipitar?”.<sup>249</sup>

As sondagens quanto ao futuro, associadas a uma compreensão nem sempre alinhavada do sucedido, inspiram pensamentos e cogitações daquilo que deve vir a ocorrer. Não é incomum que os indivíduos se sintam tentados a idealizar suas vidas num tempo ainda por chegar. De forma simultânea, costuram suas experiências com o fio que perfura o manto do passado, atravessa a malha do presente e cerze o tecido do futuro. No horizonte, guardam expectativas e anseios, revisam suas escolhas e ações, perguntam-se o que querem e o que podem fazer.<sup>250</sup> Para alguns, como Arminda, as respostas para tais perguntas são mais difíceis, pois se acham

<sup>248</sup> AMADO, op. cit., p. 184.

<sup>249</sup> SÓFOCLES. *Édipo Rei*. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2018, p. 81.

<sup>250</sup> Refiro-me, aqui, ao conceito de horizonte de expectativa, associado ao de espaço de experiência, levantado por Reinhart Koselleck: “Algo semelhante se pode dizer da expectativa: também ela é ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. **Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude**, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem”. KOSELLECK, op. cit., p. 310. Grifo meu.

enclausurados em circunstâncias penosas e sufocantes. Para outros, como Antônio Balduíno, a vida parece aberta e pronta para a próxima aventura.

Sonhos, medos, desejos sexuais e formas de reagir à morte são temas presentes na literatura de Jorge Amado. Através de sua leitura, é possível compreender o que sujeitos das primeiras décadas do século passado pensavam e sentiam em relação às suas experiências no tempo e às visões que construíam acerca do que lhe confrontavam e do que esperavam acontecer num futuro próximo. Sentimentos eram experimentados de maneira atropelada, reportando a uma série de acontecimentos vivenciada por homens e mulheres. Não raro, mesclavam esses sentimentos em suas formas de pensar a vida.

Ao estudar esses personagens, temos a impressão de que eles avaliavam seus feitos, reagiam ao sucedido e procuravam, do seu modo, projetar-se no mundo. Entrevemos certos aspectos da sensibilidade de uma época, olhamos para aquilo que compunha sua consciência do tempo e da vida. Em certas ocasiões, exprimiam seu cansaço e esgotamento em razão do volume de trabalho. Em outros momentos, desempenhavam relações de amizade e apreço através de celebrações, compartilhando sensações de liberdade. Solares, os personagens de Jorge Amado insistiam naquela vida atarefada porque ainda esperavam por algo redentor. Estudar essas emoções e dilemas, observar as maneiras com que se colocavam no mundo e o representavam, é encontrar os sentidos e pronúncias elaborados por comunidades humanas inseridas em um período histórico.<sup>251</sup>

O código existencial de Antônio Balduíno é longamente retrabalhado durante sua vida. Como protagonista do romance, o personagem atravessa experiências múltiplas e, constantemente, revisa seu posicionamento diante dos acontecimentos diários. Carrega consigo lembranças e lições, muitas delas associadas ao pai-de-santo do morro do Capa-Negro, servindo-se desses elementos para elaborar uma representação da vida e das relações humanas que presencia.

Ao passar uma temporada no Recôncavo Baiano, empregando-se em um trabalho estafante, percebe a degradação dos corpos femininos sobrecarregados pelo ritmo das fábricas de charuto. Percebe também os corpos doentios das crianças com suas enormes barrigas, acometidas de maleita e sofrendo de fome. Reconhece os olhares vingativos daqueles empregados nas fazendas de fumo. Ele próprio tirou a vingança dos seus olhos e a colocou na

---

<sup>251</sup> Sobre o interesse do historiador pela função da linguagem no seu trabalho de analisar o passado, ver o trabalho de Rénan Silva: “Trata-se, antes de tudo, de que a linguagem nos põe em contato com as formas de perceber, com as formas de representar, com as formas como uma sociedade *fala de si mesma*”. SILVA, Rénan. **Lugar de dúvidas**: sobre a prática da análise histórica: brevíário de inseguranças. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 78.

ponta do punhal que enterrara nas costas do capataz. O seu código de vida era frequentemente reformulado pelas novas situações vividas e pela sucessão de transformações protagonizadas. Ao correr por dentro da mata, fugindo de capangas contratados para vingar a morte de Zequinha, Baldo pondera sobre seu futuro e aquilo que o aguarda. Será levado à morte pelos homens que o perseguem? Conseguirá sobreviver mesmo com as lacerações no corpo provocadas por galhos afiados? Conscientiza-se das probabilidades acerca de seu destino e não descarta que talvez até seja lembrado por seus feitos:

E quem sabe se não contarão aos filhos e amigos a história de Antônio Balduíno, que foi mendigo, *boxeur*, fazedor de sambas, desordeiro, que matou um homem por causa de uma menina, e que morreu na frente de vinte, mas se defendendo? Quem sabe?<sup>252</sup>

Ao projetar um possível reconhecimento de seus feitos, ornados por um ideal de heroísmo, Baldo revela ao leitor seu desejo de ler lembrado, de que sua vida não caia no esquecimento. Se tivesse que morrer lutando, sobrar-lhe-ia alguma glória. Sua vida ainda poderia ser cantada naqueles cordéis declamados em conversas entre vizinhos. Sua presença física cessaria, todavia, seu nome continuaria existindo entre aqueles que admiravam a coragem de Antônio Balduíno.

Delimitando o alcance de suas ações e imaginando expectativas do que poderia ocorrer no futuro, Baldo nos ensina que os indivíduos são muito mais do que aquilo que são postos a fazer no ambiente do trabalho ou aquilo que definem como regras sociais de convívio. Os indivíduos são também o que sentem e o que imaginam, o que sonham e esperam. Essa potencialidade, essa energia capaz de traçar caminhos e desejar realizações é tão crucial para a experiência humana quanto seus afazeres cotidianos. Para Antonio Paulo Rezende:

Os cenários da vida são construídos entre ruídos e silêncios. Conflitos, diálogos, sussurros, os silêncios e os ruídos nos acompanham sem sossego. Não há um sentido anterior para o que fazemos. **Especulamos sobre o destino**, mergulhamos nas melhores tramas das tragédias gregas, **mas a vida é feita de arquiteturas surpreendentes e inacabadas**. Inventamos sentidos para não nos pertermos diante de tantas perplexidades. O sentido nos dá a dimensão do cosmo, nos livra do caos e do aparente absurdo que nos cercam. A arte maior da nossa existência está em articular o viver e o narrar sempre presentes em qualquer momento. **Vivemos a vida para contá-la e a contamos para vivê-la**. Ninguém escapa. Não é apenas o historiador que domina a arte de contar. **Todos nós contamos nossas vidas**, elaboramos narrativas cotidianas.<sup>253</sup>

<sup>252</sup> AMADO, op. cit., p. 189.

<sup>253</sup> REZENDE, Antonio Paulo. **Ruídos do efêmero**: histórias de dentro e de fora. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010, p. 25. Grifo meu.

Os sonhos e os desejos, alimentados por uma expectativa de realização, envolvem-se nas diversas atividades humanas e, por vezes, ajudam na composição de cenários onde a vida pode ser melhor e mais cativante. A vida de Baldo, marcada por fatalidades e pelo acaso – afinal, ficara órfão pela segunda vez após a doença e morte de sua tia –, constituía-se de reviravoltas e reações àquilo que pesava contra si. Primeiro, fugira de um comerciante que o castigara injustamente. Em seguida, fugira em razão da humilhação amorosa. Depois, tentara escapar pelo mato do Recôncavo por ter assassinado um capataz. Ainda assim ponderava sobre essas experiências com lucidez, delimitando possíveis cenários onde continuaria sua vida. Apesar de tudo, Baldo insistia no fato de que o amanhã estava aberto para seus desejos e palpites. E como Jocasta, colocava-se diante da vida sem receios:

– O que teria a temer um mortal, joguete do destino, que nada pode prever com certeza? Viver ao acaso, como se pode, é de longe ainda o melhor. Não temas o himeneu com uma mãe: muitos mortais já partilharam em sonho o leito materno. Quem dá menos importância a tais coisas é também quem mais facilmente suporta a vida.<sup>254</sup>

A concepção de vida de Antônio Balduíno ainda não estava fechada. Apesar dos aprendizados que carregava consigo, nutridos desde a infância passada numa periferia de Salvador, em que a oralidade era a fonte principal de saberes e experiências partilhadas, Baldo viveria outros contextos e situações. Saberia, mais adiante, que outras formas de convívio e organização podem ser preponderantes na reelaboração dos sentidos da vida e das formas de sentir o mundo.

#### **4.3 As luzes da Bahia faíscam como uma salvação**

Após uma fuga bem-sucedida, Baldo se metera em um vagão de trem para Feira de Santana. Naquela cidade reencontrou, por acaso, um antigo amigo, Luigi, que o treinou nas lutas de boxe na capital baiana. Longe dos ringues, o amigo italiano de Baldo trabalhava agora num circo itinerante. Estava com sua trupe em Feira de Santana quando avistou Baldo por ali, zanzando à espera de uma carona que o levasse de volta à cidade da Bahia. Convidado para permanecer com o circo e interpretar o papel de lutador, Antônio Balduíno percebeu a chance de novamente se colocar diante de uma plateia.

---

<sup>254</sup> SÓFOCLES, op. cit., p. 60.

O trabalho era simples: o circo faria rodar na cidade a informação de que “Baldo, o gigante negro”,<sup>255</sup> desafiava qualquer cidadão para uma luta nas noites de apresentação circense. Para Luigi, seria impossível alguém querer desafiar Antônio Balduíno ao considerar sua força muscular e seu passado como campeão de boxe. Portanto, ele poderia usufruir dos bastidores da trupe e entraria na tenda apenas para se dispor ao desafio, mas, tendo em vista a intimidação que causaria nos homens da cidade, não teria que lutar com ninguém.

Baldo aceitou o emprego. Dali em diante, enquanto estivesse trabalhando no circo acampado em Feira de Santana, ele viveria a experiência das expressões artísticas relacionadas ao trabalho circense. Talvez, depois da fuga, encontrasse entre os seus colegas de espetáculo algum encantamento e felicidade, observando a execução dos números artísticos e as performances contracenadas. Se em Cachoeira presenciara cenas de angústia e esgotamento entre a população pobre da cidade, se se aterrorizara com cenas de morte e visões fantasmagóricas, em Feira de Santana teria a oportunidade de voltar a sentir aquelas seduções propiciadas por cidades com desenvolvimento socioeconômico maior. Voltaria a sentir aquele tropel por dentro ao admirar os postes de iluminação pública e ao ouvir as pessoas contando histórias que aconteciam no dia a dia da urbe.

Antônio Balduíno gostava de dedicar seus sambas e seus afetos a mulheres. Saboreava os prazeres do sexo e assimilava o erotismo e a sedução amorosa como parte importante na sua concepção do belo. Quando se apaixonava por uma mulher, na cidade da Bahia, gostava de levá-la para a areia do cais e lá, sob a guarda da lua branca e atravessados pelo cheiro do mar, amavam-se em um cenário que lhe era inspirador. Concebia o belo na forma feminina e nas formas naturais do mar e do céu. Pensava que as estrelas, por exemplo, eram a morada de pessoas valentes e conquistadoras, como seu desconhecido pai e as figuras de Lucas da Feira e Zumbi dos Palmares.

A essa concepção de beleza ligava-se, também, aquelas impressões guardadas desde criança quando morava no morro do Capa-Negro. No alto do morro, no início da noite, sentava para contemplar as luzes do centro da cidade que o atropelavam por dentro, enquanto as rodas de conversa dos vizinhos começavam a se espalhar sob as luzes dos candeeiros nas pequenas casas. O mar, a areia do cais, os encontros com os amigos em bares, os namoros e prazeres sexuais, as luzes da cidade, as histórias partilhadas sobre figuras heroicas e sua liberdade em traçar o próprio destino, elaboravam, juntos, um ideal de beleza e de felicidade. Ao absorver e experimentar essas sensações, ainda que fugazmente, Antônio Balduíno se sentia completo.

---

<sup>255</sup> AMADO, op. cit., p. 216.

Quando consideramos que os indivíduos portam uma concepção de beleza, associada a uma concepção de vida, é porque o belo se constitui numa sensação de completude temporária. Um dos dilemas da existência é justamente o sentimento de incompletude que experimentamos. Assim, passamos a dividir épocas de nossas vidas entre a incompletude e a completude, a angústia e a felicidade. Tais instantes, revezando-se ao longo dos anos, apresentam-se em muitas esferas das relações sociais. Esse contraste pode ocorrer nas relações familiares, nas relações amorosas, nas relações de trabalho e, sem dúvidas, nos períodos de solidão que todos nós já passamos ou ainda passaremos.

Essa dualidade foi analisada por Todorov. Em sua obra, é possível compreender como a beleza se torna um dos elementos que podem propiciar a completude buscada por sujeitos, da mesma maneira que a sua não realização confere a sensação de incompletude. Ao estudar cartas e as produções literárias de Oscar Wilde, Rainer Maria Rilke e Marina Tsvetaeva, Todorov percebe como esses escritores desenvolveram uma concepção do belo, esforçando-se para entender como a beleza poderia significar uma realização do absoluto ainda em vida.

Entretanto, Todorov observa como essa relação entre o belo e a completude oscilava segundo as circunstâncias vividas por tais escritores, de como eles acabaram por experimentar muitas frustrações e angústias ao tentarem viver segundo suas premissas e concepções de vida. Volátil, a sensação de completude, de êxtase e de felicidade poderia, de um momento para outro, tornar-se uma sensação de vazio e amargura:

A dificuldade está em que os seres humanos ao mesmo tempo dispõem de uma existência finita e são dotados de uma consciência aberta ao infinito. Eles podem tudo englobar, analisar o Universo inteiro e a eternidade, e ao mesmo tempo sabem que são somente uma partícula minúscula e dispersa de poeira deste Universo, ocupando aí somente uma fração do seu desenrolar temporal. Eles não podem deixar de constatar o contraste entre a felicidade imaginada por seu espírito e a mediocridade de um grande número de suas experiências.<sup>256</sup>

Na noite de estreia do circo, Baldo se deslumbrou com as atrações que precediam a abertura do espetáculo. Entre essas atrações estava a banda *Euterpe 7 de Setembro*, cuja música despertava em Baldo um anseio e curiosidade capazes de fazê-lo escapar dos bastidores para observar o que se passava perto dali.

Eis que vem a música. Agora está dobrando a Rua Direita e já se ouve o som da marcha carnavalesca. No Circo todos se levantam. Os que estão nos bancos mais altos da geral espiam por cima do pano. Os moleques que estão na porta

---

<sup>256</sup> TODOROV, op. cit., p. 255.

do Circo correm e acompanham a Euterpe 7 de Setembro que vem garbosa, marcial, vestida de verde e azul. Seu Rodrigo da farmácia é um bicho na flauta. O pistão atira sons que ficam vibrando no ar e vão se bater na cabeça de Antônio Balduíno que foge da barraca e vem olhar a música. Banda bonita. Estão bem vestidos como o diabo! Aquele que vai ali de costas é o maestro. Antônio Balduíno bem que trocava o seu de lugar de lutador pelo homem magro que vai de costas dirigindo a Euterpe 7 de Setembro. **Mas é bonito de verdade**, pensa o negro. **Como todas as mulatas olham para ele!** Todo o povo. Ele é um herói da cidade, uma glória de Feira de Santana [...] Mas Giusepe arranca Antônio Balduíno da contemplação da banda de música. **O negro vai para a barraca levando no coração a vontade de dirigir uma Euterpe.**<sup>257</sup>

A música, o uniforme da banda e o reconhecimento do público, em especial “as mulatas”, encantavam os sentidos de Antônio Balduíno e o faziam desejar ser um daqueles músicos reverenciados pela população local. Embora sempre tenha preservado a liberdade e o desejo de não querer se submeter a alguém, Baldo se dispunha a estar entre aqueles que eram guiados pelo maestro, pessoa importante e bem relacionada com os poderosos da cidade. O brilho da apresentação musical, entorpecendo a ele e à plateia que já se sentara nas arquibancadas do circo, punha-o em frente a um estado de beleza e catarse. Se não fosse Giusepe, dono do circo, a arrancar-lhe daquele transe, continuaria enfeitiçado e absorto, contemplando os tiros do pistão e a flauta de seu Rodrigo. Se já carregava alguma concepção do belo, como o mar e as mulheres, a areia do cais e as estrelas, ou a iluminação artificial e os encontros de amizade, agora Baldo acrescentava outra impressão para seu ideal de beleza, a banda Euterpe 7 de Setembro. E não deixava de ratificar para si: “Mas é bonito de verdade”.

Desse modo, a breve cena descrita no romance assinala como os indivíduos se relacionam com ideais de beleza e felicidade. Ao presenciar algo que lhe parece belo e envolvente, Antônio Balduíno se deixa encantar por algo arrebatador e capaz de distraí-lo por algum tempo, deixando-se levar pelo embalo dos sentidos e da percepção. Por um momento, Baldo se sente completo e em harmonia com o mundo. Aproveita-se dessa condição para imaginar que sua vida pode ser diferente daquela que levava, uma vida em que as mulatas e a gente importante da cidade reconhecem seu talento e o admiram.

Ao imaginarem seus sonhos e desejos se realizando no horizonte, os indivíduos tendem a experimentar uma sensação de completude e satisfação, pois estão em vias de estimularem e concretizarem aquilo que o tocam profundamente. Todorov, ao presenciar um espetáculo musical, definiu o belo nos seguintes termos:

---

<sup>257</sup> AMADO, op. cit., p. 218. Grifo meu.

Essas experiências não se confundem entre si, porém todas conduzem a um **estado de plenitude**, nos dão um sentimento de **realização interior**. **Sensação fugaz e ao mesmo tempo infinitamente desejável**, pois graças a ela nossa existência não decorre em vão; graças a esses momentos preciosos, ela se torna **mais bela e mais rica de sentidos** [...] Sabemos bem que não podemos viver permanentemente nesse estado de realização e plenitude do ser, **que se trata mais de um horizonte do que um território**; sem ele, todavia, a vida não tem o mesmo valor.<sup>258</sup>

Essas formas de admiração e de encantamento para com o mundo em que se vive podem também ser compreendidas como reações humanas. Diferentemente daquelas reações associadas ao trabalho pesado e estafante, simbolizadas pela solidariedade entre os trabalhadores de Cachoeira, organizando-se para o prazer das celebrações através da dança e da bebida, a reação de Baldo diante da banda Euterpe 7 de Setembro, traduzida num episódio de absorção e idealização do seu desejo em se tornar músico, é assimilada como uma interação com o sublime. Ou seja, ao perceber a beleza daquele espetáculo musical que paralisava a cidade e o entorno do circo antes de sua abertura, Antônio Balduíno se lança para um horizonte, não um território, onde os quereres e sentidos de realização ganham contornos visíveis. Têm-se, por um instante, um contato profundo com o absoluto, a experiência de que a felicidade e a realização fazem parte da condição humana.

A sensação de felicidade pode ser pensada a partir desses cenários que não são necessariamente concretos, materializados, visíveis a olho nu. Ao contrário, a felicidade pode ser experimentada como um estado emocional em curso, uma aproximação do ideal que cultivamos. Pode até mesmo ser sentida sem que tenhamos o que desejamos por perto, como foi o caso de Ricardo em seu sonho erótico no jirau. Para Freud, é ainda possível identificar a relação entre beleza e felicidade da seguinte forma:

Pode-se acrescentar neste ponto o interessante caso em que a felicidade de viver é buscada sobretudo no gozo da beleza, onde quer que ela se mostre aos nossos sentidos e ao nosso juízo – **da beleza das formas e dos gestos humanos, dos objetos naturais e das paisagens, das criações artísticas e mesmo científicas**. Essa postura estética em relação à meta da vida oferece pouca proteção contra sofrimentos iminentes, embora seja capaz de compensar muitas coisas. **O gozo da beleza tem um caráter sensível e particular, suavemente embriagador.**<sup>259</sup>

<sup>258</sup> TODOROV, op. cit., p. 9-10. Grifo meu.

<sup>259</sup> FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão seguido de O mal-estar na cultura.** Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2018, p 130. Grifo meu.

De acordo com Freud, há uma pluralidade de maneiras para sentir a felicidade, mesmo que sua realização seja temporária diante da iminência dos sofrimentos. Vivemos para doer, mas abrimos intervalos para o prazer. Essa definição se parece muito com a trajetória de vida de Baldo, pois já afirmamos quantas situações dolorosas o personagem principal experimentara, quantos obstáculos a vida lhe impunha continuamente, mesmo tentando reter alguns momentos felizes para si.

Embora tocado pela beleza da banda de marchinhas carnavalescas, Baldo sabia que as sensações mais vitais e profundas que experimentava estavam associadas ao amor e ao prazer erótico. Se ainda guardava alguma recordação de amores antigos, como o de Lindinalva, isso não o impedia de viver aventuras amorosas e de se apaixonar por outras mulheres. Foi também por ocasião de trabalhar no circo que conheceu Rosenda Rosedá, dançarina da trupe. Com ela, voltava a provar aquele sentimento apaziguador e inquietante da paixão.

A felicidade, nem sempre disponível na trajetória difícil de Antônio Balduíno, demonstrava ser alcançável quando a dançarina circense se apresentava e encantava não somente a ele como a toda plateia que a assistia. Se, por um lado, o circo tinha dificuldades de pagar os salários de seus artistas, por outro, permitia a admiração e o fascínio por uma mulher cada vez mais presente nos desejos de Baldo: “Rosenda Rosedá olhava lá de trás o negro Antônio Balduíno. Não havia cinco contos, não havia nem salário, mas havia o corpo quente de Rosenda, a incomparável. E Balduíno se sentiu feliz”.<sup>260</sup>

A ideia de felicidade está ligada à ideia de desejo. Essa associação é demonstrada por André Comte-Sponville:

na medida em que desejamos o que nos falta, é impossível sermos felizes. Por quê? Porque o desejo é falta, e porque a falta é sofrimento. Como você pode querer ser feliz se lhe falta, precisamente, aquilo que você deseja? No fundo, o que é ser feliz? Evoquei a resposta que encontramos em Platão, Epicuro, Kant, em qualquer um: ser feliz é ter o que deseja, porque no caso é fácil compreender que nunca seremos felizes e que a felicidade, como diz Kant, seria um ideal não da razão mas da imaginação. Ser feliz não é ter tudo o que se deseja, mas pelo menos uma boa parte, talvez a maior parte, do que se deseja. Seja. Mas, se o desejo é falta, só desejamos, por definição, o que não temos. Ora, se só desejamos o que não temos, nunca temos o que desejamos, logo nunca somos felizes. Não que o desejo nunca seja satisfeito, a vida não é tão difícil assim. Mas é que, assim que um desejo é satisfeito, ele se abole como desejo”.<sup>261</sup>

<sup>260</sup> AMADO, op. cit., p. 224.

<sup>261</sup> COMTE-SPONVILLE, André. *A felicidade, desesperadamente*. Tradução de Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015, p. 26-28.

Fugazmente feliz ao ver e sonhar com o corpo de Rosenda, Baldo reagia às agruras de seu caminho existencial. Entendia que, às vezes, seria capaz de sentir o mundo através da felicidade. Sabia que a beleza feminina de Rosenda se associava com outros elementos de sua concepção do belo, como o mar e o cais da capital baiana. Deveria partir com Rosenda de volta para a cidade da Bahia caso o circo não pagasse seus salários. Reuniria no seu território de afetos tudo aquilo que sempre demonstrou apreciar. Cantaria vantagens entre os amigos em razão da mulher que arranjara em suas andanças pelo interior baiano. Em contrapartida, levaria Rosenda para conhecer o cais, o bar Lanterna dos Afogados, o terreiro de pai Jubiabá, incluindo-a numa rota afetiva e familiar. Passearia com sua namorada pelos bailes da cidade e viveriam continuamente para o amor, provendo os anseios e vontades da carne. Entre essas idealizações, sentia que a vida poderia ser mais leve, mais ajustada e menos dolorosa. O peso que carregara até ali, era provável, cederia para uma experiência existencial mais serena e aconchegante.

Italo Calvino, escritor italiano, fez um esboço de como a literatura tem uma função existencial e como seus personagens propiciam a “busca da leveza em reação ao peso de viver”.<sup>262</sup> Tal como Walter Benjamin, atribui aos homens e mulheres a capacidade de reagirem ao que os atormenta e sufoca. Pensada como reação humana, ou seja, forma de agir diante de um cenário que pesa e interfere, a leveza teria uma função semelhante à da respiração e da sobrevivência, pois seu efeito é o de suportar e, em seguida, redimensionar experiências sufocantes e adversas:

Cada vez que o reino humano me parece condenado ao peso, digo para mim mesmo que à maneira de Perseu eu devia voar para outro espaço. Não se trata absolutamente de fuga para o sonho ou o irracional. Quero dizer que preciso mudar de ponto de observação, que preciso considerar o mundo sob uma outra ótica, outra lógica, outros meios de conhecimento e controle. As imagens de leveza que busco não devem, em contato com a realidade presente e futura, dissolver-se como sonhos.<sup>263</sup>

Completude, felicidade e leveza. São as três sensações que se lançam sobre os sentidos de Antônio Balduíno no momento em que começara a trabalhar no circo e conhecera Rosenda. Três maneiras de sentir o mundo que o faziam esquecer, temporariamente, as agruras que acabara de suportar quando fugiu deixando um homem morto nas plantações de fumo. Se durante a fuga pela mata fechada do Recôncavo, à maneira como escravos fugiam de seus senhores durante a escravidão, havia machucado o corpo e flirtado com a loucura, agora era o

<sup>262</sup>CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*: lições americanas. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 41.

<sup>263</sup>Ibidem, p. 21.

corpo de Rosenda, o desfile da banda e um novo horizonte de possibilidades que o engajavam para o prazer da existência.

Essas transições sentimentais devem ser consideradas como aspecto central na compreensão do que denominamos subjetividade, tentando discernir como os sujeitos canalizam o acúmulo de emoções e exprimem esse fluxo subjetivo nas relações sociais. Tal proposta é fundamental para pensarmos os ritmos de uma sociedade para além de suas inovações técnicas e acelerações provocadas por novos maquinários. Trata-se de outra observação, a que acompanha o andamento da alma humana em harmonia com o que a vida lhe oferece. Trata-se de perceber como homens e mulheres, seguindo o exemplo dos músicos da banda Euterpe, criam melodias particulares e coletivas, consonantes e dissonantes, evocam prazeres e desejos, sonhos e ideais para a escrita de uma partitura.

Milan Kundera, além de nos remeter à ideia de peso e leveza, como apontamos no início do trabalho, também considera o romance como um discurso polifônico, seja pela multiplicidade de temas e personagens, seja pela aproximação que a arte romanesca tem com a música em matéria de composição. E se um romance é “uma meditação sobre a existência vista através de personagens imaginários”,<sup>264</sup> é consecutivo pensar que a própria vida guarda também tal musicalidade, guarda essa mesma polifonia:

Permita-me mais uma vez comparar o romance com a música. Uma parte é um movimento. Os capítulos são compassos. Esses compassos são breves, longos ou então de duração muito irregular. O que nos leva à questão do andamento. Cada parte em meus romances poderia trazer uma indicação musical: *moderato, presto, adagio* etc.<sup>265</sup>

O percurso de Antônio Balduíno se assemelhava a uma música. Não só porque transitava entre emoções, ora mais graves, ora mais agudas, mas porque sua existência era relatada pelos recortes de tempo e espaço. A estrutura do romance de Jorge Amado é, nesse sentido, igual à relatada por Kundera, dividida em partes e capítulos. A primeira parte se chama *Bahia de Todos os Santos e do pai-de-santo Jubiabá*. A segunda parte, *Diário de um negro em fuga*, seguida pela terceira e última, *ABC de Antônio Balduíno*.

O andamento do romance é caracterizado por capítulos mais curtos e mais longos, apontando paisagens e personagens diferentes. Esses cortes, necessários à estrutura do romance para que a história se desenvolva e se encaminhe para o final, indicam uma mudança na maturidade do personagem principal, possível porque algo acontece a ele que o faz ponderar

<sup>264</sup> KUNDERA, 2016, p. 88.

<sup>265</sup> Ibidem, p. 93.

sobre o que viveu e o que ainda pode viver. O que viria a seguir para Antônio Balduíno? Qual experiência substituiria o trabalho como lutador de circo? Qual nova melodia iria compor para sua vida de aventuras?

O período como empregado de circo não se prolongou por muito tempo. Giusepe, o proprietário, morreu enquanto tentava executar um número no trapézio. As despesas do picadeiro àquela altura já não eram honradas e os artistas da trupe mal viam dinheiro que justificasse a permanência no local. A cena da queda de Giusepe foi trágica e seu movimento de adeus acabava de uma vez por todas com as chances de o circo permanecer na cidade de Feira de Santana. Por outro lado, criava entre os artistas a necessidade de procurarem novos destinos.

Baldo decidiu com Rosenda partir para a cidade da Bahia e tentar a sorte. Voltariam ao território onde fora imperador das ruas e tocador de sambas em bares do cais. A viagem foi feita pelo barco de seu Manuel, o mesmo que o levara até o Recôncavo quando da sua fuga da capital baiana. Durante o trajeto, na época de inverno e de águas muito perigosas, Antônio Balduíno voltou a recear pela morte: “O vento carrega o saveiro que voa sobre as águas como uma lancha a gasolina. Neste momento, no meio do temporal, eles estão bem perto da morte. Um desvio do leme e eles se jogarão sobre as coroas de pedra que estão invisíveis”.<sup>266</sup> Ao pensar na proximidade da morte e na vulnerabilidade da vida, ao refletir sobre a finitude da experiência humana, Baldo “pensa que afinal a vida é besta, que não vale a pena viver. Viriato, o Anão, sabia destas coisas. E a estrada do mar é larga. Hoje é larga e revolta. O dorso verde do mar se agita. Também é um convite”.<sup>267</sup>

Ao sentir os riscos da morte rondando o saveiro que os transportava, Antônio Balduíno recordava de seu amigo que se suicidou, atribuindo a ele uma sabedoria sobre o sentido do existir. Em paralelo, dava-se conta da fugacidade da vida, de como ela pode terminar a qualquer instante. Uma simples coroa de pedra escondida pelo temporal seria o suficiente para avariar a embarcação. Suas vidas seriam contadas como histórias de naufrágio no cais da Bahia. Viveriam somente pela memória dos que lembravam e advertiam sobre as leis do mar.

Largas e revoltas, as águas pareciam exercer um fascínio perigoso sobre os anseios de Baldo. Ele bem sabia tudo que pesava em seu caminho. Por mais que experimentasse momentos de felicidade, como estar ao lado de uma mulher feito Rosenda Rosedá, não ignorava as tantas vezes em que a experiência de viver lhe sacudia dolorosamente. Quantas injustiças e quantas

---

<sup>266</sup> AMADO, op. cit., p. 244-245.

<sup>267</sup> Ibidem, p. 245.

partidas de pessoas queridas presenciara! Por essas razões, é que o convite das águas para um mergulho fatal lhe atingia de forma sedutora. Afinal, seu sábio amigo Viriato recebeu também aquele convite e, diferente de Baldo, aceitara entrar pelo mar para entregar seu corpo aos siris.

Durante um breve momento, Baldo esquece a felicidade e o sentimento de completude por estar ao lado de Rosenda e de ir buscar a sorte na Bahia acompanhado de seu novo amor. Naquele ínterim, esquece-se de que a vida poderia valer a pena. De que há um sentido para viver. De que se pode viver em função do amor e das celebrações. De que se pode viver para dividir com alguém os prazeres da vida. E, nesse instante de esquecimento, pega-se hipnotizado pela facilidade de acabar com tudo. Chega mesmo a imaginar seu corpo unido ao mar, corporificando as leis marítimas. O sofrimento o agita da mesma forma que o mar é agitado pelas chuvas de inverno.

Tema constante na oralidade dos pescadores e mestres de saveiros, nas crenças e histórias relativas aos mistérios do navegar, as águas exercem sobre Antônio Balduíno a impressão de que os destinos humanos são delegados pela vontade de forças transcendentais, fazendo da incerteza matéria na composição do existir.

A relação entre oralidade e navegações é reincidente na obra de Jorge Amado. Em seu romance *Mar morto*, que retoma alguns personagens de *Jubiabá*, o mar se torna um dos protagonistas da história, tendo em vista que boa parte das cenas acontece em torno do trabalho dos mestres de saveiros e outras embarcações que aportam no cais de Salvador. Nesse livro, Iemanjá também recebe contornos e formas humanos, assemelhando-se às mulheres dos mestres de saveiro. Através de seus poderes, Iemanjá é quem decide sobre o destino daqueles que embarcam em suas águas, podendo eles voltarem para suas casas apesar dos riscos e incertezas da navegação, mas podendo também permanecerem definitivamente dentro do mar após um naufrágio, muitas vezes não devolvendo seus corpos para os rituais de morte:

Judith soluça no quarto. **É destino de todas elas.** Os homens da beira do cais só têm uma estrada na sua vida: a estrada do mar. **Por ela entram, que seu destino é esse. O mar é dono de todos eles. Do mar vem toda a alegria e toda a tristeza** porque o mar é mistério que nem os marinheiros mais velhos entendem, que nem entendem aqueles antigos mestres de saveiros que não viajam mais, e, apenas, remendam velas e contam histórias. **Quem já decifrou o mistério do mar?** Do mar vem a música, vem o amor e vem a morte. E não é sobre o mar que a lua é mais bela? O mar é instável. **Como ele é a vida dos homens dos saveiros.**<sup>268</sup>

<sup>268</sup> AMADO, Jorge. *Mar morto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 22. Grifo meu.

Essa relação entre oralidade e navegação parece ser alimentada pela noção de destino, uma interpretação sobre os riscos e expectativas do que pode acontecer na vida das pessoas. Elegendo o mar como uma força de contornos divinos, sobrenatural, entendem que dele “vem toda a alegria e toda tristeza”. Incerto sobre seus desejos e seu destino, Baldo retraça em pensamentos o que o levara até aquele momento, sem deixar de meditar sobre o que ainda era capaz de viver:

Ele, negro valente e decidido, desde criança pensava em ter um ABC que contasse aos outros negros a sua história cheia de lances de coragem. Se ele fosse engolido agora pelas águas, não contariam sua história. **Um negro valente não se mata, a não ser para não se entregar à polícia. E um homem de vinte e seis anos ainda tem muito que viver, ainda tem que brigar muito para merecer um ABC.** Mas o mar é um convite. Ali está o caminho de casa. Vem de Maria Clara um cheiro de maresia. Ela fala no mar, conta casos acontecidos com mestres de saveiros, histórias de naufrágios e de mortes. Fala em seu pai que foi pescador e desapareceu numa jangada no meio de um temporal. Dela vem o cheiro do mar. **Nela o mar está sempre presente, é amigo e inimigo e já se incorporou nela. No negro Antônio Balduíno nada se incorporou. Já foi tudo e não é nada. Sabe que luta e que precisa lutar ainda mais.** Porém, tudo isto aparece muito esfumaçadamente dentro dele. A sua luta é uma luta perdida. Ele o sente nos nervos que afrouxaram. Como se desse socos no ar. E agora o mar o chama, como na vinda o chamavam os lábios de Maria Clara. Mestre Manuel aponta. Ao fundo aparecem as luzes da Bahia. O vento voa em redor das suas cabeças. E traz todo o perfume do mar que está no corpo de Maria Clara. **As luzes da Bahia faíscam como uma salvação.**<sup>269</sup>

Revisando sua trajetória, lembrava de um desejo seu, que sua vida fosse contada em cordéis da mesma forma que contavam a história de Zumbi dos Palmares, de Lucas da Feira e de tantas outras figuras que desafiavam as condições adversas da vida. Lembrava-se de que ainda era novo, apenas vinte e seis anos, e que muito ainda havia para lutar. Essa luta até poderia ser em vão, uma “luta perdida”, mas um negro como ele não poderia se matar, a não ser em caso de ter de se entregar à polícia.

É importante registrar, embora seja constatado nas diversas citações que faço de *Jubiabá*, que o personagem Antônio Balduíno é elaborado e desenvolvido, também, por meio de regressões sobre sua infância, adolescência e, de forma geral, ocorrências passadas. No momento em que fugia pela mata, esse método da regressão é acionado por ele, entre devaneios causados por ferimentos. Aqui, em uma viagem arriscada de saveiro, Baldo volta a posicionar seus pensamentos em forma de regressão, lembrando-se do que vivera até ali, tentando encontrar sentido para o presente e para o que estava por vir. Essa relação de memória é

<sup>269</sup> AMADO, 1987, p. 245. Grifo meu.

fundamental para compreendermos que a consciência humana é constantemente reelaborada por aquilo que permanece no inconsciente, guardando-se até que situações novas acionem lembranças. É bastante sugestiva a seguinte passagem de *O mal-estar na cultura*:

Desde que superamos o erro de acreditar que o nosso esquecimento corriqueiro significa uma destruição do registro mnêmico, ou seja, uma aniquilação, nos inclinamos à suposição contrária, a de que **na vida psíquica nada do que uma vez se formou pode perecer, de que tudo permanece conservado de alguma forma e pode ser trazido novamente à luz sob condições apropriadas – por exemplo, através de uma regressão de suficiente alcance.**<sup>270</sup>

O fluxo de pensamentos incertos propiciados pela viagem perigosa num saveiro dentro de um temporal desnorteava as sensações e os saberes de Baldo acumulados ao longo do seu caminho. Pegava-se enfeitiçado pelas histórias de Maria Clara, mulher de seu Manuel, e o incomodava o sentimento de que nada se incorporava em sua vida. Apesar de ter vivido muito, considerava que nada o norteava. Enquanto durasse aquela viagem sob o julgo das águas, duelaria com a incerteza da finitude humana, estaria envolvido pelos dizeres e histórias misteriosas contadas por Maria Clara e, pior, continuaria a experimentar a sensação de vazio que o penetrava.

Gerson Augusto de Oliveira Júnior, em um trabalho de escuta sensível, estudou as relações entre os Tremembé e a natureza, especialmente as atividades marítimas. Faço esse paralelo com o intuito de demonstrar como essa passagem de *Jubiabá* e as histórias narradas por Jorge Amado em outros romances, como *Mar morto*, articulam-se com a cosmovisão de povos originários situados no Brasil. No capítulo “Os perigos do mar: um jogo de vida e de morte”, Gerson nos fala:

Os pescadores desenvolvem uma convivência diária com o perigo. As embarcações de madeira são vulneráveis às oscilações dos fenômenos atmosféricos e à fúria do mar. No ritmo das vagas, insinua-se um jogo de vida e de morte. No horizonte da pescaria, descortina-se a possibilidade real de que, talvez, se esteja fazendo a última viagem. Isto porque, ao reconhecerem seus próprios limites, os pescadores inserem a relação com o mar numa acentuada dimensão de possibilidades, a qual a ameaça de naufrágios e a impossibilidade de não retornarem para a terra estão sempre presentes.<sup>271</sup>

<sup>270</sup> FREUD, op. cit., p. 113. Grifo meu.

<sup>271</sup> OLIVEIRA JÚNIOR, Gerson Augusto de. **O encanto das águas:** a relação dos Tremembé com a natureza. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006, p 78.

As luzes da Bahia apontadas por mestre Manuel talvez corrigissem minimamente aquele tropel de sentimentos que inundava Baldo por inteiro. As luzes que o invadiam desde a infância, fazendo-o gastar seu olhar sobre as casas iluminadas, agora, se apresentavam como uma espécie de bote salva-vidas. Enfim, estava ao alcance de seus olhos, na linha do horizonte, aquela cidade que não visitara por dois anos. Saíra dali para ganhar o mundo e recomeçar. E retornava pela saudade e pelo acaso das circunstâncias.

Se tomamos a literatura como uma narrativa que produz imagens e representações das relações sociais, dos dilemas humanos e das condições nas quais pessoas vivem diariamente, entendemos que a existência vai muito além das práticas ordinárias e mais aparentes.<sup>272</sup> Por meio de romances, contos, crônicas e da poesia, é possível interrogar sobre outras dimensões do viver humano que não se esgotam na descrição das formas de trabalho, na descrição de manifestações culturais, nas astúcias dos jogos de poder, nas transformações econômicas e políticas. Para além desses estudos tradicionais que operam na historiografia – já bastante diversificada –, a literatura permitiria compreendermos a relação que os sujeitos guardam com as incertezas que os acometem ante decisões que lhe afetam, mas que não são sempre tomadas por eles próprios. Daí entrever no acaso um dado histórico. Ele, tanto quanto as ações planejadas, interfere constantemente na movimentação das pessoas pelo mundo.<sup>273</sup>

A inesperada morte de Giusepe, por exemplo, foi definitiva para que Baldo, junto com Rosenda, retornasse para a capital da Bahia, abreviando sua permanência em Feira de Santana. As descrições de um romance sugerem como os indivíduos ponderam sobre suas opções de escolha, sobre cenários aparentes e como suas vidas podem se desenrolar a partir de um determinado ponto. O sucedido ganha a fisionomia de um acúmulo de experiências que tende a guiar e desenhar certos sentidos para ações futuras, às vezes de forma confusa. O viver e reviver de situações, entre semelhanças e diferenças, fabricam sentimentos e arquitetam as reações humanas na medida em que os sujeitos se deparam com novos episódios e

<sup>272</sup> Sobre esse caráter representativo, é sugestiva uma afirmação de Umberto Eco: “[...] num poema ou num romance, a intenção é representar a vida em toda a sua incoerência. A intenção é pôr em cena uma série de contradições, tornando-as claras e pungentes. Os escritores criativos pedem a seus leitores que arrisquem uma solução; não oferecem uma fórmula definida (exceto os escritores *kitsch* ou sentimentais, que almejam oferecer consolação barata)”. **Grifo meu.** ECO, Umberto. **Confissões de um jovem romancista.** Tradução de Marcelo Pen. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 11.

<sup>273</sup> “O mundo é guiado pelo acaso. A contingência nos persegue todos os dias de nossas vidas, e essas vidas podem ser tiradas de nós a qualquer momento – sem nenhuma razão”. AUSTER, Paul. **Noite do oráculo.** Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 18. Sobre essa relação entre vida e acaso recordo ainda uma passagem de Antonio Paulo Rezende: “Mudei-me para Campinas. Deixei a sala de aula, com muita saudade, fui para outro vasto mundo, sem esquecer, como o poeta, que mais vasto era o meu coração. Meu anjo torto tinha razão. Nada como ser *gauche* na vida, não se intimidar com o inesperado, ser tomado pela alegria e pela serenidade de saber que a vida vem em ondas, como mar”. REZENDE, 2010, p. 35.

circunstâncias. São dessas aspirações, desses desejos de decodificar a vida e o incerto, que se alimenta a produção literária.

Em *Jubiabá*, publicado na década de 1930, mas ambientando entre as décadas de 1910 e 1920, Jorge Amado conta as alegrias e tristezas de uma gente empobrecida e vivendo segundo lições de oralidade e artimanhas possíveis. É uma gente ciente de seu passado e do seu destino. Contudo, o conhecimento prévio que possuem sobre as relações sociais e suas chances de ação no cotidiano os impulsionam a procurarem por outras respostas e, dessa maneira, esforçarem-se para fugir de uma sina que parece pesar constantemente.

É também um livro que, segundo o autor, mapeava os anos de adolescência na capital baiana, respirando a atmosfera de um lugar que marcaria para sempre a imensa maioria de sua obra literária. Como noz diz em entrevista, Jorge Amado escrevera este e outros romances para relatar a experiência de um período no qual era feliz:

O ano de 1935, talvez até um pouco antes, foi um ano da maior importância para o “romance dos anos 30”, principalmente para o romance nordestino [...] mas foi para mim também o começo de uma espécie de trilogia, três romances muito ligados entre si, que são *Jubiabá*, *Mar Morto* e *Capitães de Areia*, onde se reflete de maneira imediata toda a experiência de minha vida adolescente, minha adolescência solta pela cidade de Salvador, meu contato diário com o povo da cidade, com os problemas do povo baiano.<sup>274</sup>

Antônio Balduíno, enquanto personagem central, é construído por Jorge Amado como alguém em constante luta contra o mundo em que vive. Alguém que sofre de frustrações, desconfianças, castigos, humilhações, porém alguém que não se rende, não se entrega e se dispõe a continuar existindo apesar de tudo. Não será fácil, pois a incerteza o assola como a qualquer outro que estivesse em sua pele. Persistirá através de sonhos, do amor, da solidariedade, da coragem para se defender e do desejo de, ao final da vida, ser lembrado na forma de um cordel popular.

Continuará porque anseia pelo reconhecimento de suas escolhas e das dificuldades que precisou atravessar. Por isso é que não se permite esquecer dos relatos sobre Zumbi e Lucas da Feira que, como ele, lutaram para defender a própria vida e traçaram o próprio caminho. O passado histórico, desse modo, serve-lhe como um repositório de energia e vitalidade. Quando seu Manuel apontou as luzes da cidade da Bahia no horizonte das águas e sob a chuva torrencial, Baldo faria um intervalo nas suas incertezas e nas seduções da morte despertadas pela

---

<sup>274</sup> RAILLARD, op. cit., p. 104-105.

lembança de Viriato. Afinal, era a cidade da Bahia que se aproximava e aquele tropel voltava a encenar movimentos por dentro do corpo.

Raymond Williams fala de quanto importante é reter das narrativas literárias as condições de existência tanto no campo como na cidade. Atribui aos escritores de literatura o poder de relatarem como indivíduos analisam suas consciências e constroem atitudes em relação aos espaços de convivência. De como nos relacionamos com a natureza, com os processos de transformações históricas, com a transfiguração de costumes e de como cultivamos sentimentos quando nos deparamos com sensações de mudança e permanência, quando algo interfere em nossas vidas.

Há diversas passagens em seu livro sobre como as comunidades humanas intensificam sentimentos e atitudes no espaço rural ou urbano, no momento em que transformações históricas se realizam. Embora se projete sobre o contexto inglês, o trabalho de Williams é fundamental para quem analisa fontes literárias, tendo em vista as várias possibilidades de abordagem da relação entre história e literatura apresentadas pelo historiador inglês. Entre essas abordagens, figura a que se importa com as subjetividades humanas e sua ligação com os modos de vida:

A intensa autoconsciência, a subjetividade perceptual, foi, como já vimos, desenvolvida de forma muito poderosa, enquanto modalidade literária. Está diretamente relacionada não apenas ao chamado ‘fluxo de consciência’ ou ‘monólogo interior’ mas também àquela versão modernista do ‘simbolismo’, na qual o isolamento e a projeção de objetos significativos é uma consequência da subjetividade separada do observador. Esses processos compõem **uma reação** poderosa àquilo que se entende, até mesmo convencionalmente, como experiência urbana; mas, mesmo quando mantidos em níveis que parecem ser diretamente estéticos, estão profundamente ligados aos modelos subjacentes de vida e sociedade.<sup>275</sup>

A esperança, o desespero, a angústia e a felicidade, para citar alguns desses sentimentos, entabulam formas de viver e de sentir, providenciam estímulos capazes de decifrar os gestos culturais e as questões do cotidiano. Parece-me que a maneira como concebemos nosso destino – ou mesmo se admitimos que existe um –, como elaboramos sentidos para a vida, como lidamos com a certeza da finitude humana, é algo crucial para a compreensão de um tempo histórico. Afinal, o tempo e a história são, inevitavelmente, compostos pelas noções de direção e acontecimento.<sup>276</sup> Entender o que faz pessoas especularem como realização de suas

<sup>275</sup> WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 404. Grifo meu.

<sup>276</sup> “Realidade concreta e viva, submetida à **irreversibilidade de seu impulso**, o tempo da história, ao contrário, é o próprio plasma em que se **engastam os fenômenos** e como o **lugar de sua inteligibilidade**”. BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, O ofício do historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001,

existências é tão fundamental quanto entender o que elas concretizam no espaço dessa lacuna entre o ocorrido e o porvir.

Ao retornar para o lugar onde nasceu, Baldo reencontra uma outra cidade. Não por causa das possíveis – a até prováveis – mudanças no corpo cimentado da urbe. Mas porque ele próprio era já outra pessoa. Passara por tantas coisas e em tão pouco tempo que, naturalmente, veria a cidade da Bahia com outros olhos e sentidos. Certamente, percorreria os lugares que lhe eram familiares e afetivos, singraria as ruas, as feiras, o cais, o morro e todos aqueles locais onde era convidado a reconhecer. Entretanto, viveria essas reincidências de maneira vertiginosa, ávido por novas aventuras e desafios. Experimentaria as dificuldades do amor por Rosenda – os ciúmes e desentendimentos –, reencontraria pessoas de seu passado, fazendo-o reviver dores e mudar comportamentos. Assistiria a um movimento do qual já ouvira falar, mas, a bem da verdade, nunca prestara a devida atenção: a greve dos trabalhadores. Essas mudanças e reconfigurações dão o tom das últimas cenas narradas em *Jubiabá*.

Uma espécie de amadurecimento começa a se firmar em Antônio Balduíno, na medida em que o caminho trilhado nos últimos anos se incorpora como aprendizado e astúcia. São essas últimas cenas as que o levam a aprofundar sua concepção de destino. Aos poucos, percebe que o seu propósito continuaria a se entrecruzar com outros, formando uma ideia de unidade e pertencimento. Não mais um destino coletivo baseado na servidão aos brancos, como deduzia na sua adolescência ao ver os trabalhadores do morro se tornando empregados de pessoas ricas ou descarregando fardos dos navios que aportavam no cais. Um outro destino surgia no horizonte. E mesmo que tivesse de suportar o trabalho pesado, Baldo não deixaria de notar que a solidariedade e a resistência, quando bem organizadas, podem redirecionar as aptidões e amenizar a sensação de incerteza.

---

p. 55. Grifo meu. Aqui, Marc Bloch afirma que a relação entre tempo e história é caracterizada pelo lugar onde os fatos ocorrem e podem ser interpretados. É no tempo e pelo tempo que os eventos humanos transcorrem e podem ser observados. Seu caráter impulsivo o torna “continuum”. E sua natureza contínua, movendo-se constantemente, impõe a “perpétua mudança”. Ibidem, p. 55. Posso acrescentar que essas experiências humanas no tempo são sentidas de múltiplas maneiras, o que permite diferenciar a noção de durabilidade segundo a subjetividade inerente a cada caso: “quando vivemos momentos felizes ou mágicos, queremos que eles durem muito tempo, até mesmo que as coisas permaneçam como estão, eternamente. Resumindo, gostaríamos que o tempo parasse de voar e de nos roubar os momentos de felicidade, apesar de isso não ser possível. O tempo é sempre mais forte que nossos desejos e sempre mais poderoso que nossos sonhos...”. KLEIN, op. cit., p. 22-23.

#### 4.4 Periquito da sorte

Que Bahia Antônio Balduíno deve ter encontrado ao regressar com Rosenda num saveiro de mestre Manuel e Maria Clara? Conhecia tão somente aquela que havia deixado ao partir para o Recôncavo, morando por um tempo em Cachoeira e São Félix. Ele era outro e essas mudanças eram visíveis em seu comportamento. Apaixonara-se novamente. Em virtude do novo amor, quebrava uma promessa antiga, a de que veria o rosto de boneca de Lindinalva, sua paixão da adolescência, em qualquer mulher com quem dormisse. Todavia, com Rosenda se sentia sereno na maior parte das vezes. É bem verdade que na viagem de volta para a capital cogitou a proximidade da morte e a vulnerabilidade da vida. Chegou a pensar que nada daquele esforço que vinha fazendo valeria a pena. Até que as luzes da cidade, apontadas pelo mestre de saveiro, indicavam-lhe um recomeço, a oportunidade para refazer os planos e, com sorte, buscar a felicidade ao lado de sua companheira.

E qual Bahia lhe aguardava? É possível que o lugar onde crescera e se tornara adulto se assemelhasse às imagens narradas por Jorge Amado em um outro livro. Durante o período que morou em Periperi, subúrbio de Salvador, em 1945, escrevendo artigos para jornal e obtendo alguma remuneração pelas vendas de seus romances em outros países, o escritor começou a fazer notas sobre a capital baiana, inspirando-se, talvez, num momento em que outros escritores, como Gilberto Freyre, punham-se a escrever guias para cidades:

Os guias de cidade se multiplicavam nas primeiras décadas do século XX, época de popularização das viagens. No novíssimo mercado editorial brasileiro, Gilberto Freyre, que conhecia os guias europeus e americanos, iniciou o gênero ao publicar, em 1934, um dedicado a Recife. Cinco anos depois, preparou outro, dessa vez para Olinda. O ensaísta desejava fazer um da capital baiana, outro de Belém, o último do Rio. Nenhum destes últimos vingou. Ainda em 1938, sairia o guia de Manuel Bandeira que tratava de Ouro Preto. Em 1944, os guias de Gilberto Freyre antes editados por uma casa pernambucana, ganharam segunda edição pela José Olympio. Talvez por ver tal projeto na concorrência, José de Barros Martins encomendou a Jorge um guia da Bahia. Um do Rio, Gastão Cruls lançaria em 1949, pela José Olympio.<sup>277</sup>

Sob encomenda, Jorge Amado elaborou um guia das ruas e mistérios que fundavam o corpo imaginativo da Bahia de Todos-os-Santos. Sempre revisitado e acrescido conforme as edições se renovavam ao longo das décadas seguintes, o guia escrito por Jorge pode nos informar sobre os lugares mais celebrados da capital baiana, marcados não apenas por suas

---

<sup>277</sup> AGUIAR, op. cit., p. 194.

arquiteturas e engenharias, seus traços estilísticos, mas, sobretudo, pela maneira com que tais espaços eram preenchidos nas movimentações da gente pela cidade.

É peculiar a fisionomia e subjetividade humanas que o romancista utiliza para descrever o corpo da cidade, como se a Bahia fosse uma extensão das pessoas que ali viviam. Ou um espelho. Sim, porque mais do que uma continuidade, a Bahia era, duplamente, o lugar onde se habitava e o que nela habitava. Na nota da edição escrita em 1986, o tom de fluidez entre a terra e sua gente é pontualmente assumido: “Aos poucos este guia foi se convertendo numa espécie de enciclopédia da vida baiana – paisagens, histórias, velhas ruas, novas avenidas, costumes, festas, a permanente miséria e a imbatível alegria, igrejas e candomblés, santos, orixás”. A multiplicidade de retratos e episódios captada pelo guia dava a “imagem real e mágica desta terra e do povo que a habita, da mistura de sangue, de raças, de culturas que faz nossa originalidade mestiça”.<sup>278</sup> Fundidas, a gente e a cidade ornavam as páginas de um guia interessado tanto na descrição de linhas arquitetônicas quanto nas narrativas que povoavam os espaços da urbe.

Identificar esses lugares no guia escrito por Jorge Amado é uma maneira de também compreendermos certa origem de seus personagens literários, os espaços onde tramavam suas vidas e figuravam como expressões de sujeitos nos quais o escritor se inspirava para construir os romances. Aquela Bahia reencontrada por Balduíno tinha uma atmosfera composta por sonoridades e sensações. Enigmática, a cidade era apreendida por meio de batuques e feitiços:

Escorre o mistério sobre a cidade como um óleo. Pegajoso, todos o sentem. De onde ele vem? Ninguém o pode localizar perfeitamente. Virá do baticum dos candomblés nas noites de macumba? Dos feitiços pelas ruas nas manhãs de leiteiros e padeiros? Das velas dos saveiros no cais do Mercado? Dos Capitães de Areia, aventureiros de onze anos de idade? Das inúmeras igrejas? Dos azulejos, dos sobradões, dos negros risonhos, da gente pobre vestida, de cores variadas? De onde vem esse mistério que cerca e sombreia a cidade da Bahia?<sup>279</sup>

A imprecisão quanto à origem dos sons, imagens e sensações cria, entre seus residentes e visitantes, a impressão de mistério que “cerca e sombreia” a capital baiana. Tecida por uma variedade de cenas, desde moleques com onze anos de idade a se aventurar pelas ruas – Baldo havia sido um deles – até os objetos associados a rituais que impregnavam as ruas despertadas

<sup>278</sup> AMADO, Jorge. **Bahia de Todos-os-Santos**: guia de ruas e mistérios de Salvador. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 7-8.

<sup>279</sup> Ibidem, p.25.

pela manhã, a cidade da Bahia projetava sobre seus moradores o sentimento coletivo de enigma – porque “todos o sentem”.

Era comum ouvir os batuques oriundos dos morros, que ficavam de frente para o cais, invadirem as noites em contraposição ao silêncio deixado no centro da cidade, uma vez que as casas comerciais encerravam suas atividades para reabrirem na manhã seguinte. Banhada pelo mar, guardador de muitos segredos e histórias de naufrágios, a região da Cidade Baixa entregava aos transeuntes um cenário noturno ambivalente. Enquanto as atividades econômicas e as ruas se esvaziavam, diminuindo os ruídos de negociações e encontros múltiplos ao redor do Mercado, os candomblés – como o de pai Jubiabá – convocava seus sócios e frequentadores para mais uma noite de trabalhos religiosos.

Entre cenas reconhecíveis e impressões secretas, Jorge Amado afirmava que era impossível “explicar o mistério dessa cidade. É segredo que ninguém sabe, chega talvez do seu passado na sombra do forte velho sobre o mar, chega talvez de seu povo misturado e alegre”.<sup>280</sup> No máximo, o romancista cogitava que a origem de tanto mistério estivesse relacionada à forma como a cidade foi ocupada e desenvolvida ao longo de sua história, em que a miscigenação de etnias e culturas diversas traduziriam o elemento enigmático daquele universo humano.

Jorge Amado era um notório defensor da miscigenação como elemento definidor da identidade nacional brasileira. Pensava que esse processo de sincretismo cultural era irreversível e atribuía ao Brasil a possibilidade de país portador de determinada originalidade:

Mas o que importa é que ninguém impedirá a mistura no Brasil, a miscigenação continuará e será cada vez maior, criando uma nação cada vez mais mestiça. Este é realmente o fato mais importante da questão da nação e da cultura brasileiras.<sup>281</sup>

Há vários estudos sobre a relação entre a obra de Jorge Amado e o debate em torno da identidade nacional. Illana Seltzer Goldstein, antropóloga brasileira, é uma das mais importantes analistas da obra *amadiana* e sua relação com a noção de identidade nacional. Sobre esse assunto, ela diz que:

A representação da identidade nacional mestiça, festeira, popular, cordial, e com o ‘jeitinho brasileiro’ como modo de sociabilidade dileto da qual um dos criadores é Jorge Amado nada mais é que um recorte parcial da sociedade e da história brasileiras. Nem inteiramente falsa, nem completamente fiel. Acima de tudo, relativa e contextual. O que Jorge Amado fez foi generalizar e romantizar alguns elementos que com perspicácia observou a sua volta,

<sup>280</sup> Ibidem, p. 30.

<sup>281</sup> RAILLARD, op. cit., p. 94.

acrescentando várias pitadas de criatividade e utopia. Seu brasil mestiço, alegre, festeiro e sensual é um conjunto de elementos pinçados dentro de um repertório histórico e cultural, recortes que revelam e escondem ao mesmo tempo. Escondem conflitos, heterogeneidade e transformações, mas revelam mitos, tabus e desejos de parte significativa dos brasileiros.<sup>282</sup>

Tal miscigenação se multiplicava nas cenas cotidianas da cidade. Tanto em seus romances como no guia escrito na década de 1940, Jorge Amado descreve ofícios e práticas comuns no dia a dia da capital baiana. Para ele, uma das cenas mais célebres que podia ser observada era a que apareciam diversos vendedores na região do Pelourinho:

As baianas levam seus tabuleiros com comida e frutas num equilíbrio impossível! Num mesmo cesto, o negro velho vende verduras e flores. Outro carrega um balaio de laranjas, o menino conduz uma penca de bananas. Quatro mulatos fortes levam um piano, outro um caixão de defuntos. Passam todos pelo Pelourinho, **encruzilhada da cidade**. Pela manhã, nas esquinas, os ebós, os feitiços ameaçadores, anunciam vinganças de amor. Nessas esquinas Exu arma suas trampas, há quem diga que durante o dia ele se esconde na Igreja do Rosário dos Negros, no fundo dos altares, por detrás dos santos.<sup>283</sup>

No lugar onde se encontravam muitas direções da cidade, o Pelourinho, o escritor descrevia a movimentação ininterrupta de pessoas e ocupações. Vendedores, entregadores e carregadores se confundiam naquele mesmo cenário, demonstrando a variedade de ritmos e imagens que se apoderavam daquela região. Para além dos ofícios, do ritmo dos trabalhadores, a cidade também revela seus mistérios por meio dos ebós que amanheciam nas esquinas, representando toda sorte de intenções reivindicadas através de crenças religiosas. Podiam significar, ao mesmo tempo, desejos de amor e sede de vingança. Dessa forma, as ruas terminavam por expressar sentimentos incontidos daqueles que acreditavam no poder dos sortilégios e feitiços.

Buscando um sentido para que aquelas cenas se reproduzissem sob tais critérios e imagens, Jorge Amado especulava acerca das origens culturais que haviam forjado concepções do viver baseadas na vitalidade, na gentileza e nos traços artísticos, elementos que, combinados, modulavam, a seu ver, a cultura popular baiana. Para tanto, retornava ao elemento histórico ao afirmar que a Bahia era o ponto de “encontro de raças e costumes, primeira capital do país, rica e famosa nos inícios da nação brasileira, porto aberto aos barcos do mundo, às ideias e aos forasteiros”.<sup>284</sup>

<sup>282</sup> GOLDSTEIN, Ilana Seltzer; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.), op. cit., p. 70.

<sup>283</sup> AMADO, 2012, p. 38. Grifo meu.

<sup>284</sup> Ibidem.

Esse processo histórico, marcado por encontros e combinações diversas, teria propiciado “a mestiçagem e o sincretismo cultural”,<sup>285</sup> constituindo uma cidade de emaranhada ascendência. Todavia, reconhecia a predominância das origens africanas na delimitação do que considerava ser não somente o povo baiano, mas o próprio povo brasileiro. Nesses termos, a Bahia era compreendida como núcleo fundamental do Brasil, lugar onde o restante do país poderia se reconhecer, o lugar por excelência da miscigenação étnica e do sincretismo cultural:

Mais de uma vez escrevi ser a África o nosso umbigo. **Como sensibilidade, maneira de ver a vida e o mundo, forma de reagir aos acontecimentos, de viver e conviver, de pensar e agir**, somos pelo menos tão africanos quanto ibéricos. Definitiva foi a contribuição dos negros para a formação de nossa cultura nacional.<sup>286</sup>

Nota-se nessa passagem do guia que fazia parte das reflexões do romancista a historicidade dos comportamentos e visões de mundo observados entre aqueles com quem se relacionava e, por seguinte, serviam-lhe como inspiração para personagens literários. O trecho acima é fundamental se pretendemos associar ao trabalho de literatos esse desejo de elaborar uma narrativa cujo esforço se concentra na descrição de como sujeitos “reagem aos acontecimentos” e criam maneiras “de viver a vida e o mundo”. E é justamente neste ponto que esta pesquisa se determina.

Debruçar-se sobre as concepções de vida e as reações humanas engendradas no cotidiano pode permitir à historiografia dedicada ao tema reter olhares sobre como indivíduos empregam sentimentos e aprendizagens; como, por um lado, manipulam saberes aprendidos e, por outro, revelam incertezas e inconsistências. Ao perseguir o itinerário de Antônio Balduíno, entendemos que a relação de pessoas com o mundo é arbitrada por expectativas, projeções, saberes acumulados, mas também por indefinições, acasos e circunstâncias imprevistas.

Porém, apesar do esforço do romancista baiano em enaltecer a cidade da Bahia e sua população, outras cenas, mais dramáticas, ofereciam um contraste para as belezas e formosuras preferencialmente lembradas. A capital guardava suas misérias e dificuldades. Pessoas pobres perambulavam pelas ruas e contrapunham ao cenário idílico notas de tristeza e angústia:

[...] **cidade pobre, estado quase paupérrimo** apesar das inumeráveis riquezas, **subdesenvolvido**, na Bahia o povo tem oportunidades e possibilidades muito menores do que no Rio e em São Paulo. A diferença está na civilização popular, na cultura do povo, que humaniza a cidade e torna a vida menos áspera e brutal, fazendo das relações entre os cidadãos um

<sup>285</sup> Ibidem.

<sup>286</sup> Ibidem. Grifo meu.

convívio humano e não um permanente conflito de inimigos. Não me refiro, é claro, **aos problemas de luta de classes, de injustiças sociais, que aqui existem como em qualquer outra parte**. Refiro-me às relações entre pessoas, ao trato quotidiano, refiro-me ao **humanismo baiano**.<sup>287</sup>

Mesmo contrapondo a um certo humanismo baiano e ao que chama de civilização popular, Jorge Amado apontava para uma cidade que não conseguia esconder suas injustiças e sua pobreza. Se havia virtudes, subdesenvolvimento e diferença de classes, o reconhecimento das circunstâncias adversas podia ser observado em locais como a ladeira do Tabuão, rua que ligava a Cidade Alta e a Cidade Baixa: “São casas altas, cinco e seis andares, sobradões antigos, de fachadas desbotadas, algumas delas quase desmoronando. Escadas escuras de onde chega um bafio de bolor, de coisas velhas e sujas, de urina, de falta de limpeza”.<sup>288</sup>

Os bairros proletários que se estendiam no entorno da Cidade Baixa eram também cenário marcado por pobreza e desigualdades sociais. Segundo Jorge Amado, se os visitantes da capital baiana quisessem bem conhecer como os indivíduos sobreviviam às duras penas, bastava ir até essas localidades: “A fome, as doenças, a mortalidade infantil, o analfabetismo, eis a realidade fundamental desses bairros. Em espaços mínimos amontoam-se as criaturas humanas, homens, mulheres, meninos”. Símbolos da resistência, os moradores dos bairros proletários encarnavam dramas e desgraças, levavam a vida sob improvisos e arranjos, dando a ver uma condição de existência absolutamente precária e socialmente injusta. A vulnerabilidade diante das enfermidades e a falta de assistência quanto aos problemas básicos do cotidiano ganhavam sentidos de tragédia ao serem reportadas pelo escritor:

Já vos foi dado ver os enterros dos “anjos” – crianças mortas às dezenas cada dia? Não tiveram leite, assistência médica, remédios. Não pesam no pequeno caixão que outras crianças conduzem. Magro acompanhamento de vizinhos, por vezes nenhum acompanhamento. Por vezes nem caixão. Apenas o pai apressado, **sem tempo sequer para a dor e a saudade**. Sob o braço, uma caixa de papelão ou embrulho de papel pardo. Aovê-lo, pode-se pensar que o homem malvestido leva um par de sapatos, um pacote de camisas, de roupa suja talvez. Quem imaginaria o verdadeiro conteúdo do embrulho, da caixa de papelão? O cadáver de uma criança no mais pobre enterro do mundo.<sup>289</sup>

<sup>287</sup> Ibidem, p. 50. Grifo meu.

<sup>288</sup> Ibidem, p. 75. Sobre a divisão geográfica da cidade de Salvador à época, Jorge Amado informa que: “A cidade Bahia se divide em duas: a Cidade Baixa e a Alta. Entre o mar e o morro, a Cidade Baixa é do grande comércio. As casas exportadoras, os representantes de firmas de outros estados e do estrangeiro, os bancos, as sociedades anônimas, a Associação Comercial, o Instituto do Cacau [...] Várias ladeiras ligam a Cidade Baixa à Alta. A mais importante delas é a ladeira da Montanha, aberta no morro e cuja encosta rasgam-se buracos acimentados onde ferreiros trabalham e nos quais, por mais incrível que pareça, residem famílias [...] A Cidade Alta, excetuando as ruas centrais do comércio, é residencial, desdobrando-se em bairros no caminho do mar, subindo colinas e encostas [...] As duas cidades se completam, no entanto, e seria difícil explicar de qual das duas provém o mistério que envolve a Bahia”. Ibidem, p. 28-29.

<sup>289</sup> Ibidem, p. 85-86.

A pobreza e a miséria na cidade da Bahia rivalizavam com outros cenários da capital, forçando o autor do guia a descrever um território, ao mesmo tempo, abençoado por riquezas e multiplicidade cultural e abandonado pelas políticas de justiça social. Na Bahia de Todos-os-Santos, generosidade, manifestações artísticas e civilização popular se misturavam à pobreza extrema, mortandade infantil e vidas construídas sob improvisos e arranjos. Embrulho de papel pardo ou caixas de sapatos substituíam caixões funerários para crianças. Nos bairros pobres, “sem tempo sequer para a dor e a saudade”, os moradores eram engolidos pelo ritmo acelerado da cidade, equilibrando-se entre a necessidade de manterem seus empregos, cumprindo os horários estabelecidos, e a urgência de enterrarem filhos pequenos vencidos por doenças da época. Improvisavam a vida da maneira que podiam e, apesar das condições adversas, seguiam resistindo contra um destino trágico e dramático.

No capítulo anterior, fiz referência a essa aceleração do ritmo da cidade por meio das notas de jornais que informavam sobre atropelamentos causados por bondes e automóveis que cortavam o corpo da cidade, reelaborando a noção de tempo e espaço entre os habitantes da capital. Portanto, não apenas os enterros infantis entre as famílias mais empobrecidas eram influenciados pelas dimensões temporais da cidade – a pouca disponibilidade de tempo, e dinheiro, fazia com que pais improvisassem os velórios de seus filhos –, mas a própria aceleração dos ritmos da urbe, exemplificada na reincidência de atropelamentos, propiciava cenas fatais na geografia citadina.

Vidas desgraçadas, vinganças de amor, destinos desafortunados. O mistério a que se refere Jorge Amado ao descrever a Bahia não aludia exclusivamente aos seus encantos e fascínios, à sedução dos batuques e às histórias marítimas recontadas na beira do cais. No movimento da capital baiana, registravam-se também os ebós, como expressão de sortilégios, as condições humanas miseráveis nos bairros proletários, as vidas interrompidas de crianças desassistidas pelos serviços de saúde, os acidentes causados por automóvel ou por condições precárias de trabalho. Enfim, uma grande variedade de circunstâncias ditava o infortúnio e os perigos de viver.<sup>290</sup>

---

<sup>290</sup> Sobre essas dificuldades que integravam o cotidiano da cidade da Bahia, Jorge Amado comenta: “[...] nada mais dramático do que o curtido rosto desses homens idosos, que o tempo marcou de experiência, na labuta difícil, na longa travessia da vida e do amor. Nada mais poderoso que esse povo da Bahia a quem a miséria, a fome, a moléstia, as incríveis condições não abatem, não vencem, não liquidam. Superando toda desgraça, o povo da Bahia sobrevive e constrói seu duro caminho, luta, trabalha, sofre, ri, invencível em sua força interior, em sua capacidade de viver”. *Ibidem*, p. 123.

Tentar adivinhar os perigos e infortúnios ou as possíveis redenções no horizonte da vida constituía uma prática comum entre aquelas pessoas que viviam as primeiras décadas do século passado. Ao estudar esse mesmo período, Daniel Schönpflug observa o cenário que fora sacudido pela Primeira Guerra Mundial, marcada por incontáveis mortes, explosões, traumas, dores e angústias. Por outro lado, observou as mudanças de comportamento suscitadas pelo fim da guerra, entre aqueles que sobreviveram ao evento. Umas das criações artísticas daquele período, *O cometa de Paris*, serviu-lhe como metáfora:

Assim, Paul Klee consegue criar, com a aquarela *O cometa de Paris*, um símbolo irônico da vida em 1918, que vibra entre o entusiasmo e o derrotismo, entre as esperanças e os temores, entre as visões arrojadas e a dura realidade [...] Poucas vezes a história parecera tão aberta, tão iminente, tão ao alcance das mãos do homem. Poucas vezes parecera tão necessário e urgente transformar as conclusões derivadas dos erros do passado em conceitos para o futuro.<sup>291</sup>

Em um dos lugares mais frequentados da capital baiana, espaço de encontro e de trocas, a Feira de Água dos Meninos, talvez representasse um desses lugares onde se podia provar do entusiasmo e da alegria do encontro, contrastando com as cenas de desolação. Antônio Balduíno está acompanhado por Rosenda, sua namorada, e alguns amigos que reencontrara depois de seu regresso à cidade. A Feira começava “na noite do sábado” e se estendia “pelo domingo até ao meio-dia”. “Porém, na noite de sábado é que é bom. Os canoeiros atracam as suas canoas no Porto da Lenha, os mestres de saveiros deixam os seus barcos no pequeno porto”.<sup>292</sup>

De um dia para o outro, a Feira de Água dos Meninos vai se acomodando para receber seu público semanal. E além dos canoeiros e mestres de saveiros, constavam naquela paisagem “homens que chegam com animais carregados, as negras vêm vender mingau e arroz-doce. Bondes passam perto, cheios de gente”.<sup>293</sup> Lugar de intensa movimentação, “[t]odo mundo vem à Feira de Água dos Meninos. Uns vêm para comprar mantimentos para a semana, outros vêm pelo prazer do passeio, para comer sarapatel, para tocar violão, para arranjar mulher”.<sup>294</sup> As intenções e os fazeres se multiplicavam no espaço da Feira, constituindo um lugar de sociabilidade e realização de desejos.

Assimilada por diversos interesses, desde as compras de mantimentos até a possibilidade de reivindicar namoros, a Feira de Água dos Meninos constituía uma atração local

<sup>291</sup> SCHÖNPFLUG, op. cit., p. 14.

<sup>292</sup> AMADO, 1987, p. 246.

<sup>293</sup> Ibidem.

<sup>294</sup> Ibidem.

das mais importantes e frequentadas. Portanto, em um espaço onde há muitos cruzamentos, divisões e interesses, os conflitos eram tão rotineiros quanto os encontros de amizade. Algumas vezes os conflitos ocorriam pelo próprio desejo de fazer barulho e gerar tumultos: “Toda a Feira de Água dos Meninos briga. Briga por brigar, sem saber a causa, pelo prazer físico de se atracar com outro, e de rolar na areia trocando socos”.<sup>295</sup>

Além de ser um lugar de compra de mantimentos, de conversas entre amigos, de vendas de bugigangas, de exposição de animais, de paqueras e namoros, de brigas e barulhos, um lugar para se ouvir e contar histórias, especialmente aquelas narradas pelos mestres de saveiros, a Feira de Água dos Meninos possibilitava que seus frequentadores verificassem sua sorte e adquirissem informações quanto ao seu futuro. E, para isso, bastavam duzentos réis:

Um homem que tira sorte com um periquito. Custa duzentos réis cada sorte. Rosenda Rosedá tirou a sua. Dizia o seguinte:

#### SORTE

Não confies em pessoas que te adulam porque tudo é falso. És ainda ingenua por julgares a todos por ti. Tendes um bom coração e não julgas ninguem mau. Mas tudo isso inspira muito cuidado porque nascestes n'uma boa estrella. A sua mocidade será uma correnteza de amores e terás no amor muitas desavenças. Casarás por fim com um rapaz a quem menos importancia darás no principio e por fim tomará posse no seu coração, que será o unico que amará a vida inteira com verdadeiro affecto. Dará luz a 3 lindos bebés, os quaes criarás com muito cuidado e te trarão verdadeira paz ao coração

Viverá 80 annos. Terás sorte na Loteria com o n. 04554.<sup>296</sup>

A vida de Rosenda, caso confiasse no bilhete retirado do periquito da sorte,<sup>297</sup> seria de intensas experiências. Passaria por atribulações no amor e teria que lidar com inúmeras desavenças. Sua mocidade estava fadada a percorrer caminhos tortuosos, como uma correnteza, até encontrar um rapaz, “a quem menos importancia darás no principio e por fim tomará posse

<sup>295</sup> Ibidem, p. 252.

<sup>296</sup> Ibidem, p. 246-247.

<sup>297</sup> Sobre o periquito da sorte, também conhecido como realejo: “A geração deste milênio nunca viu um realejo e provavelmente nem saiba do que se trata, embora tenha surgido na Europa há mais de 200 anos. É o nome de uma caixa musical feita artesanalmente, dotada de foles um cilindro. Acionando um dispositivo e girando uma manivela, pode-se ouvir vários tipos de música. A finalidade do instrumento portátil era atrair curiosos, que, mediante a introdução de uma moeda, viam um pequeno periquito pegar com o bico um pedacinho de papel onde estava escrito algo ligado ao futuro interessado. Já foram utilizados macacos no lugar de pássaros, daí por que o realejo era também conhecido como o mico da sorte”. Em: A extinta tradição do realejo. **GZH**, Porto Alegre, 29 de jan. de 2018. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2018/01/a-extinta-tradicao-do-realejo-cjcz8nj0k04ym01phmwegqkp0.html>. Acesso em: 18 de fev. de 2021. Não consegui informações sobre a similaridade entre o aparelho descrito no romance e o da matéria acima; todavia, ambas fazem referência a um aparelho de vender bilhetes, descrevendo cenários futuros para as pessoas que adquiriam tais bilhetes.

no seu coração”, com quem casaria e teria filhos. Apesar das inconstâncias que viveria durante a juventude, chegaria o momento de nutrir afetos e receber a “verdadeira paz no coração”. A maternidade e o casamento se apresentavam como a tônica de uma vida futura, ao atingir a maturidade, enfatizando os laços familiares como frutos da sorte.

Advertida através do bilhete da sorte, Rosenda se conscientizava de que seu futuro guardava sofrimento e redenção. Até alcançar a felicidade teria que experimentar situações adversas e desconfortáveis. As desavenças causadas por relações amorosas significavam os obstáculos a serem vencidos antes de, enfim, conhecer o “verdadeiro affecto”.

Na Feira de Água dos Meninos, a namorada de Baldo internalizava os sentidos que colhera no periquito da sorte. E Antônio Balduíno, por implicância, brincava com os dizeres do bilhete: “Você vai parir três vezes”.<sup>298</sup> Jamais saberemos se o destino dela caminharia conforme aquele aviso, uma vez que o romance entre os dois não se prolongaria. Todavia, uma parte do bilhete se confirmava. As desavenças amorosas começariam na relação com Baldo. Embora apaixonados, o casal introduzia no namoro elementos de discordância e desconfiança. Antes completamente embebido pelos prazeres anunciados no corpo de Rosenda, Baldo principiava a experimentar outras sensações acerca de sua relação com a namorada: “vinha pensando que Rosenda Rosedá estava ficando insuportável. Queria mandar nele. Um dia destes ele dava-lhe um pontapé e a botaria para fora de casa”.<sup>299</sup>

Aquilo que começara leve e emocionante, tornava-se pesado e sofrível.<sup>300</sup> Discordando, particularmente, sobre assuntos financeiros e prioridade de interesses, Baldo e Rosenda levavam adiante uma relação cada vez menos envolvente e mais indiferente. Se ela desejava comprar vestidos para bailes e colares valiosos, procurando uma admiração dos que a reconheciaram, ele, por sua vez, achava-se propenso a ajudar amigos que passavam por necessidade, apesar de não ser de todo alheio aos momentos nos quais passeava com sua namorada. Não que não desejasse fazer mimos para sua companheira, mas quando se deparava com uma situação difícil em algum lar amigo, quando ouvia que pessoas estavam buscando ajuda financeira para custear necessidades de conhecidos, Baldo não podia deixar de contribuir, demonstrando um profundo sentimento de solidariedade com seus semelhantes.

---

<sup>298</sup> AMADO, 1987, p. 247.

<sup>299</sup> Ibidem, p. 257.

<sup>300</sup> Esse aspecto se assemelha às reflexões feitas por Milan Kundera sobre a oscilação da condição humana entre o peso e a leveza de existir: “O drama de uma vida pode sempre ser explicado pela metáfora do peso. Dizemos que temos um fardo sobre os ombros. Carregamos esse fardo, que suportamos ou não. Lutamos com ele, perdemos ou ganhamos. O que precisamente aconteceu com Sabina? Nada. Deixara um homem porque quis deixa-lo. Ele a perseguira depois disso? Quis vingar-se? Não. Seu drama não era de peso, mas de leveza. O que se abatera sobre ela não era um fardo, mas a insustentável leveza de ser”. KUNDERA, 1985, p. 127.

As desavenças com o que gastavam geravam um sentimento de indiferença entre os dois. Em uma noite de baile, Rosenda aceitou dançar com um homem que a paquerava. Enciumado, Antônio Balduíno internalizava a sensação de raiva e sede de vingança. Achava-se novamente humilhado por amar alguém, enquanto Rosenda pensava não ser mais admirada e desejada por Antônio. Por isso, provocava seu companheiro, aceitando os gracejos de um estranho.

Essa subjetividade em torno do amor, elaborada por uma alternância de quereres, por múltiplas intenções, desejos velados e esconderijos sentimentais, também opera no cotidiano das relações sociais. Assim como outras atividades humanas, a forma como projetamos em determinados indivíduos ausências e saturações, trocando com eles prazeres e renúncias, também compõe o viver.

Compreendida como uma projeção, como um estímulo e uma meditação sobre o que nos acomete sentimentalmente, a subjetividade organiza os profundos labirintos que se inscrevem e se reescrevem no mapa de nossos desejos. Mensurar as mudanças e os significados que derivam desses labirintos, manifestando-se em condutas consigo e com outros, em espaços públicos ou particulares, permite entendermos as razões e emoções que nos movem intimamente, bem como os lugares que tendemos a ocupar, as pessoas com quem preferimos estar, as palavras e pensamentos que ousamos comunicar.

É, pois, o amor pertencente ao campo da subjetividade e pode ser pensado como sentimento composto de admiração, presença e entrega, compartilhado entre pessoas. O amor é também uma forma de se expressar afetividade, ou seja, um elo construído para que os indivíduos possam usufruir algo em comum. Há amor e afetividade entre amantes, familiares e amigos através de histórias comuns. Ao esboçar uma compreensão do que é a afetividade, dimensão do universo subjetivo, Antonio Paulo Rezende comenta:

[...] Nada pode existir afetivamente sem a idealização. A afetividade se produz quando visualizo alguma organicidade, quando algo me puxa para junto, quando penso que estou cego diante de tanta luz, mas mesmo assim insisto em enxergar com todos os riscos, sem meus óculos, para além do instante e do limite. O outro é o outro, porém o que busco é semelhança, sem excessos, com cuidados e silêncios. **É derrubando o concreto que transcendemos.**<sup>301</sup>

A subjetividade tende a relativizar pontos de vista definitivos, a estremecer estruturas generalizantes e, mais do que qualquer outra coisa, permite afirmar que as vidas são singulares apesar de relacionadas. Sugere, do mesmo jeito, que nossos modos de distinguir o que é

---

<sup>301</sup> REZENDE, 2010, p. 153. Grifo meu.

verdadeiro e o que é falso, o que é certo e o que é errado, não são dados *a priori*, porém estruturam-se mediante vários elementos, como as circunstâncias em que esses modos operam, os interlocutores participantes, os sentidos atribuídos às palavras e as regras sociais produzidas para a veiculação de significados supostamente autorizados:

A verdade não é dita com palavras (toda palavra pode mentir, toda palavra pode significar tudo e seu contrário), mas com frases. Minha fotografia da “estrada do campo” ainda não passa de palavra incipiente. Pede para ser situada numa frase. Aqui, a frase não é outra senão meu relato por inteiro, relato feito de palavras e imagens inconsúteis. **Mas uma mesma palavra só ganha sentido se utilizada em contextos que convém saber variar, experimentar: contextos diferentes, frases, montagens diferentes.** Por exemplo, a montagem que consistisse, após percorrer solitariamente essa estrada, em escrutar os rostos daqueles e daquelas que por ela passaram num dia de maio ou de junho de 1944: aqueles rostos que o oficial nazista fotografou sem fitá-los, mas que hoje nos encaram de páginas aterradoras – chás e hediondas, simples e vertiginosas ao mesmo tempo – do *Álbum de Auschwitz*.<sup>302</sup>

Assim como a verdade, o amor é atado por camadas e circunstâncias, por montagens e experimentações. Se às vezes pode significar um sinônimo entre duas pessoas, como o início da relação entre Baldo e Rosenda, outras vezes ele ganha ares de oposição e desentendimentos. As camadas que amparavam o amor entre os dois, desde quando se conheceram em Feira de Santana, atravessam o rio e o mar para chegar no cais da cidade da Bahia. Aquele amor vertiginoso e carnal fizera os dois namorados compartilharem suas subjetividades, anseios e vontades. Cogitavam, assim, um destino que amarrasse suas vidas e envolvesse seus interesses. Funcionara por um tempo, mas o bilhete retirado do periquito da sorte anunciaava as desavenças. E o que era sinônimo se tornava, aos poucos, indiferença, emoção impossível para o amor.

Não era destino de Antônio Balduíno viver em companhia de Rosenda até o fim de sua vida. Perdera a mulher que se apaixonara para os atritos que cresciam entre os dois. E a perdera também para o seu passado. Quando adolescente, jurara amar Lindinalva para sempre. Dormisse com quem dormisse, era o rosto de Lindinalva que veria. A projeção de um amor adolescente sobre outras mulheres enfraquecera na medida em que vivia novas aventuras. Mas talvez tivesse permanecido em seus labirintos particulares, no mapa de sua subjetividade, aquela forte impressão de quando vira, pela primeira vez, a filha do comendador. É certo que fugira com raiva daquela gente. Mas não foi justamente o rosto de Lindinalva escancarado no jornal

---

<sup>302</sup> DIDI-HUBERMAN, op. cit., p. 41. A respeito do álbum de Auschwitz mencionado pelo autor: “Assim é designado o álbum com 56 páginas e 193 fotografias que retratam, sobretudo, a chegada e a ‘triagem’ dos judeus deportados provenientes da Hungria no campo de Auschwitz-Birkenau, nos meses de maio e junho de 1944”. Ibidem, p. 80. Grifo meu.

que o fizera entrar já derrotado naquela luta de boxe, no embate contra Miguez, o peruano? Quem sabe, estava fadado a levar Lindinalva consigo, em seus pensamentos. E, então, sua vida estaria indissociável de um amor antigo, de uma paixão que, de fato, nunca se consumou.

Só tivera Lindinalva em seus pensamentos e desejos, como uma obsessão. Apenas o acaso poderia reaproximá-lo de quem amava verdadeiramente – pois ela não casara com um jovem advogado? Não haveria, a princípio, forma de tê-la como a tinha em sonhos. Teria que se reduzir à fugaz sensação de que os sonhos nos dão de possuir o que é ainda inalcançável.

Mas o acaso é uma dimensão do real. É por ele que nos vemos diante do imponderável. É ele quem nos permite repensar as escolhas e projeções da vida. É ele também a própria matéria do destino. E foi por acaso, ao encontrar Amélia, aquela que o acusara, que Baldo soube de Lindinalva. Recebeu a notícia de que agora vivia da prostituição, que vendia seu corpo doente e alquebrado na Ladeira do Tabuão,<sup>303</sup> que o destino dela havia se transfigurado completamente. Depois de um noivado malsucedido, caíra em desgraça na vida, e começou uma jornada como prostituta para sustentar o filho, único fruto da relação com o noivo. Iniciara pelas casas mais luxuosas e percorreu uma trilha de sofrimentos até o ponto mais insalubre do comércio sexual, o Tabuão:

Noite horrível de sua vida. Lindinalva agora não pensava. Afinal era o destino... **O destino era assim mesmo. Para uns, bom, para outros, miserável. Cada pessoa já nasce com seu destino**, ele não vem na Nau Catarineta. O destino dela era destino ruim, que jeito ela podia dar?<sup>304</sup>

Implacável, o destino daquela que vicejava nos pensamentos e sonhos de Baldo a lançara para um caminho conhecido por seu antigo admirador. Sofrendo as angústias do abandono, da pobreza e do comércio do corpo, Lindinalva estava mais próxima das cenas da cidade que faziam parte da trilha de Antônio Balduíno. Há tempos, ele frequentava as casas de prostituição e sabia das agruras suportadas pelas mulheres que ali residiam ou alugavam quartos para as transações eróticas. Entretanto, o ritmo e a experiência desse comércio, naquelas primeiras décadas do século vinte, jogara Lindinalva para uma espécie de calabouço existencial, para uma vida mal iluminada.

<sup>303</sup> Sobre as mulheres que se prostituíam na Ladeira do Tabuão, Jorge Amado relatava: “Mulheres de rosto marcado pela sífilis, parecem velhas de cem anos, que esgotaram o tempo de vida e perderam a presença humana. Visão trágica para o viandante descuidado que por ali passe à noite. Naqueles quinto-andares infernais vive uma raça de mulheres que ninguém imaginaria existir. Tão doentes, tão desgraçadas, tão espantosas. Durante o dia a vida regurgita, pobre mas ardente, nesta ladeira suja e velha. Durante a noite, um hospital de alucinação, os ratos atravessam livremente de um lado para o outro. Assim é a ladeira do Tabuão”. AMADO, 2012, p. 75.

<sup>304</sup> AMADO, 1987, p. 280. Grifo meu.

Assim como as trabalhadoras das fábricas de fumo no recôncavo, cujos corpos e feições se esgotavam, as jovens mulheres que se lançavam naquele trabalho de vender prazeres a homens ricos e pobres assistiam ao definhamento de sua fisionomia e de sua saúde. Sua aparência física se transformava por causa dos riscos do trabalho, onde os maus tratos eram comuns, das condições insalubres nos locais em que se empregavam e da vulnerabilidade diante de doenças sexuais propagadas à exaustão.

Ao pensar sobre as tramas do destino, sobre sua relação com Rosenda e Lindinalva, Antônio Balduíno parecia entender que cada qual tem o que merece, em algum momento de suas vidas. Fora assim com Rosenda, pois depois que se separaram teve que voltar a trabalhar para sobreviver, uma vez que com Baldo experimentara mimos, gracejos e a possibilidade de não trabalhar. Com Lindinalva, o destino havia sido mais cruel. Ao ser injusta com Baldo, na época em que Amélia falsamente o acusou de espiá-la no banheiro, acreditando na narrativa da empregada da casa, teve um noivado desfeito e acabou por cair no comércio horripilante do sexo. Chegara ao fundo do poço. Diziam que da Ladeira do Tabuão só se saía para o cemitério. E, naquela situação imprevista, Baldo até poderia finalmente possuí-la. Compraria, assim como outros homens, algumas horas de prazer com quem amava profundamente.

Amélia tinha feito um bem em querendo fazer um mal. Ele era livre e até podia possuir Lindinalva na hora que quisesse. Era sardenta e tinha rosto de santa. Ele nunca a olhara com olhos de desejo. Mas desde que Amélia inventou que ele a espiava quando ela tomava banho, Antônio Balduíno não possuiu outra mulher. Dormisse com quem dormisse era com Lindinalva que ele dormia. Mesmo dormindo com Rosenda Rosedá. Ele dera Rosenda ao chofer. Agora ela andava dançando num cabaré barato, fazendo a vida também, e já mandara pedir dinheiro emprestado. **Rosenda era muito vaidosa, estava tendo a paga. Lindinalva não era vaidosa mas ficara com ódio dele. Tivera sua paga também.** Andava na Ladeira do Tabuão onde viviam as mulheres mais baratas e mais gastas da cidade. Ele podia possuí-la no dia que quisesse. Então por que não fica alegre, por que se entristece e não olha mais o espetáculo da lua cheia? **Ele não esperou toda a vida que chegasse o dia de possuir Lindinalva?**<sup>305</sup>

O que esperamos da vida pode ou não ocorrer. Presumir cenários, tecer sonhos e desenhar um horizonte de expectativas, alertado pelas experiências do sucedido, são formas de lidar com as turbulências e as dificuldades de viver. *Jubiabá*, quarto romance de Jorge Amado, projetara o autor para um cenário internacional em função da maturidade que seus leitores reconheciam na esquematização de personagens e no poder das vozes emuladas pela narrativa. Para uma historiografia com interesse nos comportamentos humanos, nas maneiras de desejar

---

<sup>305</sup> Ibidem, p. 282-283. Grifo meu.

e encarar o mundo em que se vive, o romance que narra a vida de Antônio Balduíno oferece escutas e olhares de um tempo marcado por transformações modernizantes, mas que assegurava certas permanências. E nesse jogo de alterações e continuidades, a vida humana transparecia seus dilemas e suas tentativas de entender o que se passava.

O objetivo aqui é apontar como os indivíduos daquele período fabricavam sentidos de existência capazes de ajudá-los a decifrar os ritmos e acontecimentos cotidianos. Fosse pelas formas de emprego mais vis, fosse pelas maneiras de celebração ou através das reações a episódios ordinários ou incomuns, os sujeitos inventados pela ficção de Jorge Amado eram inspirados em pessoas que ele conhecia, que ele observava ou que ouvira falar. Sob o signo da oralidade, o romancista baiano entregava aos seus leitores cenários e vidas reconhecíveis no universo místico e social da Bahia de Todos-os-Santos. Seu interesse era por comunidades humanas existentes no estado baiano, desde sua capital até o interior das plantações de fumo e das roças de cacau.

Em *Jubiabá*, concentrara seus esforços no relato de paisagens populares e periféricas, em personagens que faziam da sobrevivência uma realização diária. Apesar das dificuldades e sofrimentos, do esgotamento do corpo e das frustrações, permaneciam vivos e sonhadores. A tentação para desistirem não era pequena, entretanto esses sujeitos continuavam em busca do que os mantinham vivos e pulsantes. Por meio dos olhos e do corpo de Baldo, ou pelas rezas e crenças de pai Jubiabá, o romance nos fala sobre como mensuramos a finitude humana, como sondamos o futuro e atribuímos sentidos para diminuir o vão entre a vida e a morte, entre o que sabemos e o que desconhecemos, entre o que nos escapa e o que nos completa.

Antônio Balduíno se engajara como trabalhador do cais. Quando jovem, não imaginava que viveria sob aqueles fardos pesados, carregando sobre os ombros a carga despachada por imensos navios. Mas Lindinalva havia pedido, no leito da morte, para que cuidasse de seu filho. O amor por aquela mulher fizera ele assumir um novo pacto com o destino. Trabalharia como empregado no cais para que o desejo de seu amor não fosse em vão. Aquele destino que evitava desde moço agora se mostrava incontornável. Antes de entrar para o trabalho, sob as sombras dos guindastes, não esperava que ali pudesse revisar antigas impressões. Era um trabalho pesado, que lhe lembrava as histórias de escravidão ouvidas no morro do Capa-Negro. Porém, começava a entender que, mesmo naquela situação, poderia haver outros propósitos:

Antônio Balduíno sempre tivera um grande desprezo pelos que trabalhavam. E preferiria entrar pelo caminho do mar, se suicidar numa noite no cais, a trabalhar, se Lindinalva não lhe houvesse pedido que tomasse conta do filho. Mas agora o negro olhava com um outro respeito os trabalhadores. Eles

podiam deixar de ser escravos. Quando eles queriam, ninguém podia com eles. Aqueles homens magros que vieram da Espanha e viviam nos estribos do bonde cobrando passagens, aqueles negros hercúleos que carregavam fardos no cais ou manejavam as máquinas nas oficinas de eletricidade eram fortes e decididos e tinha a vida da cidade nas mãos.<sup>306</sup>

A greve de trabalhadores do cais, de operadores de bonde e das oficinas de eletricidade agitava a cidade da Bahia naquele começo de século. As formas de organização dos trabalhadores, por sindicatos, reuniões, negociações, acordos e atos de reivindicação chegavam para Baldo como uma descoberta.<sup>307</sup> Compreendia que aquele fardo carregado sobre os ombros e o espírito podia se tornar mais leve, mais justo à sua força. A partir disso, parecia-lhe possível que o destino de sua gente, e o dele próprio, estava em aberto, pronto para ser constantemente tramado. Entendia, mais do que tudo, que sua história não era isolada, ouvindo relatos de situações semelhantes àquela em outras cidades do país e do mundo. De fato, observara como a vida nas plantações de fumo e nas fábricas de charuto podia ser até pior. Havia experimentado a sensação de coletividade no morro onde nasceu, no terreiro de candomblé e nas festas entre vizinhos na cidade de Cachoeira. E, ao se empregar como carregador no cais, essa coletividade ganhava maiores proporções.

Ao conhecer as dinâmicas do mundo operário, Antônio Balduíno refazia os sentidos de sua existência e tramava outras sortes. Trabalhando de frente para o mar, onde marinheiros de todo o mundo aportavam para se embriagar nos bares da Cidade Baixa, Baldo esperava que sua luta, iniciada há muito tempo, pudesse enfim ser reconhecida e relatada por aqueles marinheiros estrangeiros em outras paisagens. Dessa forma, a vida que concebia para si podia muito bem ser a vida concebida por pessoas distantes, curiosas sobre aquele negro que amava mulheres no cais, fazia sambas e tentava manter *o olho da piedade* aberto.

Balduíno não consumara o prazer carnal com o amor de sua vida. Ela, embrutecida pelas condições de seu emprego como prostituta, era mais uma a cumprir o destino daquelas que iam parar na Ladeira do Tabuão, saindo dos pequenos quartos insalubres para baixo da terra, desacordada para sempre. Mesmo não se unindo a Lindinalva, o que desejava desde que se apaixonara por ela, Baldo decidiu se encarregar por seu filho. Perdoara também Amélia, mesmo

<sup>306</sup> Ibidem, p. 293.

<sup>307</sup> Nos capítulos finais do romance, Jorge Amado descreve os dias de greve dos trabalhadores. Durante o curto período de paralizações, Antônio Balduíno contempla a mudança no ritmo da cidade enquanto os trabalhadores, em razão dos protestos, protagonizavam uma atmosfera de efervescência: “Com a greve que paralisou os bondes a cidade ficou festiva. Tem um movimento desconhecido hoje. Passam grupos de homens que conversam animadamente. Rapazes empregados no comércio caminham rindo, gozando a cara do patrão que não poderá reclamar o atraso da chegada. Uma mocinha atravessa a rua apressada com medo de alguma coisa. A cidade está cheia de condutores de bonde, de operários das oficinas da companhia. Discutem com calor”. Ibidem, p. 290.

tendo sido ela a responsável pela sua expulsão da casa do comendador. Participando das reuniões e atos grevistas, aprendendo um novo conceito para a vida, baseado não mais exclusivamente nos ensinamentos de seu pai-de-santo, mas agora em sintonia com discursos sobre a luta de classes, Baldo poderia experimentar novas formas de felicidade.

Cogitava ser feliz como alguém que participava de algo maior que ele próprio, algo que dizia respeito a um coletivo, uma força social capaz de ir além das projeções e lamentos de pai Jubiabá. De certa forma, experimentava o sabor da concretude, da proximidade de um horizonte cujas formas pareciam mais adequadas a suas inquietações. O trabalho passava a significar outra coisa. Compreendia como um lugar de exploração, era verdade. Contudo, daquela exploração poderia nascer uma revolta indomável, uma verdadeira libertação do passado escravista.

Lido desse modo, o romance sugere no seu fim uma abertura para novas aventuras, novos desafios e disputas. Escritor experimentado quando publicou o livro, Jorge Amado preferiu não entregar um final feliz ou mesmo simplificar o desfecho da trama. Ao contrário, sugeria o caminho que Baldo percorreria e convidava o leitor a seguir seu protagonista. À época da publicação, Jorge Amado já se encontrava imerso nos ideais do comunismo, sendo notório como seus estudiosos buscam sempre dividir a produção literária em uma fase política e outra sobre costumes. Reivindico, porém, que olhemos para esse livro sem encerrá-lo em conceitos políticos ou mesmo reduzi-lo à trajetória do autor. Vimos que ao escrever para Érico Veríssimo, contando sobre o desenvolvimento do romance, Jorge relatava a autonomia e liberdade dos personagens, o que nos faz pensar que a literatura não é um espelho do escritor.

*Jubiabá*, tanto quanto um romance político ou romance sobre a formação da identidade brasileira, é uma história sobre a vida de homens e mulheres desafortunados, nutrindo concepções do viver que escapavam às ideias partidárias, embora as relacionasse, revelando formas sentimentais com as quais as pessoas tendem a expressar seus sentidos e gestos. Mostra, por fim, como aqueles indivíduos da virada do século dezenove para o século vinte reagiam aos acontecimentos. São nesses pormenores que a historiografia pode entender como sujeitos experimentavam o sabor da vida, o cheiro da cidade, o peso das violências ou a leveza da felicidade.

Associando a literatura ao que denominamos realidade, é imprescindível que escapemos da oposição verdade e mentira. A ficção, por ser uma dimensão do real, por ser uma leitura influente sobre o leitor, guarda a função de mover as pessoas que se reconhecem nas histórias contadas. Do mesmo modo, a literatura deve ser compreendida como um espaço narrativo em que se observa os comportamentos, as ideias e as concepções de vida que circulam num dado

momento da história. É irrelevante, afinal, se os personagens fictícios são pessoas reais. Mas é relevante entender que a ficção é inspirada no mundo, na vida humana, nos gestos que estão em cena na sociedade. E esse deve ser o ponto crítico para o historiador: legitimar a produção literária como lugar de reflexão histórica, pois há nessa produção muitos aspectos que lhe interessam e integram as demandas do vivido. Das práticas de trabalho às ideias religiosas, dos gestos culturais aos ideais políticos, das expressões sentimentais às reações individuais e coletivas gestadas no cotidiano, todo esse arsenal discursivo se coloca diante dos interessados em analisar o que se passa numa dada época, num determinado lugar.

Em caso de dúvidas sobre os efeitos da literatura em seus leitores, da presença da ficção no que chamamos de realidade, se tivermos incertos se os textos literários têm qualquer função ativa e paradigmática na vida de pessoas reais, é oportuno, então, mencionar o depoimento de Carol Fantinel, uma gaúcha que desembarcou em Salvador aos 19 anos:

Foi a partir de uma obra do escritor Jorge Amado que a gaúcha Carol Fantinel se encantou por Salvador. Os cenários descritos pelo autor despertaram a curiosidade e o desejo da jovem em morar na mesma cidade em que o personagem Antônio Balduíno, do livro *Jubiabá*. “Andei por lugares que nunca imaginei, conheci pessoas e fui apresentada a histórias incríveis. Fui bem recebida no Candomblé – pela mãe de santo e pelos Orixás”. “Lembro que lia escondida de minha mãe, pois eu era muito nova e o livro, na opinião dela, era recheado de cenas impróprias para uma menina daquela idade”, conta a comunicóloga, que na época tinha apenas 12 anos. Não demorou muito para a gaúcha se inspirar na coragem de Balduíno e, aos 19 anos, embarcar para Salvador, sozinha e com uma mochila nas costas.<sup>308</sup>

Carol gostara tanto da leitura de *Jubiabá* que quis transformar a história do livro em sua própria história. Inspirada em Antônio Balduíno, desejava percorrer aqueles mesmos territórios da capital baiana, conhecer o candomblé e subir as ladeiras que a geografia da cidade proporcionava. O gosto pela aventura havia sido experimentado pela leitura da ficção, não se contentara em manter as impressões do romance somente em seus pensamentos. Era preciso, a seu modo, entrar no livro, transferir-se para aquela cidade encantada, ela mesma uma personagem constante em outros romances do escritor baiano.

Essas aventuras, esse desejo de partida, a busca por descobertas íntimas, essa condição de seguir instintos e alinhavar o próprio destino, parece-me, é o que há de mais excitante na arte romanesca. A construção de personagens em torno desses propósitos nos permite olhar como

<sup>308</sup> RODRIGUES, Danutta. Livro de Jorge Amado inspira jovem gaúcha a morar em Salvador. **G1**, 2012. Disponível em <<https://g1.globo.com/bahia/noticia/2012/03/livro-de-jorge-amado-inspira-jovem-gaucha-morar-em-salvador.html>>. Acesso em: 13 de ago. de 2020.

conduzimos a vida, como experimentamos a incompletude, o peso da existência e os momentos de leveza proporcionados pelos sentidos da liberdade e da felicidade. De fato, é inegável como Jorge Amado procurou articular essa atmosfera com os desejos de transformação social, com a denúncia da miséria que continuava a se abater sobre os mais pobres desvalidos, com as formas adotadas por comunidades negras para resistir aos mecanismos de controle e violência.

Albert Camus, escritor francês, reconheceu esses elementos em *Jubiabá*, por volta de 1939, quando fez a leitura da obra. Destaca em um artigo que o “tema do romance, se há um, é a luta contra as servidões de um negro, miserável e iletrado, e essa exigência de liberdade que ele sente em si mesmo”. Entretanto, reconhece que esse tema se desdobra em outros, levando o leitor a observar o conteúdo da vida como questão incontornável da narrativa e dos personagens:

Não se trata de ideologia **num romance em que toda a importância é dada à vida**, isto é, a **um conjunto de gestos e de brados, a uma certa disposição de ímpetos e desejos**, a um equilíbrio do sim e do não e a um movimento apaixonado que não vem acompanhado de nenhum comentário. Não se discute sobre o amor. É suficiente amar com toda a carne. Nele não se encontra a palavra fraternidade, mas sim as mãos entrelaçadas de negros e mãos de brancos (não muitos). E todo o livro é escrito como uma série de gritos e de frases musicais, de idas e voltas.<sup>309</sup>

A importância dada à vida constitui, portanto, um aspecto fundamental do romance de Jorge Amado. Ao desenhar personagens com muitas aptidões, vontades, desejos, impulsos e uma recorrente exigência de liberdade, o romancista baiano criava um testemunho histórico sobre as capacidades e a potência de ser no início do século passado. Procurava não só propor uma ideia de Brasil e de suas identidades étnicas, um olhar sobre a cultura afro-brasileira, as dificuldades de mudança social num país que já propagandeava formas de modernização, mas, principalmente, buscava mostrar uma Bahia como território de ações e sonhos.

Seus personagens estão o tempo todo tensionados entre o que são e o que desejam ser, entre o que têm e o que ainda não têm, são sujeitos alegres apesar da violência que sofrem, são revoltados apesar da sensação de que estão condenados a um certo passado, são completos quando sonham e amam, são incompletos quando suas aptidões se enfraquecem e o mar os convida para um mergulho suicida. E, como muitos de nós, estão em busca da felicidade, da leveza e de um destino melhor, mesmo quando a vida lhes pesa.

---

<sup>309</sup> RAILLARD, op. cit., p. 121. Grifo meu.

## 5 O SENTIDO DA VIDA

### 5.1 Verde por excelência

Em *Jubiabá*, Jorge Amado descreveu uma Bahia profundamente desigual, em que a materialidade da vida estava agudamente marcada por condições precárias. Esse contexto histórico reconhecível no romance pode ser percebido pelo leitor através das tentativas de Baldo em superar as dificuldades cotidianas, lançando mão do amor à liberdade e do sonho de um futuro menos dramático. Seus amigos e companheiros de classe social poderiam, enfim, superar uma sina que parecia irrevogável, a de que eles e seus antepassados, homens e mulheres negros vivendo na periferia de Salvador, teriam seus destinos moldados pela submissão à autoridade da gente branca e rica.

Porém, conforme argumentei, o romance também abre espaço para a análise de temas que são do interesse de uma narrativa literária relevante, isto é, a sondagem dos dilemas pessoais que são próprios de uma época, a investigação das experiências particulares, aquilo que J. M. Coetzee, romancista sul-africano, chama de relatório especializado sobre a experiência humana.<sup>310</sup> Isso significa dizer que entre o pensamento e a análise dos problemas coletivos, dos interesses que se organizam dentro de um universo social, há espaço na história para se documentar o que acontece na experiência individual quando confrontada com a vida. Obviamente, essas abordagens distintas não são incompatíveis. Longe disso, são análises que dependem uma da outra, visto que os sujeitos projetam seus desejos e anseios num espaço compartilhado por outros sujeitos, com iguais e diferentes desejos e anseios.

Nesse ponto, poderíamos nos debruçar com mais atenção sobre alguns aspectos que compõem a vida singular de um indivíduo, concepções de vida e sentimentos que se entrelaçam dentro de uma trajetória única, ainda que integrada ao mundo. Nessa abordagem, gostaria de propor um olhar sobre aquilo que torna essas trajetórias individuais mais ou menos tensas, mais ou menos dramáticas, mais ou menos felizes. É um olhar que intenta documentar as maneiras que os indivíduos encontram de serem singulares a partir de suas escolhas pessoais, de seus desejos mais íntimos, de seu universo particular. Entre tais aspectos, gostaria de indicar como

---

<sup>310</sup> No romance *Verão*, o protagonista é alguém que não tem fala própria, que só é conhecido pelo testemunho de quem com ele esteve. Uma dessas testemunhas relata para um ouvinte o trabalho do protagonista como escritor: “Temos aqui um homem que, em suas relações humanas mais íntimas, não consegue conectar, ou só consegue conectar brevemente, intermitentemente. Porém, como ele ganha a vida? Ele faz relatórios escritos vivos, relatórios especializados sobre a experiência humana íntima. Porque é isso que são romances – não? – experiências íntimas”. COETZEE, J.M. *Verão*: cenas da vida na província. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 89. Grifo meu.

os sujeitos organizam suas concepções de vida e de destino por meio do que chamam felicidade. Para esse propósito, a literatura de Jorge Amado ainda pode nos ajudar.

Em *Jubiabá*, acompanhando a vida de Antônio Balduíno, foi-nos permitido vislumbrar os dissabores e alegrias experimentadas pelo protagonista, sua busca por felicidade ao tentar levar uma vida sem supervisões, sem mandos, sem estar submetido a alguma hierarquia, reelaborando seus ideais e sonhos. No livro *O país do carnaval*, primeiro romance de Jorge Amado, encontram-se personagens diretamente interessados nos significados da noção de felicidade, preocupados em especular teses sobre os caminhos para atingir uma plenitude da condição humana e imaginando fins que os libertassem de prisões subjetivas, do próprio medo de não serem felizes ou de não decifrarem a finalidade da vida.

Ao lançar o livro em 1931, o romancista se serviu da época em que a obra fora escrita para situar seus personagens. Nela, um grupo de jovens, cada qual com suas aspirações particulares e interesses em comum, é liderado por um jornalista experimentado, Pedro Ticiano, reconhecido na cidade da Bahia pela língua afiada com que verbalizava suas opiniões sobre os acontecimentos da capital baiana e do país, considerado um sábio por seus amigos. De maneira frequente, esse grupo de jovens, no qual se insere Paulo Rigger, protagonista do romance, idealizará valores e princípios sobre o amor, a felicidade e o destino do indivíduo quando confrontando com a finitude, estendendo suas opiniões para a situação do país. Por exemplo, o passado histórico marcado por atraso socioeconômico, a sensação de continuidade desse atraso no presente vivido pelos personagens, bem como se era possível pensar um futuro para a nação naquela circunstância.

A trama tem como ponto de origem o retorno de Paulo Rigger ao Brasil depois de concluir os estudos na França, financiados pela fortuna do falecido pai, um rico fazendeiro de cacau no interior da Bahia. Escolado, acompanhando o debate intelectual de sua época, o protagonista se apresenta como alguém bem relacionado, capaz de compreender as frustações da nação, as dificuldades que o país encontrava para engrenar e os costumes locais. Para Rigger, os hábitos brasileiros eram a causa para certo atraso no processo de modernização nacional, especialmente na absorção de valores e ideais de civilização:

No tombadilho, Paulo Rigger, abandonou-se aos seus pensamentos. Estava de volta ao Brasil depois de sete anos de ausência. Ainda estudante de ginásio morrera-lhe o pai, riquíssimo fazendeiro de cacau no sul do estado da Bahia. A última vontade do velho Rigger foi que mandassem o seu rapaz formar-se na Europa. E, terminado o curso ginásial, Paulo seguiu para Paris em busca de um anel de bacharel. O velho Rigger queria o filho formado. Mas já estava muito banal a formatura no Brasil. Só poderia fazer sucesso um doutor da Europa.

Paulo Rigger, em Paris, como é natural, fez tudo, menos estudar Direito. Ao formar-se era um *blasé*, contaminado de toda a literatura de antes da guerra, um gastador de espírito, que tinha amigos entre os intelectuais e frequentava as rodas jornalísticas, fazendo frases, discutindo, sempre em oposição.<sup>311</sup>

As primeiras informações a respeito do protagonista são sobre seu lugar social no Brasil. Filho de um homem rico, Paulo Rigger estava certamente entre os poucos jovens brasileiros com as condições materiais para não só viajar ao continente europeu, mas residir enquanto estudante em uma das principais capitais europeias. Diametralmente oposta à situação de Antônio Balduíno, nascido no morro do Capa-Negro, a experiência de mundo de Rigger estava associada a uma vida cômoda, abastada e livre dos obstáculos interpostos pela pobreza e miséria. Além dessa diferença, pode-se dizer que a cidade da Bahia descrita em torno das ações de Rigger é também significativamente distinta da que sediava as peripécias de Baldo. Se em *Jubiabá*, a capital baiana é, sobretudo, representada por cenas que se realizam na periferia ou em situações de pobreza e flagelo, em *O País do Carnaval* a cidade narrada estará mais próxima dos lugares frequentados por pessoas com distinção econômica.

O pai de Paulo, o velho Rigger, era uma dessas pessoas com grande poder financeiro, embora ele apareça no romance somente como uma espécie de fantasma, um sujeito que através da riqueza permitiu e incentivou a ida do único filho ao estrangeiro. O velho Rigger, antes de morrer, nutria o desejo de que o filho se formasse fora do país para que seu diploma tivesse um peso maior que o dos graduados no Brasil. Contudo, a realidade de Paulo apontava para alguém pouco interessado no cumprimento do dever jurídico, no exercício das leis e dos tribunais, pois se transformara num comentador de ocasiões, contaminado pelo ambiente onde circulava e por uma concepção de vida baseada em intermináveis debates filosóficos e intelectuais. Aprendera a sentir prazer por manifestar opiniões divergentes, exercitando, ao invés da literatura de jurisprudência, o contraste de ideias, acercando-se de “rodas jornalísticas”, numa atitude de indiferença a grandes novidades, desconfiado e já bastante seguro de seu talento para acomodar a complexidade do mundo e da vida, “um *blasé*”.

Refinando-se nas ideias que conhecera na França, Paulo Rigger demonstrava ser um indivíduo cujos acontecimentos ordinários não o surpreendiam. Ao contrário, fazia pouco caso do que lhe chegava, assumindo uma posição de distância daquilo que eventualmente poderia lhe desequilibrar. Essa sobriedade inclinava-o para uma postura de dúvida e de oposição ao que se afirmava diante de seus olhos:

---

<sup>311</sup> AMADO, Jorge. *O país do carnaval*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.20.

A *atitude oposta* era sempre a sua atitude. Não chegara, muito francês que era, a fazer uma base para sua vida. Não tinha filosofias e fazia blagues acerca do espírito de seriedade da geração que surgiu.

Dizia que o homem de talento não precisa de filosofia.

Aos vinte e seis anos, **era o tipo cerebral, quase indiferente, espectador da vida, tendo perdido há muito o sentido de Deus e não tendo achado o sentido de pátria.**

Frio, não se emocionava. Tinha prazeres diferentes: **amava ser contra as ideias dos seus vizinhos de mesa e gostava de estudar almas.**<sup>312</sup>

Nas primeiras páginas do romance, o narrador nos apresenta um protagonista bastante diferente daquele que, alguns anos mais tarde, traria reconhecimento para o trabalho literário de Jorge Amado. Antônio Balduíno, um negro da periferia de Salvador, um jovem incapaz de viver sob o controle das hierarquias, lutador de várias batalhas, amante do cais, compositor de sambas, revelara, a um público internacional, a qualidade da ficção do romancista baiano, mostrando-se um personagem complexo, fiador de sua própria sorte, muito mais que submetido às ordens coletivas.

De forma diferente, o primeiro protagonista de Jorge Amado, Paulo Rigger, era um jovem intelectual burguês, filho abastado, cuja vida levava como se o mundo que lhe cercava estivesse completamente ordenado de acordo com suas expectativas. Não apenas se colocava em posição de desvendar qualquer ideia nova a partir de sua indiferença calculada, como “gostava de estudar almas”, desvendar com certa facilidade as questões que se apresentavam como enigmas. Espectador da vida, Paulo Rigger conduzia seu destino como descrente, sem acreditar em divindades nem na condição de ser brasileiro.

O romance de estreia talvez sofresse os problemas da imaturidade de um jovem escritor, ainda incapaz de oferecer ao leitor a experiência de literato que acumularia nos anos seguintes e no exercício de novas histórias. O próprio Jorge Amado listava sua obra inaugural como o primeiro de seu “caderno de aprendiz”, não deixando de exalar, nas palavras do próprio autor, uma ingenuidade nas concepções de mundo defendidas pelos personagens:

*O País do Carnaval* é o livro de um jovem de dezoito anos. Era a idade que eu tinha quando o escrevi. **E todo o pessimismo que transparece neste romance é totalmente artificial. É uma atitude exclusivamente literária, ingenuamente literária.** É uma máscara, uma roupa emprestada – um pouco como se vestíssemos uma capa de chuva num dia de sol porque achamos que o efeito é bonito.<sup>313</sup>

<sup>312</sup> Ibidem. Grifo meu.

<sup>313</sup> RAILLARD, op. cit., p. 45-46.

Quando ele publicou *O país do carnaval*, em 1931, contava com 18 anos. Um pouco antes de sua estreia no meio literário nacional, Jorge Amado fizera parte de um grupo em Salvador, cujas relações com os participantes, as questões discutidas entre eles, chegando mesmo a culminar numa novela – *Lenita* –, inspiraram os personagens de seu romance inaugural. Pedro Ticiano, um dos personagens principais do livro, o mais velho e sábio entre eles, parecia inspirado em Pinheiro Viegas, um intelectual experiente quando Jorge Amado, Edison Carneiro e outros integrantes da *Academia dos Rebeldes* eram então muito jovens:

A.R. – Mas a “Academia dos Rebeldes”, de seus quinze anos não era principalmente literária?

J.A. – Éramos crianças, adolescentes que apenas começávamos a nos expressar, e cada um de nós fazia um pouco de “literatura”, de vaga literatura. Era um reflexo dos movimentos que surgiam na Europa depois da Primeira Guerra e que, no Brasil, repercutiam primeiramente em São Paulo. Naquele tempo, as ideias viajavam muito lentamente, não havia avião nem satélites para chegarem da Europa ao Brasil. E para subirem do sul ao norte do país então eram necessários dez dias de barco. A Bahia ainda era uma cidade muito provinciana e, sob vários aspectos, conformista. O modernismo de 1922, que se firmava e se diversificava, foi transportado de São Paulo até aqui somente em 1927, cinco anos mais tarde, quando apareceram os poemas de Eugênio Andrade, *Moema* e *A Balada de Ouro Preto*, de Godofredo Filho, grande poeta baiano, hoje nosso principal poeta. E foi aí que os grupos literários começaram a surgir.<sup>314</sup>

Nesse trecho da entrevista que concedeu a Alice Raillard, Jorge Amado descreve um cenário cultural da cidade de Salvador nos anos que se seguiram ao término da Primeira Guerra Mundial, época em que se inspirara para descrever a vida de Balduíno em *Jubiabá*, mas, dessa vez, usando os elementos de sua própria biografia. Ao contrário de Baldo, participava desde a adolescência de círculos literários, frequentava redações de jornais e se amigava com aspirantes a intelectuais ou escritores como ele. Na condução da *Academia dos Rebeldes*, estava Pinheiro Viegas, conferindo maturidade à recepção dessas ideias que chegavam da Europa ou que partiam de um modernismo paulista em ascensão no país, ecoando nas obras artísticas do período:

Em 1927, começamos a nos reunir, toda uma turma, em torno de um velho poeta que vivia na Bahia, Pinheiro Viegas, um poeta que tivera sua hora de glória – seus *Poemas da Carne* foram muito famosos em seu tempo, apesar de eu nunca ter conseguido ver esta compilação. Esse homem, um panfletário conhecido no Rio, tivera uma posição muito democrática na hora da “campanha civilista” de Rui Barbosa contra os militares. Tendo Rui Barbosa perdido as eleições, Viegas perdeu o cargo que ocupava no Rio, num Ministério qualquer, e viera à Bahia. Quando o conheci, ele trabalhava no

<sup>314</sup> Ibidem, p. 34.

Imparcial; escrevia artigos de fundo e panfletos ferozes, particularmente virulentos para estigmatizar a retórica oca e inflamada que dominava certos meios; era respeitado e nos fascinava. Portanto, começamos a nos reunir à sua volta – uma turma de garotos de quinze anos, dos quais alguns, como Edison Carneiro, tornaram-se escritores muito famosos...”<sup>315</sup>

A fascinação exercida por Pinheiro Viegas é do mesmo tipo da que causava em Paulo Rigger, e seus companheiros intelectuais, a figura de Pedro Ticiano. Ao voltar para o Brasil, parando primeiro na capital do país, o Rio de Janeiro, em plena preparação para o carnaval, Rigger chegaria a Salvador. Logo se enturmaria, através de seu amigo José Lopes, com aqueles que, a partir dali, formariam um grupo sólido de debates, sempre em locais como bares e cafés, em torno de correntes filosóficas, sentimentos humanos, o destino da nação, o cotidiano da cidade. Enfim, elegiam como temas para suas profundas conversas, embora fossem guiadas pela comicidade e ironia de pessoas como Pedro Ticiano, o universo ao redor, os desejos que cada um deles carregava consigo e sentia a necessidade de expor ao buscar cumplicidade para dramas interiores e paixões irrequietas.

Pode-se dizer, dessa maneira, que, tensionados entre os dramas pessoais e os dramas do país, os personagens de *O País do Carnaval* se colocam numa posição de analisar o que se passa dentro de cada um, confabulando ideias para alcançarem o sentido da existência. Mas, também, perguntando-se qual seria o futuro do Brasil, se estariam condenados a repetir costumes e práticas do passado, amenizando seus dramas somente nos dias de carnaval, ou se haveria espaço para algum tipo de reforma, uma transformação capaz de ampliar o que os intelectuais do período entendiam por civilidade e progresso.

Esse Brasil encenado na obra, no limiar do século passado, experimentava mudanças significativas, permitindo que diversos setores econômicos e espaços urbanos implementassem inovações na oferta de seus serviços, readequando-se esteticamente as arquiteturas das cidades. No meio cultural, nas práticas comportamentais e nas formas de sociabilidade, havia também mudanças em curso e que se articulavam com a ideia de moderno, especialmente na capital da República, o Rio de Janeiro, onde as novidades que chegavam do estrangeiro ecoavam para o restante do país:

No Brasil, no período estudado, esse papel de metrópole-modelo recaiu sem dúvida sobre o Rio de Janeiro, sede do governo, centro cultural, maior porto, maior cidade e cartão de visita do país, atraindo tanto estrangeiros quanto nacionais. O desenvolvimento dos novos meios de comunicação, telegrafia sem fio, telefone, os meios de transporte movidos a derivados de petróleo, a aviação, a imprensa ilustrada, a indústria fonográfica, o rádio e o cinema

---

<sup>315</sup> Ibidem.

intensificarão esse papel da capital da República, tornando-a no eixo de irradiação e caixa de ressonância das grandes transformações em marcha pelo mundo, assim como no palco de visibilidade e atuação em território brasileiro. **O Rio passa a ditar não só as novas modas e comportamentos, mas acima de tudo os sistemas de valores, o modo de vida, a sensibilidade, o estado de espírito e as disposições pulsionais que articulam a modernidade como uma experiência existencial íntima.** É nesse momento e graças a essa atuação que o Rio se torna, como formulou Gilberto Freyre, numa cidade “pan-brasileira”.<sup>316</sup>

Com essas palavras, Nicolau Sevcenko alude não apenas ao caráter material das transformações propiciadas pela modernidade, as revoluções técnicas e o aprimoramento científico como base de produção para novos instrumentos e objetos – novas mercadorias. Sobretudo, diz-nos sobre como a experiência moderna passa a impor, pouco a pouco, modificações nos hábitos humanos e nas maneiras sensíveis de perceber a vida e o mundo.

Essa experiência foi analisada atentamente por Walter Benjamin ao se debruçar sobre a poesia de Charles Baudelaire, a literatura francesa e inglesa do final do século dezenove, bem como as contribuições de Freud para o século vinte. O que Benjamin irá perceber, através dessas referências, é a correlação entre modernidade e choque. Isto é, a percepção de que a experiência humana diante das transformações geradas pela modernização dos hábitos tenderá a se expressar por um sobressalto, um susto, mesmo que no longo prazo essa sensação de choque, repetida cotidianamente, torne-se cada vez menos traumatizante:

Quanto maior é a participação do fator do choque em cada uma das impressões, tanto mais constante deve ser a presença do consciente no interesse em proteger contra os estímulos; quanto maior for o êxito com que ele operar, tanto menos essas impressões serão incorporadas à experiência, e tanto mais corresponderão ao conceito de vivência.<sup>317</sup>

Daí percebermos que a modernização opera nos gestos e nas sensibilidades tanto quanto ela reforma a materialidade dos lugares. Não se trata de compreendê-la somente em suas arquiteturas urbanas, no remodelamento de espaços públicos ou na disponibilização de serviços inovadores, mas debruçar-se nas formas como a própria consciência humana também se altera, permitindo o aparecimento de desejos diferentes e associando as emoções do sujeito a outros critérios. As impressões e as sensibilidades experimentadas pelas pessoas que presenciam o desabrochar da modernidade no Brasil são importantes vestígios para quem deseja observar

<sup>316</sup> SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritos e ritmos do Rio. In: Idem (org.). **História da vida privada no Brasil: República: Da Belle Époque à Era do Rádio.** São Paulo: Companhia de Bolso, 2021, p. 415. (História da vida privada o Brasil; 3 / coordenação geral da coleção Fernando A. Novais). Grifo meu.

<sup>317</sup> BENJAMIN, op. cit., p. 111.

como elas confabulam e especulam sobre os ritmos da vida e o cotidiano social, como relacionam suas perspectivas, seus ideais e seus valores com o que ocorre ao seu redor, definindo, muitas vezes de forma fluida, o lugar que ocupam nesse turbilhão.

Entre escritores e intelectuais, esse momento representava a construção de uma cultura republicana, uma época em que se fazia necessário elaborar novos sentidos para o país, criar um horizonte em que seus desejos artísticos e o refinamento de leituras pudessem orientar os rumos da população cada vez mais instruída sobre a positividade dos novos tempos. Com a queda da monarquia, em 1889, as gerações de escritores, movidos por referências nem sempre semelhantes, é verdade, procurarão decifrar o enigma do futuro nacional, sentirão a responsabilidade de preparar o terreno para o florescimento de uma nação inserida nos ritmos da modernidade.

Embalados pelo toque de clarim da fundação da República, os intelectuais se viam, em atitudes não destituídas de soberba, como representantes de novos ideais da época e responsáveis por indicar o caminho seguro para a sobrevivência e o futuro do país [...] O núcleo dos principais escritores do período, concentrados no Rio de Janeiro, se vangloriava de sua condição de paladinos das novas ideias, fazendo-se conhecer – não sem uma pitadinha e autoironia – pela alcunha de “mosqueteiros intelectuais” (Sevcenko, 2003). A cultura republicana começou, no Brasil de então, como uma projeção da intelectualidade brasileira de sua própria capacidade motivadora e transformadora, arrogando-se o papel de autênticos missionários, únicos capazes de transformar aquela sociedade arcaica e fossilizada em uma nação liberal e moderna.<sup>318</sup>

O trabalho missionário desses escritores e intelectuais, como apontará Nicolau Sevcenko, no entanto, não significará um prenúncio de glórias e alegrias para eles. Se estavam imbuídos de uma perspectiva feliz sobre o potencial de sua tarefa, elaboração de discursos que valorizassem a nova etapa política e social, a realidade apresentaria obstáculos para a concretização de seus objetivos, gerando um sentimento de desalento e frustração diante do descompasso entre o que desejavam e o que conseguiam:

Mas bastaram apenas alguns anos para que a República mostrasse sua verdadeira face. A instabilidade e a indefinição geradas pelos primeiros governos militares e a consolidação da República com os governos civis mostraram que a realidade do Brasil estava muito distante das projeções de sua vanguarda intelectual: o regime continuou republicano na forma, mas oligárquico no conteúdo, e a sociedade tornou-se liberal no vestuário, mas profundamente conservadora na realidade. **A história cultural brasileira, pelo menos no período anterior à Primeira Guerra Mundial, pode ser**

<sup>318</sup> SALIBA, Elias Thomé. Cultura. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (coord.). **História do Brasil nação**, v. 3: A abertura para o mundo: 1889-1930. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 240.

**definida como a história de uma longa e persistente desilusão quanto aos destinos do país.<sup>319</sup>**

Embora ambientado num momento de profunda transformação política – o golpe de estado que levara Getúlio Vargas ao poder, mudança que aparece de forma tímida no romance, apenas com algumas indicações sobre a disputa de grupos políticos pelo controle da República –, *O País do Carnaval* oferece, em muitas de suas passagens, essa atmosfera de desilusão a que se reporta Elias Thomé Saliba. Por sua vez, isso nos sugere que, ao menos até 1930, ano em que começa o governo getulista, persistia a frustração entre os intelectuais acerca dos caminhos percorridos pelo Brasil desde que adotara a forma republicana como projeto político.

Essa desilusão, no caso da vida de Jorge Amado e da ficção que criou em seu primeiro livro, pode ser compreendida como um ceticismo quanto ao período em que viviam, uma desconfiança que colocava em dúvida a capacidade da sociedade brasileira de produzir transformações desejadas. Para Jorge Amado, porém, tal ceticismo não poderia ser visto como uma atitude absoluta, irretocável:

No fundo, éramos jovens cheios de vida. Vivíamos uma vida ardente e muito repleta, mas mascarada...mascarada do ceticismo que Viegas pregava e que nós achávamos sublime [...] não *éramos* céticos, *estávamos* céticos, ou seja, nos comportávamos como céticos.<sup>320</sup>

Esse ceticismo, ao menos no caso do romancista baiano e da *Academia dos Rebeldes*, quanto às expectativas que intelectuais passaram a nutrir sobre o futuro do país, é representado no romance já em suas primeiras páginas. A caminho do Brasil, no tombadilho da embarcação, Paulo Rigger não apenas se perdia em pensamentos, refletindo sobre o que o esperava no seu retorno, mas assistia também a alguns debates travados por pessoas influentes que, depois de uma visita ao estrangeiro, regressavam à pátria. A cena é importante para destacar as visões do país defendidas por figuras de influência no jogo político nacional:

Adiante, um senador, um fazendeiro, um bispo, um diplomata e a senhora do senador na boa paz burguesa dos que têm o reino da terra e a certeza de comprarem o céu.

- Sim – diz o fazendeiro – foi regular a safra. Mas os preços...
- Ora, coronel, o senhor quer dizer a mim?... Mesmo pelo preço que está, o café continua a dar um lucro fabuloso... É a riqueza de São Paulo e a do Brasil.
- Mesmo porque o Brasil é São Paulo! – fez a senhora do senador, bairrista de irritar.
- Oh, minha senhora! Perdoe-me se discordo de Vossa Excelência mas...

<sup>319</sup> Ibidem. p. 241. Grifo meu.

<sup>320</sup> RAILLARD, op. cit., p. 46.

Era o diplomata que falava. Primeiro-secretário de Embaixada em Paris, ainda estava inédito o seu primeiro serviço à pátria. Nascera na Bahia, e trazia no sangue e no cabelo a marca dos deboches de avôs portugueses com avós africanas.

– ... mas há outros grandes estados... Olhe a Bahia, minha senhora. A Bahia, veja Vossa Excelência, produz tudo... Cacau. Fumo. Feijão. E produz homens, minha senhora, grandes gênios. Rui Barbosa era baiano...

– Mas hoje, doutor...

– Oh, minha senhora, não diga... Ainda hoje grande talentos...

E o bispo, conciliador:

– O doutor mesmo é uma prova...

– Amabilidade do senhor bispo... A Igreja sempre caridosa...

O senador, com o prestígio que lhe dava a posição, resumiu toda a conversa:

– **É o país de mais futuro no mundo!**

– Perfeitamente! – falou um rapaz que chegara no momento. – O senhor acaba de definir o Brasil. (O senador sorriu baboso.) **O Brasil é o país verde por excelência. Futuroso, esperançoso...** Nunca passou disso... **Vocês, brasileiros**, velhos que já foram e rapazes que são a esperança da pátria, **sonham o futuro.**<sup>321</sup>

O diálogo envolvendo personagens secundários da trama, que praticamente sumiram ao fim desse trecho, indica, porém, um vestígio sobre um dos temas principais do romance e que será levado adiante por Paulo Rigger e seus amigos: o da desilusão de uma geração de jovens quanto ao futuro do país. Em que pese a tentativa do diplomata em elencar virtudes nacionais e a capacidade da nação em se desenvolver a longo prazo, sendo um lugar onde era possível nutrir boas expectativas caso houvesse interesse político na defesa de tal potencialidade, é a última fala, de um rapaz anônimo, espécie de observador dos discursos em torno da República, que, ironicamente, desarma as pretensões do diplomata e ridiculariza o comentário do senador: “É o país de mais futuro no mundo”. Para aquele observador sarcástico, o Brasil de fato era o país do futuro, entretanto, sua fala ressaltava que essa condição nacional estaria condenada a um desejo, não a uma realização. Para ele, a nação vivia numa eterna condição de sonho, incapaz de ver seus anseios tomarem corpo e penetrarem decisivamente na ordem social.

Verde por excelência, imaturo, num semipiterno desejo de vir a ser algo a que aspirava mas não se realizava, a República brasileira se mostrava incapaz de acertar seu rumo e tornava as ideias defendidas por pessoas como o diplomata uma mera ilustração do que não existia. A passagem do romance nos permite compreender uma percepção amargurada, mesmo que bem-humorada, sobre as dificuldades do Brasil em legitimar transformações profundas e romper de uma vez por todas com seu passado de atraso social, demonstrada desde as primeiras décadas

---

<sup>321</sup> AMADO, 2011, p. 18-19. Grifo meu.

após a implementação do sistema republicano, como aponta Elias Saliba. Tal sensação permanecera constante até 1930, período no qual se desencadearia uma nova mudança nos ritos políticos nacionais.

O desgosto e a desilusão quanto ao destino do país se infiltraram nos apontamentos que intelectuais costumavam tecer, aproveitando-se do crescimento da cultura escrita e dos espaços de publicação para reverberarem o desânimo. As formas de se lidar com essa desilusão, entretanto, não foram necessariamente as mesmas.

Na Bahia, Rinaldo Leite observou reações diferentes da elite estadual quanto ao declínio do estado no âmbito nacional. Se não se pode usar a elite baiana como exemplo para todo o país, pode-se, por outro lado, observar como em um dos estados mais importantes para a história nacional a frustração de uma parcela rica da população se expressava quanto ao crescimento desigual verificado no país:

Amplas parcelas das elites baianas se ressentiam pelas transformações ocorridas no país no intervalo de poucas décadas de instalação e consolidação da República – mudanças estas que, na percepção delas, afetaram as mais diversas dimensões das suas experiências. No plano material, econômico, cultural, no artístico e no político não faltavam razões para lamentar a realidade tal como então se apresentava. Remeter-se às glórias do passado podia ser na prática, também, uma forma de reconhecer e denunciar as aflições do presente.<sup>322</sup>

Rinaldo Leite, ao analisar um editorial do *Diário de Notícias*, de 1915, percebe como o autor do texto atribui os sentimentos de dor e tristeza àqueles que presenciavam a ausência de civilização e progresso em Salvador. Para o editorialista, era motivo de indignação ouvir repetidamente alguns conterrâneos afirmarem que o estado se civilizava quando, em verdade, não se podia constatar concretamente o resultado dessa civilização:

Um olhar retrospectivo para o passado, para a Bahia de tempos idos e a contemplação do seu estado hoje, ao invés de satisfazer, de encher de orgulho o espírito de seus filhos, enluta-o de dor e tristeza.

Entretanto, num estribilho cantado pela voz interesseira de falsos crentes de seu progresso, ouve-se repetidamente: a Bahia civiliza-se.

Como? Em que consiste e de que modo se apresenta e como se manifesta essa civilização?

Nas letras, nas artes, nas indústrias, no comércio, em melhoramentos materiais úteis, nos meios de distrações para compensar os trabalhos e tristezas do povo? Em que consiste finalmente?<sup>323</sup>

<sup>322</sup> LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. **A rainha destronada:** discursos das elites sobre as grandezas e infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012, p. 197.

<sup>323</sup> Ibidem, p. 198.

A pergunta retórica do editorialista tinha a intenção de ironizar o problema a que aludia, tentando despertar uma inquietação no leitor sobre falas e jargões que deviam circular nos espaços sociais da cidade, por exemplo: “a Bahia civiliza-se”. Para Rinaldo Leite, o longo editorial, do qual o trecho acima era apenas a sua parte introdutória, acaba por revelar o “ânimo da época” sob “o signo da ausência”.<sup>324</sup> Tal como se percebe na fala do jovem personagem de *O País do Carnaval*, ao constranger o senador afirmando a eterna vocação do Brasil como nação do futuro, as interrogações elaboradas pelo jornalista do *Diário de Notícias* demonstram um incômodo entre intelectuais ou aqueles sujeitos que participavam de debates espontâneos acerca de um atraso do país. Fosse em sua dimensão regional ou nacional, colocavam em evidência a incerteza quanto à ideia de progresso, civilidade ou mesmo à expectativa quanto ao futuro da nação. Nesse sentido, imprensa e literatura – ambientes em que são comuns o aparecimento da figura do intelectual, entendida como o sujeito interessado em refletir sobre os diversos assuntos que organizam e pautam a vida coletiva e individual, bem como os sistemas de pensamentos ou as ações sociais – parecem convergir como espaços narrativos em que se expunha uma desconfiança em relação ao destino dos brasileiros – e dos baianos –, uma vez que o futuro parecia inalcançável e o presente, um lugar de ausência.

Voltando ao romance, a conversa travada no interior do navio, que aportaria no Rio de Janeiro, guarda alguns aspectos de temas centrais ao longo da produção literária de Jorge Amado: a crítica ao tom burguês, a visão do catolicismo como um instrumento de dominação de classe e a mestiçagem. O diplomata baiano, defendendo a prosperidade da Bahia numa época em que a capital do estado se via atrasada em relação a outras metrópoles brasileiras, era descrito como um mestiço, “de avôs portugueses com avós africanas”. Entretanto, a descrição era percebida como deslocada diante do grupo no qual advogava as peculiaridades da Bahia.

Ao descrever os participantes mais influentes da conversa – um senador e sua esposa, um coronel e um bispo –, o narrador do romance marca a atmosfera do encontro por uma sensação de “boa paz burguesa”, podendo ser compreendida como uma ocasião aproveitada por aqueles que tem recursos, por uma gente que pode se permitir uma viagem internacional e apreciar um debate de ideias mediante o luxo que suas posses econômicas podiam garantir. Essa paz burguesa era também desfrutada por Paulo Rigger que, mesmo sem dar opiniões, apreciava a troca de argumentos. Quem sabe, de forma implícita, Jorge Amado tenha permitido ao seu leitor vislumbrar as posições sociais de maior relevo político e econômico no final da década de 1920 e início dos anos 1930, quando proprietários de terra, representantes políticos e

---

<sup>324</sup> Ibidem.

religiosos deliberavam sobre os rumos do país. Dentro do grupo, mas num lugar de oposição, um diplomata de ascendência africana tentando convencer os demais, brancos, de que um território como a Bahia, cuja região geográfica perdera o protagonismo político e econômico naquele momento, poderia ser concebida como lugar de fortuna e formação de gênios.

Em um plano simbólico, naquilo que o texto manifesta em suas entrelinhas, a conversa narrada pode sugerir uma noção de progresso associada ao pensamento em torno da mestiçagem. O diplomata mestiço surge na narrativa como alguém ponderado, interessado na revitalização de um estado que havia perdido importância na conjuntura nacional, preocupando-se com uma possível integração das várias regiões do país. A mestiçagem, representada não só pela fisionomia do diplomata, sua ascendência, mas também pela função de seu cargo, que envolve diálogo e conciliação, seria um caminho de convergência entre os dilemas conflitantes que caracterizavam as incertezas quanto ao destino da nação.

É, pois, possível reconhecer, desde de sua primeira obra literária, uma defesa que Jorge Amado fizera ao longo de seus outros livros sobre a mestiçagem brasileira, assunto que detalhara na década de 1980, ao dar uma entrevista para Alice Raillard:

**O Brasil é um país muito especial, muito... específico, por sua mistura de raças.** Aqui se deu um fenômeno extraordinário: tudo o que nos trouxeram os negros, a cultura negra; os negros marcaram-nos profundamente. A cultura negra nos deu um caráter diferente, um caráter quase feérico. Nós lhe devemos esta força para superar a miséria. O sentido da festa, os ritmos de nosso carnaval... O povo do Brasil é um povo extraordinário que luta, não perde a esperança, segue em frente, na pior das condições. Você viu, até mesmo as eleições terminam em carnaval, em festa, em dança; o povo está nas ruas.<sup>325</sup>

A mistura de raças, termo empreendido por Jorge Amado no depoimento, é, sem dúvidas, a principal marca levantada por seus críticos literários ao analisarem o conjunto da obra. De fato, o tema da miscigenação e da valorização da cultura afro-brasileira é um lugar de convergência na maioria dos romances publicados pelo escritor baiano, desde sua primeira fase, conhecida como proletária, quando a luta de classes, as dificuldades dos mais pobres e a tomada de consciência social por parte de seus personagens, parecem ditar os pontos nevrálgicos de suas histórias.

Essa dimensão da obra *amadiana* é observada por Durval Muniz de Albuquerque Júnior, apoiando-se no tom que a crítica literária consolidara em torno dos livros publicados pelo

---

<sup>325</sup> RAILLARD, op. cit., p. 73. Grifo meu.

escritor. Além disso, encontra uma convergência entre Jorge Amado e Gilberto Freyre baseada numa idealização das raças, ainda que partissem de referências distintas:

Como podemos notar, Amado, assim como Freyre, apenas invertem o sinal do discurso naturalista a respeito da raça, da mestiçagem e do negro. Ambos continuam presos à concepção de etnicidade, revalorizando a raça, do ponto de vista cultural e psicológico. Revaloriza a mestiçagem como um ponto de partida para a origem de uma personalidade e de uma cultura sincrética, voltada para os aspectos conciliadores e harmonizadores dos extremos. A cultura negra é, para ele, o traço diferenciador da civilização e da personalidade brasileiras, notadamente no Nordeste. Sua obra reforça uma série de mitos brancos sobre os negros, embora seja uma das mais importantes fontes de preservação e divulgação desta cultura negra. O mito da sexualidade mais ativa dos negros, grande mito compensatório da exploração sexual da escrava pelos senhores, é presença constante na obra amadiana. A sexualidade negra é instintiva, beirando a animalidade. O carnaval seria a maior expressão do caráter de nossa raça negra e mestiça, exatamente pelo seu lado carnal, voluptuoso, sensual, dionisíaco.<sup>326</sup>

É possível perceber, já em *O País do Carnaval*, certo indício do que viria a se sistematizar em termos de criação literária em obras futuras. Esse indício pode ser antecipado no próprio título do livro, que não se exime de adjetivar o Brasil a partir de uma festa coletiva, de uma celebração onde todas as etnias e classes se encontram e se congregam, procurando romper minimamente as diversas separações e hierarquias existentes na ordem social da República. Podemos apontar outros elementos que fazem da obra de Jorge Amado mais que um discurso literário sobre a mestiçagem e a identidade nacional, no entanto é recorrente nas leituras especializadas de seus romances o apelo para os elementos étnicos e suas derivações.

No Rio de Janeiro, a festa carnavalesca poderia atingir proporções desconhecidas para a maior parte do Brasil, pelo tamanho da população e da geografia da cidade. Além do mais, por lá desembarcavam pessoas advindas de muitos lugares. Era o caso de Paulo Rigger que, no retorno da França para a cidade da Bahia, ficara alguns dias na maior metrópole do país, aprendendo a reconhecer os ritmos com os quais estava pouco acostumado antes de embarcar para a Europa.

Rigger desembarcara no período do carnaval, momento em que, mais do que nunca, sua identidade brasileira poderia voltar a pulsar depois de uma longa temporada no continente europeu:

Quando Paulo Rigger saiu, um grupo de mulatas sambava na rua. Cor de canela, seio quase à mostra, requebravam-se voluptuosamente, num delírio.

---

<sup>326</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, op. cit., p. 249.

Paulo viu ali todo o sentimento da raça. **Viu-se integrado no seu povo.** Caiu no samba, a berrar:

– Dá nela... Dá nela...

Uma mulata gorda deu-lhe uma umbigada. Agarraram-se a dançar no passeio. **Até os sujeitos que tocavam violão sambavam numa alegria doente de quem só tem três dias de liberdade.**

Os lábios da mulata entraram nos lábios de Rigger.

Ele pensava em gritar: “Viva o Brasil! Viva o Brasil!”. **Sentia-se integrado na alma do povo** e não pensou que aquilo era somente durante o carnaval quando todos, como ele fizera durante toda a sua vida, se entregavam aos instintos e faziam da Carne o deus da humanidade...<sup>327</sup>

Deixando-se levar pelos instintos e pela liberdade de comportamento proporcionada pela festa carnavalesca, Paulo Rigger experimentava sensações de alegria e distinguia o sentimento de pertencimento àquela gente. Através da euforia e da celebração, parecia recordar uma das identidades brasileiras, uma determinada maneira de se colocar diante da vida e do cotidiano. Vibrava e enaltecia seu país – “Viva o Brasil! Viva o Brasil!” –, deixando de lado, momentaneamente, aquele espírito indireto e distanciado que aprendera a cultivar na França. Não eram as ideias filosóficas que naquele momento o tomavam e se constituíam como cerne de seu desejo. Ao contrário, deslumbrava-se com a carne, o erotismo e a sensualidade, o verdadeiro “deus da humanidade”.

Se não era uma pessoa religiosa, devota do cristianismo ou coisa parecida, enxergava no instinto sexual o supremo da vida, o sentido da existência. O debate político nacional que o vinha acompanhando desde o navio que partira da Europa, e que também o alcançara nos primeiros dias na capital do país, era deixado de lado em função de algo maior e mais potente: um conjunto de manifestações capazes de criar uma atmosfera de realização por meio do samba, da umbigada, do beijo da mulata e da congregação das raças, que encontrava no carnaval sua expressão máxima.

Aqueles dias de liberdade significavam, no fim das contas, o sentido do país, a miscigenação através da alegria e do delírio. Não a miscigenação garantida pela autoridade e submissão, não a miscigenação mediada pela violência da escravidão, mas uma miscigenação por meio da entrega mútua, do encontro desejado e, sobretudo, da liberdade. Uma mistura de raças que tivesse como religião a carne, o instinto erótico, o desejo do amor e da alegria, a felicidade de ter no corpo o prazer sexual e a quebra das hierarquias.

A sequência de cenas no início do livro guarda uma comparação interessante. De um lado, um debate entre figuras importantes e prestigiadas da República – senador, coronel, bispo,

<sup>327</sup> AMADO, 2011, p. 29. Grifo meu.

diplomata – que parece improdutivo e sem grandes resoluções, recebendo até um comentário irônico de um jovem anônimo na trama. No debate, o diplomata, num gesto que beira a súplica, a tentativa de transmitir uma opinião pouco receptiva entre seus ouvintes, movia palavras de apelo para conscientizar chefes políticos, econômicos e religiosos sobre o caminho que a nação deveria seguir, nada recebendo em troca por seu esforço. Do outro lado, Rigger enxerga na festa e na liberdade da celebração, nos instintos liberados pelo encontro sexual e pelo samba, música de ascendência africana, a forma apropriada para idealizar o Brasil.

Entretanto, se a resposta para o país estava na miscigenação e, mais do que tudo, na liberdade do prazer e do instinto, em que as hierarquias e a moral predominante deveriam ser suspensas, e a intimidade menos controlada, como transformar o quadro nacional? Como denunciar que o país estava na direção errada? Como elucidar os sentidos da nação e os sentidos das vidas que nasciam nela? Esse era um trabalho que se apresentaria bem mais difícil de fazer quando terminassem aqueles dias de liberdade carnavalesca. O cotidiano das cidades reposicionaria as funções de cada um e os limites entre as classes sociais, momento em que a moral e os bons costumes voltam com toda a força para o pensamento e ação dos indivíduos.

Paulo Rigger perceberia, chegando finalmente à Bahia, que esse esforço de idealizar uma nação poderia não passar de um amargor compartilhado entre amigos com quem tinha afinidades filosóficas. Descobriria que para pensar e mudar o país era preciso antes, ou paralelamente, resolver seus dilemas internos, suas aflições e a raiz de seus desejos. Era preciso, entre outras coisas, saber o lugar do amor na vida e o esconderijo da felicidade.

## 5.2 A felicidade

Buscar a felicidade é provavelmente um dos mais comuns desejos que os sujeitos elencam e perseguem como exigência de suas respectivas vidas. O tema é tão antigo quanto a própria ideia de qual sentido teria a vida ou mesmo se há para ela alguma finalidade. A felicidade, tomada como um estado momentâneo, uma maneira de também perceber o mundo, apresenta-se em tratados de filosofia que remontam, ao menos, até a antiguidade clássica. Da mesma forma que os gregos antigos – reconhecidos pela grande quantidade de pensadores que se debruçaram em torno dos temas humanos – esforçaram-se para ponderar acerca dos significados da razão, do saber, da amizade, do amor, da política, da economia, da guerra e da natureza, o assunto sobre a felicidade sempre esteve presente em seus apontamentos. *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles, é um dos mais emblemáticos livros em que se esboça uma noção do

que é ser ou estar feliz, de como esse sentimento está associado às ações dos indivíduos ou à ação coletiva, seja como premissa, seja como consequência.

Usando uma argumentação dedutiva, Aristóteles inicia seu livro celebrando as relações existentes entre as atividades humanas, artes, ciências e seus respectivos fins, ou seja, aquilo a que se pretende o indivíduo quando faz algo.

Ora, como são muitas as ações, artes e ciências, muitos são também os seus fins: o fim da arte médica é a saúde, o da construção naval é um navio, o da estratégia é a vitória e o da economia é a riqueza. Mas quando tais artes se subordinam a uma única faculdade – assim como a selaria e as outras artes se ocupam com os aprestos dos cavalos se incluem na arte da equitação, e esta, juntamente com todas as ações militares, na estratégia, há outras artes que também se incluem em terceiras –, em todas elas os fins das artes fundamentais devem ser preferidos a todos os fins subordinados, porque estes últimos são procurados a bem dos primeiros.<sup>328</sup>

Para Aristóteles, as ações humanas não somente buscam um objetivo específico como também se entrelaçam à procura de uma finalidade maior. Mais adiante em sua obra, ele afirmará que essa faculdade maior tende a ser o bem, “o sumo bem”. Coletivo, integrando a todos, este bem deveria se expressar, politicamente, na ideia de cidade-Estado. Nesse ponto, *Ética a Nicômaco* revela aquilo pelo que o filósofo se interessa, as formas pelas quais os indivíduos deveriam implementar uma coletividade feliz por meio da ciência política, um estado de organização social em que o bem coletivo seja preponderante ao bem individual:

Ora, como a política utiliza as demais ciências e, por outro lado, legisla sobre o que devemos e o que não devemos fazer, a finalidade dessa ciência deve abranger as das outras, de modo que essa finalidade será o bem humano. Com efeito, ainda que tal fim seja o mesmo tanto para o indivíduo como para o Estado, o deste último parece ser algo maior e mais completo, quer a atingir, quer a preservar. Embora valha bem a pena atingir esse fim para um indivíduo só, é mais belo e mais divino alcançá-lo para uma nação ou para as cidades-Estados. Tais são, por conseguinte, os fins visados pela nossa investigação, pois que isso pertence à ciência política numa das acepções do termo.<sup>329</sup>

Para Aristóteles, tantos os vulgos, os ignorantes, quanto os sábios sabem que o bem é, na verdade, o bem viver e o bem agir. A felicidade se liga à capacidade que o indivíduo possui de saber viver e agir. O sumo bem, idealizado na cidade-Estado, seria a forma mais aperfeiçoada de gerar felicidade para os seus participantes, seja porque nela bem viveriam ou bem agiriam:

<sup>328</sup> ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991, p. 3.

<sup>329</sup> Ibidem, p. 4.

Verbalmente, quase todos estão de acordo, pois tanto o vulgo como os homens de cultura superior dizem ser esse fim a felicidade e identificam o bem viver e o bem agir como o ser feliz. Diferem, porém, quanto ao que seja a felicidade, e o vulgo não o concebe do mesmo modo que os sábios. Os primeiros pensam que seja alguma coisa simples e óbvia, como o prazer, a riqueza ou as honras, muito embora discordem entre si; e não raro o mesmo homem a identifica com diferentes coisas, com a saúde quando está doente, e com a riqueza quando é pobre.<sup>330</sup>

Nas páginas seguintes, o filósofo grego esmiuçará alguns entendimentos que circulavam na Grécia antiga sobre a ideia de felicidade, tentando estabelecer as diferenças entre tais noções e definindo qual estaria mais próxima de sua reflexão. Por exemplo, havia a ideia de que a felicidade está associada ao gozo, ao puro prazer. Outra ideia vincula à felicidade o acúmulo de riqueza, tornando-se mais felizes os indivíduos que conseguiam enriquecer. Ainda para outros, a felicidade estaria condicionada à honra, sendo essa uma finalidade da vida política. Entretanto, em todas essas acepções Aristóteles enxerga uma incompletude sobre a ideia de felicidade, já que ela dependeria de fatores diferentes para ser alcançada:

Ora, esse é o conceito que preeminentemente fazemos da felicidade. É **ela procurada sempre por si mesma e nunca com vistas em outra coisa**, ao passo que à honra, ao prazer, à razão e a todas as virtudes nós de fato escolhemos por si mesmos (pois, ainda que nada resultasse daí, continuariámos a escolher cada um deles); mas também os escolhemos no interesse da felicidade, pensando que a posse deles nos tornará felizes. **A felicidade, todavia, ninguém a escolhe tendo em vista algum destes, nem, em geral, qualquer coisa que não seja ela própria** [...] por ora definimos a auto-suficiência como sendo aquilo que, **em si mesmo, torna a vida desejável e carente de nada**. E como tal entendemos a felicidade, considerando-a, além disso, a **mais desejável de todas as coisas, sem contá-la como um bem entre outros**. Se assim fizéssemos, é evidente que ela se tornaria mais desejável pela adição do menor bem que fosse, pois o que é acrescentado se torna um excesso de bens, e dos bens é sempre o maior o mais desejável. **A felicidade é, portanto, algo absoluto e auto-suficiente, sendo também a finalidade da ação. Grifo meu.**<sup>331</sup>

Bastando a si mesma, desvincilhando-se de desejos paralelos ou subordinados, a felicidade estaria num estado em que ela é acessível de maneira direta, quando a desejamos sem interlocutores, não quando estabelecemos estágios anteriores até que, enfim, a agarremos. O desejo de ser feliz não é o desejo de ser rico, nem o desejo do prazer, nem o desejo da honra. O desejo de ser feliz é, particularmente, uma virtude, o bem mais desejável dos humanos, o sumo

<sup>330</sup> Ibidem, p. 6. Grifo meu.

<sup>331</sup> Ibidem, p. 12. Grifo meu.

bem, o desejo de não ter carências. A definição dada por Aristóteles é retomada com constância entre os filósofos da virada do século vinte para o vinte e um, como sendo uma das mais adequadas para refletir sobre a ideia de felicidade.

Para Aristóteles, **a felicidade, que é de fato o supremo desejável** (ou o soberano bem), **deve na verdade poder se realizar neste mundo**. Como prazer, ela é a perfeição e a conclusão de um ato que exprime a mais alta especificidade do homem, que é a contemplação. Concreta pelos prazeres ponderados, espiritual pelo conhecimento e pela filosofia, ativa pela política, a felicidade é, portanto, a um só tempo, a possibilidade mais perfeita para o homem e sua maior virtude.<sup>332</sup>

Não deixa de ser importante perguntar sobre como os indivíduos do mundo contemporâneo tentaram esquematizar o ideal de felicidade ou como deixaram pistas para compreendermos as formas de experimentar esse sentimento e perceber o mundo. Estariam esses sujeitos em acordo com o que dizia Aristóteles sobre ser feliz? Havia espaço num mundo em completa transformação para pensar o conceito de felicidade? Seria a literatura, em especial a obra de Jorge Amado, um lugar para que esse tema penetrasse em seus leitores e os fizesse, consequentemente, levar o assunto adiante? E, se se tratava de um tema pertinente nos espaços de reflexão da cidade, de que forma a felicidade era apreendida? Era vista como a realização de um prazer, consequência de enriquecimento ou bastaria a si mesma? E do oposto da felicidade, da angústia, o que se falava?

Analizar um determinado tempo histórico, mencionei em outro momento, é compreender quais aspirações os sujeitos desse tempo expressaram. Certamente, os indivíduos do início do século vinte, além de desempenharem ofícios e moldarem idealizações políticas, agenciavam quereres e sentimentos de forma contínua. Isso significa que, no espaço dedicado ao estudo da história, é inevitável apontar qual relação os sujeitos possuíam com os afetos mais diversos, como imaginavam e praticavam formas de amar e de se alegrar, e como expressavam sofrimentos tortuosos.

Os temas da felicidade e da infelicidade devem ser abordados como dimensões do vivido, como algo tão importante para os sujeitos quanto seus empregos e crenças religiosas, suas práticas culturais e seus ideais políticos. A razão para essa abordagem está no fato de que quando as pessoas imaginam um destino, um futuro, uma concepção de vida, fazem-no amparadas no que possivelmente lhes tornarão felizes e entusiasmadas, em como terão prazer

---

<sup>332</sup> MISHARI, Robert. **A felicidade:** ensaio sobre a alegria. Tradução de Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001, p. 8-9. Grifo meu.

em suas escolhas, em como procuram certo bem-estar diante das inúmeras contrariedades que sobrecarregam o cotidiano.

Essa é uma posição que pode ser encontrada no trabalho de Freud. Para o psicanalista austríaco, a questão da finalidade da vida não é somente considerada uma das preocupações dos sujeitos como também costuma ser associada ao valor da felicidade entre eles:

**A questão da finalidade da vida humana foi colocada inúmeras vezes; jamais obteve uma resposta satisfatória e talvez nem sequer a admita.**

Muitos dos que a levantaram acrescentaram que, caso se descobrisse que a vida humana não tem finalidade, ela perderia todo o seu valor para eles. Mas essa ameaça não muda nada. Parece, antes, que temos o direito a deixar tal pergunta sem resposta. Seu pressuposto parece ser aquela arrogância humana da qual já conhecemos tantas outras manifestações. Não se fala de uma finalidade da vida dos animais, a não ser que seu destino consiste em servir ao homem. Só que isso também não se sustenta, pois com muitos animais o homem não sabe o que fazer – a não ser descrevê-los, classificá-los e estudá-los -, e inúmeras espécies animais escaparam inclusive dessa utilização, pois viveram e se extinguiram antes que o homem as tivesse visto. Outra vez, só a religião sabe responder à pergunta sobre a finalidade da vida. Dificilmente se cometerá um erro ao julgar que a ideia de a vida ter uma finalidade depende inteiramente do sistema religioso.

Por essa razão, passaremos a uma pergunta mais modesta: **o que os próprios seres humanos, através de seu comportamento, revelam ser a finalidade e o propósito de suas vidas? O que exigem da vida, o que nela querem alcançar?** É difícil errar a resposta: eles aspiram à felicidade, querem se tornar felizes e assim permanecer. **Essa aspiração tem dois lados, uma meta positiva e outra negativa: por um lado, a ausência de dor e desprazer, por outro, a vivência de sensações intensas de prazer.** Grifo meu.<sup>333</sup>

Para Freud, a busca da felicidade humana tem como premissa o que ele chamará de princípio do prazer, associando o ser feliz às “sensações intensas de prazer”. Além do mais, ele estabelece que tal programa psíquico em torno do prazer, da realização de vontades represadas, tende a ser um desejo inalcançável, uma vez que tal princípio se confrontará com todas as adversidades geradas pela dinâmica do mundo. O resultado dessa contradição, a disparidade entre o princípio do prazer individual – gerador da felicidade – e os obstáculos propiciados pelo mundo, é a limitação do ser feliz a situações episódicas:

Como se percebe, **o que estabelece a finalidade da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer.** Esse princípio comanda o funcionamento do aparelho psíquico desde o início; não cabem dúvidas quanto à sua conveniência, e, **no entanto, seu programa está em conflito com o mundo inteiro**, tanto com o macrocosmo quanto com o microcosmo. **Ele é absolutamente irrealizável**, todas as disposições do universo o

---

<sup>333</sup> FREUD, op. cit., p. 121. Grifo meu.

contrariam; seria possível dizer que o propósito de que o homem seja “feliz” não faz parte do plano da Criação. Aquilo que em seu sentido mais estrito é chamado de felicidade surge antes da súbita satisfação de necessidades represadas em alto grau e, segundo sua natureza, é possível apenas como fenômeno episódico. Toda permanência de uma situação anelada pelo princípio do prazer fornece apenas uma sensação de tépido bem-estar.<sup>334</sup>

De um ponto de vista bem menos otimista que o de Aristóteles, ainda que para o filósofo grego a chegada ao estado da felicidade não consistisse em caminho fácil, Freud argumenta sobre a impossibilidade dos indivíduos atingirem uma plenitude feliz, restando-lhes o deleite de episódios nos quais algumas de suas vontades represadas poderiam ser atendidas. Se, por um lado, a felicidade está numa camada inalcançável para os seres humanos, por outro, não faltariam ocasiões para sermos infelizes e cultivarmos o sofrimento.

O ensaio de Freud, *O mal-estar na cultura*, foi publicado em 1930, coincidentemente apenas um ano antes de *O país do carnaval*. Ambientados em contextos muito diferentes, considerando-se inclusive a diferença de idade entre os dois autores, Jorge Amado era apenas um jovem recém-saído da adolescência enquanto Sigmund Freud já era um intelectual experimentado.

O problema da finalidade da vida e da felicidade, bem como do prazer em sua forma de amor, é o elemento central no primeiro romance de Jorge Amado. Muito mais do que um livro sobre a identidade brasileira, sobre a valorização do regionalismo ou da própria mestiçagem, como apontado acima, parece-me que o romance inaugural do escritor baiano é tensionado e conduzido por um debate em torno do que torna a vida feliz e significativa.

Se não podemos vincular esses dois trabalhos diretamente, há que se reconhecer o interesse mútuo em responder a perguntas existenciais gerados no cerne da cultura moderna ocidental, incluindo-os num grande movimento histórico cujas transformações produziam a necessidade entre intelectuais de avaliarem os valores e princípios que as mudanças provocadas acabavam por impor, em ritmos diferentes, em várias regiões do ocidente.

A modernidade, esse grande conjunto de alterações sociais e sensitivas, incluía no seu múltiplo programa para o mundo ocidental o interesse por uma mudança de postura frente à vida. Tanto Freud como Jorge Amado conviveram com tais alterações e foram atingidos pela reconfiguração dos ideais científicos, artísticos, econômicos e políticos. No meio desse turbilhão, o sentido da vida, suas premissas, seus interesses centrais, a possibilidade de torná-la feliz ou suportável, revelara-se um ponto de convergência na leitura dos novos tempos:

---

<sup>334</sup> Ibidem, p. 122. Grifo meu.

Haveria outra razão para o ressurgimento da questão do sentido da vida na era moderna? Desconfio que isso se deve em parte ao problema, típico da modernidade, do excesso e da falta de sentido. A modernidade é a época em que foram contestados todos os alicerces da moral e da política, e se apresentaram numerosos rivais em disputa na arena do sentido da vida, nenhum deles capaz de nocautear os demais. **Significa que toda solução para o problema haverá de parecer dúbia, em vista de tantas alternativas disponíveis.** Encontramo-nos numa espécie de círculo vicioso. **Quando as crenças tradicionais começaram a ruir em meio a uma crise histórica, a questão do sentido da vida veio à tona;** mas, pelo fato mesmo de ser proeminente, **a questão incita uma série de respostas, tão menos críveis pelo fato de serem muitas.** A necessidade de apresentar a questão é um sinal de que será difícil respondê-la.<sup>335</sup>

Para Terry Eagleton, a modernidade impôs, à sua maneira, o problema do sentido da vida. E não são poucas as respostas que ousaram solucionar tal equação. A dificuldade de escolher uma entre elas deriva do grande leque disponível, da proliferação de tendências filosóficas, culturais, artísticas, religiosas e políticas, para citar algumas, esforçando-se para se tornarem preponderantes na disseminação de um programa sobre o sentido da vida. A partir desse ponto, poderemos voltar a seguir os passos de Paulo Rigger, despedindo-se do Rio de Janeiro carnavalesco e dionisíaco, chegando enfim ao seu destino: a Bahia de Todos-os-Santos.

Rigger chegara à cidade ciceroneado por um amigo, José Lopes. Seria apresentado a Pedro Ticiano, Ricardo Braz, Jerônimo Soares e Gomes, seus futuros amigos, no final de um dia comum, quando a noite já mergulhava a capital da Bahia num escuro contrastante com os ideais de civilização:

Na mesa do bar, alguns rapazes conversavam. A luz das lâmpadas elétricas, na rua, dava chibatadas na escuridão envolvente. Pretas gordas, nas esquinas, vendiam acarajé e mingau. **E nas sombras da noite a Bahia parecia uma grande ruína de uma civilização que apenas começara a florescer.**<sup>336</sup>

A figura mais proeminente do grupo, Pedro Ticiano, era o primeiro a ser apresentado a Paulo Rigger, descrevendo-se sua trajetória como jornalista, cujo trabalho tinha a fama de críticas duras e irônicas sobre a moral e o intelectualismo: “Pedro Ticiano contava então sessenta e quatro anos. Velho trabalhador da imprensa, estava na última fase da sua vida, à margem do jornalismo, onde fizera nome”.<sup>337</sup>

<sup>335</sup> EAGLETON, op. cit., p. 44-45. Grifo meu.

<sup>336</sup> AMADO, 2011, p. 32. Grifo meu.

<sup>337</sup> Ibidem, p. 33.

Afiado nas palavras e duro contra seus alvos, expatriado da capital da República, a existência de Ticiano “resumira-se a fazer frases de espírito e desagravar o bom senso. No Rio de Janeiro tornou-se conhecido pelos seus epigramas e pelo espírito sarcástico. Panfletário de pulso, chegara a ter um grande lugar o jornalismo, onde fizera nome”.<sup>338</sup> Na Bahia, “que noutro tempo fora chamada de Atenas Brasileira”<sup>339</sup> e que agora “parecia uma grande ruína de uma civilização”, Pedro Ticiano colecionava muitos desafetos, especialmente em razão do tom de suas linhas publicadas, mas também pelos grupos sociais que atingia com seu sarcasmo:

Pedro Ticiano resolver fazer, na boa terra, a campanha pró-inteligência. Começou a atacar o mulatismo. Desassombrado, ficou sendo o terror dos estudantes que se fazem poetas e dos camelôs que fazem artigos de fundo dos jornais baianos.

(Porque na Bahia, boa cidade de Todos-os-Santos e em particular de Senhor do Bonfim, todo mundo é intelectual. O Bacharel é por força escritor, o médico que escreve um trabalho sobre sífilis passa a ser chamado de poeta e os juízes dão valiosas opiniões literárias, das quais ninguém tem coragem de discordar.)

Pedro Ticiano dizia que, na Bahia, todo tolo se fazia poeta. O mais sério dos homens conspícuos da Bahia, se não publicava maus versos em revistas elegantes, tinha com certeza algumas trovas rabiscadas no fundo da gaveta.<sup>340</sup>

Ao destacar elementos da vida de Pedro Ticiano, em torno do qual Paulo Rigeer, José Lopes, Jerônimo Soares, Gomes e Ricardo Braz se reuniram, fazendo, na maior parte das vezes, coro às lamúrias proferidas pela língua afiada do velho guru, o narrador fornecia também algumas pistas sobre a cena cultural em Salvador, no fim da década de 1920. Percebe-se, por exemplo, que se havia uma intelectualidade, esta poderia ser formada por jornalistas, bacharéis, médicos e juízes, todos eles com alguma inserção na imprensa ou nos círculos literários.

O mulatismo, que parece ser uma corrente de pensamento em defesa da miscigenação, estava numa situação de popularidade, ainda que o romance não detalhe em que circunstâncias e quais outras características esse pensamento florescera. No entanto, a cidade aparecia como um lugar em certo sentido atrasado, assemelhando-se mais a uma ruína do que aos ideais de civilização propagados. As luzes elétricas estavam lá, dando “chibatas na escuridão envolvente”, mas de forma insuficiente para o que se desejava.

Essas impressões quanto ao atraso da cidade lembram o editorial analisado por Rinaldo Leite, de 1915, quando o editorialista de *Diário de Notícias* provocava os leitores em relação a que projeto civilizacional estava em curso na capital e onde a concretude desse projeto se

---

<sup>338</sup> Ibidem.

<sup>339</sup> Ibidem.

<sup>340</sup> Ibidem, p. 34.

escondia. As imagens de uma Bahia que, em outra época, era chamada de Atenas Brasileira e que agora se apresentava como ruína são analisadas por Rinaldo Leite em seu trabalho sobre os discursos da elite baiana diante de um passado de grandeza e um presente de infortúnios. Jorge Amado percebera esse clima entre os intelectuais baianos, ou ao menos entre os seus aspirantes, tendo em vista que ele mesmo fizera parte de um grupo semelhante ao que narraria em *O País do Carnaval*. Os quinze anos que separavam o editorial e a trama do romance parecem não ter provocado tantas mudanças no sentimento de frustração desses intelectuais. O que se pode diferenciar são as razões que cada um desses discursos tinha para manifestar tal descontentamento.

Segundo Rinaldo Leite, o editorial de 1915 se fundamentava na observação do governo de J. J. Seabra, principal político baiano das primeiras décadas do século XX e que dirigiu o estado por dois mandatos:

É muito importante contextualizar o surgimento do editorial. Escrito em julho de 1915, buscou resgatar uma série de ocorrências consideradas positivas para tecer um julgamento da administração estadual de José Joaquim Seabra – mais conhecido como J.J. Seabra – que esteve à frente do governo entre 1912 e 1916. Tendo ocupado por duas vezes cargos ministeriais na República, Seabra foi o mentor de um importante projeto de modernização da cidade de Salvador. Pretendia com isso colocá-la no mesmo plano das mais importantes capitais estaduais brasileiras que passaram ou passavam por processos de intervenções urbanas. As reformas deveriam preparar a capital baiana para a sua inserção na nova ordem civilizada e progressista, visava-se, ainda, equipará-la aos novos centros hegemônicos do país, notadamente o Rio de Janeiro, capital federal, e São Paulo, recuperando através dos melhoramentos materiais algo da sua antiga importância. Aparelhando-a, materialmente, estaria ela sendo dotada de melhores condições para responder às recentes demandas e prosperar o futuro.<sup>341</sup>

Salvador era, portanto, uma cidade onde políticos e governantes como J. J. Seabra indicavam por meio de promessas um projeto de revitalização e preparação para receber os ideais de civilização e progresso advindos com a modernidade. Contudo, se as promessas eram sedutoras, gerando ansiedade entre os moradores locais, especialmente entre aqueles que acompanhavam de perto as obras em curso, o resultado desse plano não era satisfatório, ficando aquém do êxtase originado pelas expectativas de um futuro próspero:

As críticas foram uma consequência das frustrações com os empreendimentos seabristas, que, nos seus primórdios, fez grandiosas promessas, gerando com isso enormes expectativas. As dificuldades na consecução das obras, os dispendiosos custos financeiros, as deficiências que não conseguiu sanar, os

---

<sup>341</sup> LEITE, 2012, p. 201.

problemas outros que ignorou não puderam passar despercebidos. Daí o por que se afirmar, nos parágrafos finais do editorial, que a “remodelação transformou muita coisa em ruínas; temos a miséria e a fome, a desorganização de todos os públicos, o desrespeito à moral e aos direitos de um modo ostensivamente escandaloso”. Não se podia negar que foram muitas as falhas. Mas, também, as rivalidades políticas baianas, que transformavam os jornais em veículos de facções partidárias, estimulavam, inevitavelmente, juízos menos ou mais severos acerca de qualquer ação política governamental [...] Daí a acusação de que os administradores de então eram incompetentes e sofriam de desvios morais, desonrando as tradições de bons governantes baianos. Por outro lado, e volto à remodelação, não se pode obscurecer o fato de que nem todos avaliaram as obras enquanto uma iniciativa fracassada, houve quem tenha ressaltado as suas virtudes e os seus efeitos benéficos.<sup>342</sup>

Foi neste contexto de mudanças na engenharia da cidade, nas reclamações quanto ao melhor caminho para a entrada da capital baiana num projeto modernizante, em meio a debates de ideias sobre tendências culturais, que Paulo Rigger se aproximaria de outros indivíduos e juntos passariam, a partir dali, a tecerem comentários e exercitarem o pensamento sobre dilemas existenciais. Encontrando um no outro a correspondência para as projeções que faziam de seus sonhos e angústias, aquele círculo de amizade que então se formava exerceria em cada um o prazer pela companhia:

Aquela amizade chegara a ser uma grande consolação para as suas vidas. Sentiam-se amparados uns pelos outros. **Ajudavam-se e juntos procuravam a finalidade das suas existências.** Depois de ter aprendido, com Pedro Ticiano, todas as atitudes céticas, **eles começaram um combate à dúvida. Queria alcançar o fim. Sim, diziam, havia um fim na vida.**

Pedro Ticiano ria:

– **Há, sim. O fim é a morte...**<sup>343</sup>

Estavam certos de que havia uma finalidade para o viver, que a existência tinha de ter um significado, um propósito. Escolheram até o método para buscarem juntos a resposta para o problema. Seria através do ceticismo, daquele distanciamento essencial quando uma solução se apresenta repleta de seduções. A dúvida deveria ser combatida na mesma proporção em que seria usada para chegar ao fim. Não se entregariam fácil a uma resposta que, com o passar do tempo, mostrar-se-ia inadequada, insuficiente, mesmo errada. Por outro lado, deveriam cogitar tais respostas, inundá-las de perguntas e desconfiança. Para que atingissem o sentido da vida, teriam que ponderar sobre o que se apresentava como finalidade.

---

<sup>342</sup> Ibidem, p. 201-202.

<sup>343</sup> AMADO, 2011, op. cit., p. 35. Grifo meu.

Pedro Ticiano, mentor daquele grupo, não abdicava do bom humor e do sarcasmo para cutucar seus jovens companheiros. Se haveria uma finalidade para o existir, era a morte. Entretanto, para outros, como Ricardo Braz, a finalidade da vida se achava no amor, na partilha do carinho, numa existência sentimental:

Ricardo Braz nasceu no Piauí. Rapaz, teve que emigrar para tentar a vida na Bahia. Conseguira entrar para a Escola Agrícola, para abandoná-la logo depois por falta de recursos. Por fim, arranjara um emprego público e estava a se formar na Faculdade de Direito. Poeta, publicara um livro de versos. E como os versos fizeram sucesso, começou a odiá-los. Necessitado de carinho, era um peregrino do sentimento. **Tinha uma grande sede de amor.**  
**E, quando pensava na finalidade da vida, idealizava sempre uma moça de grandes olhos tristes e que fosse o tipo da esposa ideal.**<sup>344</sup>

Da morte para o amor, a finalidade da vida se multiplicava na compreensão daqueles rapazes letRADos. Assim como Pedro Ticiano, Ricardo Braz frequentara lugares de difusão do saber. Além do saber agrícola e do saber jurídico, Ricardo penetrava no mundo da literatura, da poesia. Talvez fosse até um daqueles a quem seu amigo Ticiano destilava sua fúria jornalística, denunciava uma certa vulgaridade nos meios literários. Porém, de forma diferente de juízes que se envaideciam com o que publicavam, Ricardo sabia que o sucesso de seus versos era uma armadilha, preferindo odiá-los a ter que se encantar com a fama.

Se os versos faziam sucesso, o que lhe faltava era um amor, uma moça de “grandes olhos tristes” que lhe aparecesse pelo caminho do destino e se tornasse sua esposa. Ricardo desejava o amor como sentido de sua vida, a partilha sentimental e carinhosa com uma mulher, mesmo que tivesse de peregrinar em busca desse ideal.

Mas a morte e o amor não seriam as únicas possibilidades para atingirem o fim. José Lopes, por exemplo, achava que as blasfemias de Pedro Ticiano, seu ceticismo, de nada serviriam para a modulação de um pensamento sobre a existência. Achava, ao contrário, que “era preciso combater a literatura de frases, de endeusamento do ceticismo. Fazer obra séria. Realizar qualquer coisa. Encontrar um caminho na vida”.<sup>345</sup> Afirmava que era preciso “uma filosofia”. Contra o seu desejo, entretanto, cultivava a angústia de que não chegaria a realizar coisa alguma. Encontrava-se muito mais dependente dos seus amigos do que imaginava, sentindo-se preso àquele companheirismo de vãs filosofias:

**José Lopes sentia que não realizaria coisa alguma.** Terrivelmente sentimental, não podia apartar-se dos amigos que haviam substituído a família

<sup>344</sup> Ibidem. Grifo meu.

<sup>345</sup> Ibidem, p. 37.

que ele não possuía. **Não conseguira a libertação que é preciso para a procura da felicidade.**

– Você é o tipo do bom esposo – dizia-lhe Ricardo.

– Pode ser. Mas não me casarei. Se me casasse, tenho certeza, minha mulher me enganaria. Nasci para esposo traído...

E, no canto dos lábios, apertava um sorriso cheio de amargura.<sup>346</sup>

Fazer uma obra séria significava para José Lopes a concretização de alguma mudança profunda, dentro de si ou na sociedade, a materialização de algo que pudesse ser tão revelador, tão impressionante, de maneira a se mostrar, sem ceticismo ou dúvidas, a verdadeira finalidade da vida. Tinha suas suspeitas quanto ao amor, pensava que não seria feliz com uma esposa, que haveria de ser traído. E se desejava realizar essa obra, pensava que não o faria permanecendo naqueles debates feitos de blagues e sarcasmos, de anedotas sobre o cotidiano da cidade. Não realizaria coisa alguma seguindo aquele modelo de existência cujo sentido era brincar com as palavras e ridicularizar qualquer doutrina. Seu obstáculo, porém, era que se via cada vez mais preso àquelas amizades, cada vez mais infeliz justamente por não ter “a libertação que é preciso para a procura da felicidade”. Era certo que se divertia com as conversas, os pequenos duelos conceituais. Contudo, imaginava que só seria feliz em outras circunstâncias, num contexto em que a seriedade das reflexões governasse a busca por significados.

Algumas das ideias sobre o que fazer da vida, sobre como concebê-la e projetar um caminho para o viver, não eram vinculadas apenas no espaço daquele grupo de amigos. Apesar dos encontros rotineiros, cada um trazia consigo a experiência individual feita também em outras circunstâncias, em outros lugares da cidade. E essas ocasiões eram importantes para a elaboração de sentidos para a vida e como temas dos debates que costumavam travar.

Paulo Rigger chegara a Salvador acompanhado de uma mulher que conhecera no navio, uma francesa chamada Julie, com quem vinha mantendo relações amorosas desde que se conheceram na travessia do mar. Chegaram juntos ao Rio de Janeiro e se hospedaram no mesmo hotel. Julie, uma mulher que não prescindia de sua liberdade, viera para a capital republicana com o desejo de por lá fazer a sua vida. Entretanto, o romance com Paulo a levara até a Bahia, convidada pelo jovem que prometia não lhe faltar nada, ambos atacados pelo desejo carnal.

Estavam apaixonados? O amor havia picado a Paulo? Ele ainda não sabia. O que sabia era da carne de Julie, de seu corpo sedutor, do prazer que os dois proporcionavam um ao outro. Teria que esperar para saber se aquele ardor se transformaria numa pacificação afetuosa, num amor estabelecido, numa partilha idealmente inesgotável:

---

<sup>346</sup> Ibidem. Grifo meu.

Depois de colocar Julie num hotel (porque Julie viera com ele, agarrada, numa fúria de gozo, de sensações que o enlouqueciam), foi para casa. A sua mãe morava no Garcia, numa chácara. Não o esperavam. Querendo fazer surpresa, nada avisara. Bateu à porta. Uma criada ainda nova atendeu-o. ele mirava-a de alto a baixo, sorrindo. **O coração batia-lhe muito no peito.** Depois de sete anos de ausência, ia rever a velha mãe, que o adorava. **Sentia-se emocionado. E olhava a criada sorrindo, enleado.** Ele era o filho pródigo que voltava à casa paterna. **Quem sabe se ele não iria viver agora? Paris nunca lhe mostrara o sentido da vida.** Saciara-lhe apenas a carne. **E ele duvidara que o instinto fosse o único motivo de sua existência. E na porta, sorrindo para a empregada, ele pensava que talvez na serenidade da sua casa encontrasse a felicidade.** Pensou em Julie. Julie representava-se-lhe como uma ligação com Paris... Abandoná-la-ia.<sup>347</sup>

Rigger era levado por seu instinto. Podia não concordar que isso fosse o sentido de sua vida, mas o desejo de satisfazer impulsos que lhe chegavam sem grandes obstáculos fazia parte da sua relação com o mundo. Deitara-se com Julie ainda no navio, sem saber praticamente nada sobre a vida da amante. No Rio de Janeiro, depois de uma briga com a francesa, entregara-se à libertinagem do carnaval, dançando umbigada e beijando uma mulata. Chegara mesmo a sentir integrado ao país de origem despois desse episódio, redescobrira uma identidade nacional através da sexualidade entre etnias e classes diferentes. Voltando para casa com o objetivo de reencontrar sua mãe, demostrava um interesse erótico numa criada “ainda nova”.

O olhar e o sorriso que destinava à empregada da casa de sua mãe parecera reter mais de sua atenção naquele retorno do que qualquer outra coisa. Era seu instinto que parecia gritar dentro de si, não importasse se já estava em deleite com Julie. Seus olhos e seu riso, arrogando-se da posição social de rico herdeiro que desfrutava, lançava malícia e desejo sobre uma criada que, talvez, mal tivesse saído da infância.

Portanto, a Rigger, por mais que tentasse esconder, o prazer pelo corpo feminino era uma fonte de felicidade. Se mantinha distância sobre filosofias e correntes de pensamento que apareciam como novidades, o sexo, a forma de contato mais íntima possível, exercia sobre ele uma fascinação e alegria, distribuindo olhares e sorrisos. Se não admitia, naquele momento, a relevância desse instinto no seu ideal de felicidade, procurava outro interesse em que pudesse destinar suas reflexões sobre ser feliz. E pensava que o retorno para sua casa, sua mãe, a serenidade da vida em família, tendo uma criada à sua disposição, fosse para serviços domésticos ou para sonhos eróticos, era o caminho para a felicidade.

O significado da vida não deveria ser somente a busca do prazer pelo prazer, mas a atualização de uma imagem do passado, saber-se pertencido a um lugar onde era esperado.

---

<sup>347</sup> Ibidem, p. 39-40. Grifo meu.

Nessas primeiras páginas do romance, Paulo Rigger acredita que está próximo daquilo que Freud duvidava existir, ou que, na melhor das hipóteses, só existiria de forma episódica. Tampouco a felicidade de Rigger se parecerá com aquela descrita por Aristóteles, livre de pressupostos, acessível diretamente. Para Rigger, a felicidade tinha a ver com uma serenidade que só era proporcionada pelo retorno à sua casa, a um ambiente de conforto, um universo estável, com todo o luxo garantido pela vida econômica de seu falecido pai.

O conceito de felicidade como sentido da vida, como elemento desejável para uma existência ideal, é histórico. Com Aristóteles, essa noção surge como possibilidade humana, real e acessível desde que bem compreendido seu alcance. Para Freud, ela é inumana, inconsistente, inacessível, devido aos obstáculos que o mundo externo impõe sobre a realização dos desejos do indivíduo. No máximo, pode-se ascender a um episódio feliz, um estado momentâneo em que parte muito limitada dos interesses do ser é contemplada, para logo em seguida ser novamente contrariada.

José Lopes, o que acreditava que a felicidade estava em depender menos do seu grupo de amigos para então buscar realizar uma obra séria, pode ser lido como um personagem cujo ideal de finalidade da vida se aproxima tanto de Aristóteles como de Freud. Não chega a reproduzir os preceitos de um ou de outro, entretanto reconhece a dificuldade para ser feliz, a necessidade de buscar por si o que poderia ser a felicidade, ainda que vincule esse fim a uma outra meta, a realização de uma obra séria.

Essa percepção é salutar para compreendermos como dentro da mesma época as reflexões sobre o sentido da vida e a realização da felicidade são tão múltiplas quando comparadas em tempos históricos diferentes. Para Rigger, tinha a ver com um retorno a seu passado, agora atualizado sob as circunstâncias do presente, homem recém-formado e inserido no meio social mais nobre, aproveitando as prerrogativas de sua posição, vendo no sexo a satisfação de seus anseios mais explícitos. Para José Lopes, significava se afastar em algum momento de seus amigos, por mais que os admirasse e sentisse prazer naqueles debates guiados pela autoridade intelectual de Pedro Ticiano. Separar-se das blagues e do sarcasmo, das intermináveis negações, e partir para uma seriedade no posicionamento, para um plano de trabalho filosófico em que pudesse se sustentar diante das dúvidas e incertezas.

A historicidade da felicidade, seu percurso ao longo de sociedades diferentes, entre antigos e modernos, é reportada por Pascal Bruckner:

**Nada é mais vago do que a ideia de felicidade**, esta velha palavra prostituída, adulterada, tão envenenada, que gostaríamos de bani-la de todas as línguas. **Desde a Antiguidade não se assiste a outra coisa que não seja a história**

**de seus sentidos contraditórios e sucessivos:** Santo Agostinho, em seu tempo, já contava não menos de 289 opiniões diferentes sobre o tema, o século XVIII dedica a ele perto de 50 tratados, e não cessamos de projetar sobre épocas antigas ou sobre outras culturas uma concepção e obsessão que pertencem apenas à nossa. É da natureza desta noção o fato de ser um enigma, fonte permanente de disputas, como água que pode adotar todas as formas, mas que nenhuma forma esgota. **Existe a felicidade da ação como da contemplação, da alma como dos sentidos, da prosperidade como do despojamento, da virtude como do crime. As teorias da felicidade, dizia Diderot, nunca contarão senão a história dos que a fazem.**<sup>348</sup>

Assim, propor uma história da felicidade é também oferecer uma história de quem a produz, de quem a elabora e define. O trabalho da ficção atende a essa demanda, oferece aos seus diferentes leitores vidas inventadas a partir do que escritor observa ao seu redor, estabelecendo nos personagens a condição de seres que anseiam por algo que os faça felizes, ou que, ao longo da narrativa, descubram o que os tornam infelizes.

As maneiras de expressar a felicidade são múltiplas e, por vezes, opostas. Podem ser felizes aqueles que contemplam ou que agem, que enriquecem ou que se despojam da riqueza, os que cultivam virtudes ou que agem de maneira criminosa. Pascal Bruckner, diferente de Aristóteles e Freud, não pretende afirmar o que é a felicidade em si, se ela existe ou não, mas em como as pessoas se relacionam com a ideia de serem felizes, como buscam definir essa categoria utilizando distintos saberes. Ainda segundo o filósofo francês, a ideia de felicidade, no mundo moderno, deixou de se associar à utopia cristã baseada no reino da salvação, onde se justificaria o calvário terrestre, para ser idealizada no plano físico, humano.

O Iluminismo e a Revolução Francesa não somente proclamaram o esvanecimento do pecado original, como também entraram para a História como uma promessa de felicidade endereçada à Humanidade inteira. Esta não é mais uma quimera metafísica, uma improvável esperança a ser buscada por intermédio dos arcanos complexos da salvação, **a felicidade é aqui e agora, é agora ou nunca [...] A esperança de felicidade triunfa sobre o declínio da ideia de salvação e da ideia de grandeza**, sobre a recusa tanto da religião quanto do heroísmo feudal: *nós preferimos ser felizes em vez de sublimes ou salvos*. O que mudou desde a Renascença é que a estada na terra, depois dos progressos materiais e técnicos, deixou de ser considerada como uma penitência ou fardo. **Capaz de fazer recuar a miséria e dominar seu destino, o homem sente se atenuar o desgosto que experimenta a seu próprio respeito.**<sup>349</sup>

<sup>348</sup> BRUCKNER, Pascal. **A euforia perpétua**: ensaios sobre o dever de felicidade. Tradução de Rejane Janowitz. 2º edição. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002, p. 15. Grifo meu.

<sup>349</sup> Ibidem, p. 40-41. Grifo meu.

O que estaria em jogo na utilização do conceito de felicidade no mundo moderno e contemporâneo é como tal categoria se manifesta no tempo humano, no tempo vivido, na vida encarnada. E em como a felicidade se transforma numa esperança do agora, moldando a ideia de destino humano e amenizando a angústia da existência. A finalidade da vida não se encontraria no que sucederia à morte, mas a algo que se deve buscar antes da morte. Quanto a esses termos, há uma semelhança com o pensamento de Aristóteles que projeta o Estado-nação como felicidade coletiva, alcançável se estimulada através da sabedoria.

A abordagem de Pascal Bruckner se aproxima de uma afirmação que faz o historiador Robert Darnton. Segundo ele, ao estudar a importância do conceito de felicidade na formação dos EUA, tal categoria “tomou forma como ideia séculos atrás e, vista da perspectiva da história das ideias, tem um longo e imponente pedigree”. Contextualizando essa trajetória de longa duração do termo, Darnton evidencia algumas nuances em torno do conceito:

Ela aparece entre os antigos nas filosofias de Platão e Aristóteles e especialmente no pensamento dos epicuristas e dos estoicos. **Os epicuristas incorporaram o conceito de felicidade a uma filosofia geral do prazer e da dor, que conduzia a uma ética do interesse próprio racional.** Os estoicos a associavam ao afastamento do perigoso tumulto da vida citadina e ao contentamento com os prazeres míнимos da vida em refúgios bucólicos. “Feliz é aquele que, longe dos negócios, a exemplo dos homens dos tempos antigos, ara seus campos com seus próprios bois, livre de quaisquer juros a pagar”, disse Horácio no primeiro século antes de Cristo. Podem-se encontrar sentimentos similares espalhados pela poética clássica e pela retórica ciceroniana dos romanos [...] **no século XVIII a ideia de felicidade voltou a florescer, vinculada a outras noções, como o progresso e a prosperidade.** Os filósofos do Iluminismo tomavam a felicidade como uma meta da vida do homem como indivíduo e da existência da sociedade como coletividade. Os mais radicais deles, Diderot, Rousseau, Helvétius e d’Holbach, fizeram do conceito de felicidade a base de um epicurismo modernizado, reforçado por uma forte consciência cívica.

Tendo chegado a esse ponto, a filosofia nos séculos XIX e XX não podia voltar atrás, a despeito de contracorrentes de pessimismo suscitadas por figuras com Nietzsche e Freud. A palavra de ordem de Jeremy Bentham, “a maior felicidade para o maior número”, foi na verdade formulada por dois *philosophes* do Iluminismo, Francis Hutcheson na Escócia e Cesare Beccaria na Itália. Bentham inseriu-a no quadro de uma filosofia do interesse próprio ilustrado derivada de Epicuro e Lucrécio e adaptada à política de reformas da Grã-Bretanha. Para Karl Marx, o profeta da felicidade socialista, reformas liberais nunca poderiam conciliar os interesses individuais e coletivos, pois no meio do caminho havia os interesses de classe. Em vez disso, **Marx imaginava a felicidade como um estágio histórico a ser alcançado ao fim de um processo dialético pela sociedade como um todo.**<sup>350</sup>

<sup>350</sup> DARNTON, Robert. **Os dentes falsos de George Washington**: um guia não convencional para o século XVIII. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Companhias das Letras, 2005, p. 105-107. Grifo meu.

Em *O País do Carnaval*, os vários personagens se encontram e desencontram na defesa do que os fazem felizes. Associam à felicidade o instinto, o amor, o pensamento sério e a autossuficiência, para citar algumas das ideias que circulavam naquele grupo de amigos. Todavia, defender essas prerrogativas não parecia algo fácil, muito menos estável. A incerteza os atacava constantemente por diversos meios. Para superar esse comportamento volátil, tinham que debater à maneira de intelectuais de botequim, sujeitos que disputavam ideias pelo prazer que aquilo dava, não necessariamente porque tinham de transmiti-las a algum público. À exceção de José Lopes, incomodado com o espírito banal ditado por Pedro Ticiano, aqueles jovens queriam sacudir suas vidas, evidenciar um propósito, entender as bases sobre as quais deveriam erguer seus respectivos destinos.

A chegada a Salvador e o reconhecimento de sua casa, bem como a expectativa de que alcançaria alguma serenidade, escapando minimamente de um sentimento de incerteza e indefinição com o qual se acostumara, fizera Rigger pensar sobre a relação entre o amor e a felicidade a partir dos afetos que partilhava com Julie, desde o navio que os trouxera para o Brasil. Já influenciado pelo debate travado com seus amigos, Rigger lembrava de uma afirmação de Ricardo Braz acerca do amor como um ato que iria muito além do sexo e da libido:

Às vezes, entretanto, vinham-lhe pensamentos estranhos. Nessas horas vislumbrava verdades nas afirmações de Ricardo Braz. Talvez houvesse no amor qualquer coisa que não fosse a carne. O amor não era somente o ato de deitar na cama, lado a lado, cabeça junto com cabeça, numa confusão de braços e de sentimentos. O remendar uma meia, coçar um gato preto [...] dizer coisas agradáveis, ter ciúmes de sorrisos gastos com as pilhérias dos transeuntes, brigar a propósito do nome do primeiro filho, também era amor, afirmava, aos gritos, Ricardo, muito corado, as lunetas a balançarem no alto do nariz.<sup>351</sup>

O entendimento do amor como algo que se constrói a despeito do sexo, além dos mandamentos do *Deus da Carne*, não se apresentava como pensamento formado na consciência de Paulo Rigger, mas como uma espécie de contradição ao que seu instinto ordenava. Dessa forma, guardava para si duas opiniões acerca desse sentimento. Uma, mais próxima de como agia, dizia que o amor não passava de uma satisfação dos desejos, não seria mais do que uma constatação fisiológica. Essa opinião era fortalecida todas as vezes em que se deitava com Julie, arrastando-o para a consumação da libido. Bastava-lhes a faísca do toque para fazer a grande fogueira do corpo.

---

<sup>351</sup> AMADO, 2011, p. 41-42.

Por outro lado, a opinião defendida por Ricardo o infiltrava quando não estava com Julie. Seria aquilo amor, aquela onda de prazer inundando a cama? Ou o amor seria, como dizia seu amigo, “o remendar uma meia”, “brigar a propósito do nome do primeiro filho”? Se sim, teria que admitir que amar não era um ato nem um sentimento que terminava no gozo, mas que se prolongava para outros aspectos da convivência com alguém. O amor, ainda segundo essa opinião, cresceria para além da alegria e da satisfação, e nada teria de fisiológico, ao contrário, estaria tanto para o prazer como para a dor, tanto para a satisfação quanto para a insatisfação. Pois carregaria no fluxo da correspondência com o outro os ciúmes, as disputas por um nome, a partilha de um cotidiano amplo, cujo toque não se esgotava no corpo do amante, mas se expandia para “coçar um gato preto” e “dizer coisas agradáveis”.

A essas ponderações, seguiam-se outras naquele círculo de amizade. Contestavam-se, adicionavam fatores, duvidavam, faziam comentários sarcásticos acerca de alguma afirmação que soava simplória. O que nos revela sobre como os sujeitos, no espaço público, iam além de discussões sobre a política nacional, os caminhos da nação, o futuro do país, e gastavam também seu tempo de sociabilidade conjecturando sentimentos, modulando concepções de vida, reagindo às ideias e pensamentos que se difundiam através da convivência social, sendo tais pensamentos originários de dilemas pessoais ou de questões gerais. E Pedro Ticiano, o arauto do grupo, comandava, conseguia ter a palavra final, mesmo que os outros saíssem das reuniões sem se deixarem convencer. Ricardo insistia que o amor era diferente da carne:

- Também não! Esse amor era o verdadeiro, o único amor... A felicidade... A satisfação da carne não dá felicidade a ninguém.
- Bolas! – discutia Rigger, que não queria concordar com o amigo para não ter que duvidar do amor de Julie. – Então, a gente nasce para esse amor... É a finalidade da vida?
- Isso mesmo. O sentido da vida, a finalidade está no amor. Mas esse amor de que eu falo: amor-sentimento.
- José Lopes, árbitro de todas as questões, não discordava nem concordava. Meio- termo... O amor devia ser um misto de coração e sexo. Não estava de acordo em dizer que o amor fosse a finalidade da vida...
- E qual é então? – esganava-se Ricardo, defendendo o seu ponto de vista.
- Sei lá!
- Talvez a religião... Deus... – arriscava Jerônimo.
- E Ticiano, aborrecido como quem ouvisse uma asneira:
- Religião o quê, rapaz! Então a sua finalidade, a finalidade do homem inteligente é a mesma de todos os imbecis?
- Mas o tomismo... – encorajava-se o outro.
- O tomismo é um rejuvenescimento muito voronoffiano do catolicismo. Por fim os escritores tomistas e os padres cultos terminarão numa luta corpo a corpo com as beatas velhas.
- Jerônimo recolhia-se sucumbido ao fundo da cadeira. Bebia o café querendo esconder a cara.

José Lopes vinha em defesa de Jerônimo.

– Quem sabe? Pode ser...

– As religiões são amontoados de fábulas, de mentiras...

– Não é a verdade que dá a felicidade. O homem tem a obrigação de chegar à felicidade pelo caminho mais curto. E a religião poderá trazer a paz, a alegria... Pedro Ticiano fazia frases:

– A felicidade reside na própria infelicidade, na insatisfação. Essa insatisfação, essa dúvida, o ceticismo é que devem ser a filosofia do homem de talento. Sofismar sempre. Negar quando afirmarem, afirmar quando negarem. O fim de não ter fins.

– Tudo isso é muito velho, Ticiano. Hoje não pega mais... Hoje se quer coisa séria, obra útil.

– E essa seriedade é nova? Sócrates já quis ser sério. Sérios foram Aristóteles, São Tomás. Homens incríveis... A finalidade do artista é viver, apenas... Viver por viver, por obrigação, porque nasceu...<sup>352</sup>

Os personagens de Jorge Amado se alfinetavam em função do que pensavam ser a felicidade, confundindo-a com o amor, o amor-sentimento, a religião ou mesmo a incerteza e a descrença na felicidade como alegria, projetando-a muito mais como uma insatisfação. Para Pedro Ticiano, zombando dos que acreditam que a felicidade está tutelada pela existência de Deus, feliz era aquele que se sabia infeliz, insatisfeito, que vivia a vida por viver, duvidando das respostas que apareciam para perguntas existenciais. Confrontando-se com José Lopes, acreditava que nada havia de seriedade na busca para ser feliz ou atingir a finalidade da vida. Pelo contrário, a seriedade pertencia a um tempo passado, um tempo remoto, em que figuras como Sócrates, Aristóteles e São Tomás ainda podiam ser influentes. Naquele período em que viviam, no limiar da década de 1930, o mundo devia ser entrevisto sem as certezas que caracterizam a Antiguidade ou a Idade Média. As vidas das pessoas, especialmente de homens inteligentes como eles, deviam ser compreendidas como uma grande incerteza, exceto a convicção de que se viveria apenas por viver, sem esperar grandes metas ou uma finalidade.

Jerônimo, o mais tímido entre eles, aquele que tinha menos recursos filosóficos para intervir com autoridade no debate, envergonhara-se por ter sugerido que o sentido da vida estava em Deus, na religião. José Lopes, solidário a ele, tentara contornar o imbróglio gerado por Ticiano, afirmando que a felicidade poderia ser construída pelo caminho religioso caso o indivíduo desejasse que ali estivesse o sentido de sua vida. Conferia ao significado de ser feliz não um pressuposto único e universal, mas múltiplo e singular. Exercitava a solidariedade de pensamento, acolhendo a repentina tristeza que um amigo sentira ao ser alvo da joça de Ticiano.

Embora o romance seja um livro que fala sobre as identidades do Brasil e sobre o que sujeitos idealizam como sentido de suas vidas, há um elemento central que une esses dois

<sup>352</sup> Ibidem, p. 42-43.

debates, que leva o romance adiante como sua espinha dorsal. É o elemento da amizade e de como esse afeto se organiza no espaço da convivência. Ticiano era amigo principalmente pela sabedoria que exalava, inspirando seus seguidores mais jovens, representando, às vezes, uma figura paterna acolhedora, afinal admitia o debate das ideias, embora suas respostas fossem mais ríspidas e diretas. José Lopes, por sua vez, assumia um papel de mediador, atento aos dilemas individuais de seus companheiros, antes buscando compreendê-los ao invés de atacá-los. Essa percepção nos permite compreender que a maneira que os sujeitos daquela época encontravam para compartilhar suas ideias – a amizade – era fundamental para que pudessem arriscar reflexões em torno de seus problemas existenciais. Opinavam sobre a felicidade ou o sentido da vida, dividiam os acontecimentos mais íntimos de suas existências, porque encontravam a correspondência afetuosa em outras pessoas, estabelecendo relações de confiança e encorajamento para manifestarem seus desejos particulares.

Ricardo Braz, compenetrado na ideia de amor-sentimento, um amor que não se acabasse no fogo da paixão, mas que se prolongasse para a partilha de outros sentimentos com a pessoa que amava, era também alguém que, ao invés das blagues e fúria destiladas por Ticiano, preferia a serenidade e almejava uma calmaria para seu futuro. Enxergava na realização do amor-sentimento sua causa de vida. Lutava para encontrar uma mulher que fosse sua companhia pelo fim da vida, com quem dividisse um lar e sua sorte. Para ele, a finalidade da vida era o amor, sinônimo da felicidade. Uma posição diametralmente oposta à de Pedro Ticiano, que nada esperava da vida, resignado com a incerteza.

A troca de ideias entre esses personagens poderia nos levar a questionar que tipo de sentimento geral pode ser constatado no início do século vinte, se tomamos como base a fonte literária. Seria um sentimento de incertezas, como advoga Pedro Ticiano? Pois, mesmo que seus jovens companheiros divergissem de suas blagues, não se pode afirmar, como veremos ao longo da análise, que estivessem tão seguros de suas ideias. O próprio José Lopes não sabia qual era o sentido da vida. Paulo Rigger também não. Ricardo Braz projetava tal sentido para o amor, embora não tivesse o alcançado. Gomes, que pouco aparece nas conversas, gostava de dinheiro, um capitalista convicto, e pouco falava em questões gerais. Portanto, o primeiro livro de Jorge Amado, escrito quando tinha seus dezoito anos, não está ainda embebido do marxismo que lhe daria a pecha de autor de romances proletários, nos quais a utopia comunista alimenta a vocação dos personagens e se apresenta como solução de seus enredos. Naquela estreia, só parecia existir dúvidas, indefinições e incertezas. Ao ser moldado dessa forma, *O País do Carnaval* acaba por representar o que a modernidade anuncia como premissa: uma aventura pelo desconhecido.

Homens e mulheres modernos, em busca de autoconhecimento, podem perfeitamente encontrar um ponto de partida em Goethe, que nos deu com o *Fausto* nossa primeira tragédia do desenvolvimento. É uma tragédia que ninguém deseja enfrentar – sejam países avançados ou atrasados, de ideologia capitalista ou socialista –, mas que todos continuam a protagonizar. As perspectivas e visões de Goethe nos ajudam a ver como a mais completa e profunda crítica à modernidade pode partir exatamente daqueles que de modo mais entusiasmado adotam o espírito de aventura na modernidade. Todavia, se *Fausto* é uma crítica, é também um desafio – ao nosso mundo, ainda mais do que ao mundo de Goethe – no sentido de imaginarmos e criarmos novas formas de modernidade, em que o homem não existirá em função do desenvolvimento mas este, sim, em função do homem. **O interminável canteiro de obras de Fausto é o chão vibrante porém inseguro sobre o qual devemos balizar e construir nossas vidas.**<sup>353</sup>

Para Marshall Berman, a obra *Fausto*, escrita por Goethe, se tornou uma das principais referências modernistas na segunda metade do século dezenove, período em que muitas sociedades tomaram conhecimento das novidades e aventuras proporcionadas pela modernidade. Além de Goethe, escritores como Marx, Baudelaire e Dostoievski, entre outros, seriam pontos de destaque na disseminação de uma literatura e uma crítica social influenciadas por um turbilhão modernista que se projetava no horizonte da humanidade. E a característica principal desse movimento seria sua capacidade de autodestruição, de liquidar o que ele próprio poderia criar, tornando líquido o que parece ser sólido, como adverte Marx em um trecho de seu manifesto comunista. De acordo com Berman, Goethe destacara esse aspecto nas páginas do *Fausto*, evidenciando a criação destruidora do pensamento modernista.

No Brasil, a modernidade e os ideais que apareciam inscritos em sua nomenclatura, como progresso e civilidade, florescerão e ganharão um número crescente de adeptos, especialmente nos círculos intelectuais, como a imprensa e a literatura, nas primeiras décadas do século vinte, possibilitando uma efervescência de ideias e afirmações sobre o passado, o presente e o futuro do país. Ao analisar o primeiro romance de Jorge Amado, verifico que a incerteza sobre o rumo da vida era a tônica para uma parte daqueles sujeitos. Em *Jubiabá*, a incerteza também circulava entre os personagens, ainda que o desfecho da trama trouxesse a expectativa de que a finalidade da vida fosse a luta de classes.

Uma época de incertezas e desconfianças, de dúvidas e indefinições. Entretanto, uma época em que as pessoas tentavam ser felizes, fosse pelo amor ou em função de um projeto político, uma obra séria. É preciso, portanto, compreender em quais outras ocasiões essa incerteza sobre o sentido da vida atacava e angustiava aquela gente ciosa de um fim.

---

<sup>353</sup> BERMAN, op. cit., p. 107-108. Grifo meu.

### 5.3 O amor não tira a insatisfação

Concentremo-nos em Paulo Rigger, sem perder de vista seus companheiros. Um jovem advogado que volta para a Bahia completamente descrente de todas as filosofias que circulavam nos ambientes que frequentava. Abria uma exceção para a filosofia do instinto e acreditava, na maior parte de seu tempo, que o prazer lhe conferia felicidade e devia ser a meta da vida. Gozar para ser feliz, ser feliz gozando. E não só. De alguma maneira, imaginava-se como alguém a frente de seu tempo, reconhecendo nas mulheres, por meio de Julie e das outras com quem se divertiu no carnaval do Rio de Janeiro, a independência para controlar seus respectivos corpos e desejos. Mesmo quando brigara com Julie, durante a estada na capital da República, não quis lhe exercer qualquer tipo de controle sobre a vontade de sua amante. Deixou que ela saísse do hotel em busca do que quisesse, tal como ele sairia também para alimentar a fome do instinto. Era uma maneira de praticar a indiferença de que tanto se orgulhava. Afinal, não eram casados, não haviam firmado qualquer tipo de contrato além do que gostavam de praticar na cama.

Porém, o retorno para sua casa, uma necessária incursão por aquilo que o seu pai havia deixado como patrimônio, lançava sobre Rigger dúvidas quanto ao que faria com sua vida a partir daquele momento. Os debates com os amigos enfatizavam a necessidade de descobrir o que seria seu destino, qual alvo deveria perseguir e mesmo se o que tinha lhe era suficiente para manter a serenidade que pensava ter alcançado ao voltar para sua terra. Punha em dúvidas a própria relação com Julie, imaginando se o que guardava por ela era amor ou paixão, se era alguém feliz ou se continuaria feliz mantendo as coisas como estavam. Muitas dúvidas que só transcorrer dos dias era capaz de oferecer alguma resposta.

A primeira de suas dúvidas a se resolver estava direcionada para a relação com sua amante. Se Paulo Rigger gostava de aparentar ser um tipo cerebral, indiferente, pouco propenso às grandes emoções, isso não passava de disfarce. A verdade era que tinha ciúmes terríveis e um desejo de posse sobre Julie. E a liberdade com que ela levava a vida, despreocupando-se em dar satisfações a qualquer homem, mesmo ele, o rapaz que fizera questão de seguir até a Bahia, produzia sofrimentos em Rigger, mordendo-se de desconfiança e mal suportando a ideia de que ela o traía sempre que não lhe dava notícias. A insegurança, primeiro, manifestava-se em acusações voltadas para ela, incapaz de acreditar no que a amante lhe dizia.

O ônibus recomeçou a andar. Rigger tomou o fio dos seus pensamentos. Julie só chegara pela manhã. A princípio, ele não lhe falara. Ela viera perguntar o motivo. Exasperou-se – que fosse aborrecer outro! Passara a noite na farra

com outro, dormira com certeza com o primeiro amiguinho que arranjara e lhe vinha perguntar por que estava zangado, que fosse para o inferno!...

E sarcástico, lábios contraídos:

– Como era ele? Preto ou mulato? Forte?

Ela explicava. Ele não tinha que ciumar. Tolices dele... Ela, afinal, não dormira com homem algum. Não o traíra. Dançara, gritara, brincara. Isso não se chamava enganar. Por que, então, ele se zangava?...

Ele também não o sabia. Se o amor não passava da carne, da união dos sexos, ele não tinha razão de queixa. Ela não dormira com outro. Ele acreditava em Julie. Ela não mentia.<sup>354</sup>

O conflito emocional de Rigger acerca do que sentia por sua amante é evidente. Ora credita a ela uma enorme desconfiança, ora aceita a versão de que não o traía. A confusão amorosa, porém, indica como podem ser compreendidas as relações conjugais naquele período histórico, para além daquelas que se concretizavam na forma do matrimônio. Quer dizer, mesmo num romance sem contrato religioso ou civil, numa relação baseada no prazer do sexo, o ciúme e o medo da traição podiam ser tão importantes quanto o desejo de amar e a satisfação proporcionada pelo gozo. Complexa, a relação entre ele e Julie estava aquém do que os dois projetavam para si. Ambos se imaginavam livres das amarras da seriedade do casamento, mas, por causa de seus arroubos, a relação também produzia sofrimentos e discórdia, uma sensação de aprisionamento e necessidade constante de mediação dos dissabores.

Rigger sabia que amar não era sinônimo de casar, não era aquele contrato que podia tornar o amor algo insípido, protocolar, insatisfatório. Ao contrário, pensava que o amor se fazia provavelmente pelo instinto, ainda que seu amigo Ricardo afirmasse algo diferente e defendesse um amor-sentimento, um conjunto de partilhas afetivas. Mas no meio desses achismos, multiplicando suas dúvidas, ele começava a enfrentar dificuldades para aceitar o modo de vida de sua amante, mesmo se apaixonando por ela justamente pelo que sempre fora: alguém que não acreditava na seriedade dos afetos, que fazia do ato de amar uma expressão de liberdade, não um prisioneiro dentro do cárcere.

Por um lado, Rigger não enxergava no amor o peso que acreditava existir no casamento, desejando sempre a leveza do sexo casual, sem maiores obrigações, distante dos protocolos religiosos que guiavam os matrimônios; por outro, seu crescente ciúme pelas farras de Julie, fazendo-o conjecturar possíveis traições, atribuía uma sobrecarga à relação que iniciara de maneira tão intuitiva e prazerosa. O peso que recaía sobre a paixão entre os dois fazia-o duvidar do que entendia ser o amor e da própria indiferença com a qual se apresentava nos debates com seus amigos.

---

<sup>354</sup> AMADO, 2011, p. 44.

É verdade que fora inteiramente feliz por um tempo naquele arranjo afetuoso que costurara com a amiga francesa, quando apenas a novidade do encontro entre os dois bastava para acender a chama animalesca. Contudo, o tempo que acumulavam juntos propiciava que cada qual passasse a perceber o outro através de outros ângulos. Não era só erotismo o material daquela relação, acrescentavam-se agora àquela partilha a desconfiança, a insegurança, o sofrimento e outras angústias que viriam a arruinar o que parecia suficiente a Paulo e Julie. Sobre os pensamentos dela, o narrador não deixaria dúvidas quanto ao desapontamento que sofrera ao ver o amante cada dia mais intragável:

Julie, recostada na cama, lia um romance de Willy, fumando um cigarro fino. Abandonou o livro, um enjoo. O relógio-pulseira marcava dez horas da noite. Paulo Rigger estava a chegar. Pensou quase com aborrecimento nele. Quando chegasse, começariam logo aquelas cenas de todo o dia. Ciumadas sem motivo. Queria saber como ela passara o dia. O que fizera. Onde fora...  
Ela errara em se juntar a ele. Pensara que Rigger fosse um cerebral que não se importasse com o que ela fizesse. Um parisiense requintado que só quisesse gozar. E mais nada. Em vez disso, em vez de um homem requintado apenas, um viciado mestre de volúpias, saíra-lhe um romântico apaixonado. E ela lhe dizia, rindo:

– Amorzinho, você está inteiramente brasileiro! Romântico como os seus patrícios de quem você fala tanto. Você só é parisiense na boca...  
E repetia um ditado que ouvira de uma preta gorda, na porta do hotel:  
– Quem não te conhece que te compre...<sup>355</sup>

Até Julie tinha suas dúvidas. Paulo Rigger se mostrava cada vez mais um homem diferente, pouco parecido com aquele que conhecera e a quem se entregara. A aventura erótica e cerebral que iniciaram juntos se tornava monótona, consistia numa expectativa pouco atrativa sobre as brigas e exasperações mais frequentes que o desejável. As cenas de um cotidiano íntimo se repetiam e causavam seu impacto na vida daqueles dois amantes. Julie chegava mesmo a brincar com Paulo, duvidando do que ele professara nos primeiros dias em que estiveram juntos, de que seria alguém sem inclinações para seriedades, um “viciado mestre de volúpias”. Paulo mudara. Seu comportamento, aos olhos de Julie, indicava que se parecia mais com os brasileiros do que com os franceses. Começava a enxergar nele os costumes de uma cultura contra a qual tentara se afastar. Percebia em suas “ciumadas” um conservadorismo no campo do amor que anteriormente não reconhecera no jovem bacharel.

A suspeita de Julie se confirmaria numa viagem para Ilhéus a convite de Paulo. Ele a chamara para que fossem juntos conhecer a fazenda de cacau de seu falecido pai, lugar de onde vinha a fortuna que o velho Rigger deixara para ele e sua mãe. A viagem era uma chance de

---

<sup>355</sup> Ibidem, p. 45.

reaproximação entre os dois, contemplando um cenário diferente do caos citadino. No campo, poderiam encontrar a serenidade rompida só pelo movimento de seus corpos na cama. Entretanto, bastaria que chegassem ao destino e Paulo começaria não só a demonstrar seus ciúmes como encarnar um filho muito parecido ao seu pai, distribuindo mandos pela fazenda e exercendo um papel de autoridade. Essa passagem do romance é importante na medida em que revela formas autoritárias de relações sociais por trás de um liberalismo que tentava se projetar e definir enquanto atributo da modernidade.

Rigger, desde o princípio da narrativa, sempre cultivara gestos liberais e aparentemente distantes dos símbolos autoritários da época, como, por exemplo, possuir uma fazenda cujos trabalhadores estavam presos a um regime de semiescravidão ou a alguma dívida impagável para com seus patrões. Desse papel, tentara se distanciar ao se formar na Europa e participar de debates que indicavam um espírito liberal e distante daquele passado familiar, confundido com o passado nacional, cujos vínculos eram estabelecidos por posições opostas do poder. De um lado, proprietários de terra criando mecanismos de dependência entre seus trabalhadores; de outro, despossuídos que tentavam escapar, embora nem sempre conseguissem, de regimes de trabalho análogos à escravidão.

Ao chegarem na região de ilhéus, Paulo e Julie foram recebidos por Algemiro, antigo guarda-costas de seu pai e encarregado de cuidar da fazenda na ausência dos proprietários. Rigger começa a lembrar de quando Algemiro o levara até um bordel, em sua infância, e batera numa prostituta. Para o capataz, era essa a maneira com que os homens deveriam tratar as mulheres: “Mulher se trata assim, coronelzinho. Mulher é traste que não presta”.<sup>356</sup> Essa fala do funcionário da fazenda vinha como uma lembrança dos tempos de quando Paulo era criança. Ele não havia batido em Julie, mas suas “ciumadas” em relação a ela dava-lhe um fervor que o transformava em um amante cada vez mais impaciente e desconfiando.

A viagem durou dez dias, tempo suficiente para que Paulo Rigger encontrasse Julie junto a um trabalhador da fazenda, um negro musculoso, chamado Honório, os dois entre sorrisos, ela com a saia suspensa, “deixando à mostra as coxas alvas”. Não intercedera nem fora visto pelo novo casal. Esperou por Julie na casa. Contaminado pelo ciúme e pelo papel que começava a exercer como novo fazendeiro, Rigger parecia se deixar inundar pelo ódio e pela sede de vingança, usando a prerrogativa de patrão daquela gente que empregava para distribuir mandos. Sob a força da autoridade que herdara, exigiu providências de punição que iam do desligamento de Honório como empregado da fazenda à violência física contra Julie:

---

<sup>356</sup> Ibidem, p. 48.

Debaixo de uma jaqueira, Julie e Honório, abraçados, sorriam. Ela tinha as saias suspensas, deixando à mostra as coxas alvas.

Rigger não fez escândalos. Voltou para casa e esperou...

Julie chegou ao meio-dia. Notou a cara zangada de Rigger. Temeu que ele houvesse descoberto tudo. Mas, treinadíssima naquelas situações, não se embarçoou:

– Chegou há muito tempo, meu amor?

– Há muito já.

– Eu andava passeando por aí, pela roça.

– Já sei. Prepare suas malas. Nós viajaremos amanhã.

Ela não discutiu. Entrou para o quarto. Ele saiu a procurar Algemiro.

Encontrou-o junto a uma barcaça, vendo secar o cacau.

– Algemiro, despeça Honório.

– Mas, patrão, ele deve seiscentos mil-réis à casa!

– Arranje um meio de ele pagar e despeça-o. Se ele não tiver dinheiro, mande prendê-lo.

– Ele tem uma casa no povoado. Com o aluguel sustenta uma filha no colégio, em Ilhéus.

– Quanto vale a casa?

– Uns quinhentos mil-réis.

– Tome a casa.<sup>357</sup>

A conversa entre o novo fazendeiro e seu encarregado é salutar para a compreensão de que um Brasil liberal, moderno, republicano e progressista, cujos intelectuais se debruçavam sobre o sentido da vida e a felicidade, encontrava seus limites num arcaísmo de costumes e mandos ainda em pleno funcionamento nas regiões mais afastadas das metrópoles. Bastava algumas poucas centenas de quilômetros de Salvador para se ter contato com regras sociais e códigos comportamentais baseados numa época anterior àquele tempo de prosperidade e civilidade. O ano que corria era o de 1930, e nele ecoava um passado histórico caracterizado por uma política de mandonismo e de extrema dependência dos trabalhadores pobres em relação aos seus patrões.

Paulo Rigger, um burguês escolado, jovem bacharel, novo proprietário, que gostava de sofismar sobre as questões gerais da vida, aproveitava a raiva causada por ciúmes para reagir ao episódio de traição com uma carga de autoritarismo e violência ainda não experimentada por ele. Usava de sua posição social e condição econômica para despejar sobre um trabalhador o mais puro desejo de revide contra aquele que o traíra no universo do amor, embaixo de uma jaqueira. Honório, endividado com o patrão, certamente em função do sistema de fornecimento de alimentos a preços altíssimos, comum nas fazendas de cacau, não poderia somente ser dispensado, como deveria também pagar de qualquer maneira a dívida contraída, seiscentos

<sup>357</sup> Ibidem, p. 53.

mil-réis. Nem que para isso, uma pequena casa sua, usada para sustentar os estudos da filha em Ilhéus, tivesse de ser tomada sem nenhuma mediação jurídica. O poder do jovem coronel, o mestre das volúpias Paulo Rigger, não haveria de encontrar empecilhos legais para sabotar a vida de Honório nem de levá-lo à ruína. A justificativa seria o débito do empregado com ele, mas a verdade é que tudo não passaria de capricho de um jovem fazendeiro que espiara a namorada aos sorrisos com um homem de braços fortes e corpo musculoso.

Algemiro indicara a Rigger uma alternativa mortífera, pois caso de traição, ainda mais envolvendo o jirau do patrão, deviam ser solucionados com o silêncio eterno do traidor. A morte rondava aquelas terras e atacava quando os homens decidiam que sua chegada era propícia. Por honra, por capricho, por desejo de vingança, fosse qualquer uma dessas justificativas, havia quem fizesse o trabalho de apagar para sempre uma mácula, ou ao menos de apagar os envolvidos na contenda. O encarregado da fazenda era um desses homens conhecidos por terem seu currículo alguns corpos transformados em cadáveres por suas mãos. Não seria difícil matar Honório. Porém, ao menos aí, Rigger teria encontrado um limite intransponível, seu letramento e sua formação francesa talvez o inibissem de que fosse adiante na sugestão do capataz, bastando que tomassem a propriedade do traidor e o desligassem do trabalho na fazenda. Nessas circunstâncias, não havia civilidade nem aquela indiferença que Rigger e Pedro Ticiano gostavam de apregoar em suas conversas nos cafés da cidade. O que existia naquela ponta do mundo era um rol de regras tradicionais com pouca mediação da justiça e da política, o que ali reinava era o desejo do coronel e dos seus encarregados, quase sempre se sobrepondo aos corpos e destinos dos trabalhadores.<sup>358</sup>

O desfecho daquele episódio em que os ciúmes de Rigger se transmutavam em raiva e vingança teria ainda uma outra vítima, além de Honório. Era Julie. A mulher liberal por quem Paulo se apaixonara no navio que vinha da Europa, por quem nutriu sentimentos de amor, por quem se encantara na cama e na idealização que fazia de seu corpo e atitudes, chegara até Ilhéus depois de segui-lo do Rio de Janeiro a Salvador. Todavia, o que podia esperar Paulo de alguém que nunca demonstrara objetivamente ter interesse em algum tipo de vínculo que não fosse o

---

<sup>358</sup> Em seu segundo romance, *Cacau*, publicado um ano depois de *O País do Carnaval*, Jorge Amado mergulha no universo das fazendas de cacau para relatar a vida e os destinos dos seus trabalhadores, o cotidiano do emprego e as poucas horas de descanso, bem como as condições precárias de moradia e as formas de solidariedade cultivadas entre os desafortunados. Porém, é importante perceber que um dos personagens do romance reage à estrutura dominante existente numa fazenda de cacau e entra em confronto com o filho do proprietário, deixando-o ferido gravemente. Esse episódio pode ser lido como registo histórico de como tais trabalhadores, mesmo quando pouco tinham para assegurar seus interesses, presos num sistema de obediência, podiam reagir ao que consideravam ultrajante. No caso de Honório, não ficamos sabendo qual seu destino depois de lhe arrancarem o emprego e o imóvel; entretanto, é possível arriscar que cairia numa nova relação de dependência com outro patrão.

prazer da cama e da sedução? Julie jamais dera algum sinal concreto de que reivindicava uma relação exclusiva com o bacharel. Estava com ele porque afinal seus corpos se correspondiam, tinham uma afinidade sobre como entendiam o mundo, sabiam-se desapegados da vontade de matrimônio ou coisa semelhante.

A mudança no comportamento de Paulo é o que comprometia aquele afeto, uma energia implacável que os levava ao reino do instinto. Era ele o desconfiado, o interessado em saber de cada passo dado por Julie na Bahia de Todos-os-Santos. Ao vê-la debaixo da jaqueira com Honório, um negro forte, muito mais homem do que ele mesmo, decidira se vingar do empregado. Mas não só. O liberalismo de Paulo Rigger havia de ceder espaço a um arcaísmo que parecia brotar naquelas terras do ouro negro, empossado que estava na nova posição de fazendeiro. Sem que precisasse de uma grande reflexão sobre o tema acompanhado de seus amigos intelectuais, Rigger se encontrava finalmente com a cultura de seu país, isto é, com aquilo que ele considerava predicado de sua gente, a cultura de seu povo. E essa gente e esse povo não era feito só de carnaval, mas também de uma parte obscura do instinto. Uma parte que, se libertada, ignoraria a contemplação das ideias e vibraria com ações descontroladas. O instinto de violência se apossara de Paulo, e Julie já não era seu amor, era sua vítima:

No único quarto da casa havia uma única cama. Julie deitou-se. Rigger achou que seria desaforo passar a noite em claro por causa de uma rameira. E deitou-se também.

Ela, no canto, encolhida, deixava aparecer, de propósito, o seio. Ele sentiu que o seu pé tocava no de Julie. Um arrepió correu-lhe todo o corpo. Quis levantar-se, mas não pôde. Ela virou-se na cama e encostou-se a ele. Paulo acariciou-a. Abraçaram-se. Possuíram-se.

E, no grande momento, ela pediu:

– Perdoe-me...

– Não!

Empurrou-a. Apertou-lhe a garganta. Ela gritou. Soltou-a. Tinha uma vontade louca de esmagá-la. Disse-lhe nomes feios. Ela sorriu. Ele deu-lhe um soco. Julie gritou:

– Covarde!

E ele bateu-lhe até cansar-se. Depois, deixou-a chorando na cama. Saiu. Aspirou com força o ar da noite. A lua, no alto, escondeu-se atrás de uma nuvem.

E o vento parecia cantar-lhe nos ouvidos a marcha carnavalesca:

*Dá nela...*

*Dá nela...*<sup>359</sup>

Paulo espancara aquela que amou ou pensou ter amado. Quando descobriu Julie em braços alheios, o que era ciúme tornou-se ato de violência. Passara a bater na amante até que

---

<sup>359</sup> Ibidem, p. 54.

cansasse os movimentos dos braços. Ao descansar da saraivada de socos que desfechara contra a francesa, foi tomar ar e apreciar a noite. Um verso que ouvira no carnaval do Rio de Janeiro, “Dá nela / Dá nela”, vinha-lhe na memória, agora tornando-se protagonista daquela canção que parecia tão brasileira para seus modos europeus.

Afinal, descobrira-se também um brasileiro genuíno, conforme pensava acerca de seus conterrâneos, incapaz de evitar o instinto do sexo e o da violência. Aquilo que qualificava, de modo distante e quase indiferente, como cultura brasileira, próxima de uma barbárie remanescente do passado, freando a chegada do progresso e da civilidade, do pensamento sofisticado e da busca por um sentido para a nação, estava mais próximo de si. Em verdade, tomara conta de seus gestos e se lançava violentamente contra Julie. Personificava, assim, uma elite que procurava se distanciar dos modos populares através da educação filosófica, considerada superior, mas que agia tal qual aquilo a que se opunha, seguindo o fluxo de emoções profundas. O discurso de Paulo Rigger, pensado e materializado na forma da violência, estabelece uma certa representação dos modos de pensar e agir entre os que compunham as classes economicamente poderosas.

A literatura pode ser considerada uma espécie de documento social e histórico, conferindo-lhe a marca de um discurso que descreve uma época, os aspectos de determinada sociabilidade, um artefato cultural indicador de como os indivíduos agem e reagem no cotidiano, lidando de maneira particular com dilemas e emoções variadas. Assim, é possível admitir que *O País do Carnaval* nos fala também sobre como as relações de amor, variadas, eram permeadas por desejos que se encontravam e se desencontravam, faziam-se e se desfaziam, serena ou violentamente. É um romance que não somente nos informa sobre a construção e manutenção de laços de amizade, sobre como os sujeitos estruturam noções do que seja a felicidade e a esperança, mas que possibilita aos seus leitores reconhecerem o conteúdo do amor numa determina época histórica.

Naquele Brasil que se modernizava em ritmos diferentes, ora com sinais de avanço, ora com sinais de atraso, festejando-se a civilidade ou denunciando as cenas de anti-civilidade, havia espaço para seus contemporâneos mensurarem o que compreendiam por amor e traição, bem como determinarem como agir em torno desses afetos.

Se o amor não era necessariamente sinônimo de felicidade, uma vez que não se reduzia ao êxtase do prazer, se ele podia, aliás, causar insatisfação em quem o procurava, parece crível, por outro lado, apontar a insatisfação gerada pelo amor como causa de infelicidade. De forma sagaz, o narrador do romance descreve a cena dos socos contra Julie do ponto de vista de Paulo,

criando um artifício de naturalidade para o espancamento, como se aquele gesto de violência pudesse ser justificado por causa da traição. Entretanto, há um grito de Julie, “Covarde!”, que reverbera mesmo quando as linhas seguintes levam o leitor para outra cena, já apartada do que acabara de acontecer no quarto da fazenda.

O que virá a seguir no romance será incapaz de apagar a culpa de Paulo pelo espancamento de Julie. E mesmo que Jorge Amado tenha optado por não desenrolar a cena de violência, preferindo uma ruptura na continuidade do episódio, impedindo o leitor de conhecer maiores informações sobre o destino de Julie, o leitor jamais verá o protagonista como herói. Ao contrário, Paulo estará sob suspeita de agir novamente como naquela noite na fazenda de cacau. Sua indiferença e atitude *blasé* não poderão servir mais como aspectos centrais de sua personalidade, pois, de agora em diante, está sujeito à avalanche da raiva e da vingança.

Acompanhar seus próximos passos é uma maneira de percebermos como os indivíduos travestem o que são capazes de fazer no espaço íntimo para a atmosfera da sociabilidade. Não se trata mais exclusivamente de dilemas e angústias pessoais, crises existenciais ou desejos refreados. Trata-se, também, de encobrir um lado sombrio, de eliminar os sinais instintivos em alguém que reivindicava uma indiferença ante as pulsões da vida. Rigger não será responsabilizado pelos socos distribuídos em Julie, mas estará sob o crivo do leitor, espreitado acerca dos movimentos seguintes.

A desilusão com o amor revelara a Rigger – e a Julie – seu lado violento, sua bestialidade e incapacidade de ser alguém cujos ideais podiam ser postos em prática, independentemente da situação em que se encontrasse. Até certo momento, conseguira se convencer de que era um tipo cerebral, mas o episódio na região de Ilhéus, na fazenda que herdara do pai e assumia como novo proprietário, demonstrava que seu pensamento sofisticado, tipicamente burguês, indicativo da nova elite brasileira, tinha peso de papel quando confrontado com sentimentos agitados.

Desiludido da pátria, da qual agora ele era um fiel representante, verde por excelência, e desiludido no amor, Paulo Rigger voltará para a capital baiana e começará uma nova empreitada: um jornal criado com seus amigos no qual poderiam expor suas ideias e comentar as notícias do país, seguindo a receita de Pedro Ticiano, um periódico de palavras afiadas e críticas mordazes. Falhara no amor, tinha agora de direcionar o sentido de sua vida para o trabalho intelectual sério, mesmo que sob a capa da ironia e do sarcasmo, virtudes defendidas por Ticiano. Assim, até poderia se aproximar daquela obra séria que José Lopes tanto advogava como caminho para a felicidade.

Encontraria o sentido da vida no trabalho com a imprensa? Ajudaria na questão nacional ao escrever suas ideias, ao expor as fragilidades da nação? Cultivar a esperança de um país que apostava no futuro ou, ao fim, acabaria insatisfeito com o novo projeto? A despeito das repostas, o romance inaugural de Jorge Amado deve ser lido como um livro de dúvidas, constantes e angustiantes, um livro interessado no problema – impossível de ser resolvido? – do que é possível ser feito e que seja suficientemente significativo para encontrar alguma serenidade diante de tantos obstáculos;

*O país do carnaval*, romance da juventude, é o da procura da razão de viver, do amor, da felicidade; é o do anseio de uma auto-realização; é também o de uma sociabilidade incontestável, como o da consciência das dimensões sociais do homem. É, portanto, um conjunto de esperanças, é a Esperança – infelizmente não realizada, que estimula as principais personagens. É também uma série de recusas, é a Recusa (do Consenso, da sociedade estabelecida, da Igreja, da violência e da miséria). É também o fracasso na luta individual contra os tabus (como aquele que impõe a virgindade à noiva). É o riso ou a caricatura (como a do deputado que traz no rosto os estigmas da imbecilidade, com um toque de antiparlamentarismo). É a desmistificação da revolução meramente política, em que bastaria apenas substituir fulano por sicrano no governo ou nas prebendas. Há, sem dúvida, uma revolta em *País*, mas esta permanece no nível moral. **O que transparece é uma consciência, uma sensibilidade, uma sinceridade.**<sup>360</sup>

O comentário de Jean Roche destaca aquilo que é preponderante na narrativa do romance. Porém, as questões levantadas por Durval Muniz, de fato, atuam na estrutura da história. Homens negros são percebidos por Paulo Rigger a partir de sua forma física e idealização de uma sexualidade, digamos, superior. Honório, o trabalhador demitido, quando aparece na trama tem como primeira descrição os “músculos das costas”, uma forma corporal que chamará a atenção de Julie, admiradora daquela força. O mito da sexualidade negra é constatado mais de uma vez no romance, aparecendo sempre nas suspeitas de Paulo sobre sua amante. Antes de embarcarem para a fatídica viagem até a fazenda de cacau, ele já havia a provocado acerca de uma possível traição, pois ela passara uma noite sem dar notícias: “Como era ele? Preto ou mulato? Forte?”.<sup>361</sup>

O leitor pode se perguntar se o escritor o fazia de caso pensado, atribuindo essa mitologia ao pensamento de um jovem burguês branco, ou se ele de fato reproduzia algum pensamento social em voga na época. É notório, por exemplo, a aproximação de Jorge Amado com as ideias de Gilberto Freyre, um dos principais intelectuais brasileiros acerca de um

<sup>360</sup> ROCHE, Jean. **Jorge bem/mal Amado**. Tradução de Liliane Barthod. São Paulo: Cultrix, 1987, p. 72-73. Grifo meu.

<sup>361</sup> AMADO, 2001, p. 44.

projeto de identidade nacional, cujo reconhecimento posterior, crivado de elogios e críticas, acabou se dando pela maneira com que elogiava o processo de miscigenação no Brasil.

Jorge Amado era seu contemporâneo, um pouco mais novo, e seu primeiro romance saíra dois anos antes da principal obra de Freyre, *Casa Grande & Senzala*. Na verdade, acabaram publicados pelo mesmo editor, Schmidt, como aponta Joselia Aguiar em sua biografia sobre o romancista. Além disso, Jorge Amado, como já dissemos, fora um dos organizadores do *II Congresso Afro-Brasileiro*, em Salvador, cuja primeira edição, em Recife, havia recebido o incentivo do intelectual pernambucano.

O mito sobre a sexualidade negra abordado em *O País do Carnaval*, intencionalmente ou não, estava em cena naquele Brasil que se modernizava, dando a ver um ambiente de proliferação acadêmica em torno da busca por uma identidade nacional, realçando-se elementos considerados positivos para a composição de uma nacionalidade que apresentasse seu povo para o mundo e para si. A construção desse paradigma é fundamental em toda a obra de Jorge Amado, dando inclusive a ele a fama de escritor popular, sabedor dos modos de funcionamento da rua e das virtudes que nasciam da miscigenação. Sobre a relação com Gilberto Freyre e o que o pernambucano representaria para seu trabalho como escritor, um depoimento seu é revelador:

[...] creio que Gilberto Freyre desempenhou um grande papel, pois *Casa Grande & Senzala* é realmente o livro brasileiro que nos falou ao máximo sobre a nossa identidade, a formação da nação brasileira, e a maneira como isto se deu. Justamente por Gilberto Freyre ser um homem imune a toda e qualquer ideologia, ele as utiliza todas, inclusive a marxista, quando lhe parece interessante, e nenhuma quando não lhe parece interessante, e isto lhe dá uma grande liberdade, pois é um homem com grande conhecimento da nossa realidade e da nossa história, e é extremamente brasileiro, escrevendo numa língua muito brasileira. Ele escreveu um livro que é fundamental para a nossa vida.<sup>362</sup>

O pensamento social está na obra de Jorge Amado desde sua estreia. É inegável as premissas que desenvolveria de variadas formas ao longo de sua trajetória como escritor, moldando-a conforme seus interesses políticos e intelectuais se modificavam. Contudo, se esse pensamento esteve por muito tempo associado à miscigenação, à formação da identidade nacional, ao comunismo e, depois, ao erotismo e à religiosidade, aos costumes verificados na Bahia, em *O País do Carnaval* esse pensamento se volta para a questão da existência e do sentido da vida, da felicidade e da infelicidade, da esperança e do destino, muito mais que

---

<sup>362</sup> RAILLARD, op. cit., p. 94-95.

qualquer outra coisa. Jean Roche percebeu essa inclinação, cujos temas apontavam para como os indivíduos retratados na obra se relacionam com tabus culturais, com um pessimismo acerca do futuro e uma desconfiança em relação às soluções apresentadas para o problema da finalidade da vida.

Tratando-se de um livro sobre a procura da felicidade, cujo termo “aparece no mínimo umas cinqüentas vezes no romance”,<sup>363</sup> será comum que os personagens construam definições sobre as maneiras de satisfação do espírito e de seus desejos, vias importantes para fugir do pessimismo e da angústia. Enquanto o amor entre Paulo Rigger e Julie se derretia no calor da fazenda, os seus amigos aproveitavam a ausência do jovem bacharel para tecerem comentários de sua vida íntima:

- Paulo Rigger apaixonou-se por uma francesa e, como ela não o ama, apenas dorme com ele, o rapaz quer se convencer que o amor é apenas a carne... Coitado! Coitado! Não quer ter uma desilusão...
- As desilusões são necessárias – afirmou José Lopes.
- Você fala do alto de sua serenidade.
- Braz, essa serenidade minha é filha das desilusões. **Eu fiquei sereno porque nada de bom espero da vida. Nada.** Enquanto não vierem coisas piores do que as que têm vindo, eu não me queixarei.
- Isto não é serenidade, então.
- E o que é senão isso? A serenidade é uma falsificação da felicidade...
- **E é o fim da gente?**
- **Talvez. Olhe, eu acho que sim. Conformar-se com a vida. Ir vivendo. Vivendo.**
- Isso mesmo – apoiou Ticiano – viver por viver.<sup>364</sup>

Era mais um debate conduzido por discordâncias a respeito do que era o amor, a felicidade e o fim da vida. José Lopes parecia avançar em suas ideias rumo à serenidade como meio para atingir a felicidade. Ir vivendo, conformar-se com a vida, com seus tropeços e dilemas, considerando que algo pior sempre poderia aparecer para se sobrepor a uma dor momentânea. Se assim fosse, a vida então cobraria aos indivíduos paciência e perspicácia no momento em que a angústia se apresentasse.

Partiam do caso de Rigger para compreenderem que certas pessoas preferem não acreditar no amor-sentimento, no amor aprofundado, como uma espécie de antecipação aos males que um afeto tão agudo poderia proporcionar na alma de quem o patilha, tornando-se corrosivo. Talvez Rigger realmente estivesse nesta definição, nunca se entregara a Julie, e ela também não, embora o tenha acompanhado do Rio de Janeiro até à Bahia. Pessoas como Paulo

<sup>363</sup> ROCHE, op. cit., p. 71.

<sup>364</sup> AMADO, 2011, p. 49-50. Grifo meu.

Rigger preferiam a superfície da carne do que o mergulho na alma. Preferiam o puro prazer ao comprometimento firme e a necessária alteridade.

Em *O País do Carnaval*, as indefinições não são superadas, a incerteza persegue os personagens, incomodando-os, angustiando-os, fazendo-os tricotar uma esperança sempre que algo aparentemente novo os invadia, anunciando melhorias no espírito, para depois ser levada embora por algum outro sentimento. Essa dimensão retratada pelo romance sugere que, na modernidade, havia uma ambiguidade na experimentação do tempo histórico. A modernização técnica associada a um reordenamento dos costumes estimulava confiança nas transformações em curso. Novidades em serviços comerciais, construção de avenidas, os passeios noturnos, as idas ao cinema, as traquinagens nos bondes elétricos, os cosméticos anunciados em jornais, ou seja, vários elementos incrementavam a percepção de que as cidades mais populosas possibilitavam o sentimento de experimentar o novo com uma confiança de que a vida poderia ser mais emocionante.

Entretanto, a confiança nos processos de modernização podia abrir espaços para que a incerteza e a desconfiança também pairassem no ar. Isso significava um apelo à reflexão de como a vida poderia ser vivida, de como o destino se apresentaria diante dos olhos ou como os sujeitos, embebidos nas novidades, achariam o caminho para a felicidade.

Esse caminho poderia, inclusive, ser percorrido sem que as pessoas o conhecessem por completo, apostando na força do acaso e nas boas surpresas. Isso aconteceu a Paulo Rigger. Sua relação com Julie já pertencia ao passado, trabalhava num jornal criado por ele e seus amigos, o *Estado da Bahia*, em que atacavam valores correntes sobre o que deveria ser o Brasil, como o país haveria de encontrar rumo. Seduzido pela criação do periódico, onde exercitariam as ideias travadas no botequim, Paulo Rigger chegou a acreditar que aquele ofício poderia ser o percurso para sua felicidade: cultivaria a superioridade intelectual em relação à maioria da população, reconhecendo o papel fundamental da atividade cerebral.

Tal pensamento advinha principalmente das conversas com Pedro Ticanu, para quem a imbecilidade e a mediocridade reinavam em todos os cantos da cidade e do país. Caberia àqueles jovens intelectuais oporem-se com veemência contra um certo *status quo* e afiarem a lâmina de seus artigos para sacudirem o ambiente amorfo das ideias contemporâneas. Para o experiente Ticiano, Paulo deveria apostar a finalidade de sua vida em “coisa superior”, porque ele não estaria “satisfeito com o que existe... Você não quer se consolar... A sua questão é de cérebro e não de coração”.<sup>365</sup> Era isso que fazia Paulo indo à redação do jornal. Junto com

---

<sup>365</sup> Ibidem, p. 56.

Ricardo Braz, encontravam-se insatisfeitos com a existência. Ricardo ainda não achava o seu amor, o sentido de sua vida, e Paulo havia rompido violentamente com Julie. “Ambos sentiam a necessidade de algo que não sabiam o que fosse, algo que lhes faltava” e “chegaram à conclusão de que se vive para qualquer coisa superior”.<sup>366</sup>

A aposta na atividade intelectual como finalidade da vida, no caso de Paulo e Ricardo, concentrava-se em ideias acerca do sentido do país. De modo geral, os amigos debatiam as mudanças recentes no Brasil, impulsionadas por uma revolução “de que os jornais tanto falavam”. Ambientando no ano de 1930, Jorge Amado estava fazendo uma alusão às transformações políticas movidas no processo que levara Getúlio Vargas ao poder, embora nenhum nome que integrava tal movimento apareça na trama. Na verdade, a revolução de 1930 pouco aparece no livro, está ao fundo da trama, soa quase desimportante no enredo. Porém, servia como pressuposto para que os personagens afirmassem se o país deveria cuidar da felicidade do povo, como insistia José Lopes: “A gente deve pensar também na felicidade do povo... na felicidade da pátria”. O que era imediatamente combatido por Rigger: “Só se deve cuidar da felicidade pessoal. No dia que cada um for feliz a humanidade será... Esse negócio de sacrificar-se pelo bem-estar comum não vai comigo”.<sup>367</sup>

Paulo Rigger se esquivava de pensar o bem-estar do povo, pois pouco lhe importava a ideia de pátria, preferia fazer glossa da tentativa de se estabelecer um sentido para a nação. Por isso, seus escritos no jornal onde trabalhava costumavam ser ácidos e irônicos. Se o Brasil estava à beira do abismo, que deixassem cair. Apostava, de modo contrário, na felicidade individual. Mas onde estaria a sua? Não estava mais com aquela francesa que conhecera no navio e surrara na fazenda de cacau. Por mais que se esforçasse para acreditar no trabalho superior da inteligência, pouca adrenalina sentia na redação do periódico.

Onde, então, sua felicidade se escondia? Paulo voltou a reencontrá-la por acaso, por uma dessas sortes possíveis de agarrar. Foi assim que conheceu Maria de Lourdes. Foi ao cinema e lá dera com uma moça por quem se encantara, um lance imprevisível. Se havia dito para os amigos que o amor não fazia mais parte de seus planos, que talvez até tenha existido, mas não existia mais, que tudo voltava a se tratar do insuficiente desejo da carne, que o amor-coração só existia nos “romances de Pérez Escrich”, o acaso devovia-lhe a confiança de que poderia embarcar num novo caso amoroso. Creditava ao acaso o meio da felicidade. Ainda sem sentir que havia tomado completamente esse sentimento entre as mãos, admitindo incerteza

---

<sup>366</sup> Ibidem, 55.

<sup>367</sup> Ibidem, p. 62-63.

sobre a direção que a vida poderia levar, dizia: “Sei lá! Talvez, hoje eu tenha encontrado a felicidade... Quem sabe se não topei com o caminho, hoje... O fim talvez não esteja fora do meu alcance”.<sup>368</sup>

O cinema fora o lugar de sorte para Rigger. Encontrara Maria de Lourdes e por ela se apaixonara. Os olhos grandes e os cabelos castanhos foram os responsáveis pela hipnose que se abatera sobre Paulo. A partir daquele momento se derreteria de paixão pela moça, namorando-a e, em seguida, pedindo-a em casamento, uma maneira de “não deixar fugir a felicidade”.<sup>369</sup> Fazia plano de que a lua de mel do casal fosse em Nova York. Paulo Rigger estava contente e nada indicava que sua felicidade fosse derrotada. Sua euforia era tão especial que chegou a escrever uma crônica social para ser publicada no jornal onde trabalhava, cifrando a autoria e o destinatário, uma carta de amor quase secreta:

Mademoiselle Sentimento, eu te amo tanto... Eu te adoro. Por que é que os teus olhos fogem dos meus olhos, quando conversamos? Por que essa tristeza que às vezes faz pálida a tua face? Por que não me contas tudo, não me abres inteiramente a alma, mademoiselle Sentimento? Bem sabes que eu te amo tanto...<sup>370</sup>

Estava claro, a cartinha era movida por um grande sentimento de amor. Paulo se derretia por sua noiva, uma moça por quem se apaixonara perdidamente. Sentia que seu futuro era ao lado de Maria de Lourdes. A felicidade que seu amor por ela representava era tão penetrante que aquele Rigger cerebral, *blasé*, que aportara no Brasil há pouco tempo, cedia espaço para um novo Rigger, um jovem que se deixava levar pelas promessas de alegria colhidas no universo da paixão. Era como se o jovem intelectual reivindicasse uma nova identidade para si. Continuaria cultivando as filosofias, o saber, talvez até se mantivesse como articulista de jornal, e cuidaria da fazenda que herdara, mas seu propósito, a partir de agora, era o estabelecimento do amor em sua vida. Daria a Maria de Lourdes suas principais energias, certo de que havia descoberto a finalidade que tanto buscava.

Para um dos personagens do romance, o amor não tira a insatisfação. Encontrar a felicidade por meio de um sentimento compartilhado entre um casal, alimentado por promessas de aventura e prazer, alegria e serenidade, a paz de saber a finalidade da vida, não seria, contudo, uma garantia de que a insatisfação fosse eliminada da experiência humana. Provavelmente, em

---

<sup>368</sup> Ibidem, p. 67.

<sup>369</sup> Ibidem, p. 81.

<sup>370</sup> Ibidem, p. 84.

algum ponto, a angústia retornaria para assombrar o espírito, impondo qualquer sofrimento à fluidez do bem-estar.

Para Pascal Bruckner, “a felicidade é delicada não por sucumbir sob o peso das proibições, mas por se esgotar por si mesma tão logo tenha livre curso”.<sup>371</sup> Dessa forma, a euforia perpétua não passaria de uma ilusão, uma utopia, confrontada pela inevitabilidade do fim de todas as coisas. O livre curso da felicidade é a estrada para seu próprio esgotamento. O amor, considerado no romance como um dos meios para atingir a realização, poderia desabar repentinamente e, talvez, com o mesmo ímpeto de seu começo.

O autor da carta, Paulo Rigger, notava que havia algum problema no ar, notando uma tristeza em sua amada. O que escondia Maria de Lourdes? Por que andava tristonha desde que o namoro começara a ficar mais sério? A verdade apareceria logo após o pedido de casamento feito por Paulo. Um segredo que a moça guardava a preocupava e a fazia ter receio de como o noivo reagiria. Não sabia como lhe contar, mas estava certa de que não poderia se entregar ao futuro casamento com algo lhe pesando na consciência, um fardo do seu passado que se arrastava até o presente. Se o amor por Paulo e a sedução que ambos entregavam um ao outro se parecia com uma leveza, uma vontade de estarem vivos, alegria incontida, o segredo que Maria de Lourdes portava, entretanto, trazia-lhe um sofrimento, uma angústia feita da incerteza com a qual tentava adivinhar o que o noivo diria ao ouvir sua confissão:

Soluçando baixinho, ela contou: “Não era mais moça.” Disse-lhe do seu amor por Osvaldo e como, ingênuo, se lhe entregara sem saber o que fazia. Digna de perdão. Mas não lhe contara ainda porque tinha medo de que ele não perdoasse. Perdoaria?<sup>372</sup>

Lourdinha confessava não ser mais virgem, entregara-se ao prazer com um namorado antigo, Osvaldo, e sabia que isso pesava, considerando-se as convenções sociais e os costumes sexuais da época, sobre o rito do matrimônio. Mesmo Paulo Rigger sendo o tipo cerebral, escolado em uma cultura considerada por ele próprio superior à brasileira, não parecia feliz com a notícia, incapaz de mais uma vez reagir como alguém despreocupado com as convenções. Ao contrário, tratava a notícia de sua noiva como a origem de um novo sofrimento, o princípio de sua infelicidade, embora achasse que fosse sua inteira culpa não prosseguir com a ideia do casamento. O sentimento de culpa de Paulo era externado aos seus companheiros: “Sou um

---

<sup>371</sup> BRUCKNER, op. cit., p. 49.

<sup>372</sup> AMADO, 2011, p. 89-90.

miserável! Um infeliz! Perdi a minha felicidade por minha culpa! Porque não consegui vencer o convencionalismo! Estúpido, idiota que sou".<sup>373</sup>

Nessa passagem, o que se evidencia é como indivíduos podem internalizar o sentimento de culpa de diferentes formas. Lourdinha, noiva de um jovem rico, agonizava com um segredo que dizia respeito à sua sexualidade e o que isso representava nas relações sociais do período, fortemente caracterizadas por uma imagem de pureza sobre o corpo feminino. Ela sabia o que seu segredo significava para a oficialização de um casamento e esperava que Paulo a perdoasse, achando que cometera algum dolo.

A subjetividade da época, formada por um conjunto de aspectos sensíveis, pela maneira como homens e mulheres sentem o mundo em que vivem, atribuía um peso à consciência de Lourdinha, incerta sobre o curso que seu destino tomaria, esperando de seu noivo compreensão. Paulo, ao contrário, via-se impedido de aceitar o passado de sua noiva, deixava-se tragar pela convenção e mergulhava, cada vez mais, nos costumes que ele chegara a considerar distantes de si. De um lado, a culpa por ter se entregado ao sexo contrariando as convenções. Do outro, a culpa por não se reconhecer capaz de ultrapassar o convencionalismo, o que José Lopes chamava de "herança terrível", uma "força de dezenove séculos de vida".<sup>374</sup>

Tratava-se disso também, o romance de Jorge Amado: de uma narrativa sobre costumes, convenções, idealizações e projeções feitas por sujeitos naquele início dos anos 1930. Sentiam a felicidade, a infelicidade, a alegria, a angústia, o amor e a culpa, o desejo de serem melhores e a frustração de não conseguirem. Um romance para observarmos como a sensibilidade de um período é assimilada por seus contemporâneos e reverberada nas formas de sociabilidade, nos encontros em bares e cafés, nos passeios pelas ruas. Entretanto, mostrando como no espaço da intimidade a vida acontece e se gasta.

De alguma forma, todos aqueles personagens acabariam por achar um consenso sobre o sentido de suas vidas. Não todos, talvez, mas a maioria. Ricardo se casara e migrara para uma cidade interiorana onde assumiria um posto jurídico. Sentia as fagulhas de felicidade propiciadas pelo matrimônio, ainda que às vezes seu pensamento derivasse saudosista dos encontros com os amigos. Jerônimo, o mais ingênuo, também encontrara uma forma de amor e parecia contente, feliz de ultrapassar os limites que Pedro Ticiano sempre lhe impunha. Este, o sábio, morrera, deixando consternado os amigos que não acreditavam na partida do mais experiente do grupo. Sentia-se infeliz nas suas últimas semanas de vida, mas nunca reivindicava

---

<sup>373</sup> Ibidem, p. 91.

<sup>374</sup> Ibidem, p. 90.

a felicidade. Gomes tornara-se um capitalista, cioso por dinheiro e fazendo do seu jornal uma voz para quem lhe pagasse. Era o que ansiava. Sobrava Paulo Rigger e José Lopes, vivos e solteiros, que procuravam ainda encontrar uma saída para as reflexões confusas sobre a meta da vida.

Não demoraria para José Lopes solucionar seu problema. Depois de um sumiço repentino e prolongado, Lopes voltou a aparecer e conversava com Paulo sobre a serenidade advinda da cultura filosófica, defendendo estar ali os filetes de felicidade possíveis ao homem: “a felicidade absoluta não existe. Nem para os burros. Nem para os irracionais. Quanto mais nós outros! O que é preciso é a serenidade”. E associava a serenidade ao significado da verdade: “É que a verdade é uma coisa muito relativa. Deve existir uma verdade particular para cada homem. Aquilo que lhe der a serenidade é para ele a suprema verdade”. Terminava sua explicação sobre o sentido da existência, dizendo-se um materialista, comunista, desejoso da felicidade do povo. Confrontado por Rigger sobre os equívocos do comunismo, José Lopes lhe respondia: “E, quanto aos defeitos, o comunismo os possui. Mas as virtudes são em maior número”.<sup>375</sup>

Enquanto Lopes apostava sua serenidade, sua ideia de felicidade, no comunismo, fazendo da atividade cerebral o meio para o contentamento, Rigger parecia cada vez menos próximo daquilo que, enfim, lhe tornaria feliz. Enquanto seus amigos encontravam algo no que se apoiar, o amor, o casamento ou o intelectualismo, Paulo resolveu partir de volta para a Europa. Teria que voltar pelo Rio de Janeiro e, coincidentemente, lá chegaria em época de carnaval novamente. Quando voltara ao Brasil, viu naquela festa a religião da carne e da liberdade, do congraçamento, porém, agora, condenava aquela gente que lhe perturbava com lança-perfume. “E notava-se ainda mais infeliz. Quando chegara da Europa, todo instinto, sabia sentir a carne. Hoje, era dúvida unicamente”.<sup>376</sup>

Esse sentimento de Paulo Rigger diante da vida e do mundo, sentindo-se incompleto, em dúvidas, incerto sobre o seu destino, parece-se com uma angústia, um sofrimento prolongado que teimava em se perpetuar na medida em que ele não encontrava lugar para repousar sua felicidade. Muitos foram os leitores críticos que perceberam e se identificaram com o sentimento de infelicidade ecoado pelo livro, evidenciando que a sensibilidade das primeiras décadas do século passado tinha muito de dúvidas e imprecisão quanto ao futuro. No horizonte do país, uma nova experiência política ganhava força, já que rapazes “fundavam legiões fascistas, o partido comunista tomava vulto. Materialistas e católicos discutiam decretos

---

<sup>375</sup> Ibidem, p. 141-142.

<sup>376</sup> Ibidem, p. 146.

de governo, tocantes ao ensino”.<sup>377</sup> Mas, sobretudo, no horizonte de expectativas daqueles indivíduos, nas projeções que tentavam fazer de suas vidas, direta ou indiretamente associadas à causa nacional, imperava a insatisfação das coisas, a tentativa de fugir da infelicidade e o anseio por uma meta a partir da qual viver.

Duas notas de jornais parecem fundamentar tal impressão. Uma foi escrita por Eulalio Mota, em 1932, ano seguinte ao da publicação do romance de Jorge Amado, para o jornal *Mundo Novo*, e nela atesta que:

Quem não tem talento não sabe sofrer o mal de fazer interrogações. Não pergunta e, por isto, não sofre nada de tudo aquilo que tortura os personagens d’“O Paiz do Carnaval”. Meu amigo Fulano de Tal, por exemplo, estudante de Medicina, não sofre nada d’aqueilo. Não interroga. Não sabe duvidar. Vae, sorrindo, sem interrogação e sem dúvida, pelo caminho socegado da felicidade... E chegará até ela. Tê-la-á aqui na terra e ainda, depois que morrer, no céo. (o céo foi feito para esta gente. Jesus não se esqueceu de prevenir isto).<sup>378</sup>

A interrogação, a experiência de se perguntar sobre o sentido da vida, estaria do lado oposto ao da felicidade, do sossego, não duvidar seria como um ingresso para o céu, onde Jesus teria reservado um lugar “para esta gente”. O vigor do romance está na denúncia de como as pessoas se sentem felizes, como alcançam um estado de contentamento, como conseguem escapar do sofrimento, não se perguntando sobre o sentido da vida. Ao contrário, os personagens de *O País do Carnaval* sofrem a tortura da dúvida, da incerteza, consequência do talento que tinham para “fazer interrogações”.

Meses antes, Luís da Câmara Cascudo, no *Diário da Tarde*, dava nota de sua leitura, apontando para alguns aspectos que encontrara no romance e sabia ter eco no Brasil daquele período:

Sr. Jorge Amado – meu ilustre amigo.

Muito obrigado pelo envio de seu romance. Estrou (sic) numa praia sem livros para a figuração do registro bibliográfico. Melhor será esta carta, estilo conversa fiada, abundante e sincera como uma palestra. De mais a mais uma gripe me agarrou-se me ao corpo numa teima inutil de cambio baixo. De maneira que só poderei tirar de mim mesmo os pontos de referencia ao seu livro. Nem siquer trouxe um catalogo de livraria. Estou, verdadeiramente, desarmado.

Francamente gostei d’“O Paiz do Carnaval”. Por varios motivos. Um deles será o livro parecer com o de José Lopes. “Ninguém comprehendeu o grito de desespero que havia naquelle livro”. Seu livro é diferente de todos. É irregular

<sup>377</sup> Ibidem, p. 144-145.

<sup>378</sup> 08/07/1932 (Fundação Casa de Jorge Amado).

aspero, bravio, arrebatado, convulso. Não se dirige a ninguem. Não há “finalidade”. Não ha doutrina. É apenas um registro doido de uma geração desvairada. Como realização de espirito é um dos mais completos e perfeitos documentos que a minha geração guardará em seu diagrama de percurso. Aquela galeria sinistra está viva em todos nós. Todo aquele desespero rola como uma grande onda de fel no curso do nosso sangue lento. Um triste testemunho de uma mocidade sem o roteiro do porto ou com tantos roteiros, tantos portos acenando descanso e felicidade que a nau desgoverna, abicando a proa a todos os rumos dispares.<sup>379</sup>

Documento e testemunho, para Câmara Cascudo o romance inaugural de Jorge Amado podia ser lido como um retrato bravio e convulso de uma geração acerca de sua trajetória. Nessa geração, havia desespero e incerteza sobre os rumos que deveria seguir, mesmo com “tantos portos acenando descanso e felicidade”. Usando a metáfora da navegação, Câmara Cascudo lembra a sensação de uma nau desgovernada, de algo que se move sem coordenadas e sem a certeza de que aportará. Há, então, o receio de a embarcação não chegar ao seu destino, ou que a chegada seja precedida por tormentas e receios. Tal como aqueles mestres de saveiros que conhecem e respeitam as leis das águas, e sabem que navegam no território de Iemanjá, lidando com a incerteza da volta, Jorge Amado interpretou um Brasil vacilante e inquieto, com sua tripulação levando na bagagem a vontade de encontrar um fim, mas, ao mesmo tempo, reconhecendo o sentimento de que o destino não bastava ser sonhado, era preciso procurá-lo.

---

<sup>379</sup> X/01/1932 (Fundação Casa de Jorge Amado).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que dizer da vida? Muitas coisas, certamente. Vivida sempre de forma única por cada indivíduo, por cada homem e mulher, por cada grupo social, cada comunidade, a existência impõe a quem nasce momentos de profunda alegria e de grande martírio. Viver é estar condicionado às experimentações sentimentais e à previsão da morte. Não há como passar pela vida sem que se tenha provado do amor e do ódio, da generosidade e da raiva, da felicidade e da angústia. Nesse intervalo entre a nascença e o declínio, os sujeitos sentem a necessidade de organizar uma compreensão de suas existências, calculam a matemática de seus destinos, abraçam-se em celebrações, separam-se quando se deslocam.

Estar vivo é parecido com uma aventura. Entramos num mar que não conhecemos e vamos, aos poucos, reconhecendo os instrumentos disponíveis para a sobrevivência, passamos a entender os riscos de cair na água funda e aprendemos a usar a nosso favor tudo o que é possível para garantir que os dias se sucedam e, no amanhã, colhemos os benefícios do esforço. Reagimos ao que nos aparece, seja algo previsto ou imprevisto.

Na longa história da humanidade, o ato de contar histórias deve ter surgido como forma de diminuir nossos medos e de nos fazer lembrar de onde viemos e para onde poderemos ir. Usamos um passado coletivo a fim de colher lições, aprendizagens, observações e alguma esperança de que o presente e o futuro podem ser melhores.

Essas narrativas se aperfeiçoaram e ganharam suportes distintos, na medida em que as culturas humanas também apreendiam novas maneiras de se expressar. As histórias comumente reportadas pela oralidade, tensionadas por mistérios e enigmas, por adivinhações e expectativas, deixou de ser a única forma de oferecer ao ouvinte uma trama sobre como encarar as adversidades do mundo. Com o passar do tempo, a literatura se tornou escrita, impressa, registrada. Profissionalizou-se, criou regras, meios de circulação, tornou-se mercadoria. Porém, ainda mantinha os sentidos de narrar que remontavam às histórias orais mais antigas.

No século vinte e um, a literatura está bastante diversificada. Incorporou reivindicações, alargou o público-alvo, constituiu lugares para sua reprodução e interpretação. Fortaleceu-se como fonte histórica, documento social, espaço narrativo em que se percebe as mudanças e permanências de uma sociedade, onde os comportamentos humanos e determinadas maneiras de dirigir a vida são absorvidos.

A literatura organiza os dramas humanos observados na cidade e no campo, na metrópole e no interior, nos centros econômicos e nas periferias. Ela é plural e democrática,

justamente por saber ouvir os discursos esquecidos ou que encontram dificuldade de expressão em outros locais, em outros meios de comunicação. Atividade prazerosa, a leitura permite que o leitor se aventure numa vida que não é, mas poderia ser a sua. O leitor se reconhece nos protagonistas das histórias, nos sentimentos evocados, nas escolhas que personagens fazem no fluxo da trama. Considerando-se as circunstâncias, reagiriam da mesma forma que Antônio Balduíno e Paulo Rigger reagiram a seus dilemas.

Independentemente da época em que for escrita, a literatura será sempre testemunho das condições históricas que os sujeitos precisarão suportar. Será testemunho de como as pessoas definem a maneira como querem viver suas respectivas vidas, fazendo escolhas dentro dos cenários disponíveis. Para que construam uma concepção de vida, precisam compreender o que se passa e como se passa. Precisam estabelecer um conhecimento adquirido pela própria experiência, mas também pela experiência alheia. Precisam ver, ouvir, ler e falar. Observar e confrontar o cotidiano com os arranjos que lhe são possíveis ou que parecem adequados aos seus desejos.

A literatura, longe de oferecer apenas uma diversão, um momento de lazer, também impulsiona seus leitores a se inspirarem nos personagens que passam a conhecer e com quem dividem muitos momentos de intimidade. O texto literário oferece ao leitor uma possibilidade de ação, de posicionamento e de reflexão sobre as certezas que carregam. Política, a literatura age para que sujeitos descubram formas de reivindicação, aprendam que podem desejar experiências que, por alguma razão, não achavam possíveis, difíceis de materializar.

Antônio Balduíno ouvia as histórias de sua vizinhança com atenção, observava Zé Camarão recitar cordéis, e intuía um desejo, uma aspiração, identificando-se com a coragem daqueles que haviam transformado a própria vida em história, em ficção. Assimilando experiências alheias, mas modulando os desejos que surgiam dentro de si, interpretando-os, Baldo começava a elaborar seu próprio conceito do que era a vida, seu código existencial. Essa elaboração era contínua, alterada de acordo com os ritmos de sua caminhada entre a cidade da Bahia e o Recôncavo Baiano.

Enquanto formulava o sentido da vida e o conteúdo do seu destino, enquanto encontrava estratégias para sobreviver às condições de precariedade que se sobreponham no seu cotidiano, Baldo conhecia o amor, a amizade, a fama, a humilhação e a revolta. Tentava compreender os sentimentos despertados por suas escolhas e pelas escolhas dos outros. E sentindo as variações do viver, a profusão de acontecimentos diários, descobria as tensões que caracterizam as dimensões da coexistência.

A cidade da Bahia, nas primeiras décadas do século vinte, exibia seus dramas e contrastes. Os problemas de moradia, a intermitência na oferta de energia elétrica, a prostituição de menores, a falta de controle sobre a maleita e a quantidade de meninos vivendo nas ruas da cidade pontuavam a persistência de problemas sociais graves, ocupando um lugar de oposição aos discursos modernizantes, que aspiravam ideias de civilidade, defendiam a noção de progresso e estimulavam, através de anúncios de jornais, novidades na prestação de serviços gerais. Enquanto um posto de gasolina e um consultório odontológico propagandeavam equipamentos e técnicas modernos, em outros recantos da urbe pessoas alugavam o vão da escadaria de um velho sobrado para servir como moradia.

O contraste poderia ser observado, igualmente, no universo dos afetos. Se havia aqueles que se reuniam, em candomblés ou em bares no cais da cidade, para celebrar a vida ou para amenizar as dores da alma, havia os que se sentiam solitários, melancólicos, expressando o medo da morte ao saberem que dificilmente alguém os velaria quando tivessem dado o último respiro, preferindo o suicídio ao entrar no caminho das águas.

Um mesmo sujeito era atravessado por episódios sentimentais distintos. Baldo era feliz no morro em que vivia, fazendo daquele lugar sua escola ao ouvir histórias e lições. Mas fora arrastado para uma casa completamente diferente de sua realidade depois que sua tia morrera. E lá descobriu na pele o peso da injustiça através das mãos do comendador. A admiração se transformara em revolta.

Ficamos sabendo também como naquela velha capital os usos da memória não eram iguais. Enquanto um cronista alimentava o valor do esquecimento e a fraqueza da recordação, defendendo que a evolução humana estava condicionada à nossa capacidade de esquecer o passado doloroso, uma comunidade negra estimulava a recordação e os feitos anteriores. Isso como forma de seus integrantes reconhecerem erros cometidos e tentarem, a partir dali, reelaborarem seus caminhos, torcendo para que o destino fosse piedoso com suas ações.

A memória era usada como espaço de ensinamentos, comparações e desejos de atuação futura. Incorporava, mediante as sábias palavras de um líder comunitário, uma atitude diante da vida e do mundo. O ato memorativo era o meio pelo qual os sujeitos do tempo presente ponderavam sobre a própria história, sobre o que havia ocorrido com seus antepassados e por que certos padrões sociais antigos continuavam a grassar no tempo presente. Os construtores dessa memória coletiva organizavam sentidos que interpretavam a permanência de desigualdades, mas também se muniam de exemplos que os impeliam a questionar condutas,

autoridades, hierarquias e o que supunham ser o destino para os que nasciam com a cor de sua pele.

Além das desigualdades que configuravam os contrastes daquele tempo, a Bahia era portadora de sujeitos que se deslocavam para procurarem novas aventuras e recomeços. Nessas viagens, perceberiam graus distintos de sofrimento, formas ainda mais devastadoras de controle sobre os corpos humanos, mesmo que as pessoas sujeitas a essas condições, vivendo de empregos estafantes, encontrassem, ocasionalmente, força para praticar a solidariedade e celebrarem o encontro. Pessoas que viam na dança, na música, nas conversas amigáveis, estratégias para resistirem à carga de subempregos. E quando não estivessem reunidos, prontos para dormirem, recuperando-se de um dia penoso, sonharia com lugares e situações onde a liberdade estaria acima de qualquer dependência.

Solares, esses indivíduos acreditavam que era possível superar as dificuldades, cultivavam a esperança de que suas vidas melhorariam, encontrariam um amor, seriam recompensados pelo esforço desumano que eram obrigados a entregar. Se a possibilidade desse sonho lhes fosse retirada, se a autoridade ultrapassasse certos limites, reagiriam com o pinhal em mãos, cravariam nas costas de seu opressor a força da revolta.

Nessa Bahia que mais parecia arcaica do que moderna, homens se gastavam em campos de tabaco e mulheres definhavam em fabricas de charuto, meninas órfãs eram disputadas por homens feitos, lutando a posse de seus corpos. Patrões, por meio de seus intermediários, tentavam exercer o máximo de controle sobre a produção de suas mercadorias. Faziam sua parte na reprodução de injustiças históricas, sobrecregendo as demandas do trabalho e tornando a vida dos trabalhadores em fardos insuportáveis.

O sucedido era marcado por essa atmosfera de formas de controle e desejos de liberdade. A história de Antônio Balduíno sinaliza para a possibilidade de que os indivíduos como ele tinham para burlarem um sistema de trabalho e de divisão social a respeito do qual não foram convidados a elaborar. Por não participarem de sua feitura, não aceitariam suas condições e regras passivamente.

Baldo é a representação de um caminho alternativo, de um modo de percepção da vida que questiona e afronta os condicionamentos e valores sociais em exercício. É a representação da ruptura com um país incapaz de se livrar de seu passado de injustiças e atrocidades, um país que reproduzia, usando outras roupagens, a cultura da servidão e da distinção étnica.

O protagonista de *Jubiabá* é, portanto, a possibilidade de que outro país era possível, liberto de costumes antigos e esperançoso de um futuro onde trabalhadores redefiniram as

relações de trabalho, lutariam por sua felicidade, transformariam a solidariedade de classe em elemento central para uma ordem social inspirada em promessas de justiça.

Jorge Amado pintou a Bahia com personagens e histórias inspirados nas pessoas com quem encontrava ao percorrer as ruas da cidade. Ele estava ciente de que se desejava interpretar a Bahia por meio da ficção, aprofundando o conhecimento dos dilemas humanos partindo de um território repleto de enigmas e mistérios, teria que conhecer sua gente e seus gestos:

Como pensar em recriar a vida por ouvir dizer? Como falar desse país da Bahia, desse povo mestiço e antigo, forjado em longa e difícil caminhada, num caldeirão de misturas, como falar dessa cidade “situada no Oriente do Mundo”, na frase do apaixonado cronista, onde as culturas se amalgamaram, as cores se confundiram para criar uma nova cor, inédita, onde nações se misturaram num leito de amor sem medidas, como escrever sobre a vida ardente da Bahia sem ser parte integrante dessa vida, como?<sup>380</sup>

Essa Bahia amalgamada, mestiça, antiga, ardente, tornou-se a própria literatura de Jorge Amado, foi sua principal protagonista ao longo de uma carreira marcada por escolhas políticas e intelectuais que se refaziam. A primeira parte de sua obra é marcada por um trabalho em constante diálogo com a utopia marxista, representada por personagens e tramas organizados para se situarem dentro de uma perspectiva ligada à demonstração de força dos trabalhadores num mundo caracterizado pelas diferenças entre classes sociais.

Porém, seu texto literário não era um panfleto político, um manifesto partidário. Não se tratava de um manual de bom comportamento acerca da militância. A literatura *amadiana* nos diz, sobretudo, acerca dos dilemas humanos encontrados em qualquer forma de agrupamento. Havia um diálogo nítido de suas histórias com um processo de superação da classe trabalhadora frente às desigualdades geradas pelo sistema capitalista. Havia, também, a angústia de sujeitos interessados em conceituar a noção de felicidade e de destino, sujeitos que andavam às voltas tentando identificar o clamor de seus desejos, os riscos de suas escolhas e razão da tormenta que os invadia pelo coração e consciência. O romancista baiano confessaria um receio sobre o assunto: “Não serão as ideologias por acaso a desgraça do nosso tempo? O pensamento criador submergido, afogado pelas teorias, pelos conceitos dogmáticos, o avanço do homem travado por regras imutáveis?”.<sup>381</sup>

---

<sup>380</sup> AMADO, Jorge. **Carta a uma leitora sobre romance e personagens**. Salvador: FCJA, 2003.

<sup>381</sup> AMADO, Jorge. **O menino grapiúna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 53.

A felicidade é um desses temas literários que não se esgotam numa única premissa ou num projeto de poder. Ela é sagrada e profana, filosófica e carnal, presente e ausente. Sobre ela, se lançou Jorge Amado à época de seu primeiro romance, reportando através de Paulo Rigger, e seus amigos, como era possível ser, ao mesmo tempo, feliz e infeliz, contente e angustiado, esperançoso e pessimista.

O Brasil se modernizava, mas esse amplo processo de transformação histórica não era experimentado de maneira linear ou homogênea. Havia desconfiança, exclusão e pessimismo. A modernidade, as fontes literárias indicam, não era garantia de alegria e realização. Suas novas técnicas podiam, momentaneamente, produzir uma sensação de euforia, mas bastava que a vida íntima se desalinhasse desse contexto geral para que as pessoas passassem a questionar aquela dor na alma que sentiam. Fora num lugar expoente da modernidade, o cinema, que Paulo Rigger conhecera Lourdinha, sua futura esposa, deixando-o em êxtase quanto ao futuro. Mas o peso da tradição se encarregaria de frustrar seus planos. Nesse período histórico, a vida oscilava e seus protagonistas se esforçavam para encontrar algum sentido em meio à turbulência.

Vida e morte, amor e infelicidade, esses temas permeiam os livros de Jorge Amado e indicam como o escritor entendeu a sociedade brasileira a partir do que era mais íntimo. Fez, através da sua ficção, uma história dos despossuídos e dos atormentados. Não gostava de periodizar com precisão os anos de suas narrativas, mas sugeria através de circunstâncias na trama – ou deixava mais evidente em entrevistas – a época a que se referia. Sua infância nas terras de cacau e a adolescência na capital, anos 1910 e 1920, costumam servir como parâmetro de suas histórias, ao menos da primeira fase.

Encontrou nesse tempo a matéria para a ficção e carregou dele os vestígios para a recriação de uma humanidade que considerava escondida da história oficial. Era ali, naqueles espaços e tempos, onde viviam as comunidades humanas que aprendeu a admirar e traduzir em forma e literatura:

Temas permanentes, o amor e a morte estão no centro de toda minha obra de romancista. A observação de Ilya Ehrenburg, no prefácio da tradução russa de *Terras do sem-fim*, retomada por outros críticos, encontra sua razão de ser, suas raízes, nessa primeira infância de terra violentada, de homens em armas, num mundo primitivo de epidemias, pestes, serpentes, sangue e cruzes nos caminhos e, ao mesmo tempo, de mar e brisa, de praia e canções, meninas de doce enlevo. Entre Pontal e Pirangi, antevi o amor e tratei com a morte. A vida do menino foi intensa e sôfrega.<sup>382</sup>

---

<sup>382</sup> Ibidem, p. 27.

A vida de Jorge Amado sofreu muitas atribulações. Fugiu quando adolescente, se apaixonou por uma jovem durante os trabalhos de militância, trabalhou ativamente para um partido, foi deputado, perdeu a primogênita, desencantou-se com a ideologia política que tanto defendeu e trabalhava incansavelmente para produzir uma obra definidora dos costumes e da oralidade que decifrariam os mistérios da Bahia. A vida intensa e sôfrega de menino era, também, a do jovem e adulto, preso político em diversas oportunidades, pai que precisou enterrar a filha, homem que se apaixonou e fez do amor e da saudade fontes para suportar o exílio:

Amor, estou morto de saudades. Esse começo de viagem seria uma verdadeira delícia se estivesses comigo, tu e também nosso filho. Espero, desesperado, o momento em que chegues. Nunca mais me acostumaria a viver sem ti e não tenho graça longe de ti. Falo em ti o tempo todo e penso, quando vejo uma coisa, como gostarias devê-la e como seria bom ter-te ao meu lado.<sup>383</sup>

Nessa carta que enviou para Zélia Gattai, em fevereiro de 1948, de Paris, logo no início de seu prolongado exílio europeu, conhecemos um Jorge dilacerado pela saudade e ansioso por rever seu amor. Ao se deslocar, viveria as tensões dos novos condicionamentos, mas projetaria no seu desejo de ter a amada por perto uma maneira de se situar e equilibrar as incongruências do momento. Morto, desesperado, o romancista confessava aquilo que lhe doía, a ausência de Zélia e do filho, João Jorge, e idealizava como seria bom ter a presença, tão logo fosse possível, dos dois.

Contava 36 anos quando endereçou à Zélia a carta. A saudade lhe corroía, o desespero atacava e o desejo do reencontro ardia. Acessando sua intimidade, suas palavras mais pessoais, percebe-se que o criador era, em certa medida, como suas criaturas. Sofria de dores no espírito, lamentava angústias, repensava o curso dos dias e elaborava, à sua maneira, uma concepção de vida. Não encontrava razão nas coisas estando tão longe de seus amores. Esforçava-se para enxergar beleza no cotidiano mesmo estando distante de quem mais lhe movia os melhores sentimentos. Sentia o perigo da incompletude, tateava a fisionomia dos afetos, ancorava-se na expectativa. O tropel lhe invadia, mas era diferente daquele protagonizado por Baldo ao ver as luzes da cidade se acender. Jorge se sentia no escuro porque o brilho do amor arrefecera com a distância. Precisaria esperar mais um pouco de tempo para que outro tropel lhe invadisse. Dessa

<sup>383</sup> AMADO, João Jorge (Org.). **Toda a saudade do mundo:** a correspondência de Jorge Amado e Zélia Gattai: do exílio europeu à construção da Casa do Rio Vermelho (1948-67). São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 27.

vez, um tropel de excitação que liquidaria a saudade, uma felicidade avassaladora proporcionada pela futura chegada da mulher ao velho continente:

Veja se o Fernando Barros (ou outro amigo) manda-me roupa de presente, preciso muito. Traga minhas roupas de brim, traga discos do moleque Caymmi (mandei para este peste um artigo que saiu aqui sobre ele), traga leite em pó para João Netto. Traga pasta de dente, traga uns quatro pacotes de gileté GEM para mim (aqui não há), traga as poesias completas de Castro Alves. Mas mesmo que não tragas nada, venha e traga João. **Com vocês me basta.** Sou, amor, o teu filho.<sup>384</sup>

O reencontro com a mulher e o filho, o amor cultivado entre eles, bastaria ao romancista exilado. Acreditava que sua vida pesaria menos ao chegarem os afetos mais importantes. Não era uma garantia que os problemas e as adversidades cessariam. Lila, sua primogênita, faleceria durante a estada na Europa. Por outro lado, ainda no exílio, nasceria sua outra filha, Paloma.

Feita de intensidade e de sofreguidão, de amor e saudade, violência e morte, a vida tende a frustrar quem a simplifica, em razão de sua natural complexidade. Há momentos em que nos sentimos felizes e completos, há outros em que os dias pesam como fardos descarregados no cais de Salvador, dias em que algo nos falta. Às vezes, aprendemos a identificar esse jogo de oscilações. Em outras, sentimo-nos na escuridão total e mal conseguimos dar um passo à frente. Diante dessa incerteza, é difícil adivinhar onde desaguará o rio da História, mas podemos ao menos ver quem nada em suas águas, quem pede socorro porque não sabe nadar, quem se afoga antes de conseguir pronunciar uma palavra, quem chegará até a margem sustentando nas mãos papéis escritos e bugigangas, pedaços de tecido e fotografias. Sobretudo, podemos ver quem conta a história desse rio, em que partes ele é mais fundo ou mais raso, mais arriscado ou livre de maiores perigos. E se contam a História como o pai-de-santo Jubiabá contava seus conselhos, traçando o destino daqueles que o escutam.

---

<sup>384</sup> Ibidem, p. 57. Grifo meu.

## REFERÊNCIAS

- AGUALUSA, José Eduardo. **A sociedade dos sonhadores involuntários**. São Paulo: Planeta, 2017.
- ALBUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e ouras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALENCASTRO, Luís Felipe de. **O trato dos viventes**: formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- AMADO, João Jorge (Org.). **Toda a saudade do mundo**: a correspondência de Jorge Amado e Zélia Gattai: do exílio europeu à construção da Casa do Rio Vermelho (1946-67). São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- AMADO, Jorge. **A morte e a morte de Quincas Berro D'água**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- AMADO, Jorge. **Cacau**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- AMADO, Jorge. **Carta a uma leitora sobre romance e personagens**. Salvador: FCJA, 2003.
- AMADO, Jorge. **Mar morto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- AMADO, Jorge. **O menino grapiúna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Sentimento do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai**: a África na filosofia da cultura. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- AUSTER, Paul. **Noite do oráculo**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- AUSTER, Paul. **O inventor da solidão**. Tradução de Luiz Roberto Mendes Gonçalves. São Paulo: Editora Best Seller, 1982.
- BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I**: A estilística. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BARTHES, Roland. **O império dos signos**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. Tradução de José Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v. 3).

BERGAMO, Edvaldo. **Ficção e convicção**: Jorge Amado e o neo-realismo literário português. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRUCKNER, Pascal. **A euforia perpétua**: ensaio sobre o dever de felicidade. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: Quando a vida é passível de luto? Tradução de Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Tradução de Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Tradução de Diogo Mainardi. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**: lições americanas. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *belle époque*. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

COETZEE, J.M. **Verão**: cenas da vida na província. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

COMTE-SPONVILLE, André. **A felicidade, desesperadamente**. Tradução de Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

COUTO, Mia. **Terra sonâmbula**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

D'ANGELO, Biagio; SILVA, Márcia Rios da (orgs.). **Cacau, vozes e orixás na escrita de Jorge Amado**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DARNTON, Robert. **Os dentes falsos de George Washington**: um guia não convencional para o século XVIII. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Companhias das Letras, 2005.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Cascas**. Tradução de André Telles. São Paulo: Editora 34, 2017.

EAGLETON, Terry. **Marxismo e crítica literária**. Tradução de Matheus Corrêa. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

EAGLETON, Terry. **O sentido da vida**: uma brevíssima introdução. Tradução de Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

ECO, Umberto. **Confissões de um jovem romancista**. Tradução de Marcelo Pen. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

FARGE, Arlette. **Lugares para a história**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão seguido de O mal-estar na cultura**. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2018.

GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. A construção da identidade nacional nos romances de Jorge Amado. In: GOLDSTEIN, Ilana Seltzer; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **O universo de Jorge Amado**: orientações para o trabalho em sala de aula. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, v. 2, 2009. (Caderno de Leituras, Coleção Jorge Amado).

GINZBURG, Carlo. **Medo, reverência e terror**: quatro ensaios de iconografia política. Tradução de Federico Carotti, Joana Angélica d'Ávila Melo e Júlio Castaño Guimarães. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HAN, Byung-chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

HOBSBAWN, Eric. **Tempos fraturados**: cultura e sociedade no século XX. Tradução de Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Tradução de Andréa Souza de Menezes, Bruna Beffart, Camila Rocha de Moraes, Maria Cristina de Alencar Silva e Maria Helena Martins. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

KLEIN, Étienne. **O tempo que passa (?)**. Tradução de Cecília Ciscato. São Paulo: Editora 34, 2019.

- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de Wilma Patrícia Mass e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. Kindle.
- KUNDERA, Milan. **A arte do romance**. Tradução de Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- KUNDERA, Milan. **A insustentável leveza do ser**. Tradução de Tereza B. Carvalho da Fonseca. 39. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- LEAL, Maria das Graças de Andrade. **A arte de ter um ofício**: Liceu de Artes e Ofício da Bahia (1872-1972). Dissertação de mestrado em História. FFCH/ UFBA, 1996.
- LENOIR, Frédéric. **Sobre a felicidade**: uma viagem filosófica. Tradução de Véra Lucia dos Reis. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2016.
- LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. **A rainha destronada**: discursos das elites letradas sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012.
- LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. **E a Bahia civiliza-se...**: ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana – Salvador, 1912-1916. Dissertação de mestrado em História. FFCH/ UFBA, 1996.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Lisboa: Edições 70, 2000. 2 v.
- MACHADO, Ana Maria. **Romântico, sedutor e anarquista**: como e por que ler Jorge Amado hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- MARINS, Paulo César Garcez. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil**: República: Da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021, p. 103. (História da vida privada o Brasil; 3 / coordenação geral da coleção Fernando A. Novais).
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução de Alex Marins. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- MISRAHI, Robert. **A felicidade**: ensaio sobre a alegria. Tradução de Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.
- MOURA, Milton (org.). **A larga barra da baía**: essa província no contexto do mundo. Salvador: EDUFBA, 2011.
- NETO, Isaias de Carvalho Santos. **Memória urbana**: poética para uma cidade. Salvador: EDUFBA, 2012.
- OLIVEIRA JÚNIOR, Gerson Augusto de. **O encanto das águas**: a relação dos Tremembé com a natureza. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

- PAMUK, Orhan. **O romancista ingênuo e o sentimental**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- RANCIÉRE, Jacques. **Figuras da história**. Tradução de Fernando Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- RANCIÉRE, Jacques. **Os nomes da história**: ensaio de poética do saber. Tradução de Marina Echalar. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- REIS, João José. **Domingos Sodré, um sacerdote africano**: escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- REZENDE, Antonio Paulo. **(Des)encantos modernos**: histórias da cidade do Recife na década de vinte. 2º edição. Recife: Ed. UFPE, 2016.
- REZENDE, Antonio Paulo. **Ruídos do efêmero**: histórias de dentro e de fora. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010.
- RIOS, Kênia Sousa. A letra e a seca: os ABC's do cordel na memória do sertão. **Trajetos Revista de História UFC**, Fortaleza, v. 5, n. 9/10, p. 67-83, 2007.
- ROCHE, Jean. **Jorge bem/mal Amado**. Tradução de Liliane Barthod. São Paulo: Cultrix, 1987.
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- SAES, Alexandre Macchione. Modernização e concentração do transporte público em Salvador (1849-1930). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 54, p. 219-238, 2007.
- SALAMI, Yunusa Kehinde. Predestinação e a metafísica da identidade: um estudo de caso iorubá. Tradução de Fábio Baqueiro Figueiredo. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 35, p. 263-279, 2007.
- SANTANA, Nélia de. **A prostituição feminina em Salvador (1900-1940)**. Dissertação de mestrado em História.. FFCH/ UFBA, 1996.
- SCHÖNPFLUG, Daniel. **A era do cometa**: o fim da Primeira Guerra e o limiar de um novo mundo. Tradução de Luis S. Krausz. São Paulo: Todavia, 2018.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. População e sociedade. In: Idem (coord.). **História do Brasil nação (1808-2010)**, vol. 3: A abertura para o mundo (1889-1930). Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SILVA, Márcia Rios da. **O rumor das cartas**: um estudo da recepção de Jorge Amado. Salvador: Fundação Gregório de Mattos: EDUFBA, 2006.
- SILVA, Rénan. **Lugar de dúvidas**: sobre a prática da análise histórica: brevíario de inseguranças. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2018.

SOUZA, Christiane Maria Cruz de. Sob o império da doença: sanear e modernizar a cidade da Bahia. In: **A Gripe Espanhola na Bahia**: saúde, política e medicina em tempos de epidemia [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2009.

SOUZA, Laura de Mello. **O diabo e a terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

TAVARES, Luís Henrique Dias. **História da Bahia**. 11. ed. rev. e. ampl. São Paulo: Ed. da UNESP; Salvador: EDUFBA, 2008.

TODOROV, Tzvetan. **A beleza salvará o mundo**: Wilde, Rilke e Tsvetaeva: os aventureiros do absoluto. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2011.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**; Foucault revoluciona a história. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

## APÊNDICE A – LISTA DE FONTES

### *Livros de Jorge Amado*

*O País do Carnaval*, 1931

*Jubiabá*, 1935

*Bahia de Todos-os-Santos*, 1945

### *Biografias, coleções e entrevistas*

*Conversando com Jorge Amado*, 1990

*Jorge Amado: uma biografia*, 2018

*O universo de Jorge Amado: orientações para o trabalho em sala de aula*, 2009

### *Arquivos*

*Fundação Casa de Jorge Amado*

*Biblioteca Nacional*

### *Jornais impressos e eletrônicos*

*A Manhã*, Bahia, 1920 (Biblioteca Nacional)

*A Capital*, Bahia, 1926-1927 (Biblioteca Nacional)

*BBC News Brasil*, São Paulo, 2021

*Diário da Tarde*, Bahia, 1932 (Fundação Casa de Jorge Amado)

*El País*, Espanha, 2019

*GZH*, Rio Grande do Sul, 2018

*Jornal do Comércio*, Pernambuco 2012

*Mundo Novo*, Bahia, 1932 (Fundação Casa de Jorge Amado)

### *Programas de TV*

*Vox Populi*, TV Cultura, 1984